O Antonio Maria
Raphael Bordallo Pinheiro
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

TERCEIRO ANNO

1887

Pontos nos ii

Kaleidoscopio

TERCEIRO ANNO

1887

Podem entrar, meus senhores! Queiram comprar os seus bilhetes e pagar as suas assignaturas porque vae começar o 3.° acto da grande comedia politico-burlesca!

Podem entrar, que já prrrrrincipiou a subir o panno!

Raphael Bordallo Pinheiro

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

BOAS FESTAS

Que o leitor, sendo casado,
Tenha festas
E um bom anno, aureolado
Dos mais ridentes matizes,
—Ternamente acompanhado
Da madama e dos petizes.

Que a leitora, tendo esposo,
Viva em doce paraizo;
Que *elle* seja affectuoso,
Homem sério, de juizo,
Dando-lhe horas mil de gozo
Mais o mais que fôr preciso...

Que o leitor, se fôr sólteiro
E casado queira ser,
De ricasso brazileiro
Possa uma filha escolher,
—Tão pejada de dinheiro
Que nem tenha onde o metter!

Que a leitora, velha ou nova,
Quer solteira ou solteirona,
Um marido encontre, á prova
De maricas ou sanona,
Alto, rijo, sem corcova,
Como um pau de bujarrona!

Que o leitor viuvo, então,
P'la esposa não vêr jámais,
N'uma negra solidão
Passe a vida a soltar ais,
Chore, emfim, como um chorão,
—Mas não torne a cahir mais...

Que a leitora que hoje chora
Qual se cheirasse um cebolo,
Por se lhe ter ido embora
O marido—esperto ou tolo—
Possa encontrar sem demora
Quem lhe traga algum consolo...

PAN-TARANTULA.

ESPECTACULOS

S. CARLOS

Esta emfim remediado o inconveniente que resultava da enormidade dos chapeus femininos.

O publico poderá de futuro e a despeito d'esses chapeus presenceiar o que se passa em scena, mediante o novo apparelho americano de que acaba de fazer acquisição o Samuel da rua do Oiro, 82.

Applicando este simplissimo apparelho aos seus chapeus, as damas levantal-os-hão ao subir do panno, como quem sobe a vidraça d'uma janella de peitos, abaixando-os apenas quando as figuras da orchestra metterem as violas no sacco.

Adoptado este importante melhoramento, falta apenas, para que o espectador consiga vêr alguma coisa, que á brilhante illuminação electrica do theatro sejam addicionadas algumas lamparinas de azeite doce ou algumas palmatorias com vellas de cebo.

Sem essa valiosa cooperação, o theatro lyrico terá permanentemente o aspecto do Coliseu dos Recreios, no momento do sr. Dangny apresentar o seu curioso diaphanorama.

COLISEU DOS RECREIOS

Pegamos na nossa propria palavra, já que fallámos no sr. Dangny, a quem o publico festeja ruidosamente todas as noites pelo brilhante resultado do seu maravilhoso diaphanorama.

E, como «amor com amor se paga» aqui lhe publicaremos o retrato, logo que tenhamos o gosto de conhecel-o, sentindo muito que os limites do jornal nos não permittam apresental-o de dimensões iguaes áquellas em que elle apresenta o director d'esta folha.

O CÃO DAMNADO

Ha dias corre Lisboa,
De raiva a fazer caretas,
Um cão que ahi se apregoa
Ser branco e de malhas pretas

Toda a gente, de roldão,
Foge, passando as palhetas,
Se vêr julga ao longe o cão,
Que é branco e tem malhas pretas.

Quem, p'ra Paris, divertido,
Quer partir sem gastar chetas,
P'lo cão se disse mordido
—Um cão branco e malhas pretas!

A policia, a *muncipal*,
Sentinellas e vedetas,
Têm aviso do animal
Que é branco, com malhas pretas.

Mas diz-se em tum cathegorico
Que alguem descobriu seis tetas
No bicho phantasmagorico
Que é branco o tem malhas pretas.

E o sachristão do Soccorro,
Que escorropicha galhetas,
Diz ser vacca o tal cachorro
Que é branco e tem malhas pretas! ..

PAN-TARANTULA.

RECTIFICAÇÃO A DENTES

Acaba de procurar-nos a gentil señorita Perina, que pela qualidade dos seus dentes o vivacidade dos seus olhares ardentes tem em nós o maior dos ascendentes, afim de nos declarar que os citados dentes, a que nos referimos n'um dos numeros antecedentes, são productos procedentes do cirurgião-dentista José Joaquim Teixeira, que tira e põe dentes na rua do Oiro, 265, 1.°, por uns processos transcendentes de que não existem precedentes.

Honra a quem trata de tantos dentes e mais a todos os seus descendentes.

POR AHI...

O genero humano é um exigente insaciavel!

A novidade para elle consiste apenas no que se succede o se metamorphosêa infinitamente, como as cambiantes d'um kaleidoscopio. Fóra d'isso, a variedade não existe.

O *clown* que repetir hoje a mesma cambalhota que deu hontem, terá a acolhel-o a frieza em vez do applauso; se voltar a repetil-a ámanhã, póde contar com batatas para o almoço do dia seguinte.

O commerciante que expõe na montra os seus artigos por mais de vinte e quatro horas, o emprezario que dá no dia 2 a mesma peça que deu no dia 1, o *restaurant* que apresenta no domingo a mesma qualidade de sopa que apresentou no sabbado, podem contar com o bocejo prolongado a esta phrase dura do genero humano:

— E' sempre a mesma coisa! Irra! que massada!

E, entretanto, vejamos o que esse genero humano tem inventado, a proposito, por exemplo, das festas do Natal e do Anno Bom:

Inventou o perú, a missa do gallo, a broa de milho, o presepio, o bolo-rei... e mais não disse!...

Ora um genero humano que deixa atravessar desenas e desenas de gerações a comer o mesmo perú, a ouvir a mesma missa, a rilhar na mesma brôa, a resar no mesmo presepio e a saborear no mesmo bolo, á procura da mesma fava; um genero humano tão falho ao naipe da variedade, tão proletario de espirito inventivo, não tem lá muito direito a que *o resto da humanidade* traga o miolo n'uma prensa, para lhe espremer ali alguma coisa de original a cada grão de areia que cae da ampulheta do Tempo...

*
* *

Mas, emfim, o genero humano ordena—é preciso obedecer ao genero humano...

Assim o comprehenderam—introduzindo reformas no seu aspecto, ao despontar do novo anno—todos os nossos collegas da imprensa, incluindo a propria Folha Official, que vem um perfeito brinco—com exclusão do mais leve proposito de brincadeira...

As reformas dos nossos collegas consistiram geralmente na substituição do typo velho por typo novo; o os *Pontos nos ii*, querendo unificar-se ao procedimento geral mas não tendo substituido nem o typo da composição nem os *typos* da collaboração, resolveram substituir o titulo CHRONICA, que encimava esta secção e que consumia oito letras para nos dar apenas um vocabulo, pelo titulo actual que occupa duas palavras —100 % de augmento—com duas letras a menos—25 % de economia!

Com semelhante documento da nossa competencia financeira, ainda esperamos ser ouvidos no ministerio da fazenda logo que se trate de alguma operação bem combinada e que leve contrapezo de titulos falsos...

*
* *

Todas as pessoas que assistiram á sessão inaugural do parlamento são concordes em affirmar que o discurso da corôa representa em rhetorica declamada o mesmo que em viação districtal significa a legua da Povoa, ás cabritas d'um jumento — um estirão!

A unica pessoa que não adormeceu durante a discurso, por padecer de insomnias, foi o sr. ministro da marinha e esse mesmo dizia ao sair do parlamento:

— Irra! que comprimento de discurso! Parecia que sua magestade estava recitando o meu secretario desde a copa do chapeu alto ate a pregadura dos tacões!

Toda Lisboa fervia em pulgas de curiosidade por

MASSA

ESTENDI A MASSA: O SECRETARIO
QUE PEGUE, EMQUANTO DURMO.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

— Estendam bem a massa, senão... não péga...

A ESTENDER A MASSA

saber quem era o dono ou dona d'aquella prenda do discurso, chegando a citar-se, como suspeitos, os nomes de Miguel Paes, Adrianno Machado, Angelina Vidal e ainda outros, consagrados de ha muito nos annaes d'aquellas estopadas gigantescas, que, por não terem principio nem fim, tanto se podem comparar ao Criador do mundo como ás pescadinhas de rabo na bocca...

Reconheceu-se porém que uma peça de tal perfeição e de tal calibre — a ser obra de esforço humano — denotava, pelo menos, o trabalho de sete folegos, e, como tal, só podia atribuir-se a sete homens — ou a um gato...

Despresada a hypothese do gato, por menos concentanea com a gravidade do assumpto, restava apenas a dos sete homens.

Foi essa a geralmente admittida e com tanto mais fundamento quanto é certo terem effectivamente collaborado n'aquelle chefe d'obra todos os sete grandes homens de que se compõe o ministerio.

Não tendo o gabinete chegado a um accordo sobre quem deveria redigir aquella penitencia a que o sr. D. Luiz é obrigado no dia 2 de janeiro de todos os annos, e desejando cada ministro chegar pessoalmente a brasa á sardinha do seu ministerio, estabeleceu-se de commum accordo que cada membro do gabinete escreveria um discurso da corôa e que depois o monarcha escolheria aquelle que mais lhe désse no goto, ou tiraria á sorte, por meio de indicação numerica, durante a partida do loto em familia.

Mas o monarcha, não querendo confiar aos caprichos do seu loto nem do seu goto a responsabilidade tremenda d'uma escolha tão solemne, resolveu aproveitar todos os sete discursos da corôa, juntando-os n'um só, cuidadosamente cerzidos uns aos outros—operação esta em que sua magestade se manifestou um Casademum de primeira ordem!

E o discurso da corôa, assim constituido de sete discursos completos, cada um do seu feitio, transformou-se n'um discurso enorme, com o aspecto variegado e pittoresco d'aquellas colchas de retalhos que cobriam as camas de casados onde os nossos trisavós lançaram a pedra fundamental dos nossos bisavós...

* * *

De regresso ao passo d'Ajuda, sua magestade dizia confidencialmente a um dos seus mais intimos camaristas:

—Aquillo não foi uma abertura de camaras, foi uma exposição de calças de diversos padrões...

—?...

—Então não reparou?... O Henrique de Macedo estava de calças brancas; o resto do ministerio via-se de calças pretas; e eu, para deitar todo o discurso cá para fóra, vi-me em *calças pardas*...

* * *

Em dia de Reis, ouvi,
O ministerio em folia.
Distribue sempre entre si
Um bolo proprio do dia

Na divisão d'este anno,
—Seria acaso?... não sei..
Coube em sorte ao Marianno
A fava do bolo-rei!...

Aquella *fava* maldita
Fel-o pensar sem delonga:
—Isto é cartão de visita
Dos meus socios na candonga...

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

INTER DUO LITIGANTES TERCIO GAUDET

Muito perto de Diogo
Uma dama gentil passa.
Elle vê-a e pensa logo:
— Attenção! que temos caça...

E ao pernil dando ligeiro
Segue-lhe os passos gentis
Como um fino perdigueiro
Sobre o rasto da perdiz.

Toma o ar distincto e nobre
Que os galans têm por divisa
E o olhar com que ella o cobre
Todo o corpo lhe electrisa...

Já p'ra a conquista se apprompta
Botando fallas de amor,
Quando ao longe agora aponta
Mais outro conquistador...

E este, sem pudor algum,
Pensa comsigo: — Ora pois,
Mulher que chega p'ra um
Pode chegar bem p'ra dois...

Em bella camaradagem,
Qual se estivessem d'accordo,
Dão-lhe ambos rija abordagem
De bombordo a de estibordo.

N'isto, levanta-se bulha,
Increpam-se em brava gaoa:
Este: — Seu biltre! seu pulha!
Aquelle: — Seu safardana!

Ao vêl-os, quaes cães de fila,
Foge ella immersa em terror
E encontra, prompto a seguil-a,
Terceiro conquistador!

Elles dois perdem-lhe a pista,
Ficam feitos n'um frangalho...
—E o outro faz a conquista
Sem se cansar co'o trabalho...

PAN-TARANTULA

O NOVO CONDESTAVEL

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

—Accita o sabre do teu tio
Que ao teu valor hoje committo
Em maus assados não se viu,
Mas já, p'ra assar, serviu de espeto

Como é de crêr que o não supporte
Teu fragil braço, ó meu anão,
Manda chamar, p'ra que t'o corte,
Esse hespanhol que tem um cão!

O LIVRO DE CAPELLO E IVENS

Acaha de vir á publicidade esse livro de alta valia, já de si formoso na elegancia dos volumes, no bem acabado da impressão, na excellencia do papel, no primór das gravuras, de Heitor e Lallemant, e no esmero dos desenhos, de Casanova.

CAPELLO E IVENS

De Angola á Contra Costa

MUSIRI, O CHEFE DA GARANGANJA

MULHER DA HANDA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E, entretanto, á formosura do aspecto ha de sobrelevar de certo o valor da contextura, que vamos apreciar detidamente, n'uma leitura prolongada, lentamente saboreada, taes são os inapreciaveis encantos que antevemos n'esse milhar de paginas, cada uma das quaes representa porventura longas horas do estudo violento, do trabalho fatigante, do esforço heroico, do perigo constante, da tenacidade inhabalavel tantas vezes comprovados pelos intrepidos exploradores na sua longa e gloriosa travessia africana.

De Loanda á Contra Costa, é, por muitos titulos, um livro digno de figurar na livraria de todos que, interessando-se pela litteratura de merecimento, se interessam igualmente pelas mais notaveis glorias de Portugal.

POR AHI...

Muito estimarei que, ao receber d'estas regras, as pernas dos leitores e das leitoras passem sem novidade na companhia de quem mais estimem. As minhas gambias, ao fazer d'esta, estão boas graças a Deus.

E' assim que um chronista que se prese, presando ao mesmo tempo as canellas dos seus leitores de ambos os sexos, deve actualmente começar as suas chronicas.

Como se não bastassem os *cães* de dois pés que constantemente nos andavam á perna, vem agora os de quatro, attentar publicamente contra a autonomia das nossas pernas!

Aos poderes publicos, á solicitude do governo, corre o dever indeclinavel de accudir com providencias immediatas ás pernas ameaçadas da sociedade Lisbonense!

Agora já não se trata da falta de soccorros maritimos para valer a naufragos, nem da defficiencia de soccorros terrestres para accudir a incendios; trata-se mas é de precaver contra os affagos da dentuça canina as pernas de cada um, que, apesar de constituirem a parte inferior da humanidade, estão n'este momento superiores a todos os mais interesses de ordem publica!

* * *

A epistolographia está sendo uma das especialidades do indigena.

Assim como, logo em seguida aos terriveis sinistros do *Ville de Victoria* e da rua da Bitesga, cahiu na imprensa periodica uma tremenda saraivada de cartas de todas as procedencias, aconselhando os milhares de meios de que futuramente se deve lançar mão para evitar a continuidade de tão horrorosas catastrophes, assim tambem agora, a proposito da questão dos cães damnados, a epistola começa a apparecer com uma promiscuidade só comparavel á dos mesmos cães, ministrando tal diversidade de conselhos que uma pessoa fica sem saber qual d'elles tome.

Temos, por exemplo, o *Diario de Noticias* que, escudando-se na opinião auctorisada do dr. Abreu, aconselha os seus leitores mordidos de cão damnado a cauterisarem a ferida immediatamente.

E temos, logo em seguida, o *Diario Popular* que, em correspondencia do Marianoo Pina e evocando a opinião não menos auctorisada do Pasteur, previne toda a gente para que não faça semelhante cauterisação!

Nós offerecemos um cartucho de bolos sortidos a quem nos provar definitivamente qual dos dois falla verdade—se o Pasteur se o dr. Abreu...

E continuaremos a confiar apenas na prophylaxia de Santa Quiteria de Meca—emquanto aquella santa não tiver com alguma das suas collegas da côrte celeste disputa semelhante á que estão tendo os dois sabios da nossa côrte terrestre...

* * *

Sobre a extincção dos cães damnados tem accudido uma infinidade de alvitres, como succedeu sobre a extincção dos incendios.

Á policia occorreu e está já pondo em pratica multar todos os possuidores de cães.

A medida, que á primeira vista se affigura excellente, revela-se na pratica d'um frisante destempero.

Com a imposição da multa quem fica damnado é o dono do cão, e, por poucos dias, passam os cães a gritar «aqui d'el-rei» contra os donos que lhes saltam ás canellas, vendo-se a policia obrigada a mudar as guardas á fechadura, deixando de multar os donos de cães para multar os cães que tiverem dono.

Ora para evitar a mordedura dos cães damnados parecia-nos bastante convencer todos os cães a que se desdentassem voluntariamente, provendo-os, em substituição do açaime, d'uma dentadura postiça, de que só fariam uso no momento das refeições.

O alvitre ahi fica; e, como nos não faltam grandes homens e grandes dentistas, é coisa facil nomear uma commissão que estude o caso substancialmente.

Outro remedio ainda, para extinguir os cães sem derramamento de sangue, limitando-os ao numero dos existentes — como se fez com os conventos de frades e freiras—seria prival-os das cadellas...

Por este processo correriamos ainda risco de successivas gerações?

O sr. Bailio de Malta que responda, depois de estudar o caso—tambem substancialmente...

* * *

O leitor lembra-se d'aquella camara tão formosa, tão robusta, que viu a luz do dia 2 de janeiro no palacio de S. Bento?

Pois morreu á nascença; ou, antes, expirou no ventre materno, visto que nem ao menos chegou a soltar um unico vagido!

Aquillo foi positivamente um aborto, em tudo semilhante áquelles que ultimamente trouxeram as parteiras n'um sarilho e as creadas de servir n'uma dobadoira.

Desconfia-se até que aquelle discurso tão comprido que o parlamento teve de engulir em secco não era um discurso: era uma pilula abortiva!

E ha todas as razões para acreditar que sua magestade el-rei, ao entrar na sala do parlamento, levava já engatilhada, além da alocução ao paiz, uma tenebrosa agulha de *crochet!*...

* * *

Na ultima sessão parlamentar, quando o presidente da camara já tinha na mão o necrologio da mesma camara, entrou ainda, tomando assento como deputado, o sr. Ressano Garcia, o eleito de Mapuçá.

S. ex.ª fica por esta forma classificado como um pae da patria posthumo, um deputado feto, que terá de assistir ás sessões parlamentares mettido n'um frasco de espirito de vinho.

Quando o sr. Ressano Garcia pedir a palavra, o presidente mandará desrolhar o frasco, tirar o senhor deputado-feto cá para fóra, vendo-se na necessidade

da lhe retirar a palavra logo que lhe pareça, pela demasiada extensão do discurso, que a acção do ar principia a corromper o sr. deputado e que o illustre orador não tardará em botar mau cheiro...

O sr. Ressano Garcia ficou sendo precisamente o inverso da pescada; esta, antes de o ser, já o era; aquelle, quando o foi, já o não era...

*
* *

No corredor da camara:

Um deputado da opposição:—Ora vamos lá assistir á ultima sessão parlamentar...

Outro deputado Mendonça e Costa:—Sendo, como é, a'ultima, não se chama sessão parlamentar; é sessão *p'ra lamentar*...

PAN-TARANTULA.

PETIÇÃO JUSTA

O gallego Zé Liborio,
Honrado moço da esquina,
Trouxe hoje ao nosso escriptorio
Este justo peditorio
D'uma gentil bailarina:

«Meu senhor! queira salvar-me!
Salve uma pobre mulher!
A cidade anda em alarme;
Quem virá dos cães livrar-me,
Se o senhor o não fizer?!

Conte p'ra sempre commigo,
Co'uma feição das mais ternas
Se o senhor, qual bom amigo,
Conjurar o grave p'rigo
Que ameaça as minhas pernas...

Bandos de cães de má raça,
A' solta n'esta Parvonia,
Sem açaime nem mordaça,
Vão ás pernas de quem passa
Co'a maior semcerimonia!

Tenho, assim, razões fundadas
P'ra temer, cheia de horror,
Vêr-me co'as pernas furadas,
Lado a lado caburacadas,
Talqualmente um passador!

. E por isso o Zé Liborio,
Honesto moço de esquina,
Vae hoje ao seu escriptorio
Co'este justo peditorio
D'uma humilde bailarina:

Pois que os cães d'este concelho
Têm nas canellas seu alvo,
Quero, até sobre o joelho,
Trazer qualquer apparelho
Que as gambias me ponha a salvo.

P'ra tal effeito só acho,
E a essa ideia me aferro,
Que se me dê, por despacho,
—Só da cintura p'ra baixo—
A vestia do homem de ferro.»

....

Achamos justo o pedido,
Pois, se lhe morde algum cão,
Nas pernas, como ha temido,
Lá fica—em todo o sentido—
A triste, sem ganha-pão...

PAN-TARANTULA.

FESTA DE BENEFICENCIA

É na proxima 2.ª feira, 17, que se realisa no salão da Trindade a extraordinaria e sympathica festa cujo producto vae reverter em beneficio das familias das victimas e de alguns dos naufragos sobreviventes á terrivel catastrophe do *Ville de Victoria*.

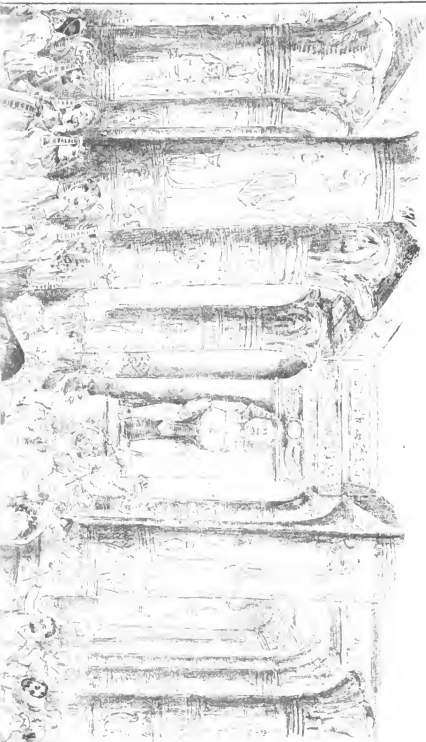
Entre os muitos attractivos de que se faz rodear essa festa brilhantissima, conta-se a publicação d'um folheto que se intitula No TEJO e que tem o grande valor de ser collaborado por muitos dos nossos principaes escriptores, de todas as politicas, de todas as parcialidades, o que quer dizer que essa feste tem o applauso geral, a votação unanime de todos os que, continuamente distanciados por odios politicos, não duvidam unir-se um dia, fraternalmente abraçados pelos principios humanitarios.

ESPECTACULOS

S. CARLOS

Melhorou consideravelmente a illuminação do theatro lyrico na secção do botequim, onde a luz electrica se encova de vergonha completamente achatada pela supremacia d'alguns cotos de stearina, pittorescamente espetados em outros tantos gargalos de garrafas.

—Morir!... si pura e bella!
morir... per me d'amore!...

O ULTIMO QUADRO DA AIDA... PARLAMENTAR

Este systema de illuminação, plagiado das antigas casas do estudantes e das actuaes casas de malta, é ainda superior em elegancia ás proprias tigellas de cebo com que se illuminam as barracas de arlequins na feira de Mangualde!

Ficamos fazendo votos ao ceu para que aquelle systema seja extensivo á sala dos espectaculos.

COLISEU DOS RECREIOS

Uma chronica semanal não pode acompanhar a continua evolução de novidades quo vae n'aquelle circo.

Na semana decorrida, a mais notavel debutante foi mademoiselle Ida, a gymnasta microscopica, uma encantadora pequerrucha de cinco annos, que lembra nos seus trabalhos de trapezio um mimoso colibri saltitando no poleiro.

Depois da gentil Ida, temos ainda o debute de Hanlon-Volta, o que constitue um duplo regabofe para os accionistas dos Recreios, visto que assim terão, na proxima segunda-feira, *Ida e Volta* por meios preços.

Que as companhias dos caminhos de ferro ponham os olhos no circo dos cavallinhos.

Mas, deixando o Volta e voltando á Ida, vem a proposito respondermos aqui a alguns caturras impertinentes que condemnam, em nome dos principios humanitarios, obrigar-se a trabalhar uma creança tão pequena, clamando voz em grita por uma lei universal que regule o trabalho dos menores.

Em these terão talvez razão os taes caturras; mas então que querem se o pernicioso exemplo vem de cima e tão de cima?

Reparem, *verbi et gratia*, nos filhos dos monarchas, coitadinhos, aos quaes, mesmo antes de nascidos, já põem uma farda ás costas, pára que os desgraçados á entrada d'este mundo tenham já o posto de furriel!

Se ha coisa mais barbara, mais dura, mais desrazoavel, de que obrigar uma desventurada criancinha recem-nascida a deixar por mão o conchego da chuchadeira, só porque no quartel do seu regimento ouviu tocar a furriela!!!

PAN-TARANTULA

CASOS, TYPOS E COSTUMES

A SOGRA

Toda a vida, o pobre Augusto,
Quando via a sogra feia,
Punha-se a tremer do susto
Como um puding de geleia!

Um dia, a morte em seu gyro
Levou-lhe a sogra de assedio
E elle soltou tal suspiro
Que fez tremer todo o predio!

Modo grave, gesto brusco,
De negro se enfarpelou,
Como convém a um patusco
A quem a sogra capichou...

Vendo-lhe a magoa no rosto
Diz-lhe, encontrando-o, um amigo:
—Tiveste, vêjo, desgosto...
Se choras, choro comtigo...

—A morte, a eterna precita
Que tudo rouba e malogra..
—O que te *fez* a maldita?...
—Que fez? Levou minha sogra!...

—Calculo o teu azeduma
E dou-te um pezame ardente...
Porém, bem vês... é costume...
Tens de pagar a patente..

—Ao teu desejo, Honorato,
Accedo, não recalcitro...
Confesso até que é barato
Pagar só um decilitro...

—Eu pago um litro, um almude,
Té que me chegue á garganta,
Só p'ra beber *á saude*
Da morte d'aquella santa!

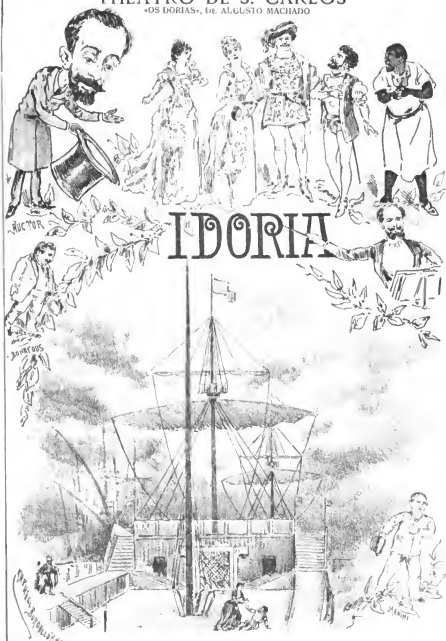
De volta a casa, esfalece,
Pôr-se direito não logra;
Tremem-lhe as pernas... parece
Que torna a vêr sua sogra!

PAN-TARANTULA.

DEPUTADO DE ALEM TUMULO

A sombra d'um deputado, fazendo a sombra d'um juramento na sombra d'uma camara.

THEATRO DE S. CARLOS

«OS DORIAS», DE AUGUSTO MACHADO

A represcotação dos *Dorias* foi para Lisboa bem mais de que um acontecimento musical: foi um acontecimento nacional.

Não são apenas os *dilettanti* que festejam esse notavel trabalho de Augusto Machado: é toda Lisboa e deve ser todo o paiz que se congratula pela manifestação de talento do nosso compatriota, cujo nome irá por sem duvida acreditar-nos no estrangeiro.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 13

POR AHI...

O lisboeta é a creatura de genio mais accommodavel que Deus deitou a este mundo.

Os seus espantos, as suas surprezas, os seus enthusiasmos, são como as cannas dos foguetes, que sobem n'uma guinada vertiginosa, assim a modo de quem vae passar a noite fóra da circumvalação do infinito, para d'ahi a um instante cairem outra vez na terra d'onde partiram, ficando-se para ali estateladas na eterna immobilidade das cannas cadavericas!

Ao primeiro acontecimento fóra do vulgar, o lisboeta abre os braços n'um gesto de exclamação, abre os olhos n'um movimento de espanto, abre a bocca n'um grito de surpreza.

Ao segundo acontecimento, porém, deixa ficar os braços pendentes, abrindo apenas os olhos e a bocca.

Ao terceiro já não abre senão os olhos.

E d'ahi por deante podem passar carros e carretas de acontecimentos, que o não farão abrir coisa nenhuma...

* * *

Ora o lisboeta está presentemente saturado de acontecimentos de sensação.

Em menos d'um mez, vejam que enormidade d'ellas:

A tragedia na agua; a tragedia no fogo; o drama da navalha de barba, em que um Coelho esteve para morrer degolado, processo este inteiramente novo nos annaes do coelhicidio, mas que não nos parece lá muito seguro, visto que o alludido Coelho ainda vive, mesmo crivado de navalhadas, ao passo que os seus collegas da Porcalhota esticam immediatamente o pernil á primeira cachcirada que levam nas orelhas...

Além d'isto, o lisboeta teve mais: a pantomima da dissolução das camaras e a tragi-comedia dos cães damnados.

Com o genio accommodavel que lhe é proprio, costumou-se facilmente a esta ordem de espectaculos e hoje já não quer para seu uso ordinario senão coisas verdadeiramente extraordinarias!

Que Deus tenha compaixão d'um pobre chronista, acudindo-nos ao menos com o recurso d'um diluviosinho universal duas vezes por semana...

* * *

O *Diario Popular* escreve um longo artigo chamando a attenção do sr. governador civil, a quem pede providencias immediatas, contra o facto *repugnante e perigoso* de andarem as ovarinas, os catraeiros e os vendedores de jornaes descalços por essas ruas!

Se não estivessemos nas proximidades do entrudo, o que nos traz a desconfiança de que aquelle artigo é naturalmente uma arriosca para empulhar o sr. governador civil, acreditariamos então que o *Popular* ia abrir loja de sapateiro e que esse artigo era o inicial d'uma grande serie de reclamos á americana.

Se o sr. governador civil dá ouvidos ao *Popular* e obriga effectivamente as ovarinas, os catraeiros e os vendedores de jornaes a andarem de pésinho afiambrado, não tardará que algum jornal tome tambem o partido dos chapelleiros pedindo o uso obrigatorio do chapéu alto para aquellas classes sociaes, e venha depois outra folha defendendo os interesses dos alfaiates solicitar a imposição da casaca, e appareça ainda um periodico patrono dos luveiros exigindo a adopção da luva branca, e surja mais outro diario a apadrinhar o desenvolvimento da rouparia branca instando pela obrigação da camisa de linho e do lenço de cambraia.

De forma que, d'aqui por alguns tempos, a criada que vier á porta, dando de cara com um cavalheiro e uma senhora no requinte da *toilete*, ficará em duvida se serão os viscondes que veem para o *five o'clock tea* ou se é o distribuidor do *Diario de Noticias* mais a freguesa do carapau.

* * *

E, já que fallámos em carapau, vem a proposito consignar aqui que, ás horas a que nós escrevemos estas linhas, está o partido progressista reunido na casa do antigo centro do referido carapau, procedendo á sessão solemne da inauguração do retrato do seu antigo chefe.

O que ha de curioso n'essa inauguração é ser ella feita n'uma casa tomada de emprestimo, pela razão do não ter a actual sala do centro progressista dimensões que comportem todos os correligionarios, os quaes ao presente—como o partido está no poder—são em força triplicada.

De forma que o retrato é solemnemente inaugurado no magestoso salão da rua do Alecrim, sendo em seguida transportado ás modestas costas d'um gallego para a saleta igualmente modesta da Praça de Luiz de Camões!

Esta ideia de convidar o partido para uma reunião na casa alheia faz-nos lembrar o Pedro que convidou o Paulo para ceiar em casa do Narciso...

* * *

As folhas governamentaes dizem nos seus artigos de fundo que a divida fluctuante era em 31 de dezembro d'um dado numero de contos de *réis*, e provam-o com a argumentação irrefutavel dos algarismos.

As folhas da opposição sustentam que o numero de contos de réis era muito outro, e provam-o tambem com a mesma argumentação irrefutavel dos algarismos!

D'aqui concluimos nós que opposição e governo observam as contas um d'um lado outro do outro, do que resulta que onde este lê 66, lê aquelle 99.

Para que não torne a levantar-se duvida sobre a divida, aconselhamos o sr. ministro da fazenda a que arranje as contas do thesoiro em parcellas de 69, por ser um numero que tem o mesmo aspecto quer visto dos pés, quer encarado da cabeça...

D'esta fórma, governo e opposição chegarão finalmente a um accordo—o que não surprehenderá visto tratar-se de uma coisa que não tem pés nem cabeça..

* * *

Os Fernandes teem dado que fallar n'estes ultimos tempos.

No curto espaço d'um semestre andaram na berra os dois Fernandes socios da rua da Trombeta, o Fernandes Coelho socio do Olympio, o Fernandes associado á invenção das excellentes escadas que não apparecem nos fogos e o Fernandes commendador socio do commendador Amorim!

Agora apparece mais uma senhora Fernandes que foi mordida por um cão damnado em pleno camarote do theatro de S. Carlos.

Não se dá um caso novo, original, extraordinario, em que o Fernandes não seja parte obrigada.

Até parece impossivel como o Burnay ainda se não lembrou de utilisar o palacio de crystal do Porto para fazer alli uma grande exposição de Fernandes!

* * *

Segundo uma nota estatistica que temos presente

foi de 520 contos de réis a importação de aduellas em Portugal durante o anno proximo findo.

Se a estatistica não erra,
Venha um sabio e a razão dê-nos
De inda haver quem n'esta terra
Tenha *aduella de menos*...

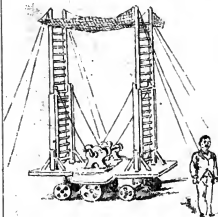
* * *

Um boticario chamado José Joaquim Rei foi condemnado no 2.º districto criminal por falsificar as marcas d'alguns fabricantes francezes.

Em vista d'esta resolução do tribunal parece que o sr. Fontes se vae naturalisar cidadão francez, afim de poder relaxar ao Firmino o sr. ministro da fazenda, que tambem lhe falsificou a marca na celebre questão dos titulos falsos.

Confia elle e com razão que o tribunal não deixará de condemnar o ministro, que é pharmaceutico na inactividade, depois de ter condemnado um *Rei* que é a mesma coisa em activo serviço...

PAN-TARANTULA.

O NOVO APPARELHO SALVA-VIDAS

Apresentamos o desenho do novo apparelho salva-vidas, invenção do sr. Raymundo Paes Vieira a que nos parece d'uma grande simplicidade de construcção alliada a uma grande utilidade pratica.

ESPECTACULOS

O *Hamlet*, representado ante-hontem no theatro de D. Maria, com um exito justificadamente enorme, deixou por certo uma funda impressão, como que um estonteamento no espirito da parcella feliz de Lisboa que conseguira obter logar para a festa d'aquella noite.

A grande obra do ainda maior Shakespeare, cuidadosamente transportada para portuguez por José Antonio de Freitas n'um esmero de trabalho que mais afirma o merecimento já provado d'aquelle erudito escriptor; a grande obra de Shakspeare é um trabalho de tal peso que o espectador sae do theatro com o espirito verdadeiramente empanturrado!

Ao nosso publico, costumado como anda a uns dramasinhos leves, de facil digestão intelectual, aquelle *Hamlet* magestoso produz a fadiga que causaria a qualquer janota da Avenida substituirem-lhe a elegante farpella de cheviote por uma d'aquellas armaduras de aço de que antigamente se vestiam guerreiros de carne e osso e de que actualmente só se vestem paredes de pedra e cal.

O simples dialogo da tragedia basta por si só, no rendilhado estranho de que a mendo se compõe, para deixar o animo do espectador em sobresalto e o ouvido duvidoso sobre a authenticidade das phrases proferidas.

Assim, por exemplo, o nosso visinho da esquerda, perguntava-nos muito intrigado e como que receioso de praticar uma inconveniencia:

— O que diabo está elle dizendo á rapariga?...

Era um personagem que aconselhára á formosa Ophelia:

— Fica na rectaguarda do teu affecto...

D'ahi a pouco era o visinho da direita que nos fazia egual interpellação, ouvindo aconselhar ainda á mesma Ophelia:

— Não dês lingua aos teus pensamentos!...

* * *

Em S. Carlos tivemos como em Maria, outra gloria nacional, se bem que por motivo diametralmente opposto.

Em D. Maria deu-se uma peça extrangeira de primeira ordem representada por artistas portuguezes.

Em S. Carlos cantou-se uma peça portugueza interpretada por artistas extrangeiros.

Gloria em toda a linha!

Que a opera de Machado é trabalho de valia e que foi magistralmente cantada, já o leitor sabe perfeitamente pelos échos dos vastidores repercutidos em toda a imprensa.

O publico festejou com o ruido enthusiastico dos bravos espontaneos e das luvas estoiradas o maestro, os cantores, a empresa, todos!

Valdez, trazendo o microscopio Machado á scena — o que lhe dava o aspecto d'um porta-machado — agradecia commovido a ovação, apontando modestamente para o Machado, para os cantores, para a orchestra, para o maestro, para as bailarinas, assim como quem diz:

— Não fui eu que compuz, nem cantei, nem toquei, nem ensaiei, nem dansei!

Entretanto ella fizera mais de que tudo isso, porque fôra elle que puzera a opera em scena.

THEATRO

A FESTA DE EDUARDO BRAZÃO C

Comprehendendo e executando, como comprehendeu e executou, o
Eduardo Brazão ergueu-se o mais alto a que pode aspirar a ambição d'u
d'esse personagem grandioso tem constituido o sonho dourado d'umas pou
bilissimos, que veem n'elle e com razão a suprema gloria que pode attingir
zão soube bem, pelo seu talento e pelo seu esforço, conquistar essa gloria
poucos conseguida! O nosso applauso e os nossos parabens.

Roza Damasceno foi d'uma correcção e d'um mimo inexcediveis no p
tava-lhe dos labios suave e perfumada como as flores dispersas que ornavan
mosa louca. Deliciosa e correctissima.

DE D. MARIA

ÓS A 1.ª REPRESENTAÇÃO DO HAMLET

extraordinario papel de *Hamlet*. grande artista. A interpretação ecas de gerações de artistas nota- uma vocação dramatica. E Bra- por tantos ambicionada e por tão

papel de Ophelia; a palavra bro- artisticamente a cabeça da for-

Augusto Rosa, um Laerte primoroso em toda a extensão da palavra, desde a figura gentilissima ate á dicção, ora violenta como o cyclone do deserto, ora apaixonada e sussurrante como as brisas da madrugada

João Rosa, o artista superior que todos nós conhecemos, desempenhou o papel de Claudio pela forma correcta com que sempre desempenha os personagens superiores.

Antonio Pedro, no pequeno mas importantissimo papel de coveiro, foi enorme de talento.

Todos os mais artistas excellentemente.

Manini, finalmente, esse artista cujo nome anda hoje ligado a todos os exitos scenographicos dos nossos theatros, conquistou em algumas scenas do *Hamlet* mais um titulo a nossa admiração e ao nosso enthusiasmo.

Contra o que é uso succeder em todos os concertos de entradas pagas, esteve concorridissima a festa d'aquelle genero realisada na segunda feira no salão da Trindade.

N'esse concerto deu-se um phenomeno ainda não observado na vasta lista de todos os concertos.

Além do programma ser cumprido com toda a sua integridade, cantou-se ainda mais um trecho que não estava annunciado, assim á laia da *crescença* com que os leiteiras costumavam antigamente obsequiar os seus freguezes.

Como pretexto para essa crescença, fingiram que se tinha perdido a chava do piano no momento em que o sr. Vidal ia cantar a area das *Vesperas*, o que obrigou o illustre baixo andar d'um lado para o outro, cantarolando a celebre modinha brazileira : *qué dê as chaves*,

cantata a que se associaram todos os espectadores, produsindo um orpheon de effeito magestoso.

Na vespera do concerto a que anteriormente nos referimos houvera no mesmo salão outro concerto dado pela Real Associação dos Amadores de Musica, ao qual assistiu, como é uso, toda Lisboa, metade lá dentro e a outra metade é porta da rua.

Tomaram parte n'esta concerto varios amadores já anteriormente festejados em muitos outros.

A fanfarra tocou brilhantemente.

O distincto amador Antonio Horta Ennes tocou cornetim ainda com mais perfeição do que o sr. Anto-

nio Ennes, sem Horta, costuma tocar *rebeca* na pessoa dos adversarios politicos.

Todos os espectadores assistiram como é costume satisfeitissimos, excepto um sujeito gordo que nos ficou perto a que se lastimava desde o 2.º numero do programma por não poder sair, visto achar-se entalado n'um grupo de senhoras.

O pobre homem suava frio, tingia-se de vermelho como uma beterraba, crusava as pernas n'um estremecimento nervoso e não fasia senão consultar o programma, murmurando n'uma grande afflição :

— Ai! Jesus! que ainda faltam doze numeros! Tomara já pilhar-me no n.º 14...

Fomos vêr o que indicava esse numero—era a *Retraite autrichienne*.

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O CÃO DAMNADO

Vanancio commenta
E a esposa deplora
Do primo Fernando
A extranha demora.

N'isto entra Fernando,
Gritando apressado
Que atraz d'elle, aos saltos,
Um cão vem damnado!

Foge *ella* co'o primo,
D'horror meia morta,
Venancio n'um pulo
Atira-se á porta!

Mas n'isto Venancio
Tem tal commoção...
Por pouco não deixa
Entrar d'entro o cão...

E so primo, co'a prima
No quarto mettido,
Não lembra decerto
Nem cão nem marido...

E a prima murmura,
Com beijos a rodo :
Deus queira que o cão
Não entre de todo...

Venancio, de dentro,
Um beijo ouve em cheio...
A porta entreabre-se
E o cão entra meio...

Venancio afinal
Entrar deixa o cão
Que fica mansinho
Lambendo-lhe a mão!

E o primo disia:
— Pois não percebeu?...
Quem estava damnado,
Priminha, era eu...

PAN-TARANTULA

O ULTIMO ACTO DO HAMLET

Pobre Yorick!... Quantas vezes me levou ás cabritas para as eleições!... Onde estão agora os teus sarcasmos, as tuas replicas... Vae, entra como agora estás na alcova do ministerio, dize-lhe então que arrebique, enfeites e carneiro com batatas nas eleições nada lhe valem, porque um dia será egual a ti...

POR AHI...

É muito de proposito que conservamos hoje o titulo d'esta secção, onde ordinariamente se desenrolam, de aspecto galhofeiro, os acontecimentos semanaes da maior vulto, temperados ao sabor da satyra, com a frase apimentada e o commentario escarnecedor.

E conservamol-o, não obstante o dito picaresco ceder hoje o logar á palavra magoada; conservamol-o, a despeito do tom solemne porque hoje se substitua a nota jovial de tantas chronicas passadas; conservamol-o, emfim, porque o titulo d'esta secção está hoje mais de que nunca accentuadamente d'acordo com o assumpto de que ella se compõe, visto que esse assumpto representa na semana decorrida o texto de todas as conversações, a preoccupação de todos os espiritos

Por ahi não se falla, não se pensa, não se cuida de outro acontecimento!

A morte repentina de Fontes Pereira de Mello, fulminando-o com a rapidez d'um raio, illuminou tambem, com o clarão scintillante d'esse mesmo raio, o vulto extranhamente grandioso d'aquelle homem deveras singular, pondo-lhe a descoberto, ante o olhar pasmado dos proprios adversarios, toda a eminente personalidade, toda a estructura gigantesca, que aquelles não poderam ou não quizeram vêr, cegos como andavam pelo nevoeiro que envolve todos os olhos, na aggressão—tantas vezes injusta—das pugnas politicas, no calor—tantas vezes exagerado—das lutas partidarias!

Paraphraseando um bello periodo do discurso de Pinheiro Chagas perto do tumulo do notavel estadista, diremos que Fontes Pereira de Mello foi como a aguia, que mais pequena se nos affigura á vista quanto mais alta se eleva no espaço, e que apenas nos revella a sua grandeza e nos patenteia a sua magestade quando a vemos cahir perto de nós, rolando em terra fulminada pela morte!

Foi aqui, n'este mesmo semanario, que nós vibramos por tanta vez sobre aquelle homem notavel o latego violento da satyra e do escarneo, na lucta intransigente de credos adversarios.

Nenhum como elle foi tão viva e tão presistentemente atacado, por isso mesmo que nenhum como elle tinha um valor tão grande e apresentava uma resistencia tão notavel.

Pela vivacidade e pela energia com que atacamos um inimigo se deve aquilatar o respeito que o mesmo inimigo nos merece.

A tenacidade da lucta, que sustentámos contra esse homem verdadeiramente grande, é a prova mais completa do valor que lhe reconhecemos.

Hoje que, perante a queda do gigante, todos os adversarios ensarilham armas, nós fazemos mais de que elles: curvamol-as em funeral, pesarosos se no ardor da lucta as empregámos em demasia contra adversario tão leal!

E esta evolução, tão excepcional como sincera, produzida no nosso espirito pelo fallecimento do nobre estadista, não foi—bem o sabem todos—um caso isolado e unico.

Quantos, dos que, como nós, atacaram em vida a personalidade politica de Fontes Pereira de Mello, se não impressionaram de subita e sincera commoção ao saber que levára a morte essa extranha personalidade?

A reputação d'aquelle nome, o valor d'aquella individualidade, aferem-se da rapidez com que se propalou a noticia do seu aniquilamento.

Toda a cidade repetia em menos d'uma hora a nova da catastrophe; todas as classes sociaes commentavam n'essa noite o triste acontecimento; todo o paiz despertava no dia seguinte dolorosamente surprehendido pelo successo desastruso!

Para que um nome tenha o poder de sobresaltar assim uma nação inteira, para que um paiz se occupe tanto da morte de um só homem, é preciso que esse homem se tenha occupado muito da vida do seu paiz!

E Fontes Pereira de Mello occupou-se innegavelmente, e muito, da vida do seu paiz. Se acremente lhe combatemos a politica, com que sempre cordialmente antipathisamos, nem por isso deixamos de louvar-lhe hoje a fertil iniciativa em tantos melhoramentos nacionaes, a que perduravelmente andará ligado o nome do estadista celebre.

E, já que por tantos annos escrevemos com o seu nome paginas e paginas de versos humoristicos, dediquemos hoje á sua memoria este soneto despretencioso, commemorando o seu ultimo beijo deposto sobre a mão carinhosa da gentil creança que lhe escutou o derradeiro alento

Com que enorme enthusiasmo
Longos annos, tanta gente
Escutou, presa de pasmo,
O teu labio omnipotente!

Ouvindo-te o verbo immenso,
Quanto velho illustre e sabio
Se ficou, mudo e suspenso,
Das expressões do teu labio!

E esse labio — que confronto! —
Da morte chegado ao ponto
Sobre mão gentil descança,

E fica, mudo e quieto,
Depondo um beijo d'affecto
Nos dedos d'uma creança!

PAN-TARANTULA.

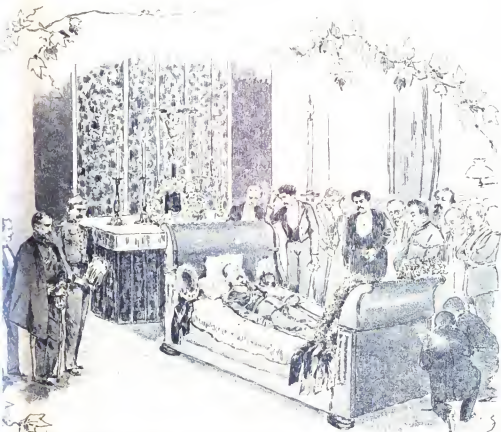
CAMINHO DO CEMITERIO

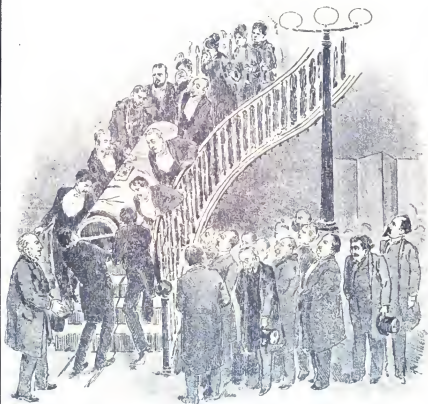
Aspecto do largo e da egreja de Jesus, na occasião em que o feretro descia as escadarias do Templo.

O QUARTO ONDE MORREU

O ultimo adeus do rei e da rainha ao que foi seu dedicado amigo.

Os

FONTES PEREIRA DE MELLO

O quarto de Fontes Pereira de Mello, armado em camara ardente.

oches funerarios.

A ultima homenagem da familia, acompanhando até á porta o corpo do finado.

A passagem do cortejo funebre na praça do Principe Real, em direcção á egreja das Mercês.

O jardim e o palacete do Pateo do Tijolo, onde falleceu o Conselheiro Fontes Pereira de Mello.

Aspecto do alto dos Prazeres, tomado da porta do cemiterio, momentos antes de chegar o cortejo funebre.

NO CEMITERIO

Vista do cemiterio dos Prazeres e jazigo onde repoisam os restos mortaes de Fontes Pereira de Mello.

THEATRO DOS RECREIOS

LUIZ XI E OS SENHORES FEUDAES

Joaquim d'Almeida
Luiz XI

Raphael Bordallo Pinheiro

E' digna de elogios a empreza dos Recreios pela maneira porque está pondo em scena o repertorio da presente epocha

Não menos merecedor de applauso se torna Joaquim d'Almeida, cujo talento artistico, comprovado em tantos trabalhos de valor, se esforça ainda por mais se relevar na interpretação de personagens de primeira ordem, como este que acaba de desempenhar.

Sobretudo, porem, o que n'aquella peça ha de verdadeiramente notavel e de verdadeiramente novo, é o trabalho de decoração em talha, executado pelo eximio esculptor Leandro Braga, um nome já consagrado em tantas obras primorosamente artisticas

Como amostra d'esse trabalho, damos o esboço do throno que serve no ultimo acto de Luiz XI, e que bastaria por si só para firmar os creditos d'um artista

A CONFERENCIA DE AUGUSTO CARDOSO

Está publicada e acabamos de receber a conferencia que Augusto Cardoso lêra na sessão solemne da sociedade de geographia.

Occupa um folheto de trinta e uma paginas, editado por Alberto d'Oliveira, esse sympatico rapaz que tantas vezes tem, com os seus modestos recursos, prestado excellentes serviços á arte e á litteratura.

O trabalho de Augusto Cardoso, tem tanta despretenção quanto merecimento.

N'aquellas paginas, escriptas n'um estylo simples mas elegante, descreve-nos o auctor a sua gloriosa travessia por forma tão naturalmente modesta tão graciosamente interessante que ninguem enceta o primeiro capitulo sem seguir até final d'aquelle folheto.

E' um trabalho que todos devem apreciar, envergonhando-se os que o não possuam.

POR AHI...

Tres questões de interesses capitaes se discutem presentemente nas capitaes de toda a Europa.

1.º—A occupação do throno da Bulgaria.

2.º—A chefatura do partido regenerador.

3.º—A resurreição do cigarro brejeiro.

Os senhores de Bismark, de Giers, e de Hintze Ribeiro teem, sobre aquellas duas primeiras, mantido ha coisa d'uma semana a mais animada cavaqueira, por intermedio do telegrapho.

A' amabilidade d'um telegraphista devemos a copia textual do ultimo despacho transmittido da estação do Terreiro do Paço para a chancellaria de Berlim.

Eil-a:

Não ha quem mais te atarefe
De que eu, n'este empreza dura!
Trago o peito *tefe-tefe*
De andar correndo á procura
D'um chefe, d'um grande chefe
A' altura da chefatura.

Mas debalde, qual balordo.
A tal faina me consagro!
—O Aguiar é muito gordo,
O Bazorra é muito magro

Barjona, uma coisa o perde
(Que é melhor ficar no seguro)
O Lopo está muito verde
E o Corvo muito maduro..

Bucage—credo! que espiga!
Vilhena está muito moço,
Chagas cresceu-lhe a barriga,
Serpa só tem pelle e osso!

E, por mais que me atarefe,
N'esta grave conjunctura,
Trago o peito *tefe-tefe*
De andar correndo á procura
Sem achar um melcatrefe
P'ra chefe na chefatura!..

* * *

O sr. de Bismark limitou-se a responder que, tanto elle como o sr. de Giers, se encontram precisamente nas mesmas circumstancias pelo que respeita á escolha d'um principe para o throno da Bulgaria, e que, portanto, o mais efficaz seria reunirem os tres esforços, no empenho de mutuamente se servirem

Assim se concordou, ficando definitivamente combinado o seguinte plano, tão simples como engenhoso:

O sr. de Giers, que é o visconde da rua de S. Marçal em S. Petersburgo, isto é, o co-proprietario do *Diario de Noticias* d'aquelles sitios, fez affixar, no alto da quarta pagina do seu jornal e logo em seguida um ao outro, os seguintes annuncios:

PRINCIPE

Precisa-se um para todo o serviço da Bulgaria, excepto lavar e engomar. Prefere-se da provincia e que não tenha primos na guarda municipal.

Quem estiver nos casos dirija carta ao Czar de todas as Russias.

CHEFE

Precisa-se um de primeiro leite para amamentar um partido debilitado. Exige-se que não tenha sido governador civil de Braga nem feito uso da cajurubeba. Na rua do Norte se diz.

*
* *

Ao tempo que estes dois annuncios se espalhavam por toda a Russia, o sr. de Hintze percorria as travessas e os becos de Lisboa, disfarçado em caldeireiro e apregoando com voz fanhosa:

—Deita gatos em pratos e alguidares! Arranja loiça partida e concerta chapeus de chuva! Quem tem por ahi alguns ossos, algum cebo ou algum chefe que queira vender a peso?...

Sabemos á ultima hora que, não tendo aquelles expedientes sortido resultado algum, se resolveu, para assegurar a paz da Europa, mandar o sr. Serpa para o throno da Bulgaria vindo o principe da Mingrelia para a chefatura do partido regenerador.

*
* *

O sr. ministro da fazenda acaba de realisar a sua mais querida aspiração, o sonho doirado que já se lhe remechia no espirito ao tempo em que s. ex.ª ainda não embrulhava a humanidade no ministerio da fazenda, embrulhando apenas pilulas de sinoglosa no balcão da sua botica.

Esse sonho era o restabelecimento do cigarro brejeiro.

Todos conhecem a predilecção do sr. Marianno pelo cigarro brejeiro. Em casa, na rua, nas reuniões do centro, no conselho de ministros, nas sessões parlamentares, nas recepções do paço ainda ninguem foi capaz de vel-o cinco minutos seguidos sem brejeirinho ao canto da bocca.

Ora o cigarro brejeiro, desde que se promulgara a liberdade do tabaco, tendia fatalmente a desapparecer.

D'aqui a pouco, elle representaria nos estancos o mesmo que o mastodonte representa na historia natural: uma raça extincta.

O Possidonio já andava até pedindo subsidios ás fabricas de tabaco a fim de conseguir para a exposição do Carmo o esqueleto d'um cigarro brejeiro.

E o sr. Marianno via com horror aproximar-se o momento fatal e doloroso em que, entrando no estanco a comprar o seu masso de cigarros, o estanqueiro lhe respondesse:

—Brejeirinhos? no hay!

Isto desolava-o e elle resolveu então dedicar toda a sua vida, todo o seu talento, toda a sua actividade á resurreição dos cigarros brejeiros.

Comprehende-se agora a razão porque o sr. Marianno renegou a botica dos seus verdes annos, os boiões e as cataplasmas da sua mocidade; comprehende-se porque s. ex.ª se atirou á politica como gato a bofe e a s. magestade el-rei como S. Thiago aos mouros.

No fundo d'essa lucta, no cabo d'essa tenacidade o sr. Marianno não via a pasta de ministro: via a restauração do cigarro brejeiro.

E aqui está porque s. ex.ª descompoz o rei: para comprar o monopolio do tabaco e com elle a restauração do cigarro brejeiro, que está cantando a estas horas nas vitrines dos capellistas:

«Brejeirinhos é chegado
O dia da redempção!»

*
* *

Mas vae por ahi uma bulha suja!

O sr. Burnay jurou guerra de morte ao monopolio e, transformando a casa havaneza n'uma especie de salão de mademoiselle Lange (salvo seja) ali reune todas as noites os conspiradores da gravata preta e cabelleira loira, que juram guerra de exterminio sobre massos de cigarrilhas, evocando os manes da estanqueira do Loreto de saudosa e narigada memoria.

Como é de suppôr que da tal guerra os mortos se contem por milhares, aconselhamos que, se lhes quizerem fazer um enterrosinho decente, os amortalhem nas excellentes mortalhas de papel LAYANA, que é o mais fino e o de melhor qualidade que hoje se encontra no mercado.

*
* *

O *Correio da Manhã* publicou ha dias um artigo demonstrando que o sr. marquez da Foz é no partido progressista o mesmo que o sr. Burnay foi no partido regenerador.

Como o sr. marquez tem exactamente o mesmo projecto da barba que usa o sr. Burnay, o *Correio da Manhã* pegou n'elle, puxou-lhe o nariz para lh'o tornar mais comprido e ahi ficou o sr. marquez um Topa-a-tudo tão perfeito tão perfeito que só lhe falta fallar!

Como todos os partidos teem o seu Topa-a-tudo, segundo demonstrado fica, o Trigueiros de Martel que se vá caracterisando para Topa-a-tudo do partido republicano.

Tem todos os predicados: falta-lhe apenas deixar crescer a barba cerrada e puxar o nariz amiudadas vezes.

ESPECTACULOS

TRINDADE

Ha muito que se annunciava a apparição n'este theatro da opereta Heloisa e Abélard, que effectivamente esta semana subiu á scena.

Nós ferviamos em pulgas de curiosidade pela ver annunciada, não tanto pelo interesse que a peça em si nos despertava, como antes pelo empenho que tinhamos de ver a maneira porque o Palha descalçava aquella bota de distribuição do papel de Abelard...

E, ao que parece, o Palha viu-se effectivamente em calças pardas com semelhante distribuição.

O caso não era para menos porque um papel de Abelard, para se fazer com verdadeira comprehensão do personagem, tem mais que se lhe diga...

E nós duvidavamos—e com muitissima razão—de que na companhia da Trindade houvesse artista masculino nas circumstancias excepcionaes de bem comprehender o papel de Abelard...

O Palha tambem duvidava, mas em todo o caso sempre quiz certificar-se por uma prova definitiva, e assim obrigou todos os artistas machos da companhia a sujeitarem-se áquella prova a que se sujeitam todos os papas antes de ascenderem á cadeira de S. Pedro.

O TORNE

NACIONAL

Eil-os na estacada! Apesar do combat
tado «que não ha fumo sem fogo.»

O DO FUMO

e ser a arma branca deve haver muito fogo, porque lá diz o di-

E a cada um que passava depois de sujeito á prova, o Palha fazia para o examinador a pergunta do estylo.

E o *examinador* respondia sempre—felizmente para o credito dos examinados:

—*In magna quantitat!*

Sendo emfim examinado o ultimo, sem resultado lisongeiro—para o Palha—resolveu este encarregar do papel um actor á sorte, o qual seria obrigado a... aqui torce a porca o rabo.

O Augusto protestou logo em altos gritos

—Isso é que está-se na tinta! As condições da minha escriptura não me obrigam nem a cortar o bigode, quanto mais... Corte o sr. Palha, se isso lhe dá gosto...

E os demais artistas, fazendo protesto commum declararam terminantemente que sairiam por uma porta logo que pela outra entrasse o hespanhol do cão...

E aqui está porque o papel de Abelard foi distribuido a uma mulher...

*
* *

D. MARIA

SEXTA FEIRA, 4 DE FEVEREIRO, FESTA ARTISTICA DE CARLOS POSSER

Off'reço n'este momento
Um beijo, uns sapatos novos,
Tres kilos de trouxas d'ovos
A quem me der rima em *ócer*,
P'ra, na mais alta poesia,
Proclamar que é hoje o dia
A' noite, em D. Maria,
Da festa de Carlos Posser.

VISCONDE DA TRINDADE

O visconde da Trindade é um dos homens—infelizmente raros—que se interessam pelo desenvolvimento da arte em Portugal.

Devido á sua iniciativa se realisou ainda recentemente uma brilhante exposição de quadros no palacio de crystal do Porto.

E, é ainda d'elle o estabelecimento d'um premio ha pouco instituido para galardoar o artista que mais se distinga em seus trabalhos.

Não deve ficar no escuro quem assim se desvella pelo desenvolvimento da arte e por isso lhe publicamos o retrato.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

Nem o esposo era mais gordo
Nem a esposa mais nutrida;
Eram *duo in carne uno*,
Feitos p'la mesma medida.

A Julianna, a sopeira,
Esperta, viva, magana,
No dizer do homem do talho
Era *sopa*... Julianna!

O 70 da 2.ª,
Por quem ella dava tudo.
Era esvelto, perfeitaço,
D'aspecto rijo e membrudo.

Buscando acaso furtuito.
O amor que aos dois avassala
Fel-os na rua encontrados
E o 70 chega a falla...

Não tarda que entre promessas
A conquistal-a se afoite...
E o certo é que a Julianna
Foi p'ra casa á meia noite..

Desde então era o 70
Que ia á noite ter com ella
E quem tomava os caldinhos
Mais chorudos da panella.

E emquanto o feliz 70
Come á farta e beberrica
Os patrões punham-se magros
Quasi a espichar de larica.

Cheio, opulento, esticado,
Tal como a pell' dos tambores,
Do 70 a gorda pança
Causa inveja aos professores

....

Casaram; passaram tempos;
E o 70, furriel,
'stá na esploha e tem mais filhos
Que soldados no quartel!

PAN-TARANTULA

A CHEFATURA

Por mais que se encarrapitem, nenhum é capaz de lhe chegar ao pulso

A SOIRÉE MUSICAL DOS SRS. CONDES DE DAUPIAS

Raphael Bordallo Pinheiro

Saboreia-se alli, no interior d'aquellas salas brilhantemente decoradas, como que um manjar da apri morado gosto que lisongeia o paladar dos enamorados da arte.

Os srs. condes de Daupias são talvez os unicos fidalgos portuguezes que não reputam completas as suas festas sem o convivio intimo dos artistas.

E é assim que fomos lá encontrar, na esplendida *soirée* musical de ante-hontem, além de muitos outros, os notabilissimos artistas Rey Colaço, Rubio e Burmester; aquelle o pianista portuguez cujo merito de ha muito se consagrou no estrangeiro e que ainda assim progride sempre e sempre; o outro, o violoncelista hespanhol que o leitor feliz deve conhecer d'uns raros concertos publicos; e o ultimo, o rabequista allemão, um pequeno, uma creança a quem a arte concedeu em quinze annos de edade o que a tantos não concede em dobrado tempo de trabalho.

Junte se a isto o trato despretenciosamente fidalgo com que se recebe n'aquella casa, verdadeiro e precioso museu d'obras artisticas. e far-se-ha assim ideia do que é uma *soirée* musical offerecida pelos srs. condes de Daupias.

POR AHI...

O entrudo está a bater-nos á porta.

Como que se ouve já tilintar alegremente o guiso jovial do arlequim—ó contraste inexplicavel!—do arlequim sensaborão!

A bisnaga invadiu toda a cidade, assenhorando-se dos vitrines dos barbeiros, em substituição dos paus de cosmetico; das montras dos merceeiros, pondo fóra a linguiça de Castello de Vide; dos mostradores dos estanqueiros, expulsando as caixas dos charutos havanos.

O unico estabelecimento indemne da invasão d'essa praga é a Casa Havaneza, o que nos leva a crêr que a bisnaga vae feita com o sr. ministro da fazenda na expulsão dos tabacos estrangeiros...

Quando a bisnaga appareceu pela primeira vez em Lisboa não chegou para um centesimo das encommendas. Hoje, multiplicou-se por tal forma que, por estes annos mais proximos, se torna necessario suspender a importação de bisnagas para consumo da população, acudindo antes á importação de colonos para o consumo das bisnagas.

E então que tamanho de bisnagas!

Por quatro ou seis vintens—além do frete a pau e corda—fica uma pessoa provida d'agua para metter toda a familia na barrella.

Se a bisnaga e a companhia das aguas quisessem permutar os seus serviços, andariam os contadores mais bem providos e a humanidade muito menos esguichada.

Mas, a despeito do carnaval que se approxima, a despeito da bisnaga que campeia, a despeito do garoto que já atravessa as ruas tocando castanholas como quem faz tirocinio para gallego, a despeito de tudo, emfim, a cidade não se enthusiasma para a folia, não se prepara para o delirio, não sente pular-lhe o pé para a contradança!

A cidade anda accesa n'outra preoccupação, fumando contra o sr. ministro da fazenda, e capirrando contra o monopolio do tabaco!

Sobre a cabeça sempre genial e nunca penteada de s. ex.ª, desabam n'este momento as maldições de milhão e meio de estanqueiros.

Assim, a dois passos do carnaval, está tudo bufando contra o sr. ministro da fazenda!

O sr. Burnay, sobretudo, é que bufa d'uma maneira descommunal!

Bufa na imprensa, bufa na Havaneza, bufa nos meetings, bufa nas provincias, bufa no estrangeiro, bufa por toda a parte.

E elle que bufa é que lá lhe cheira á pitada que o monopolio lhe faz perder e que o sr. Marianno vae fungar por sua vez.

Não sabemos se o sr. ministro apanha effectivamente pitada grossa na negociata de Xabregas, mas ha na verdade o que quer que seja justificativo, até certo ponto, da *vox populi* que ao assumpto se refere.

Lá que o sr. Marianno de Carvalho teve sempre uma inclinação decidida pelos sitios de Xabregas—uma d'aquellas inclinações que até parecem resultado de predicções aruspicinas—isso é ponto incontroverso.

Ha até por ahi quem diga—e não sabemos se n'esse numero entra a parteira cujas mãos tiveram a honra de aparar as banhas tenras e de compôr a moleirinha talentosa de s. ex.ª;—ha por ahi quem diga que o sr. ministro da fazenda, logo aos primeiros vagidos, e mesmo antes de pedir *chi-chi*, pedira a rosa dos ventos, a qual immediatamente lhe fôra fornecida.

E diz-se mais que o sr. Marianno, tendo observado por longo tempo a citada rosa e estudado attentamente os designados ventos—com a consciencia e o talento com que uma criança assim pequena pode observar rosas tão intrincadas e estudar ventos de semelhante natureza—diz-se que o sr. Marianno alongara o predestinado fura-bolos, depondo-o finalmente sobre a rosa, no ponto indicador do vento que vem dás bandas de Xabregas.

Bruxas afamadas e feiticeiros eruditos chamados á explicação do caso, foram todos de parecer que o menino tivera dedo apontando a dedo o caminho por onde havia de fazer carreira.

E é effectivamente para aquelles lados que o sr. Marianno tem *feito carreira*, desde que abandonou o S. Miguel da sua botica para se apegar com o S. Bento da representação nacional!

Como o iman, que tem a attracção positiva e negativa, o sr. Marianno, pendendo para os lados do este affastava-se instinctivamente das bandas de leste.

Assim se explica claramente aquelle primitivo rancor de s. ex.ª pelo paço da Ajuda, que fica proximamente situado a leste.

E assim se explica egualmente a attracção do mesmo sr. para éste, que é onde fica *Santa Apolonia*, por onde s. ex.ª começou a *fazer carreira*...

Depois de Santa Apolonia, sempre com a mesma propensão e tendo demais a ajudal-o a velocidade adquirida, o sr. Marianno foi bater com os ossos em Xabregas.

Se a carreira de Santa Apolonia—porque s. ex.ª não estava ainda no governo—lhe deu apenas o *premio de consolação*, esta carreira de Xabregas—pois que,

a ex.ª é já ministro—deve dar-lhe forçosamente o *premio do governo*..

E assim se estão realisando as predicções dos aruspices.

Se o sr. ministro continua a marchar para aquel les lados, não será muito que esteja um rival de Rotchild no dia em que chegar ao Poço do Bispo.

*
* *

1.ª solteirona

—Dos tabacos na contenda
Tudo por hi se alvoroça;
E alguem mo disse na tenda
Que o ministro da fazenda
Apanha *pitada* grossa..

2.ª solteirona.

—Se a verdade não se altera,
Se apanha d'isso o magano,
Digo-te muito sincera
Quem me déra, oh! quem me dera,
Ser agora o Marianno!.

PAN-TARANTULA.

O CASO DE S. JULIÃO

A meia noite em ponto, quando os espectros iam sair do tumulo e o sr. ministro da guerra ia metter-se na cama, recebeu s. ex.ª o seguinte telegramma atterrador:

12. n. S. Julião da Barra. Soldados querem ir para a bérra. Official tem a mesma birra. Receio que me façam em borra. Mando general a cavallo em burra.

O sr. ministro, comprehendendo a gravidade do facto, ordenou immediatamente á sua ordenança, que já lhe descalçára a bota do pé direito e se preparava para lhe descalçar a do esquerdo:

—Suspender, armas! E levantou-se do salto, com a bota de cano n'um pé e o chinello moiro no outro, as fitas das ceroilas desatadas, pos o chapeu armado mesmo em cima do barrete de algodão que lhe aquece as orelhas e saiu como um rielone em cata do general da divisão.

O sr. José Paulino ja tinha por seu turno recebido igual participação e estava acabando de envergar a sua farda de guerreiro. Cingia a pressa a espada das batalhas, emquanto na cocheira acabavam de lhe arrear o seu cavallo de combate.

—Essa féra está prompta?

—Prompta, general!

—Deram-lhe ração dobrada, para que lhe pique a cevada na barriga?

—Deram, general!

—Puzeram a carabina no arção da sella?

—Puzeram, general!

—Metteram nos coldres as pistolas bem carregadas?

—Metteram, general!

—Bem! Então vae buscar uma tipoia de praça para me levar a S. Julião da Barra... Mas escolhe alguma de boas molas e que não dê muitos solavancos, porque ha tres dias que vejo uma bruxa com o demonio do hemorrhoidal...

O sr. ministro da guerra foi para a estação do Terreiro do Paço esperar noticias telegraphicas e atar as fitas das ceroilas.

D'ahi a pouco entregavam-lhe o seguinte telegramma:

«S. Januario. Lisboa. Soldados dessoldados: cabos partidos. Balas.

.S. Julião.»

O sr. ministro ja suava preto por não perceber o telegramma.

Afinal descobriu-se que o despacho era d'um sujeito da provincia chamado *Sebastião Julião* e dirigido a um funileiro de Lisboa, com o endereço abreviado de *Senhor Januario*, afim de se queixar d'umas caçarolas cujos cabos se tinham dessoldado! O final do telegramma não queria dizer balas: era um desabafo e queria dizer—*bolas!*

A este tempo chegava o general á torre de S. Julião, com a bilis guerreira e o ataque hemorrhoidal inflammados ao desafio.

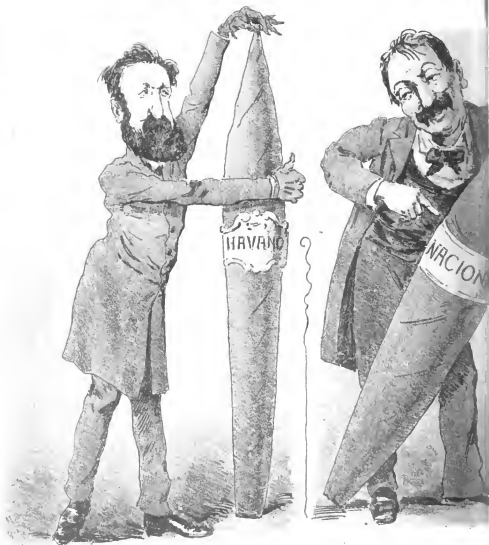
Assumindo o commando das tropas já ali estacionadas, o general ordenou para um subalterno:

—Mande a quatro homens e um cabo que se conservem a distancia de vinte passos d'aquelle monte de tojo, ate nova ordem.

E indicou o monte de tojo, indo em seguida suffocar a rebellião, que já estava dormindo a somno solto.

Quando o general sahiu da torre de S. Julião os quatro homens e um cabo subiam a calçada da Ajuda guardando religiosamente a distancia de vinte passos... atraz d'uma carrada de tojo!

PAN-TARANTULA.

A QUESTÃO

—Isto é que era um grande charuto!

—Pois sim; mas este ainda

)O TABACO

mais grosso...

— Elles teem os charutos e eu é que estou «fumando!...»

ÁS CRIANÇAS

91 — TRAVESSA DE S. NICOLAU — 93

De lindos brinquedos
Enorme estendal
Se encontra na loja
D'Aurelio Sobral.

Bébés e palhaços,
Dos duros e moles,
Cornetas, trombetas
E gaitas de foles,

E um tal sortimento
Da cousas tão bellas
Por preços da altura
Do anão das cautellas!

THEATRO DOS RECREIOS

Sabbado, 12 de fevereiro, festa artistica do actor Mello com a primeira representação da «Nitouche»

O Mello, p'ra tudo
Tem geito e quiodina:
Faz ditos, faz versos
E faz folhetins.

Faz graça co'as damas,
Faz mais—faz amor...
Faz varios papeis,
Faz d'ensaiador.

P'ra ter d'um *faz-tudo*
Direito ao officio
Até não lhe falta
Fazer beneficio!

ÁS PARTEIRAS

E' muito iotencionalmente que escrevemos o titulo acima, visto como o assumpto em questão não interessará absolutamenta nada aos nossos leitores, mas vae interessar indubitavelmente muito ás nossas leitoras—qua tenham cruzes á porta.

O caso deparou-se-nos entre os «Casos semanaes» do *Interesse Publico*, onde o sr. Paes do Figueiredo espalha pétalas de rhetorica com a profusão com que os anjinhos da Bica de Duarte Bello espalham pétalas de rosa em dia de Nosso Pae aos Entrevados

Ora escutem

«Não é precisamente a brisa perfumada de que fallam os languidos poetas, aquella que agora perpassa pelos nossos palcos.

Não se ouve lá dentro a musica dos ninhos em symphonias de alegria, nem as nossas gentis artistas sentem cá fóra, nas platéas, a musica das palmas em estrondeantes enthusiasmos.»

Até aqui nada de extraordioario, nem mesmo o espanto do chronista por não ouvir dentro dos nossos palcos «a musica dos oiohos em symphonias de alegria.»

Nós tambem nunca ouvimos. Temos revistado diversos palcos, desde os camarins das mais galantes artistas até os esconsos da arrecadação, e, se por lá existem ninhos quo tocam symphonias, com privilegio de caixas de musica, podemos assegurar-lhe que nunca demos com elles ..

Uma corista das nossas relações é que ha tempos deu com um ninho de ratos no seu camarim, mas, se era nioho musical, não se chegou a averiguar cá fóra—talvez porque a symphonia fosse tocada em surdina...

Mas voltemos ao caso.

Continúa o sr. Paes de Figueiredo.

«Não é a brisa dos poetas, não! É o vento arido e secco do deserto, sem prenhez de perfumes...»

Aqui é que bate o ponto! *Prenhez de perfumes!* Isto não é simplesmente uma frase litteraria: isto é uma verdadeira revelação scientifica e, sobretudo, uma questão criminal do maior alcance!

De principio imaginámos que o typographo errára a composição da frase transpondo-lhe as palavras—o que daria um perfume aliás muito desagradavel...

Mas não senhores; a frase é aquella, é assim mesmo, talqualmente como foi composta: *prenhez de perfumes*

Prenhez de perfumes! Mas veja o sr. commissario de policia quantos abortos criminosos se terão dado por esse mundo de Christo sem que as denuncias de taes crimes lhe chegassem aos ouvidos!

E nem era possivel chegarem lhe!

Está claro que o aborto d'uma *prenhez de perfumes* não chega aos ouvidos de pessoa alguma: — o mais que póde é chegar-lhe ao nariz...

E depois, com que facilidade se póde promover um aborto d'aquella natureza...

Para abortar um feto de carne e osso está averiguado que é indispensavel, pelo menos, a intervenção d'uma agulha de *crochet*: mas, uma *prenhez de perfumes*, qualquer póde desmanchar sem dependencia da parteira. Bastará fazer um pequeno esforço, dar um geitinho auxiliador, para que o *feto* aborte immediatamente, sem deixar vestigios da sua passagem e sem necessidade de o enterrarem no quintal ou de o conservarem n'um frasco de espirito de vinho...

Quantos crimes repugnantes de perfumes abortados não irão por essa Lisboa a cada passo, a cada instante, em cada ponto!

Nos theatros, na Avenida, nos bailes, no proprio lar, quantos amores peccaminosos se não terão encoberto por meio de crimes ediondos, fazendo abortar perfumes innocentes, á face do publico, nas barbas da policia, nas ventas da familia!

Quantas meninas, havidas por honestas, não terão no delirio d'uma valsa, no galope d'uma contradança, abortado ali mesmo, descaroavelmente, surrateiramente, sem que d'esse crime tenebroso passe ao menos uma leve suspeita pelo espirito dos assistentes, passando apenas, quando muito, uma breve desconfiança pelo nariz dos que lhe ficam proximos...

Por aqui se avalia, por aqui se pesa, por aqui se afére, por aqui se aquilata, a alta importancia, o grande alcance, o enorme valor, o estupendo merecimento da revelação do sr. Paes de Figueiredo no que respeita á *prenhez dos perfumes!*

Commissarios de policia effectivos ou adjuntos, parteiras de Lisboa approvadas ou não approvadas, lançae-vos no rasto d'esta *prenhez* até hoje ignorada, procurae, syndicae, espreitae e cheirae todo o sexo fragil, porque é mais do que certo que anda moiro nas costas — isto é, *prenhez de perfumes* por ahi além...

Moralidade, abre bem os teus olhos! — o que quer dizer que abras bem o teu nariz!

E tu, Paes de Figueiredo — desculpa o tratamento, mas foi assim que tratámos o Ferrão, no dia em que elle descobriu a prophylaxia do micobrio — tu, Paesinho d'um anjo, tu, Figueiredinho das nossas entranhas — foi assim que tratamos o Pasteur, no dia em que elle descobriu a prophylaxia da raiva — tu, permitte que te immortalisemos publicando-te o retrato, para que o mundo te admire e o governo te conceda um privilegio de quinze annos como descobridor legal da *prenhez de perfumes!*

Eil-o:

PAN-TARANTULA

CASOS, TYPOS E COSTUMES

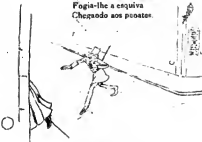
UM CONQUISTADOR TEIMOSO

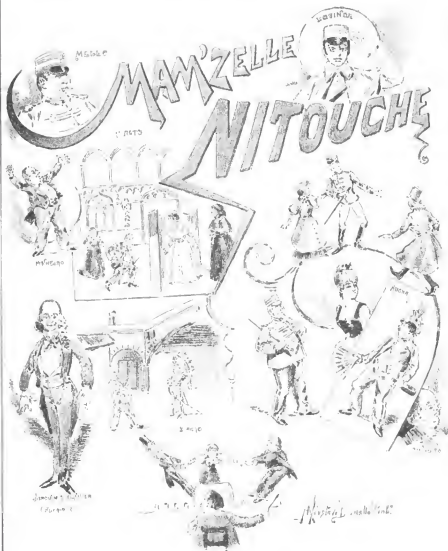
Seguindo-a teimoso,
Vae indo, vae indo,
Cuspindo e fumando,
Fumando e cuspindo:

Porém ella volta-se
Em tom resoluto:
Lá vae co'os diabos
Boquilha e charuto!

Embora! Teimoso
Lhe segue as passadas,
Tossindo a miudo,
Largando piadas.

A ingrata, nas ventas,
Assenta-lhe a mão
E prega com elle
De trombas ao chão.

La se ergue calado,
Paciente qual monge:
E a dama entretanto,
Já vae muito longe.
Prevendo, se afrouxa,
Que a dama se safa,
Correndo atraz d'ella
Apanha uma estafa.
E sempre atraz d'ella,
P'las ruas mais falsas,
No fim d'hora e meia
Gemia: —Que *calças!*...
E quando implorava:
— Da dor não me mates!
Fogia-lhe a esquiva
Chegando aos peoates.
E ainda, p'ra cumulo
De troça e desdem,
Na mão, p'lo serviço,
Lhe deixa um vintem!
Como elle prosigue
Na audaz teimozia,
Sobre elle, a malvada,
Despeja a bacia!
— Ingrata! (ioda teima)
Que o meu peito adora,
Em braza por dentro,
Molhado por fora!
Mas n'isto se acerca
O esposo da pomba
E dá-lhe uma sova
D'aquellas d'arromba!
Apita com força
Fugindo á muxinga,
Emquanto o marido
P'ra casa se tinga.
E ao vir a policia
O pobre, surpreso,
Vê que inda por cima
De tudo, vae preso!
PAN-TARANTULA.

THEATRO DOS RECREIOS

A FESTA ARTISTICA DE AUGUSTO MELLO

A *Nitouche* representa um verdadeiro triumpho para toda a companhia dos Recreios, mais um punhado de bagas de loiro para a corôa de Joaquim d'Almeida, mais um punhado de folhas da mesma planta para a corôa de Augusto Mello, como actor e como ensaiador, e mais um punhado de bagas e folhas para a corôa de Lucinda do Carmo, a gentilissima interprete da *Nitouche*.

E um gaudio para o publico, e uma pandega para a empreza e uma entalação para o camaroteiro, que já não sabe aonde desencantar logares para servir todas as pretenções.

O ADIVINHO CUMBERLAND

O nome do *adivinho* Cumberland anda por ahi em todas as boccas.

E desejamos-lhe, entre parenthesis, que a sua celebridade não vá mais longe, passando das boccas para as guellas e seguindo depois toda essa mysteriosa trajectoria de mutações que vae atravessando n'este momento o bife do assem que nos deram ao almoço...

E, entretanto, os trabalhos apparentemente prodigiosos d'esse pseudo-adivinho, que está causando o pasmo de Lisboa depois de ter feito o assombro do estrangeiro, são tudo o que ha de mais facil, de mais simples, de menos sobrenatural!.

O leitor, se isso lhe der gosto, póde immediatamente ir, pela simples leitura da nossa chronica; póde ir, sem outro dispendio além dos tres vintens que o nosso jornal lhe custa; póde ir, sem necessidade de conversar com as bruxas á meia noite; póde ir, emfim, assombrar a familia, o resto da humanidade e as pessoas das suas relações com trabalhos em tudo semelhantes áquelles executados pelo adivinho Cumberland!

*
* *

Relacionemos aqui alguns d'esses trabalhos na apparencia prodigiosos e expliquemos em tres pennadas como facilmente se executam.

Temos nós, por exemplo, aquella *sorte* de adivinhar o numero de uma nota de banco, sorte que ainda antehontem em S. Carlos provocou uns enthusiasmos tão ruidosos.

Pois não ha nada de mais facil!

O sr. Cumberland, assim que chega a qualquer paiz, trata logo de arrebanhar todas as notas de banco que andem emittidas, excepto uma, que deixa ficar na circulação.

Em seguida examina os numeros das suas notas e, decorando o numero da que lhe falta e que deve ser forçosamente a que hãode apresentar-lhe, pronuncia-o no momento solemne — e assim ficam todos embarrilados!

Já veem que não ha nada de mais facil...

Temos mais, a *sorte* de descobrir em que sitio do corpo qualquer dos assistentes tenha uma dôr.

Pois não ha nada de mais simples!

O sr. Cumberland começa tacteando todo o corpo da pessoa queixosa, ao principio docemente, depois com mais força e por fim apertando, como quem espreme limão para fabricar um refresco.

Em chegando ao ponto dorido o paciente grita logo — *ui!* e assim se descobre a dôr.

Ora digam se não é mais simples de que descobrir onde está o gato...

Descobrir qual seja a senhora em que pensa um cavalheiro como a mais formosa das presentes, está-se mettendo pelos olhos que não vale uma pitada de tabaco — com perdão do sr. ministro da fazenda.

O sr. Cumberland conduz o cavalheiro ao pé d'uma senhora qualquer que tenha um palminho de cara rasoavel — e só se o cavalheiro em questão fôr uma refinadissima cavalgadura será capaz de dizer que não era em tal senhora que tinha posto o pensamento.

Tratando-se de descobrir qual é a creatura mais horrenda em que pensa o mesmo cavalheiro, o *adivinho* não tem mais de que levar esse cavalheiro ao pé da respectiva sogra.

*
* *

A *sorte* que produz mais sensação é aquella de reproduzir o que fizerem na sala alguns espectadores na ausencia do *adivinho*, que se retira para outra sala, convenientemente vigiado por duas pessoas de confiança.

Esta *sorte* é effectivamente a menos facil, por isso que requer da parte do adivinho uma tal ou qual observação; de resto não vale dois caracoes.

Durante a primeira parte do espectaculo o sr. Cumberland observa disfarçadamente a corrente de sympathia existente entre duas pessoas quaesquer — e que naturalmente se manifesta por olhadellas mutuas e piscadellas d'olho surrateiras.

Chegado o momento da sorte, o sr. Cumberland vae buscar para que o vigiem essas duas pessoas, que podem ser, por exemplo, o sr. conde de Raillac e o sr. Marianno de Carvalho.

Installando-se com estes dois cavalheiros na sala contigua á dos espectaculos, o adivinho affasta-se d'elles assim como quem não quer a coisa; e os dois vigias, que estavam fervendo em pulgas por se encontrarem um momento a sós sem causarem suspeitas a pessoa alguma, aproveitam logo o ensejo para dois dedinhos de conversa...

— E então, meu anjo?... pergunta o sr. conde de Raillac, no tom supplicante dos D. Juans que pediram as namoradas coisas do arco da velha.

— Então... estamos futricados! respondeu o sr. Marianno, n'aquella perfumaria de phrase que todos lhe conhecemos.

— Fu... futricados! repete o sr. de Raillac com a voz muito tremida; mas tu prometteste que no dia 1 de março a coisa iria para diante...

— Pois sim; mas pilharam-nos a fallar á cancella, a visinhança deu com a lingua nos dentes e eu... (cae-lhe, chorando, nos braços) estou deshonrada!

— Eu repararei, amor, eu repararei dando-te a mão... quero dizer, a luva de esposo — porque a ceremonia mette *luvas*, está bem de ver...

N'este momento o sr. Cumberland tosse ruidosamente para chamar a attenção dos dois vigias, que já nem d'elle se lembravam, e vem para a sala repetir com todo o rigor a scena que se passára, emquanto os vigias conversavam ao cantinho e elle espreitava pelo buraco da fechadura!

*
* *

Concluimos ensinando ao leitor alguns processos de nossa invenção, mediante os quaes qualquer póde facilmente ser adivinho.

Eil-os:

ADIVINHAR EM QUE PENSA UMA COCOTE

Co'uma dama, em *fins de maio*,
Topas, leitor, n'essa rua;
Deita-te o olhar de soslaio,
Como quem diz: — Serei tua..

É nova, é gentil, é bella,
O seu amor faz-te arranjo...
— N'essa noite, em casa d'ella,
Já lhe segredas: — Meu anjo...

E o anjo, branco de arminho,
Cede logo... abre-te as azas...
— Em que pensa o casto anjinho?
— Pensa na renda das casas..

ADIVINHAR O QUE PENSAM DOIS NAMORADOS

Na Avenida, que o sol doira,
Macho e femea dão-se o braço:
Ella esvelta, branca e loira:
Elle um rapaz perfeitaço.

Vão seguindo, femea e macho,
Serenos, graves, tranquillos,
Fallando baixo, tão baixo,
Que só Deus consegue ouvil-os...

Sentam-se pouco depois,
Chegados... muito chegados...
—Em que estão pensando os dois?
—N'uma cama de casados...

*
* *

ADIVINHAR O QUE QUALQUER COMEU AO JANTAR

Uma velha vem sentar-se
No theatro ao lado teu;
Tosse ás vezes por disfarce,
Cospe, arrota—o que sei eu!

Junto á velha, carrancudo
E em movimentos febris,
Tu, leitor, muito a meudo,
Levas o lenço ao nariz...

Não precisas matutar
P'ra adivinho ser's em barda...
—Que comeu ella ao jantar?
—Feijão com couve lombarda...

PAN-TARANTULA

ENYGMA A PREMIO

 K

POR AHI...

Os jornaes da opposição andam por ahi a blasonar de que foi devido a elles, de que foi devido á berrata por elles levantada que se malogrou o pagamento do emprestimo de D. Miguel.

Basofia sem confeição!

O pagamento ia realisar-se por uma força se não fôra a intervenção pessoal, duplamente pessoal de D. Pedro IV — que Deus Haja.

Foi assim que se passou o caso:

O sr. ministro da fazenda compromettera-se effectivamente a realisar o pagamento do emprestimo no dia 1 de março.

E, como as arcas do thesoiro, depois de muito bem escorropichadas não deitassem cá para fóra nem um cheirinho de cinco réis partidos ao meio, resolveu s. ex.ª resuscitar o pataco, fazendo o pagamento n'esse genero de moeda — para o que mandaria fundir o sr. D. Pedro IV do Rocio de Lisboa, juntamente com o seu homonymo da Praça Nova do Porto.

O expediente era muito bem imaginado e tinha a dupla vantagem de satisfazer os portadores dos titulos tanto na sua ambição de agiotas como na sua vaidade de miguelistas...

*
* *

Mas um pardal de telhado, que ouvira as combinações do sr. ministro da fazenda com o sr. conde de Baillac—ha cada pardal bisbilhoteiro por esses telhados de Christo!—foi metter tudo no bico do sr. D. Pedro do Rocio, indo em seguida, no *sleeping-car* d'essa mesma noite, fazer igual proeza ao bico do sr. D. Pedro da Praça Nova!

Assim que os srs. D.D. Pedros de bronze de Lisboa e Porto souberam da sorte que lhes estava reservada, soltaram em côro um d'aquelles prrrotestos enerrrgicos, vigorrrosos e herrroicos só prrroprrrios da lingua porrrtugueza e do brrronze que nos causa horrror...

E, descendo immediatamente dos respectivos pedestaes, marcharam ao encontro um do outro, reunindo-se na estação do Entroncamento, onde, depois de uma explosão de affecto—aliás naturalissima entre cavalheiros tão intimos e que nunca se tinham visto mais gordos—tomaram a canja do estylo, seguindo depois para a capital, devidamente constituidos em commissão e dispostos a apresentar o seu protesto ao sr. ministro da fazenda, ao qual procuraram sem detença.

*
* *

O sr. Marianno de Carvalho, a quem o criado foi dizer que estavam ali dois sujeitos muito sujos e muito cheios de nodoas verdes, imaginando, pela descripção, que se tratava de dois galopins da freguezia das Mercês, fel-os immediatamente entrar, correndo ao seu encontro com o sorriso e a solicitude reservados para cavalheiros de tão finas habilidades...

Imagine-se a cara do sr. Marianno, ao dar de cara com aquellas caras de poucos amigos!

—A que devo a honra... titubiou s. ex.ª, a tremer como varas ainda mais verdes de que o verdete dos seus interlocutores.

E o D. Pedro de Lisboa exclamou
—Queres-nos fundir!
E o outro corroborou:
—Queres-nos fundir!
E um e outro berraram em côro

—Quer's-nos fundir? pois não fundes!
E, se teimar's verás, eru,
Que terror não nos infundes
E o fundido serás tu!

ÇÃO DO ASSUMPTO

phica sahiram fóra dos seus logares os diversos

os á tesoira, collocando-os depois nos respectivos
s temos publicado.

O sr. Marianno, vendo o caso mal parado, *riscou* um passo á rectaguarda, rapando immediatamente da sua navalha de ponta a mola.

—Não te chegues, ó Pimenta! intimou elle para os recemvindos. Olha que esta já atravessou a barriga do sr. teu neto, ainda vivo, o não lhe custará por isso muito romper tambem o bandulho do avô, depois de morto...

O sr. D. Pedro, apesar de estar em maioria, ganhou medo e resolveu mudar de tactica levando o sr. ministro pelo sentimentalismo; o assim lhe fallou em verso:

—Oh! tu! que tens d'humano o gesto e o peito.
—Sa bem que por faiante te destingas—
Vira p'ra lá a naifa e põe-te a geito
De attender esta bronzeo choramingas!

O teu plano—não disfarço!—
De rancor faz-me dar urros!
Pagar o emprestimo em março,
—Mez da tosquia dos *burros!!!*

Nota, porém—desgraçado!—
Que, vingando um plano tal,
Fica em março *tosquiado*
O partido liberal!!!...

E o D. Pedro por partidas dobradas, sacando d'om trombone e d'um bumbo, de que previdentemente se fornecera, desatou a roncar e a zabumbar o hymno da Carta com o heroismo de phylarmonica da provincia á entrada do cavalleiro em toirada do Salvaterra!

E o sr. Marianno, commovido até á lagrima, jurou sobre os *titulos falsos* da operação bem combinada não pagar jámais os titulos verdadeiros d'esta operação ainda mais bem combinada...

* * *

O *Diario do Governo* de hontem publica o decreto agraciando o *Diario de Noticias* com a carta de conselho, em justo galardão d'aquella folha haver supprimido os seus *conselhos diarios*. Parabens.

* * *

No mesmo numero da *Folha official* vem uma rectificação declarando não ter sido o sr. Mendonça e Costa feito cavalleiro do Christo. Christo é que foi feito cavalleiro do sr. Mendonça o Costa. Folgamos.

* * *

As manas Reos, resolveram adquirir no *water-proof* da rua Augusta a unica peça de vestuario que lhe faltava para complemento da sua *toilette* masculina...

* * *

Entre marido o mulher:

Elle:—Est'anno na Trindade
Vou fazer estardalhaço,
Enredar meia cidade
Co'o meu fato de palhaço!

Ella:—E' de riso pasmoso!
Se am palhaço te encapotas.
Tu, que volho o desgeitoso,
Nem sequer dás cambalhotas!

PAN-TARANTULA

NOTICIAS DIVERSAS

Diz em phrase lastimosa
Um jornal de Celorico
Qua o doutor Freitas Barboza
Hontem quebrou um pé..

Perdia-se hoje na barra
O palhabote *Fernando*,
Do commando
Do capitão Gil Lacerda,
Se um francez que vinha a bordo
Não gritasse com aprumo,
Ao barco indicando o rumo:
—*A' la mer*...

N'um theatro ao Campo Grande,
Com successo extr'ordinario,
Representou-se a Mascotta
O successo foi tão grande,
Que actor's, publico, emprezario
Tudo pedia bis..

O barão de Canajá,
Transpondo a porta da sala:
—Minha mulher não está cá?...
—'stá cá... por isso não falla.

—'stando cá.. não se percebe..
Explica-te!—ordeno! mando...
—Se a senhora não recebe
E' mesmo por 'star ca...

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O TORCATO

P'ra se fazer uma ideia
Do pequenito Torcato,
Não basta fazer ideia
— É mister ver-lhe o retrato.

Doce encanto do papá,
Meigo enlevo da mamã,
Faz *burro velho* — e até já
Sabe pedir hao... hao... hao...

Já tem dois dentiohos novos,
Com que ao almoço trabalha.
A comer assorda d'ovos
Como um burro come palha...

—Que criancinha tão terna!
Exclama o pae, diz a mãe,
Ao vel-o sobre uma perna
Do Soisa, a fazer *tem-tem*.

Mas o'isto o Sousa, ligeiro,
Atira-o fóra d'um gesto...
Porque o Torcato brejeiro
Não fez *tem-tem*... fez o resto...

A ateouar-lhe essas culpas,
Só de bébés porcalhões,
O pae desfaz-se em desculpas,
A mãe desfaz-se em perdões.

—Tudo afinal se desfaz...
Co'os seus botões pensa o Soisa...
Até o proprio rapaz
Se desfez... mas o'outra coisa...

PAN-TARANTULA.

STUAR CUMBERLAND

As experiencias do *adivinho* Cumberland são bastante conhecidas para que d'ellas façamos menção escripta, limitando-nos por isso a fazel-a desenhada.

O nosso collega Manoel Gustavo teve a honra e o praxer de ser chamado pelo *adivinho* a fazer uma experiencia semelhante á que o sr. Cumberland fizera em tempo com o principe de Galles.

O nosso collega deve estar muito cheio de si, porque se mostrou n'aquella experiencia, guiado pelo sr. Comberland, um perfeito principe de Galles—até na imperfeição do desenho.

A MASCARADA DO SALS'S CLUB

O CARRO DA LOIÇA DAS CALDAS

POR AHI...

Memento homo quia tremoscæ est...

Isto da frase consagrada é como que uma especie de molho de pastelleiro: serve para temperar todos os pratos, desde a simples carne assada d'um sermão de cinzas até o apimentado serrabulho d'uma chronica de carnaval.

Ao auctor da sentença com que encimamos o nosso artigo—e, na ausencia do auctor, a seus respectivos e respeitaveis manes—pedimos desculpa da substituição de *pulvis* por *tremoscæ;* mas bem deve comprehender que, para o nosso caso, o *pulvis* não vem nada a proposito, ao passo que o *tremoscæ* está mesmo dizendo ginjas.

No tempo em que essa afamada sentença caía do pulpito abaixo, tinha o *pulvis* toda a razão de ser, visto como a animação dos carnavaes d'essa época se aferia especialmente pelo dividendo das fabricas de pós de gomma.

O illustre prégador, declamando para os seus freguezes: *memento homo quia pulvis est,* não queria mais de que dizer na sua: lembra-te homem de que és pó desde a cabeça ate os pés e que precisas, por conseguinte (e por asseio) mandar esse corpo á infundiça!

Ora, presentemente, já não militam as mesmas razões para que se imponha á humanidade o doloroso sacrificio d'um banho de tina.

Os pós de gomma passaram de moda, mercê dos editaes do governo civil, ao passo que o tremoço veiu substituil-os, mediante a iniciativa do *Turf Club.*

No momento em que escrevemos — meio dia de quarta-feira de cinza—não ha decerto em Lisboa uma unica pessoa que não tenha ainda alguns tremoços subrepticiamente alapardados na farpella.

E por isso nós dizemos: *memento homo quia tremoscæ est,* que é assim como quem diz: lembra-te homem de que és tremoços desde a cabeça até os pés; despe-te, esquadrinha a roupa branca até os refegos das ceroilas, na certeza de que ainda has de encontrar um bom par de tremoços...

* * *

A Avenida gentil aproveitou o dia de Entrudo para dar um cheque mortal no seu grosseiro competidor — o Chiado.

Emquanto este arremeçava tremoços á cara dos transeuntes, espargia aquella violetas aos pés de quem passava.

Isto determinou, como era de prever, uma vasante muito sensivel no Chiado e uma enchente immediata na Avenida.

Todos comprehenderam ser coisa preferivel que nos encham o collo de flores a que nos vasem um olho com tremoços.

A Avenida foi pois uma triumphadora — como actualmente se diz.

Triumphadora até o ponto de converter á religião da camelia os mesmos que, minutos antes, professavam a idolatria do tremoço!

Ora digam se não é verdadeiramente assombroso que que os socios do *Turf Club,* aquelles que no Chiado atiravam tremoços, como as catapultas arrojavam pedras, viessem depois para a Avenida distribuir camelias e violetas sobre os collos femeninos, e distribuil-as com a delicadeza, o cuidado, o quasi temor de quem tem a alta comprehensão d'aquella phrase gentilissima: «n'uma mulher não se bate nem com uma flor!»

Francamente, que achâmos demasiada aquella cortezia de atirar raminhos de flores com a regularidade, o methodo, a precisão de quem receia quebrar as ventas ao seu semelhante.

Ficámos até preplexos sobre se, um tão notavel contraste na forma de atirar tremoços e violetas, em vez de ser influencia de local não seria antes deficiencia de noções botanicas...

— Quem sabe, pensámos nós, se estes elegantes mancebos imaginam que o tremoço é uma florinha delicada, da familia dos myosotis a que, como tal, se póde despejar ás saccas sem offender o chapeu alto de cada um, ao passo que um raminho de violetas equivale a uma carrada de aboboras meninas, que fôra brutal arremeçar sobre o collo das meninas que não são aboboras...

* * *

Nos theatros, durante as representações, a bisnaga desempenhou um papel ainda mais importante do que os proprios protogonistas das peças!

O publico de Lisboa convenceu-se finalmente de que uma recita carnavalesca não requer propriamente a concentração de espirito nem a gravidade de attitude proprios de um sermão de lagrimas, e assim desatou a bisnagar a torto e a direito, este esguichando a ingenua fulana, aquelle seringando a dama central beltrana, cada um consoante o seu fraco ou as suas predilecções...

Póde afoitamente dizer-se que a bisnaga tocou as raias do delirio.

Desconfiamos mesmo que chegou a tocar mais alguma coisa, porque houve sujeito a quem a agua da metropole—devidamente chrismada em agua de *colonia* — saía pelo atado das ceroilas, depois de lhe haver entrado pelo peitilho da camisa!

E o mais curioso é que a propria agua se divertia n'essa evolução, aproveitando o ensejo de tambem se mascarar...

Em um dos theatros ouvimos nós o seguinte dialogo, travado entre a agua que pingava das ceroilas d'um sujeito e a bisnaga que a vertêra no coleirinho do mesmo sujeito:

— Adeus, ó bisnaga! não me conheces?...

A bisnaga, muito intrigada, mirando a agua desde a cabeça até os pés:

—Não! não te conheço... A voz não me é extranha... Parece-me que já a ouvi uma vez ao pé da torneira do contador... Mas não te conheço; palavra de bisnaga!

Havia de conhecel-a boas coisas; se a agua entrára branca de neve pelo colleirinho abaixo e agora saía das ceroilas mascarada de preto como um chamiço...

* * *

E agora encerremos á chronica, já porque não temos mais que dizer—tão exhuberante de assumptos foi a semana carnavalesca—já por ser hoje o dia em que nós costumamos jantar com um nosso amigo que é escrivão da Boa Hora.

E que jantarão que nos espera! E' obra para saírmos de lá depois da meia noite, abarrotando de bons bocados, e, sobretudo, extremamente penhorados por aquella proverbial amabilidade do dono da casa, a qual amabilidade, na maioria dos casos, não passará d'uma figura de rhetorica, mas que, no nosso caso e na casa do nosso amigo escrivão é um facto averiguado —todas as quartas feiras de cinza.

E d'esta amabilidade terá o leitor uma prova, se tiver um amigo escrivão da Boa Hora, e poder ter a felicidade de jantar hoje em casa d'elle.

Assim como, em casa de cortador, se deve ir jantar n'um sabbado d'alleluia; em casa de ministro da fazenda, em dia de votação d'emprestimo nacional; em casa de prior, no dia d'um enterro que tenha mettido berlinda e coche; assim tambem, para jantar em casa de escrivão da Boa Hora, se deve escolher a quarta-feira de cinzas, que constitue, pelo numero de multas impostas e de fianças exigidas, o faustoso jubileu d'aquella santa gente...

Vamos pois jantar a casa do nosso amigo escrivão e lá beberemos um copo de Porto generoso á saude do leitor...

*

* *

Ficámos roubado!

D'esta vez não abiscoitámos nem jantarão nem amabilidade do dono da casa!

O nosso amigo escrivão recebeu-nos com uma cara de palmo e meio e uma talhada de cosido apenas de meio palmo.

Perscrutando as razões causaes d'aquella superabundancia do rosto duro e d'aquella dificiencia de carne igualmente dura, viemos a saber que o nosso citado amigo tivera hoje no seu cartorio apenas um caso de transgressão, succedendo-lhe para mais aggravo não poder ser exigido o pagamento da fiança ao auctor d'essa transgressão!

Imagine o leitor que o parocho de uma das freguezias de Lisboa levára a familia para a janella da sacristia, d'onde se gosava perfeitamente o que passasse na rua, que era uma das mais animadas na terça feira de entrudo.

Lá a folhas tantas, os pequerruchos do prior—isto é, da respectiva familia—inspirados pelo que tinham visto praticar ás janellas do *Turf Club*, desatam a atirar para a rua com os côtos de cera, o cisco do thuribulo, o vinho das galhetas, tudo, emfim, quanto pilhavam na sacristia! Estavam quasi resolvidos a atirar com o proprio sacristão, quando o policia que fazia serviço na rua e presenciara o attentado dos côtos, do cisco e das galhetas, bateu violentamente á porta da sacristia:

—Trua! trua!

—Quem é? perguntou de dentro o sacristão que estivera por uma unha negra a baldear da janella abaixo.

—Abra em nome da lei! intimou o guarda com a voz grossa das occasiões solemnes e do vinho do Samouco.

—Quer *qu'abra?* aproveitou o sacristão (que é primo do Mendonça e Costa) para fazer um appellido do sr. seu primo. E abriu.

—Como se chama o dono ou dona d'esta casa? inquiriu o policia.

—Ora essa! Isto aqui é a casa de Deus! retrocou o sacristão fazendo a mesura do estylo.

O policia tomou nota no seu caderno e foi esta manhã, contente como um rato, pedir as alviçaras da autuação ao tal nosso amigo que é escrivão da Boa Hora!...

E aqui está porque o nosso amigo tinha hoje—contra o costume de todas as quartas-feiras de cinza—uma cara de palmo e meio e um taçalho de cosido apenas de meio palmo.

E o peior foi que, dando-se a transgressão n'uma sacristia, onde por certo não faltam cruzes, o nosso amigo não visse as cruzes ao dinheiro e nós ficassemos a fazer cruzes na bocca...

PAN-TARANTULA.

NO BARBEIRO

—Deseja fazer a barba... sim?...

—Não! Apenas uma penteadella...

CUMBERLANDISMO

N'esta enorme viveiro que se chama a terra e em que cada paiz representa um passaro, soube a natureza esperta conceder a cada um d'esses passaros trilo differente e plumagem variegada, afim de evitar quanto possivel as luctas do despeito, as guerras do ciume, as brigas da inveja, tão peculiares entre officiaes do mesmo officio.

Se todos cantassem pelo mesmo estribilho não faltariam rivalidades e era pancadaria de criar bicho.

Assim, já não se afrontam reciprocamente, e a vaidade faz o resto, pois que cada um anda persuadido da sua superioridade sobre os demais.

Este canta a agricultura; aquelle a industria; est'outro o commercio; aquell'outro as artes; cada um a seu gosto e conforme a sua especialidade.

*

* *

*

O CARNAVA

A *batalha das flores*, iniciada este anno na Av
pelo mascara elegante, distincto, bem creado, no m
o pontapé seja de ordem a não o deixar levantar d
sinceramente lhe desejamos.

L DE 1887

ida da Liberdade, foi como que um pontapé arrumado
bundo *chéché*, porco, desengraçado, mal fallante. Que
cama senão para a tumba dos gatos pingados, é o que

Portugal é que não tem especialidade conhecida, porque a natureza se esqueceu de lhe distribuir voz propria.

Isto é, tem uma especialidade: a do chamaria, imitando como pode o canto de todos os outros passaros.

De novo, de original, de nunca visto, quem dia lá que se invente para ahi uma só coisa?

Mas, a respeito de imitação, devemos confessar que ninguem nos leva a barra adiante...

Chega uma artista americana que passa tres minutos debaixo d'agua sem tomar o folego: apparecem logo dois mergulhadores portuguezes que fazem a mesma coisa durante cinco minutos!

Vem um andarilho italiano que atravessa em meia hora do Terreiro do Paço até Algés: surgem logo dez andarilhos portuguezes que correm no mesmo espaço de tempo da Ribeira Velha até ão Dá-Fundo!

Mostra-se um prestidigitador francez que faz desapparecer uma mulher magra á vista da multidão: descobrem-se logo trinta *curiosos* portuguezes que fazem desapparecer cinco homens gordos á vista da mesma multidão!

Apresenta-se um magnetisador inglez que adivinha o pensamento a meia duzia de pessoas: desvendam-se logo noventa magnetisadores portuguezes que adivinham o pensamento a um regimento de pessoas!

* *

E' este ultimo caso que se está dando em Lisboa depois da visita do adivinho Cumberland.

Já todos adivinham a muito melhor do que elle, podemos afiançal-o rasgadamente, pois que nós proprio fomos dos primoiros a realisar essas experiencias!

Ainda Cumberland não trabalhára diante do publico de Lisboa e já nós executavamos esses trabalhos na presença d'um grupo selecto, de que faziam parte Alfredo Ribeiro, que era um descrente de primeira ordem, a o prior de uma das freguezias de Lisboa, que era descrente de ordem ainda superior, mas que não teve remedio senão dar as mãos á palmatoria victoriosa do nosso cumberlandismo!

No sabbado gordo executámos sete ou oito experiencias no theatro de D. Maria, no camarim de Amelia da Silveira, essa formosa artista que é um verdadeiro *bouquet* de nervos — medico-madrigalescamente fallando — a que por isso se impressionou bastante do nosso cumberlandismo.

Qual seria porém o nosso espanto, quando, ao voltar alli na segunda feira immediata, encontramos Amelia da Silveira executando o mesmo genero de trabalhos, a com uma superioridade tal de perfeição que nos obrigou a metter immediatamente a nossa viola, isto é, o nosso cumberlandismo no sacco!

* *

E a estas horas, estamos certo, já nove decimos de Lisboa teem a sciencia de Cumberland mettida de portas a dentro.

Assim como no numero antecedente explicámos ao leitor a maneira de executar aquelle genero de trabalhos, assim hoje lhe aconselhamos a maior fiscalisação, sempre que elles tenham logar em sua casa, e muito especialmente quando o adivinho seja rapaz desempenado—e execute o papel de *sujet* alguma das senhoras da familia.

Será bom não os deixar sair da sala com o pretexto de que o objecto pensado está n'um dos quartos contiguos; sobretudo quando o corredor não tiver candeeiro de petroleo...

Em experiencias de magnetismo todas as cautelas e todos os candeeiros de petroleo são poucos...

PAN-TARANTOLA.

O SARAU DO REAL GYMNASIO CLUB

Quando, muito recentemente, começou a adoptar-se nos collegios portuguezes o ensino da gymnastica e principiaram portanto a apparecer por ahi os professores d'aquella arte, esses desventurados professores eram encarados pelas mães de familia com um horror apenas comparavel ao que experimentavam os filhos de mesma familia quando esbarravam de chapa com o limpa-chaminés.

—Que monstro! pensavam as amoraveis mães, estremecendo até os tutanos, em vendo um professor de gymnastica; é preciso ter o coração mais duro de que um calhau, para ganhar a vida torcendo os braços e as pernas ás creancinhas...

Porque a verdade é que todas essas amoraveis mães viviam persuadidas de que a gymnastica escolar consistia, primeiro de que tudo, em fazer aos braços e ás pernas das creancinhas o mesmo que a lavadeira de Caneças costuma fazer aos lençoes da cama o ás rodilhas da cosinha: torcel-as e retorcel-as, até lhes dar a forma d'um saca-rolhas!

Ora os trabalhos executados no brilhante sarau do Real Gymnasio Club pelos discipulos da Escola Academica e do collegio Arriaga, onde ensina o distincto professor Monteiro, vieram demonstrar ás assustadas mães de familia que a gymnastica escolar não torce coisa nenhuma a pessoa alguma, e que, mediante a aprendizagem d'essa gymnastica, os seus enfezados pequerruchos se transformam n'uns rapazes desempenados, sem se transformarem n'uns palhaços de circo, como todas erradamente imaginavam.

PANDEGO A FORÇA

MEIA NOITE

— Diabo! o entrudo acaba, e eu sem mostrar que sou um pandego!... Mas como?...

UMA HORA

— Ora como?! Assim mesmo! Mascarado de *pierrot*, e toca para o delirio do baile!

UMA E UM QUARTO

— Nada! Estou muito murcho... Isto não vae sem um copinho de genebra...

UMA E VINTE

— O moiro chama-me estupido, a pastorinha chama-me besta... Decididamente estou muito murcho...

UMA E VINTE E CINCO

— Isto ja não vae sem um copinho de granito estomacal!

UMA E MEIA

— Agora, que o espirito começava a chegar-me á cabeça e eu principiava a chegar-me para as mulheres, é que este diabo me chega a roupa ao corpo!...
Isto já não vae sem um copinho de absyntho!

UMA E TRINTA E CINCO

— E agora, que eu estava tão quentinho, é que a policia me põe ao fresco!

DUAS HORAS

— Não me faltava mais nada senão uma sova de minha mulher... Isto é, falta-me ainda uma sova de minha sogra...

CASOS, TYPOS E COSTUMES

A PROVINCIA EM LISBOA

Vindo lá da sua terra,
Eil-o em Lisboa, o Themudo,
Resolvido a andar na berra
Durante os dias d'entrudo.

Com bisnagas sempre em barda.
A bisnagar toda a gente,
Leva um murro á rectaguarda,
Leva outro murro na frente.

E como, em voz alta, exprima
Palavrão pouco cortez,
Não cae por pouco—inda em cima—
Nas unhas do 33...

Ao vêr um pagem perfeito,
Co'o peito ámostra, sem roupa,
P'ra fazer pulsar-lhe o peito
Põe-lhe o peito n'uma sopa...

Cada um co'a sua *turca*,
Vão p'ra o baile ás dez a um quarto,
—Era polka, era mazurka,
Era valsa que te parto!...

Com ella, prompta a seguil-o,
N'um gabinete penetra.
Segue-se a ceia do estylo:
Ostras, vinho... e tal *et cet'ra*...

Quando ao moço da taberna
Paga a conta o papa-assorda,
O pagem *passa-lhe a perna*
—Que, por signal, é bem gorda...

E elle pensa, após a ceia,
Na mais pungente arrelia:
—Fica ao *outro* a bolsa cheia
E eu levo a bolsa vazia!

PAN-TARANTOLA.

O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL

— Esta ali fóra o sr. conde de Raillac, a perguntar por *aquella coisa* que estava combinada para antehontem, que foi o dia 1.º de março...

— Diga ao sr. conde que n'este momento não posso fazer negocio, porque já não tenho saccos disponiveis.

POR AHI...

Hontem, ás duas horas e meia da tarde, uma dama notavelmente gentil e trajando no rigor da mais aprimorada moda, transpunha a passos curtos mas apressados os corredores do ministerio do reino que conduzem ao gabinete do sr. ministro respectivo.

—S. ex.ª está? perguntou muito interessada ao continuo do gabinete.

—Está, mas não falla, respondeu o interpellado, n'aquella altiva sequidão só propria dos continuos e dos arenques seccos... seccos... seccos...

—Nem por mimica? perguntou ingenuamente a dama, imaginando que o sr. José Luciano não fallava nunca, que era surdo-mudo de nascença.

A este tempo sahia do gabinete de s. ex.ª um massador qualquer; e o continuo, aproveitando o ensejo de annunciar ao sr. ministro a nova pretendente, voltou em breve, proferindo com um gesto de paternal assentimento:

—Pode entrar; s. ex.ª manda introduzil-a.

A dama ruborisou-se da côr do *char-a-banc* do Grandella, mas entrou afoitamente.

O sr. José Luciano reconheceu logo que tinha na sua presença uma das mais formosas actrizes portuguezas.

—É particular o que tem a dizer-me? interrogou afavelmente o ministro.

—Muito particular, confessou a dama.

O continuo, que é ainda do tempo em que foi ministro o sr. Barjona de Freitas, fez meia volta á direita e veio cá para fóra, cantarolando por entre dentes:

—As irmãs da caridade
Pum!

De que se trata pois? perguntou o sr. José Luciano.

—De eleições, respondeu a dama.

—Porque circulo?

—Pelo meu...

O sr. José Luciano puxou a cadeira meio metro á rectaguarda.

—Julgava quo me vinha fallar das eleições de deputados...

—Enganou-se; fallo-lhe da eleição que hade dar o penacho de mais formosa a uma das actrizes portuguezas; e eu quero para mim esse penacho!

—Mas eu não o tenho...

—Mas póde cooperar efficazmente para que a eleição se vença no meu circulo.

—Nada, nada... Não entro n'isso...

—Ora entre... peço-lh'o eu... Basta que me dê duas ou tres licçõesinhas que me habilitem...

—Quo a habilitem a quê? santa Virgem de Nazareth!

—Que me habilitem a montar...

O sr. José Luciano levantou-se d'om pulo não a deixando concluir.

—Perdão! respondeu muito formalisado; a senhora enganou-se no caminho: eu não sou o picador Diamantino nem o picador-maestro Antonio Duarte; a respeito de equitação tomára eu saber para mim quanto mais para ensinar os outros...

—Mas o que eu desejo que v. ex.ª me ensine a montar é simplesmente... a machina eleitoral... afim de eu conseguir ganhar a eleição...

* *

Por este simples facto facilmente se pode avaliar a alta importancia da lucta eleitoral que vae travada entre as artistas dos theatros portuguezes!

E, como se vê, os processos empregados pelas formosas *candidatas*, no empenho de vencerem a eleição conquistando o fôro da mais formosa, não diferem absolutamente nada das tricas eleitoraes postas em acção pelos partidos politicos de todas as parcialidades, a proposito da eleição de deputados que nos está batendo a porta.

Assim como, a artista a que acima nos referimos, se empenha na montagem da machina eleitoral, assim outras buscam pelos demais processos trivialmente conhecidos chamar sobre si a adhesão dos eleitores, afim de conseguirem a ambicionada maioria do votos.

Uma actriz do theatro da Trindade, por exemplo, foi hontem vista á Cruz do Taboado, no estabelecimento das fressureiras, a fazer uma importante provisão de mãosinhas de carneiro, para regalar — com batatas — o bandulho dos seus numerosos eleitores.

Outra, do theatro do Gymnasio, adoptando a variante seguida em tempo pelo jayme da Costa Pinto na eleição de Caparica, e respeitando commulativamente as prescripções da quaresma que vamos atravessando, tenciona fazer servir aos eleitores uma planganada de magnifico bacalhau—sem batatas, para variar.

Ainda uma terceira, do theatro do Principe Real, optando pelo processo das conesias aos eleitores, tem promettido conesias a torto e a direito, affirmando-se mesmo que já deu varias conesias por conta, a alguns eleitores mais exigentes...

* *

Mas esta coincidencia, verdadeiramente notavel, de se realisarem ao mesmo tempo as eleições masculinas de deputados e as femeninas de belleza, além de representar, na opinião de pessoas circumspectas, um attentado contra a moral publica, visto como, no momento em que se cuida de eleger os paes da patria, semelhante embrulhada de eleições com elemento feminino póde muito bellamente dar em resultado que, em vez dos paes esperados, saiam eleitos alguns inesperados filhos; além de representar aquelle attentado, como diziamos, produz ainda, na pratica dos trabalhos eleitoraes, uma confusão diabolica, que já tem dado logar a mais d'um *qui-pro-quo* entre cavalheiros de elevada posição social.

Ainda hontem, por exemplo, o sr. marquez do Vallada foi procurado por um alto influente do partido regenerador quo lhe ia pedir o voto para as proximas eleições.

Sabida como era do sr. marquez a dedicação d'esse personagem pelo partido de que ambos fazem parte, calculou naturalmente que se tratava do candidato regenerador á representação nacional, e assim cuidou apenas de inquirir a seu respeito umas breves explicações, afim de poder votar com a consciencia desafogada.

—E que tal? perguntou, referindo-se ás aptidões do candidato regenerador.

—O melhor que ha... Não imagina! Cabellos negros como ortix, labios vermelhos como coraes, dentes brancos como perolas, cutis rosada como rubis, olhos...

—Olhos tambem de montra d'ourives, como todas as outras partes? perguntou o sr. marquez, muito interessado na narrativa.

—Exactamente! olhos dignos da loja do **103**... Olhos azues como saphyras...

(Continúa na 6.ª pagina)

ELEIÇÃO DA MAIS FORMOSA ACTRIZ

Como a maior parte das pessoas da provincia não possa concorrer a eleição proposta pelo *Correio da Manhã*, em vista de não conhecer as nossas formosas actrizes, julgamos prestar um alto serviço a essas pessôas publicando aqui os retratos das artistas mais notavelmente bellas que pisam os palcos de Lisboa.

Garantimos a rigorosa similhança dos nossos retratos com os respectivos originaes.

--Toca a preparar a urna...

AS ELEIÇÕES

—Ai Jesus! como saphyras, deve ser de se lhe tirar o chapeu!... E como se chama? diga-me como se chama o nosso querido correligionario?

—Qual correligionario nem qual carapuça! Então v. ex.ª imagina que eu perco o meu tempo a occupar-me de eleições politicas quando se trata de eleger a mais formosa das actrizes portuguezas?! E' por a eleição *d'ella* que me tem aqui; é para ella que eu lhe venho pedir o seu voto...

—Votar n'uma mulher! exclamou o sr. marquez, no auge do supremo espanto; v. ex.ª errou o numero da porta, com toda a certeza!...

E, em seguida, fulminando-o com um d'aquelles olhares de desprezo capazes de metter pelo chão abaixo a propria serra do Marão:

—Eu cá não sou d'esses!...

PAN-TARANTULA.

CHAPELLARIA UNIVERSAL

126, R. DE SANTO ANTONIO, 130

PORTO

Victor Coitinho
& companhia,
Chapellaria
Universal,
Faz chapeus altos,
Baixos e chatos,
Caros, baratos,
Et cet'ra e tal.

Faz mais que dez
Mariannos juntos,
N'estes assumptos
De *chapellada!*
—Algum freguez
A que aconteça
Não ter cabeça,
Não paga nada.

Na Avenida, á hora em que o sol se vae sumindo e a vontade de jantar vem apparecendo.

Influente eleitoral: — Olha lá, ó Gustavo: tu já escolheste lista?

Gustavo: — Tenho andado a pensar n'isso e escolhi agora mesmo.

Influente: — Certamente a lista do governo, que é a que mette melhor gente...

Gustavo: — Não! Escolhi a *lista* do Tavares, que mette sopa de camarão...

No salão d'um theatro.

1.º caixeiro: — Adeus, ó Serapião! já não ha quem te veja! Desde o ultimo baile de mascaras na Trindade que não te punha a vista em cima!

2.º caixeiro: — Tenho estado a descançar das folias carnavalescas. Não imaginas como eu me diverti! Apanhei um costume de turco e corri todos os bailes!

1.º caixeiro: — Pois a mim succedeu-me exactamente o contrario: apanhei a *turca do costume* e fui corrido de todos os bailes.

QUAL A ACTRIZ MAIS FORMOSA?

Sobre a questão que vigora,
De qual mais formosa seja,
Recebemos mesmo agora
Esta carta lá de fóra,
D'um compadre, de Estarreja:

«Compadre: li n'uma folha
Que anda tudo em polvorosa
N'essa eleição, n'essa escolha,
Pois quem mais votos recolha
Provará ser mais formosa,

Virginia já tem setenta;
E mais, decerto, inda apura.
Será Virginia quem renta?
Quem, por final, se apresenta
Eleita da formosura?...

Se assim fôr, grito e protesto,
Do *quico* ao tacão da bota,
Co'a voz, co'a penna, co'o gesto,
Por se tornar manifesto
Que a eleição metteu batota!

Eu só vejo, entre as pequenas
Que trabalham no theatro,
Sejam brancas ou morenas,
Uma formosura apenas;
—Aquella que amo, idolatro!

Essa sim, que é como os figos...
—Os *maduros* não tem pár—
Tal como os trastes antigos,
Aqui p'ra nós—entre amigos—
E' de lavar e durar...

E atraz de mim — juro! aposto!—
Virá votar gente séria!...
E eu, de altivo, erguido rosto,
Cumpro um dever de bom gosto
Dando o meu voto... á Valeria!

Meu voto n'esta eleição,
Compadre, não me discutas.
Tem Valeria algum *senão?*
Que o tenha!—Diz o rifão:
Em gostos não ha disputas...»

PAN-TARANTULA

CONTOS EM BRANCO

Inauguramos hoje esta nova secção, a qual, nos parece, deverá agradar a todos os nossos leitores que disponham d'um bocadinho de paciencia e de igual dóse de espirito.

Os que estiverem nas circumstancias requeridas, queiram mandar-nos o producto das suas locubrações, em prosa ou verso, constando da interpretação que deram ao conto e explicando uma por uma as gravuras de que elle se compõe.

Aquelle que tiver a ventura de imaginar uma interpretação mais fiel e mais espirituosa, apanhará um brinde como premio da sua esperteza, sendo além d'isso proclamado nas nossas paginas como *alho* de primeira qualidade.

Toca a puxar pela imaginação!

CONTOS EM BRANCO

COPIA DE BUSCH

O ASPECTO DAS POTENCIAS

Apparentemente todos estendem a mão com que se aperta a dos amigos, mas cada um occulta na outra mão o cacete ferrado com que se espera os inimigos...

A MAIS FORMOSA

Eil-a! a que a eleição proclamou mais formosa das actrizes portuguezas, e a quem nós — profundos respeitadores do suffragio universal — apresentamos por isso sob a forma de Venus de Milo, que é a Venus tambem reconhecidamente mais formosa entre todas as outras — sem dependencia de suffragio

POR AHI...

O leitor que tiver o assentamento de baptismo lavrado por ecclesiastico contemporaneo d'aquelle que nos ministrou o sobredito sacramento; isto é, o leitor que já não tem as aguas-furtadas faciaes isentas de pés de gallinha, os tecidos capillares immaculados de agua circassiana e o sitio denominado *das cruzes* virgem de alfavaca de cobra; o leitor da nossa idade, em summa, hade necessariamente lembrar-se, como nós nos estamos lembrando agora, d'um episodio bastante commum, ha coisa de vinte annos, n'aquelles celebres dramas sentimentaes que nos forneciam pranto por avença, facultando-nos regar a platéa do theatro com lagrimas de meio quartilho.

O protogonista d'esses dramas era frequentemente um conde de linhagem muito antiga, cujo condado vinha lá de tão longe, de tão longe... que ninguem já sabia bem ao certo d'onde elle vinha — exactamente como está acontecendo com estes condes que ha pouco tempo começaram a borbulbar na folha official e que se teem multiplicado de maneira a assumir o aspecto grave d'uma brotoêja contagiosa...

O conde protogonista atravessava sempre, durante os primeiros actos do espectaculo, uma vida de deboche infernal, ampla de priapicos saleifrés no interior do seu solar e recheiada de esperas de toiros na estrada de Carriche; até que um bello dia, ali pelas alturas do quarto acto, se encontrava positivamente sem vintem, chegando mesmo a empenhar na casa de prego do Mó o seu formoso gibão de setineta côr de canella, graciosamente enfeitado de galões doirados e amarellos—a passamaneria economica com que se alindavam então todos os senhores feudaes e se guarnecem hoje todos os caixões de pinho...

Chegado ao suprasummo da mais requintada pelintrice, o conde arruinado acabava fatalmente por cair nas unhas de qualquer famigerado Baptista d'Alcantara — que tambem entrava na peça — e o qual Baptista lhe emprestava sordidamente uns miseraveis patacos, com a condição porém de que o apelintrado conde lhe assignaria obrigação de cedencia de todos os seus bens, direitos e acções, incluindo a pelle do burro esparvonado que ainda se ficara nas cavallariças do solar e a herança hypothetica d'um tio minhoto que fôra a tentar fortuna nas terras de Santa Cruz.

O conde protogonista annuia immediatamente a todas as propostas do Baptista da peça e agarrava logo na obrigação, para a assignar de cruz — systema porque assignavam os condes d'aquelle tempo e continuam a assignar os condes de todas as datas.

N'esse momento porém surgia uma difficuldade que punha a negociata do Baptista em risco de malogro e os espectadores da plateia n'um fervedoiro d'anciedade: o doidivanas do conde não tinha tinteiro no seu solar da Normandia e o agiota do Baptista perdera o lapis no americano da Pampulha!!!

Então o conde, inspirado d'uma ideia seguramente luminosa, trepava sobre a cadeira de palhinha onde se haviam rompido os fundilhos dos seus antepassados, arrancava da panoplia solarenga um punhal de fina lamina —filho de Toledo e afiado de vespera nas officinas do Polycarpo—arregaçava a manga da camisa para não salpicar de sangue os punhos de celuloide, e, mergulhando o punhal no sangradoiro, como quem mette um aparo Gillot n'um tinteiro de loiça das Caldas, assignava com o proprio sangue o pergaminho da obrigação de divida, recebendo, em cambio de tão valorosa resolução, os applausos da platéia, juntamente com a patacaria do usurario!...

Mas deixem-nos meditar agora no aproposito a que vem este longo incidente theatral, em que nos espraiámos por forma a perder completamente a orientação da nossa chronica...

Ah! sim... agora nos recorda...

O caso do fidalgo que assignava com o proprio sangue azul, pelo motivo de não ter á mão nem uma gota de tinta preta, vem a proposito de nós estarmos escrevendo a presente chronica no peitilho da camisa, em rasão da falta absoluta d'um caderno de papel almaço!...

A eleição por partidas dobradas que se realisou no ultimo domingo, eleição do formosura e eleição de deputados, uma que devia dar a palma á mais formosa filha de Eva, outra que devia trazer os loiros aos mais talentosos paes da patria; essa eleição duas vezes renhida, duas vezes disputada, acabou por consummir em listas de votação todo o papel de que se atulhavam os estabelecimentos de Lisboa bem como as fabricas da Thomar, do Tojal e da Abelheira!

A proposito da fome rapada pelos mineiros exploradores das minas da California, conta-se que um d'esses trabalhadores arrancára sofregamente das entranhas da terra um volume qualquer, que pouco depois verificava ser um bello pedaço de oiro puro, ao qual atirava fóra, resmungando muito contrariado:

—Ora adeus! e eu a julgar que era uma batata!

Pois com o caso das recentes eleições presenceiámos á porta da freguezia um episodio semelhante.

Um eleitor qualquer preparava-se para confeccionar a sua lista, votando nas pessoas dos srs. Julio José Pires e Gabriel José Ramires, os dois Josés mais conhecidos d'este mundo, depois do celebrado José do Egypto, que deixou a vestia nas mãos da mulher de Putifar—como se ella, em logar da vestia do José, não preferisse antes o José da vestia...

O eleitor desejava pois votar n'aquelles dois Josés, mas a respeito de papel para fazer a lista não apparecia nem uma amostra!

Vasculhando em todas as algibeiras, lá conseguiu encontrar um bocado de papel, que era uma nota de cincoenta mil réis.

Deu-se uma scena semelhante á do mineiro da California: o eleitor atirou a nota para a sargeta, exclamando no cumulo do desespero:

— E eu muito contente da minha vida, suppondo que era uma folha de papel em branco!

Se por aqui ainda se não fizesse uma idéa do papel consumido n'aquellas eleições, bastaria então referir que os ultimos enthusiastas da eleição femenina já não encontraram nem uma folha de papel velino na loja do Jasmim dos Verissimos Amigos e que os derradeiros apaixonados das eleições masculinas já não apanharam nem um resquicio de papel pardo no estabelecimento das cinco portas que olha para o largo de S. Carlos!...

Na eleição da mais formosa actriz nós resistimos heroicamente a quantos ardilosas artimanhas empregaram differentes *candidatas* para nos subornar a consciencia.

Podemos assegurar aos nossos leitores que fomos d'uma incorruptibilidade ainda superior á do ferro Leras!

De balde a actriz *** nos convidou para uma opipara ceia, com ostras cruas de entrada e veniaga com tangerinas á sobremesa.

Saboreámos todas as ostras, chegámos mesmo a provar dois gomos de tangerina, mas a respeito da veniaga não lhe tocámos nem com a pontinha do dedo *maminho!*

Debalde, tambem, a actriz .... nos quiz abiscoitar o voto, pelo processo mais trivialmente seguido, dando-nos a cheirar perto das narinas dilatadas um prato de juramentos do carneiro do seu affecto guisado com batatas!

Debalde, igualmente, a actriz ***** nos quiz impingir uma lista, sob promessa solemne de nos collocar vantajosamente n'um emprego rendoso, vistoso, sem complicações de cabeça—e isento, ainda por cima, do pagamento dos respectivos direitos!

Debalde, finalmente, a actriz ****** nos quiz convencer a que fossemos á urna por sua intenção, adoçando-nos antecipadamente a bocca com uma caixinha de *bon-bons*, e promettendo-nos para depois da eleição um brinde, á nossa escolha, do bazar dos tres vintens!

E nós recusámos tudo isto!

Já a leitora vê que somos homem d'uma incorruptibilidade desconforme...

A grande maioria de votos obtida pelo governo na ultimas eleições explica-se claramente pelos processos de que antecipadamente lançára mão o sr. ministro da fazenda—o unico ministro que sabe tanger os foles n'esta questão de levar o eleitor á urna.

Inspirado de certo no systema do americano *Logajales*, que faz o reclame vivo da sua industria, expondo os productos á vista do publico, o sr. ministro da fazenda resolveu adoptar o mesmo processo de propaganda, relativamente ao carneiro com batatas que tinha de distribuir-se por occasião das eleições.

Foi assim que, uma semana antes de se effectuar o suffragio universal, se apresentava no Coliseu dos Recreios um tal mr. Crowther—que, pela profusão de condecorações nos pareceu o sr. Hintze Ribeiro, mas que, pela figura elegante e *toillette* grave, se assemelha ainda mais a um alferes de caçadores.

O tal mr. Crowther—que não é afinal senão um cortador de talho das relações do sr. Marianno—passou toda a semana a cortar carneiros á vista do publico, no proposito evidente de patentear em claro a perfeição d'aquelles animaes, destinados a encher a pança a quem quizesse encher a urna de listas do governo.

O engenhoso expediente surtiu os effeitos desejados, porque todos os espectadores que tinham visto o carneiro passado pela espada de mr. Crowther, o quizeram ver depois, passado pelo tacho do sr. ministro da fazenda...

E foi assim que os eleitores governamentaes tiveram um movimento extraordinario, semelhante ao dos canivetes-balanças, emquanto o sr. Marianno de Carvalho gritava satisfeito do gabinete do ministerio da fazenda—que representava, no caso presente, a tipoia do americano *Logajales*:

—ó... ó... ó... ó... ó... ó... ó... pum!!!..

* * *

Agora, assentava aqui, como noz moscada em almondegas de vitella, um longo capitulo encomiastico que pozesse bem em relevo os altos merecimentos do sr. Mariano, como galopim eleitoral; mas vemo-nos obrigados, muito a pesar nosso, a adiar para mais tarde tão justa homenagem, visto como nos falta a materia prima onde possamos lavrar a preto as ideias brilhantissimas que nos estão cachoando nos intestinos crancanos...

Se o leitor não tem memoria de galo, deve estar ainda lembrado de que, á falta de papel almaço, estamos escrevendo esta chronica no peitilho da camisa.

Ora o peitilho vae cheio de caracteres desde o cós do colleirinho até á presilha que o ampara nas ceroilas...

E nós não queremos de fórma alguma que um elogio a pessoas respeitaveis comece a estender-se pela fralda da camisa...

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

A secção encetada no nosso ultimo numero sob aquelle titulo, deu por certo no goto de muitos dos nossos constantes e inconstantes leitores, attenta a enormidade de interpretações do conto, que, durante a semana, foram entrando á formiga pelo escriptorio dos *Pontos nos ii*.

Ha duas horas que estamos banqueteando o nosso espirito com a leitura de todas essas interpretações, mas o nosso espirito começa a resentir-se d'uma tal ou qual indisposição gastrica. não sabemos se promovida pelo volume de acipipes ingeridos, se pelo mal cosinhado da maior parte d'esses acipipes—sobretudo no que respeita á deficiencia do condimentos salinos..

Assim, pois, das interpretações recebidas citaremos apenas uma em verso, de *Zacharias Varejeira*, que tem bastante graça; outra em prosa do nosso collega *A. Silva*, caricaturista do *Gharivari*, que está muito bem imaginada como interpretação politica; e outra emfim de *Pompilius—poeta da sanfona*.

É esta ultima que nos merece as honras da publicidade, não pela sua superioridade sobre as duas anteriores — fique sabendo o sr. *Pompilius* — mas porque, classificando todas tres em igualdade de merito, resolvemos resolver á sorte e a sorte tomou a resolução de resolver por *Pompilius*.

Pode pois solicitar na administração dos *Pontos nos ii* o brinde promettido, que é o volume do *Homem Primitivo*, luxuosamente encadernado (demos por elle bellos 4$000 réis) devendo justificar a sua identidade com a exhibição manuscripta do gracioso Mendonçacosta que encimava a sua poesia.

Eis o retrato de *Pompilius*, segundo o seu proprio *croquis*:

E eis os versos do referido *Pompilius*.

ELEI

A ETERNA

-Esperanças simples... promessas seccas. N
que me cheira... e eu para estas coisas não me gu

ÕES

RA-CEGA

! Vou-me antes ás realidades com batatas... Ah!
lecto: governo-me pelo olphato .

Fazia um sol de rachar,
Dardejando nas alturas;
E um pachiderme a flanar,
Sentiu, ó mana!... securas.

Acerca-se d'um regato,
—Puro caldo de castanhas—
Mette a tromba e sorve um jacto,
Para dar um banho ás banhas.

Um *pae paulino*—que bôlho!
Manda-lhe frecha certeira;
E, f'rido perto d'um olho...
Rompe o bruto em eboradeira.

Mas em breve, enraivecido,
Forte, fulo e furioso,
Volta-se e corre perdido,
Sobre o escarumba manhoso.

Agarra-o por uma orelha,
Co'a curva tromba valente;
E o *pae* gritava d'esguelha:
—Rasga tudo mia gente!

Sem soltel-o da prisão,
Como quem diz um segredo,
O bruto levava então,
O preto branco... de mêdo!

E chegando-se a um ribeiro,
(Não o Augusto da marinha)
Arroja o prisioneiro,
N'agua que redemoinha.

E sobre a feroz dentola
D'um vil jacaré immenso,
Pae sior blinca e ribola,
P'la tanga á tromba suspenso.

Depois, o mau pachiderme,
Tira o pretinho do môlho,
E quer pregal-a ao inerme,
Mesmo na menina do olho.

N'este intento, quando o triste
'stava de costas ás luzes,
Catrapuz!—de tromba em riste,
Injecta-lhe o bruto... as cruzes.

E salta, lampeiro, a rir,
De o vêr em breves instantes,
Em fuga veloz, cair,
Sobre cardos penetrantes.

Volta-lhe, após, os toicinhos,
Saboreando a vingança;
Deixando-o, qual porco espinhos,
A *esfranguiar* n'uma dança.

MORALIDADE

N'isto a moral é choruda,
Qual n'agua d'azeite a bolha;
«Ninguem deita a'mente aguda,
Que fructo agudo não côlha.»

Seu e meu
Pompilius—poeta da sanfona.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

NOVE MEZES

JANEIRO

Topou-a, Onofre,
Co'a mãe, na Baixa,
Botou, de chofre,
Paixão de escacha!

FEVEREIRO

Um mez passado,
Atam, lirós,
O mais sagrado
Dos varios nós.

MARÇO

Sempre em coneilio,
Qual mais se adora,
Era um idilio
A toda a hora..

ABRIL

Nas jantaroças
— Que gentileza! —
Davam beijocas
Por sobremeza..

MAIO

Passa-se o tempo
E um mez depois
Do passatempo
Cansam-se os dois.

JUNHO

Ella bisonha,
Elle de azia,
— Ai que medonha
Semsaboria!

JULHO

De fleuma baldo,
Pondo-se a prumo,
Grita que o caldo
Lhe sabe a fumo!

AGOSTO

Qual mais retoiça
Nas scenas bravas,
—É sempre a loiça
Quem paga as favas...

SETEMBRO

E dia a dia
Lá vae crescendo
Esta harmonia
Que se está vendo

PAN TARANTULA.

CASAMENTOS SIMULADOS

—Pelo caminho que vejo seguir ao *outro*, parece-me conveniente ir tambem arranjando as malas...

UMA OBRA DE ARTE

Foi tal — e tão justificado — o empenho de tanta gente em vêr a espada de honra offertada pelo sr. D. Luiz ao imperador da Allemanha, que julgamos lisongear o desejo dos que não poderam conhecel-a *pessoalmente*, offertando-lhes aqui o retrato, que poderão guardar para todo o sempre.

O que é certo é que o trabalho de ourivesaria, produzido nas officinas do joalheiro Leitão, e o trabalho da lamina, realisado no arsenal do exercito, com a collaboração do sr. Cassiano, representam um conjuncto de primores artisticos que muito folgamos de vêr apreciados no estrangeiro.

CESARIO VERDE

DE TARDE

N'aquelle pic-nic de burguezas,
Houve uma coisa simplesmente bella,
E que, sem ter historia nem grandezas
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Fostes colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos,
Nós acampámos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro a sahir da renda
Dos teus dois seios como duas rôlas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

Cesario Verde

Pela leitura d'estes poucos versos, tirados sem escolha de entre as inspirações de Cesario Verde, pode o leitor ajuizar um pouco da quanta originalidade expontanea e de quanto talento facil dispunha aquelle malogrado moço, que viveu quasi ignorado — tão extraordinaria foi a sua modestia — como ignorado ficaria de todo se Silva Pinto, um amigo dedicado, um coração de artista, se não dera ao trabalho de colligir todas as perolas dispersas d'aquelle bello talento, reunindo-as n'um formoso volume, publicado a expensas suas, e gentilmente offerecido a quantos conheceram Cesario Verde, ou foram admiradores do valioso merecimento d'esse rapaz tão intelligente como desditoso.

THEATRO DE D. MARIA

Sabbado 19 de março
FESTA ARTISTICA DE BAPTISTA MACHADO

Porque é que n Rocio
Enchendo qual ovo,
Vêm ondas de povo
Suado, assodado?
Porque é que se empurram
Com braço valente
Magotes de gente
Descendo o Chiado?
Porque é que, replecta,
Em risco de estoiro,
A rua do Oiro
Parece um mercado?
Porque, do Normal,
Se vê tão ligeiro
O camaroteiro
Assarralhopado?
Porque, tal bulicio,
Tão fóra da marca?
Será o monarcha
Beneficiado?
. . . .
Com pouco se explica
Tamanho bulicio,
Pois faz beneficio
Baptista Machado.

PAN-TARANTULA

POR AHI...

Nas salas, nos theatros, nas ruas, nos botequins — esse chafariz de quatro bicas onde nós vamos dia a dia encher de fresco assumpto o nosso cantaro de chronista, para o despejarmos á quinta feira no sequioso pote do leitor — fallou-se durante a semana em tres assumptos de alto bordo.

A saber:

O presente de el-rei ao imperador da Allemanha.

O nascimento retardado do principe ou princeza da Beira.

A maior maré d'este seculo.

Como se vê, a familia real está em maioria até com a propria Natureza. Esta teve apenas um acontecimento que prendesse a attenção do publico; aquella teve duis.

Mas vamos ao caso.

O brinde do monarcha ao imperador Guilherme, por occasião do seu 90.º anniversario natalicio, levantou por ahi uma fumarada de protestos em familia, tanto a respeito da qualidade d'esse brinde como a proposito da escolha do portador

— Uma espada! berravam todos, no alto da bola do zimborio do Coovento Novo do Coração de Jesus da indignação; uma espada para um velho de 90 annos, até parece *piada!* Isto vae levantar um conflicto internacional com toda a certeza! E então escolheram logo o Ze Paulino como portador da espada, para que lá fóra fiquem fazendo uma fresca idea da nossa milicia!... Irra! se não tinham generaes com feitio de gente viva, mascarassem o Costa Pinto no guarda-roupa do Cruz e mandassem-o a Berlim, que aquillo é que é figura d'homem!

Ora para que se veja quanto injustas e mal cabidas são aquellas apreciações sobre a escolha do brinde e a escolha do portador, bastar-nos-ha publicar aqui um pequeno trecho da carta que acompanhava o citado brinde nas mãos do citado portador e da qual obsequiosamente nos foi remettido o rascunho.

Oiçam lá:

«Pensará o meu collega que está velho, por fazer hoje 90 vezes o que o Silva Pereira já tem feito 573?

Ora então vêja-me esse general que ahi lhe mando; é o mais infantil e o mais garboso dos que por cá tenho em activo serviço. Damnado para as armas e o terror de todos os maridos de mulheres bonitas! Observe-me isso attentamente, consulte depois a opinião do seu espelho e dir-me-ha com a mão na consciencia se não sente ainda pular-lhe a perna para o baile infantil do nosso querido Justino Soares!»

Como se vê o pensamento do monarcha não podia ser nem mais gentil, nem mais engenhoso:

Demonstrar com provas praticas ao imperador Guilherme que, a despeito dos seus 90 janeiros, se acha ainda fresquinho como uma alface...

A carta terminava por este periodo:

«A espada é da mais fina tempera e capaz de matar sete d'um bote — como fazia o tirapé do Martinho Barimbote. Vibrada pelo seu punho de guerreiro, não lhe será difficil partir com ella a bahia do Tungue em duas partes iguaes — se ao collega apetecer dividir amigavelmente a citada bahia entre si e o caro John Bull — o mais fiel de todos os meus fidelissimos alliados...»

A teimosia da real parturiente, recusando-se a dar mais um herdeiro á corôa, — pelas duas horas, quatorze minutos, vinte e sete segundos e um quarto de terceiro, como a sciencia havia mathematicamente vaticinado — deu causa a que a cidade andasse quarenta e oito horas n'uma roda viva de esperanças e de incertezas, quasi tão *occupada* do futuro principe como a propria princeza que o vae dar á luz!

O empregado publico, sobretudo, era o personagem mais occupado do assumpto, porque este representava para elle a terra da promissão de quatro dias de feriado que lhe havia asseverado o Messias da folha official.

Andou n'uma dança,
Lisboa, de esp'rança
Que a loira criança
Chegasse de França.

A ENTREGA DO BRINDE

Moltke: — Eu digo que o brinde é a espada
Bismark — Eu sou de opinião que o brinde é o general
Rei Guilherme — Pois eu estou indeciso... A espada e o general teem ambos tanto feitio, que não sei qual d'estes dois objectos representa o brinde pelo seu valor artistico

THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA-FEIRA 18 DE MARÇO

FESTA ARTISTICA DO ACTOR VALLE

Faz agora vinte e um annos á justa que nós apanhámos n Valle em flagrante delicto de *Mestre Jeronymo*. Estampámos-lhe a figura, traço a traço, ruga a ruga, no *cliché* retentivn da nossa memoria, e d'ahi n transportamos hoje para as paginas dos *Pontos nos ii*, afim de que o leitor possa verificar, na noite de 6.ª feira, quanto o Valle tem rejuvenescido n'estes ultimos vinte e um annos.

E elle que jure, se é capaz, que não palmou an Althotas Silva Pereira n famoso elexir da juventude!...

—«O' mestre quando é que esta obra acabarasse?...»

Mesmo antes de nascer, o futuro principe já recebeu o cognome de *Desejado n.º 2*, em attenção á semelhança do seu procedimento com o do rei D. Sebastião.

Como estava destinado que o faustoso acontecimento seria annunciado a girandolas de foguetes, a cidade andava todo o dia e deitava-se á noite de orelha arrebitada, aguardando anciosa o estalar da primeira bomba.

Paredes meias com o cubiculo que nos serve de escriptorio é o quarto da cama dos nossos visinhos do lado, um anspeçada reformado, que batalhou muito nas campanhas da liberdade, e a sua cara metade, uma matrona respeitavel, que tambem deve ter batalhado rasoavelmente.

Pois na madrugada de um dos dias em que mais se esperava o real nascimento, os nossos visinhos dormiam o somno leve de quem tem coisa grave a preoccupar-lhe o espirito.

De repente, o visinho anspeçada, interrompendo o ronco melifluo que lhe saía dos trombones do nariz, dizia para a companheira da sua vida e dos seus lençóes:

—O' Andresa! toca a riba que já nasceu o principe; deitaram agora uma girandola de foguetes...

—Estás sonhando homem de Deus! Eu ainda não ouvi coisissima nenhuma!

—Asseguro-te que deitaram! Mesmo a dormir conheço perfeitamente o estoirar das bombas... Tão poucas ouvi eu quando estive nas linhas do Porto...

—Repito que é engano... Eu não ouvi coisissima nenhuma!

—Essa é melhor! pois se até me está cheirando a polvora! Tambem queres que esteja enganado com o cheiro da polvora? Tão pouca cheirei eu quando estive nas linhas do Porto...

No fim de contas tinha-se enganado o nosso visinho anspeçada.

A mulher que lh'o assegurava é porque lá tinha as suas razões...

* * *

A grande maré foi outra blague das sciencias astronomicas, como o nascimento do principe fôra uma blague das sciencias medicas.

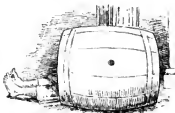
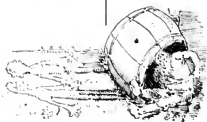
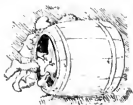
Esta fez correr Lisboa ao palacio de Belem para vêr o principe que não veio; aquella fez accudir a cidade ao longo do Aterro para observar a maré que não appareceu.

Uma rochonchuda criada de meio, que aproveitára o pretexto da maré para obter licença de ir ao Aterro —quando, afinal, a maré que a attrahia era d'aquellas que se encontram no quartel do Carmo em vez de se acharem na folhinha do padre Vicente—voltou a casa muito abespinhada com a astronomia e com a guarda municipal, as quaes, de sociedade, tinham promettido para o mesmo dia marés extraordinarias que afinal não se realisaram...

— Que illusão! dizia em magoas
A triste, em alto berreiro;
— Nem maré de vivas aguas,
Nem maré de carvoeiro!

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

BELEM
AJUDA
PROGNOSTICO
QUANTO
MAIS
REIS
MENOS
RÉIS
Gustavo Bordallo Pinhº

SALÃO DA TRINDADE

DOMINGO, 27 DE MARÇO, GRANDE CONCERTO EM BENEFICIO DO PROFESSOR

JOSÉ ANTONIO VIEIRA

Ainda não ha muito tempo que o encontravamos por ahi, esse rapaz activo e trabalhador, distinctissimo professor de musica, a quem o dia mal chegava para leccionar dezenas de discipulos.

Mas a doença salteou-o e salteou-o rudemente!

Sujeito á provação enorme de longos mezes de enfermidade, encontra-se hoje na situação dolorosa de necessitar o concurso dos amigos para accudir ás exigencias da vida, que elle estava costumado a suprir apenas ao custo do seu trabalho.

É por isso que uma commissão composta de antigos discipulos e amigos dedicados lhe vae promover uma festa, a que todos nós devemos assistir, porque essa fatalidade que feriu hontem o pianista Vieira, poderá prostrar-nos a nós hoje, como derrubar ámanhã todos aquelles que, como nós e como elle, vivem exclusivamente do esforço do seu trabalho.

POR AHI...

Louvado seja o progresso, que anda tudo falsificado!

A farinha no pão é uma figura de rhetorica. Gesso, gesso cosido, á razão de dois e cinco por kilogramma, é que os padeiros nos mettem no pandulho.

Ha por ahi estomago de criatura christã com mais fantasiosos arabescos em gesso de que os tectos de estuque em sala de brazileiro rico:—tudo mercê de fatias de pão com manteiga!

Manteiga! Outra palavra fementida com que o tendeiro perverso illude a innocencia das suas barricas e a ingenuidade dos seus freguezes! Cebo, meus ricos senhores: cêbo derretido e que vós tendes saboreado na roda da vida, exactamente como aquelle de que os carreiros untam as rodas do carro para que não chiem!

E o vinho? O vinho é colorido com o mesmo pau de campeche de que o tintureiro se serviu para tingir de preto a fatiota clara do vosso respeitavel sogro, no dia em que vós passastes pelo crudelissimo lance de perder a vossa respeitavel sogra.

Ficae sabendo que o vosso interior, ao regressar das hortas, tem exactamente a mesma nuance do exterior do vosso sogro, ao caminhar para a repartição.

* *

E emfim, se a falsificação se limitasse aos artigos destinados a evoluções intestinaes, ainda a coisa passaria sem reparo, porque lá diz o ditado «olhos que não vêem, coração que não sente.»

Mas não, senhores!

A falsificação, tendo abordado todas as coisas, acabou por abordar o proprio genero humano!

Vêde o mendigo, por exemplo.

Antigamente o mendigo era verdadeiro. Arranjado de proposito, isso é verdade, preparado em familia, onde á nascença lhe tiravam os olhos, lhe cortavam as mãos ou lhe aleijavam as pernas:—mas, emfim, era verdadeiro.

E tinha a vantagem de não trabalhar senão na sua especialidade.

Hoje o mendigo não tem nem uma beliscadura e comtudo é uma perfeita encyclopedia de enfermidades, necessidades e aleijões.

Escolhe o genero que mais lhe convém, hoje este, ámanhã aquelle, conforme o meio em que tenha de exercer a sua industria.

É cego, surdo, mudo, aleijado, faminto, paralytico.

Assim, por exemplo, se entra no Ribeiro oculista, já sabe que o fraco dos bemfeitores é a vista fraca, uma vez que ali vão a prover-se de lunetas.

—Almas caridosas que ainda podeis enxergar a luz do dia! Lembrae-vos do infeliz ceguinho para quem não ha oculos nem binoculos que lhe façam vêr um palmo adiante do nariz!

E o myope, vibrado na corda sensivel da falta de vista, escorrega os caridosos cinco réis.

Á porta do Baltresqui, o ceguinho passa a ser faminto.

—Generosas mães de familia, cujas crianceinhas loirinhas teem as suas boquinhas atulhadinhas de pasteis de nata! Soccorrei o pobre faminto com uma bucha de pão de rala, para que elle não tenha de recitar, ao sair as portas das Picôas:

«Mal hajas, cidade que ao pobre faminto
O pão da disgracia negastes cruel!»

E as sensiveis mães, com uma lagrima no olho esquerdo e um vintem na mão direita, habilitam o mendigo a ir d'ali direitinho como um fuso provar dois decilitros do tal pau de campeche a que acima nos referimos.

No Largo das Côrtes, junto á entrada do parlamento, o ceguinho da rua do Oiro e faminto da rua dos Capellistas muda para outro genero de enfermidade com que explora os sentimentos caridosos dos illustres deputados.

—Paes e mães de caridade, que tambem exerceis o mister de paes da patria! tende compaixão d'um misero desgraçadinho que é surdo-mudo de nascença! Dizei-lhe uma palavra de consolação e dae-lhe um vintemsinho de esmola!

E o illustre deputado, commovido até á lagrima por encontrar assim no pêgo da miseria um seu collega mudo de nascença, dá o vintemsinho solicitado, não dando a palavra de consolação porque quem dá o que tem não é a mais obrigado.

* *

E ainda se as falsificações se dessem apenas no genero humano e nos generos alimenticios...

Mas qual!

Ellas estendem-se até aos papeis de caracter official!

Quer o leitor pagar uma conta que deve na provincia e manda, para satisfazel-a, o seu importe em estampilhas do correio.

Na volta do dito correio recebe: as estampilhas devolvidas e uma carta chamando-lhe ladrão.

As estampilhas eram feitas em casa pelo *Pera de Satanaz!*

Junta o leitor algumas economiasinhas e resolve empregal-as com segurança comprando titulos de thesoiro.

D'ahi a tempos precisa de dinheiro e quando vae a transaccionar na bolsa dizem-lhe que os seus titulosinhos só teem cotação nas lojas de mercearia, para cartuchos de embrulho, visto serem da lavra do Cyrillo Pera de Carvalho!

* *

E por cima de tudo isto, como se o mundo fosse curto para a falsificação se espreguiçar á sua vontade, até a propria lua anda agora falsificada!

Dantes era ella que tinha o privilegio de inspirar os poetas, o exclusivo de determinar os partos, a particularidade de superintender no movimento das marés e a virtude de influir no desenvolvimento do pepino.

Hoje os poetas, como Musset, em vez de se inspirarem na casta Dhelia, poem-se a catar-lhe na cabeça e vem depois dizer em verso que lhe encontraram ali os celebres adornos por onde teem feito carreira não só os bois da Beira como algumas pessoas muito bem relacionadas!

As grandes marés, annunciadas como marés de encher o olho, não enchem afinal coisa nenhuma, porque a lua importa-se hoje tanto com o serviço das marés como um empregado publico se importa com o serviço da repartição.

Os partos, vaticinados para o dia tantos de tal, ás horas tambem tantas e minutos egualmente tantos, passam d'uma lua para a outra como o leitor passa da sopa para o cosido!

AS AMAS E OS BRINQUEDOS DE B

O *Correio da Manha* publica o retrato da ama do novo principe. Esse retrato não se parece absolutamente nada com o original. A verdadeira ama por partidas dobradas, isto é, a secca e a de leite, bem como os brinquedos, o polichinello, a bola de borracha, etc., teem um só e o mesmo aspecto. É este de que damos o retrato, copiado *d'après nature*

BÉ

Estamos saltando de contente com a coincidencia do principe haver nascido no mesmo dia em que nós nascemos — com a pequenina differença d'uns 40 annos...

D'aqui por diante teremos luminarias, salvas de artilheria e recita de gala em todos os anniversarios natalicios. Foi pechincha ainda maior de que se nos

Depois da metamorphose porque a falsificação acaba de fazer passar a Joa, só nos falta que esta já não tenha tambem influencia no desenvolvimento dos pepinos...

E principiamos a acreditar que realmente assim é —cá por causa d'uma coisa...

* * *

A princeza deu um «ai»
Que todo o predio abalou;
D. Carlos sentiu-se pae
D. Luiz sentiu-se avô.

Qual em pernas de ginetes
Foi-se o «ai» lesto e vivaz,
Levar a nova aos foguetes
Que fizeram «pas-pás-pás.»

E o «pás-pás-pás» correu logo
Ligeiro como nenhum;
Os morrões pegaram fogo
E as peças fizeram «pum!»

E o «pum» voando, dizia:
— Nasceu o regio varão!
E os sinos da freguezia
Tocaram «tão-ba-la-lão!»

E o «tão-ba-la-lão,» n'um pé
Mais ligeiro que o dos gamos,
Foi-se ao cabido da Sé,
Que cantou «Te Deum Laudamus».

E o «Te Deum» seguiu caminho
Correndo com um possesso,
Foi-se a casa do *Povinho*
Dar-lhe parte do *successo*.

E o povo disse, sem prantos:
— Não me faz transtorno algum;
Mesa onde comem ja tantos
Deve chegar p'ra mais um...

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

A falta de espaço obriga-nos hoje a retirar a explicação do ultimo conto.

As honras do primeiro conto publicado couberam a *Pompilius*, que abiscoitou, além das referidas honras, o brinde do formoso livro promettido.

Quanto ás honras e ao brinde do segundo conto, ficam em salmoira até a semana proxima.

D'aqui até lá, todos os candidatos já propostos e os mais que porventura ainda venham a propôr-se, podem ir, cada um de per si, afagando a lisongeira esperança de que venham a competir-lhe brinde e honra.

E' uma coisa que não prejudica nenhum dos outros e que sempre traz a vantagem de dar a todos uma semana de alegrão como nunca apanharam em dias de sua vida.

A ESPADA D'HONRA

Como foi a ceremonia da entrega da espada, segundo nos refere de Berlim uma testemunha presencial.

Disse alguem ao rei Guilherme:
—Um comboio do occidente,
Vem, veloz qual pachyderme,
E p'ra vós traz um presente.

E o rei mandou transportal-o
Ao seu salão azuloio,
A matutar: — Que regalo
Trará dentro este comboio?..

Aberto o comboio a trote,
P'ra saber-se o que elle encerra,
Acha-se dentro um caixote,
Feito de pinho da terra!

Dando voltas ao bestunto
O rei scismava sosinho:
— Que trará dentro, pergunto,
Este caixote de pinho?

Partido o caixote ao centro,
Tudo, entre pasmos, exclama:
— Este caixote, cá dentro,
Só traz algodão em rama!

Guilherme, dobrando o vulto,
Assombrado e com razão,
Indaga: — O que vem occulto
Dentro de tanto algodão?

Afastado, n'um virote,
O algodão mimoso e fino,
D'esse algodão do caixote
Sae p'ra fóra um Zé Paulino.

Brada o rei impertinente:
—Matuto, mas não atino.
Que demonio de presente
Trará dentro o Zé Paulino?

Aberto o Paulino ao meio,
Viu a côrte, muda e quêda.
Que lhe brotava do seio
Um lindo estojo de sêda!

Dobrado mais pelo umbigo,
Pensa o rei, quasi de rojo:
—Debalde scismo commigo
O que virá n'este estojo?

Aberto o estojo a vapor,
P'ra saber-se o que elle tinha,
Viu-se sair do interior
Uma formosa bainha!

E o Guilherme, já de trombas,
Tomando a côr d'um coentro.
Dia:—Vejam lá, com mil bombas!
O que a bainha traz dentro!

. . . .

Erguendo a curva espinhela
Diz o rei p'ra os seus vassalos:
—Uma espada toda bella...
P'ra á noite aparar os calos!...

PAN-TARANTULA.

PRECOCIDADE

O pae era feroz.
As filhas namoradeiras
Os petizes do collegio fronteiro atrevidos.

Um bello dia, em plena rua, as cartinhas e estylo, no estylo do costume, passavam de mão para mão

O pae cocára.
—Dê cá a carta, exigiu á Mariquinhas. Mas a Mariquinhas ja a passára para a Maric...

—Dê cá a carta! intimou, voltando-se para a Maricotas. Mas a Maricutas já dera a carta á Mariquinhas.

A casa era de esquina. Elles em baixo, cada um na sua rua, ellas em cima, cada uma na sua janella...
—Agora apanhei-as! berrou o pae.

Ia jurar que tinha ouvido fallar alguem... Mas

«Fallo, ninguem me responde
Olho, não vejo ninguem!»

A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE PHOTOGRAPHOS AMADORES

[illegible] com enthusiasmo essa bella instituição, que representa mais um grau ascendido na escada por onde se sobe a casa do progresso.

Nos trabalhos expostos alegrou-nos encontrar bastantes de verdadeiro merecimento e gosto artistico.

Destacam-se entre elles as photographias trabalhadas por Carlos Relvas, D. Margarida Relvas, Lamarão, Camillo dos Santos, Oakley, Garland, Sassetti, Thomaz e Eduardo Coelho—um dos mais activos iniciadores d'essa associação — e Paulo Plantier, cujos trabalhos se distinguem por um notavel feitio artistico, posto ainda em relevo por fórma espirituosissima.

É uma associação á qual muito deverá por certo a arte photographica e os proprios photographos de profissão, cujos interesses não prejudica, visto como não executa trabalhos remunerados, sendo, pelo contrario, que virá a desenvolver entre nós o gosto pela photographia.

O HESPANHOL

O PERA DE SATANAZ

No domingo ultimo fomos ao Limoeiro e solicitámos uma audiencia do *Pera de Satanaz*, afim de lhe pedirmos permissão para lhe publicarmos o retrato. Concedeu-nos a audiencia mas negou-nos a permissão.

—Não tenho merecimentos, respondeu-nos elle, d'uma ironia cortante como navalhas de barba; não tenho merecimentos que me imponham á curiosidade publica e por isso não consinto que me retratem

—Modestia, pensámos nós; e insistimos, e rogámos, e tivemos gestos convincentes, e dissemos frazes persuasivas

Nada o convenceu porém; e por um triz que não nos prega uma descompostura a proposito das *injustiças* que a imprensa lhe tem feito.

E acreditamos sinceramente que a imprensa, a policia e toda a gente tem sido d'uma injustiça flagrante para com esse pobre *Pera de Satanaz*...

O documento mais authentico de que elle é um simples, um candido um ingenuo, esta n'esta mesma ingenuidade com que nos declarou não consentir que o retratassem, sem lhe passar pela idéia que tinhamos ali uma machina photographica no olhar do nosso collaborador artistico, cuja retina conservou com a precisão d'um *cliche* todos os traços physionomicos do *Pera de Satanaz*, o que nos permitte estampar-lhe aqui a vera effigie, a despeito da sua acrisolada modestia.

De caminho tirámos tambem um *croquis*, que publicamos, do hespanhol julgado na segunda feira ultima e que tão celebre se tornou na sua arrojada evasão da cadeia do Limoeiro.

O SR. CONDE DE PARIS NAS CALDAS

OU

O CONSELHEIRO PIM ASSARALHOPADO

(Dedicado ao sr. conselheiro José Lucianno de Castro)

Ao receber a noticia de que um principe francez demandava as Caldas da Rainha, Pim cobriu-se d'um suor morno, rescendente a ovos chocos, como a agua do hospital de que elle anda saturado. A noite passou-a em claro e em camisa, queimando as pestanas sobre a guia de conversação.

De madrugada, o côto de cebo que por vezes lhe illumina os arcanos da mioleira, accendeu-se repentinamente na mais luminosa das inspirações.

—O *Figaró!* bradou elle para a criada; traga-me um *Figaró*, que ahi é que eu aprendo umas frases em franciu de deixar o principe azabumbado!

Mas ninguem sabia o que era o *Figaró*; procuraram em todos os estabelecimentos da Praça e nenhum logista tinha *Figaró* nem por grosso nem a rebotalho!

Descobrindo emfim que *Figaró* em francez quer dizer barbeiro, e como d'esse genero ha abundancia no sitio, levaram-lhe um quarteirão de barbeiros, persuadidos de que *Pim* desejava escamar os queixos.

Pim trevejou que não queria escamar coisa nenhuma e ficou e-camadissimo.

Debalde o sr. conde de Paris, que viaja incognito,

pretendeu incognito visitar as Caldas.

Aqui não se admittem incognitos; inda o viajante está tomando chá no Cereal e já por cá se sabe se é principe de sangue ou simples barão da sua rua.

E, conforme o grau da hierarchia, assim se graduará a inferneira da recepção.

A um principe de sangue cabem duas philarmonicas e egual numero de girandolas de foguetes.

A um simples commendador cabe apenas meio foguete e umas variações de cornetim *á piston*. E' a tabella

O incognito para cá não pega. Quem estiver em cheiro de nobreza ha de forçosamente desfilar entre as alas dos chapeus altos das grandes occasiões e o mutismo circumspecto das auctoridades, que cedem a palavra aos foguetes e ás philarmonicas.

Pim determinára que á chegada do sr. conde tocassem o hymno da França; e, como lhe observassem que tal hymno era a marselhesa, Pim retroquiu batendo o pé—que é um dos gestos mais peculiares do conselheiro:

—Não sei cá se é marselhesa ou tia Andreza; é dar-lhe com elle para a frente!

—Mas nós é que não sabemos senão o hymno da Carta...

—Pois toquem-lhe o hymno da Carta... mas traduzido para francez.

O conde ficou tão encantado com a recepção do conselheiro que não fazia senão implorar para os musicos diligenciando exprimir-se em portuguez.

—Basta... basta...

Mas, um natural defeito de pronuncia, fazia-o dizer assim:

—Besta... besta..

E os musicos, persuadidos de que aquillo se entendia com o conselheiro, continuavam a dar-lhe de bumbo e trombone como quem se despede d'este mundo!

Pim foi depois de cadeirinha visitar o sr. conde

Apeou-se saltando pelo tampo, como os demonios das caixinhas de mola—*Um conselheiro à la surprise*

Depois da venia do estylo o sr. conde deu emfim

por elle, julgando, pelo beiço, ser o modelo de Judá.

que eu estou fazendo para as capellas do Bussaco

Depois, attentando-lhe no gesto, toma-o pelo Caifás.

E em seguida, observando-lhe a ferocidade, persuade-se de que é o Herodes!

Tive de declarar ao sr. conde que, não obstante modelar os judeus aqui nas Caldas, não aproveitára o conselheiro por me parecer exagerado...

Não se imagina o espanto do sr. conde, quando Pim, depois de ruminar por meia hora n'uma phrase que lhe viera á bocca, conseguiu deital-a inteirinha cá para fóra:

—É assombroso! exclamou sua alteza; tenho visto

innumeros exemplares d'esta familia em varios jardins zoologicos, mas, com o dom da palavra, é o primeiro!

* * *

Eis a *toilette* de côrte adoptada pelo conselheiro para receber principes de sangue. Reparem-me n'este *salero!*

* * *

No dia seguinte, quando as auctoridades procuravam no hotel o sr. conde, afim de o mimosearem com a segunda edição da scena muda e da phylarmonica da

vespera, sua alteza resolvera não prestar mais ouvidos áquella commissão de surdos-mudos e por isso passára as palhetas as palhetas dos clarinetes.

O conselheiro Pim, no empenho de persuadir o sr. conselheiro José Luciano de que é falso tudo o que deixo referido, acaba de remetter uma correspondencia em francez para o *Diario Illustrado*, que a endossou ao *Pimpão*, em cujo proximo numero virá publicada.

DIFFERENÇAS

COMO TODOS NÓS NASCEMOS

Nascemos e pagamos gratificações á parteira, á ama; ao prior, ao sacrista e ao sineiro

DE SANGUE

Nascem e recebem contribuições das parteiras, das amas, dos priores, dos sacristas e dos sineiros

POR AHI...

Com perdão do sr. conselheiro Viale, não ha nada mais sabio de que a sabedoria dos proloquios.

«Não ha fumo sem fogo», diz um dos taes, dos sabios, com perdão do sr. conselheiro Viale.

E, effectivamente, não ha fumo sem fogo.

E, senão, vejam a questão do tabaco de fumo que fogaréo tem levantado por ahi!

Ao começo, o monopolio do tabaco apresentou-se como o salvador do mundo nacional, que é assim como quem diz o salvador da humanidade da nossa patria

Salvava o paiz do eterno *deficit*, com a receita de dois mil e tantos contos; salvava os operarios do egoismo das companhias, garantindo-lhes futuro risonho como um *clown* e florescente como um eucalypto; salvava as companhias da concorrencia estrangeira, salvava os consumidores, salvava os revendedores, salvava o ceu e a terra e todas as coisas visiveis e invisiveis.

Se apertassem muito com elle, se lhe pedissem com bons modos, estamos certos que até acabaria por salvar as batatas!

Durante a mania que por ahi lavrou ultimamente de inventar engenhocas para salvar pessoas nos incendios, ate parece impossivel que ninguem se lembrasse de alvitrar o monopolio do tabaco como proficuo apparelho salva-vidas e pedisse ao sr. ministro da fazenda que o mandasse para a caza da bomba.

Nós nunca percebemos lá muito bem como demonio essa medida financeira harmonisava as coisas da forma que o thesoiro recebesse mais uns dois mil e tantos contos, os fabricantes lucrassem maior dividendo, os operarios vencessem maiores salarios, os revendedores ganhassem mais percentagem, o consumidor disfructasse sensiveis economias — todos lucrassem, em summa, sem se saber no fim contas quem pagava o patau dos lucros de tanta gente!

Similhante caso lembrava-nos por antagonismo aquella scena das casas de batota, no momento em que, *pontos* e banqueiro, chegam á phase da confidencia:

—Eu perdi dez libras, diz o primeiro *ponto*.

—Eu larguei trinta e tantos mil réis, declara o segundo.

—Eu espiguei-me com doze moedas, queixa-se o terceiro.

E todos por este teôr até ao ultimo.

—Pois o monte foi á gloria, remata o banqueiro.

E nunca se chega a averiguar quem demonio se abotoou com toda aquella bagalhoça!

Com o monopolio do tabaco succedia precisamente o contrario: todos ganhavam punhados de libras e ninguem perdia nem a apara d'um ceitil!

Como a ordem dos factores é arbitraria, o monopolio do tabaco e a casa de batota tinham assim o aspecto de dois irmãos siameses...

* * *

Mas, de repente, mudam-se as scenas: os operarios começam a chiar, os fabricantes a gritar, os vendedores a berrar e os consumidores a praguejar.

O unico de todos os interessados que se conserva sem dar pio é o thesoiro — talvez o unico, no fim de contas, a quem assistissem fundados direitos de gritar *aqui d'el-rei*...

Não o fez, naturalmente, para não interromper sua magestade, o seu doce ocioso de avôsinho.

Os operarios do Porto, arrufados com os donos das fabricas, resolveram não concorrer ao trabalho, suprindo a ausencia de salarios por um expediente muito simples, muito commodo e muito nacional: pedir esmola.

Vae d'ahi, a policia prende-os, sob o pretexto de que a mendicidade é prohibida!

Não podemos deixar de verberar o procedimento da policia com todo o pessoal de invectivas — effectivo e supranumerario—de que se compõe a secretaria da nossa indignação.

Prohibida a mendicidade?!...

Com que então prohibida a mendicidade que, se não faz parte integrante da Carta Constitucional, faz pelo menos a mesma coisa dos habitos indigenas, dos usos patrios, dos costumes ociosos!?!

Prohibida a mendicidade, que tem a sancção das classes laboriosas, como barbeiros, carteiros, porteiros e tantos mais ciros, que andam continuamente a estender-nos a bandeja, o bilhete de visita e a caixa de musica, pedindo-nos broas de milho e amendoas cobertas!

Prohibida a mendicidade, que tem o apoio das estações officiaes, a ponto do governo civil ser um medianeiro de mendigos, para os quaes solicita esmola em circular aos regedores!

Prohibida a mendicidade, que tem o arrimo dos proprios monarchas que nos regem e que não duvidam exercel-a uma vez por outra, realisando saraus a promovendo kermesses onde se pede esmola!

Ora se o paiz não é, como demonstrado está, mais do que um Asylo de Mendicidade em ponto grande, uma casa hospitaleira do tamanho do sr. conselheiro Nazareth, como demonio é então que se engaiolam dezenas de cidadãos livres por usarem do direito livre concedido a todas as gentes?

Já que o novo regimen do monopolio do tabaco põe o operario cigarreiro na contingencia de ir um dia para o olho da rua sem ter outra fabrica onde exerça a sua profissão, deixem-n'o ao menos fazer tirocinio para pobre do Asylo, visto como, n'essas condições, ainda pode futuramente tornar-se util ao seu paiz e á sua pessoa, alugando-nos cadeiras na Avenida, a vintem por cabeça—isto é, a vintem por assento.

Os manipuladores de Lisboa, com muito menos sangue na guelra de que os do Porto, em vez de se reunirem no monte das Ahtas, preferiram antes reunir-se no Terreiro do Paço e em logar do pedirem esmola aos transeuntes foram pedir justiça ao sr. ministro da fazenda.

Se a theoria do nariz não é uma batata, parece-nos que, tanto cigarreiros como cigarreiras, fariam melhor negocio se, em vez de pedirem justiça ao sr. ministro da fazenda, pedissem antes fazenda ao sr. ministro da justiça...

Em todo o caso, o sr. Marianno fez aos cigarreiros e ás cigarreiras o mais que lhes podia fazer: tanto, pelo menos, como nós costumamos fazer ao Senhor dos Passos da Graça em occasião de doenças—fez-lhes promessas...

Cigarreiros e cigarreiras sairam do ministerio contentissimos da sua vida; as cigarreiras, especialmente, vinham tão risonhas, tão risonhas, ao atravessar o Terreiro do Paço, que o proprio D. José teve um estremecimento nervoso em todos os membros do bronze e suspirou muito baixinho:

— Tomára eu que no dia dos meus annos me dessem uma *cigarreira* de presente...

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

Indecisos sobre aquelle a que devamos dar a primasia, publicamos os trez que nos parecem melhores e pomos a decisão a votos do leitor. Aquelle que fôr mais votado receberá no proximo numero o seu diploma.

Mandaram-nos tambem interpretações em verso *De Mathieu, Magaga Lió* e outros, mas não lh'os publicamos por falta de papel

N'um casco o velho sornava,
Sem lençoes, coberta ou capa,
Co'os cascos atordoados,
P'lo cheirete da zurrapa.

Quando dois garotos lepidos,
Vendo ao bom velho as canellas,
Desatam, bumba que bumba,
Aos murros nas aduelas.

Accorda o *ginja* co'a bulha,
Póe á véla a narigueta,
E da co'ella, toda rubra,
Nos dois melros de chupeta.

Recolhe-se. Então um d'elles,
Traz um clyster, a — carrasco!
Irriga o pobre velhote,
P'lo buraquinho... do casco.

Sae o infeliz lá de dentro,
Molhadinho a resmungar;
E os typos mostram-lhe a lingua.
Vendo-o a pingar, a pingar.

E como o triste, de novo,
Recolhesse ao duro leito,
Accercam se elles da pipa,
Sorriem, e dão-lhe um geito

Ella começa a rolar,
Eram tombos e mais tombos
E elles vão rindo do caso,
Ao velho moendo os lombos

Um percalço porém surge
Ao brinquedo dos gaiatos·
Na pipa havia dois pregos,
E n'elles prendem-se os fatos.

Era vel-os, coitaditos,
—Que grande atrapalhação!
—Agarradinhos á pipa,
Que os levava de roldão.

Cairam, estatelados,
—Que desgraçados aquelles!
—Pois além do casco enorme,
'stava o velho em cima d'elles.

Ao findar o reboliço,
Triste espectac'lo de dó,
Os garotitos em papas,
Ficaram réz-véa co'o pó...

Recolhendo-se outra vez,
E vendo-os assim chatinhos,
D'est'arte fallou o velho,
Aos despojos dos tontinhos:

—Vocês vinham buscar lá,
E eil-os, que cardados ficam...
Picaram-me, sim, agora,
Chatinhos... já me não picam!

Pomp...

Qual outro Diogenes,
mui leve da tripa,
dormia um velhote
no vão d'uma pipa.

Um par de garotos
a esturdias affeitos,
rolaram co'a pipa
p'ra vêr os effeitos.

Em berros o velho
o somno dissipa
e os gajos lampeiros
se occultam co'a pipa

Mas não satisfeitos,
com grande arreganho,
d'enorme seringa
pespegam-lhe um banho

Lá sai o velhote,
pois isto o constipa,
e corre os gaiatos
p'ra longe da pipa.

Mas esses canalhas
da pél' do diabo
que tinham jurado
do velho dar cabo,

a carga voltando
no esforço d'um «ipa»
conseguem de novo
dar voltas á pipa.

O velho, coitado,
lá dentro aos boléos,
fugir já não pode
lançar-lhe os harpéos.

Mas prego maldito
que as carnes estripa
e estava pregado
n'um arco da pipa,

a roupa agarrando
d'aquelles malditos
co'a pipa os rebola
n'*obstante* os seus gritos.

Já viste espalmada
n'um quadro a tulipa?
taes elles ficaram
debaixo da pipa.

O velho, fictando-os,
lhes diz com desdem:
—ninguem faça mal
que espere por bem—

Co'a historia aqui findam
as rimas em *ipa*,
e o velho prosegue
dormindo na pipa.

Porto. M. R.

Um Diogenes de farripa,
Para não pagar imposto,
Habitava n'uma pipa
Que d'antes servira a mosto.

P'ra o lado d'onde soprava
Ou Eolo ou Aquilão
O fundo á pipa voltava.
Diogenes, por precaução.

Sem trabalhos, sem cuidados,
Levava vida folgada,
Quando dois endiabrados
O atacaram á pedrada.

Da cama saltando, em guisa
De quem traz bem leve a pança
Mesmo em fralda de camisa
Corre a ver se os dois alcança

E consegue debandar
Os pequenos melcatrefes
Que retiram a chorar,
Com tres ou quatro tabefes

Mas, n'outro dia, os caturras,
Armados d'uma seringa,
Voltam e dão novas surras
No tal velho que respinga

Contentes do resultado
D'essa empreza boa, agora
Troçam do velho, escamado
Deitando a lingua de fóra.

Chamam-lhe *ginja*, *jarreta*,
Urso negro, *lobishomem*,
Até lhes dar na tineta
Deixarem o pobre homem.

Quando os viu desappar'cer
Lá muito ao longe, na estrada.
—*Corja!* ainda ousou dizer,
Canalha! grande cambada!

. . . .

Voltam alli outro dia
(Usando mil precauções.)
E como o velho dormia
A' pipa dão rebolões

Rolam, terrives, damnados
A pipa por 'hi alem;
N'ella, porém, agarrados
Rolam com ella tambem.

Em cambalhota, os maraus,
Deram no chão co'os costados
E ficam quaes bacalhaus
Alli, na terra espalmados.

. . . .

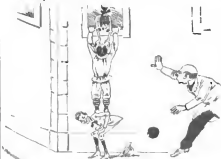
Descançado como d'antes,
O velho, vida folgada,
. . . .
'Stá livre dos dois tonantes
E da sua caçoada.

PRECOCIDADE

(Concluido do numero antecedente)

Precipita-se para a outra janella, escuta, espreita.. nada!

«Falla, ninguem lhe responde,
Olha, não bispa ninguem!»

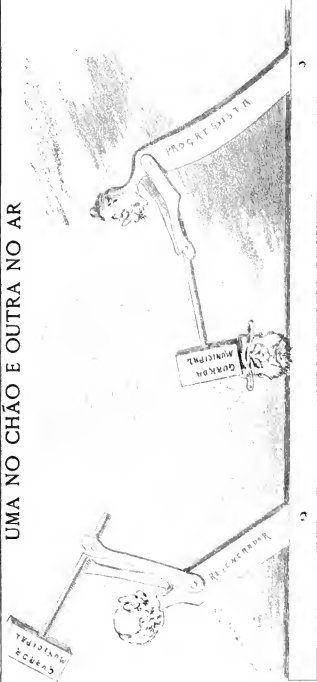
Desce a escada a quatro e quatro e apanha-os finalmente com a bocca na botija—um d'elles, sobretudo, muito proximo da bot'ja...

—Pás! faz um dos pés, atirando com o mocinho de catrapuz.

Um dos *pãesinhos* cae em baixo, outro cae de cima e o pae tyranno toma o logar do fiambre das sandwichs.

E o que vem de cima exclama:

—Se como papá é muito duro, como colchão é razoavelmente molle...

Tableau.

UMA NO CHÃO E OUTRA NO AR
GUARDA MUNICIPAL
GUARDA MUNICIPAL
PROGRESSISTA
Os governos são como aquelles ferreiros de capellista; quando o governo X está no poder, o povo é sempre um arruaceiro que precisa de guarda municipal como de pão para a bocca, ao passo que o governo Y lhe chama povo livre que pretende zelar os seus interesses. Desce o governo X e sobe o governo Y, é logo este quem fornece guarda municipal aos *arruaceiros* e aquelle quem applaude o procedimento do *povo soberano*.
Por isto se vê que o Zé Povinho tem nos governos monarchicos duas parcialidades que o applaudem e o zurzem — alternadamente, para não cansar o braço.
Em vendo alguem a dar-lhe palmas, já sabe que amanhã lhe dará pancada.

POR AHI...

Os representantes do povo e os representantes da egreja tiveram esta semana regabofe para dois.

Aos primeiros abriram-se as portas de S. Bento, para lhes dar entrada a tomar assento no seio da representação nacional.

Aos segundos abriram-se as portas da egreja, para lhes dar saida a tomar ár por essas ruas a travessas.

Era um gosto vêr a alegria com que, uns e outros, saíam de suas respectivas casas e se pavoneavam á luz do dia, os primeiros envoltos nas suas capas de côr duvidosa, cobertas pelo pó dos seculos que mora nos armarios das sacristias, os segundos abotoados nas suas sobrecasacas novinhas em folha e maculadas quando muito pelo pó d'arroz da cara esposa, quando a referida esposa, encostando a referida cara sobre o hombro marital, disse tremula de commoção e de orgulho:

— Vae, marido da minha alma! Vae para a abertura do seio da representação nacional, a que nós vulgarmente chamamos *camera*... Nem tu imaginas o orgulho e o prazer que eu estou sentindo cá por dentro ao lembrar-me que tu vaes para a abertura do seio...

E um longo beijo apaixonado cortava a frase, deixando no tinteiro a representação nacional.

* * *

A sessão em que se inauguraram os trabalhos da presente legislatura compareceram sessenta e nove srs. deputados.

Foi, como se vê, um numero da mais alta significação — politica.

Que esse numero hade influir fatal e profundamente na vida da actual sessão legislativa, dil-o-hão os futuros acontecimentos e já o estão prevendo adivinhos e feiticeiras.

Qual, porém, virá a ser a influencia d'esse numero? Funesta ou conciliadora?

Benefica ou desgraçada?

Sobre esta interrogação discrepam sensivelmente os adivinhos consultados.

Asseguram uns que esse numero 69, com que o parlamento iniciou os seus trabalhos, é um penhor seguro de quietação e socego, porque elle representa a igualdade e a fraternidade no mais requintado grau, como symbolo que é de perfeita conformidade, tanto visto d'um lado como observado do outro...

Desconfiam porém outros de que esse numero vem a ser um terrivel prognostico de medonhas dissidencias, e cruentas luctas, e assombrosas baralhas, visto que elle é o equivalente numerico da frase vulgar «qual de baixo, qual de cima», e que por este feitio andará a camara durante toda a legislatura...

* * *

A procissão de domingo de Ramos ia bastante concorrida mas observou-se n'ella uma coisa curiosa: a maioria dos irmãos era composta de pequenos entre oito a doze annos.

A irmandade de S. Francisco parecia a Escola Academica em dia de passeio a Avenida.

Aquella profusão de rapaziada leva-nos á conclusão de que os respeitaveis papás de S. Francisco estiveram por longuissimos annos apozentados dos seus deveres matrimoniaes, mas que, passado esse extenso periodo, fizeram uma brilhante reedição muito correcta e muito augmentada...

Só assim se explica como o veneravel S. Francisco tem uma tal ranchada de *irmãos* ainda tão pequenos...

* * *

Ninguem entende estes ministros — ou são, mais naturalmente, elles que se não entendem.

O sr. Avellar Machado acaba de ser agraciado pelo sr. ministro da guerra com a commenda de Aviz, em attenção, conforme diz o decreto, «aos seus meritos relevantes e aos seus excepcionaes serviços.»

Ora d'este agraciado dizia ainda ha poucas semanas o sr. ministro da fazenda que elle houvera falsificado documentos.

Sempre nos pareceu que os aleives do sr. Mariano, chamando falsificador ao sr. Avellar Machado, se fundavam apenas n'uma suspeita do sr. ministro. Não ha peior inimigo de que o official do mesmo officio...

Afinal averigua-se positivamente que o sr. Avellar Machado não falsificou coisa nenhuma.

Se tivesse falsificado está claro que lhe não davam a commenda de Aviz.

Pelo menos, davam-lhe uma pasta

* * *

Conta o *Diario Popular* que, durante a ultima recita de S. Carlos, «a attenção do publico se dedicou principalmente para a sr.ª infanta D. Antonia, cuja natural belleza, temperada de bondade angelica tanto prende e captiva.»

Effectivamente, assim como para o peixe cosido não ha tempero como o molho Nabob, assim tambem para a bellesa não ha como o tempero de bondade angelica

Arithmeticamente chega-se a esta conclusão por uma operação das mais simples

bondade angelica : bellesa :: Nabob : x

Multiplica-se a *belleza* pelo *Nabob*, divide-se o resultado pela *bondade angelica* e encontra-se immediatamente o *x*, que e um magnifico goraz cosido.

Acrescenta o mesmo jornal que, «ao terminar o terceiro acto, quando se percebeu que a familia real se retirava, toda a gente se poz em pé, conservando-se assim cerca de dez minutos, dando palmas e soltando vivas calorosos á gentil infanta.»

O que nós gabamos é a paciencia do publico se conservar toda uma noite com aquella manifestação retardada, dando-lhe apenas livre curso quando a sr.ª infanta se ia embora, que foi assim a modo como applaudil-a por sua alteza ter tomado a resolução de se pôr ao fresco...

Faz-nos lembrar o criterio d'aquelles sujeitos muito amigos d'um orador, o qual modestamente se eximia ao cargo para que o haviam nomeado, allegando a sua incompetencia, a sua ignorancia, a sua falta de talento, ao que elles respondiam no cummulo do enthusiasmo:

—Appoiado! appoiado! appoiadissimo!

PAN-TARANTULA

THEATRO DO GYMNASIO

SABBADO 9 DE ABRIL

Festa artistica de Guilherme da Silveira

Espectac'lo que não presta;
Que solemne borracheira
Vae ser a noite da festa
Do Guilherme da Silveira!

Que massada e que supplicio
P'ra quem já tiver cadeira
P'ra assistir ao beneficio
Do Guilherme da Silveira!

Se eu proprio fiz caoçoneta,
—Vejam lá que pepioeira!—
P'ra a tal festa de chupeta
Do Guilherme da Silveira!

....

Talvez que, dizendo mal
Da festa por tal maneira,
Fique vaga uma geral,
Um *paraiso* ou cadeira
E eu veja a festa, afinal,
Do Guilherme da Silveira.

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS

O conselheiro Pim começa a escovar as asneiras do anno passado, as quaes v. v. ex.as terão occasião de vêr este anno como se fossem novas.

ESPECTACULOS

COLISEU

As novidades chovem sem cessar n'aquella casa de espectaculos.

Quasi que se não pode ir para lá sem levar de prevenção uma capa de borracha á prova de novidades!

Mr. Crowther, o homem que cortava um carneiro com a espada, já se foi embora.

Retirou de Lisboa no mesmo dia em que retirava de Berlim o general Sá Carneiro, que alli fôra fazer entrega da espada d'honra ao imperador Guilherme.

E' notavel esta coincidencia de sahir de Berlim o Carneiro da espada ao mesmo tempo que sahia de Lisboa a espada do carneiro.

Mr. Rivalli, um sujeito que não tem o seu appellido nos trabalhos que executa — como diria Mendonça e Costa — continua a fazer o mesmo que fazia Ullysses ardendo em braza sobre o mar das Trebisondas, caminhando pelas ondas como nós por nossa casa.

Mr. Rodgers faz uns exercicios espantosos, que terminam por se deixar escorregar por uma taboa, a qual taboa lhe bate n'um sitio que não se menciona em voz alta, atirando com elle para cima d'um trapesio no meio dos applausos estrondeaotes de todo o publico.

Esses applausos são garaotia ao eximio artista de que a empreza o conservará por muito tempo sem lhe bater com a taboa no tal sitio...

*
* *

PRINCIPE REAL

A explosão da nau Chagas chama alli todas as noi-

O fazendeiro, depois de ter o cortiço bem limpo do enxame passado, acaba de chamar o enxame novo, que ha de fabricar o mel das contribuições, com que se dá, não diremos pelos beiços mas pela bolsa de Zé Povinho.

Como estas abelhas parlamentares gostam muito de faltar ao cortiço preferindo-lhe a Avenida, muito desejaremos que antes façam *cera* fazendo a Avenida, de que façam mel fazendo-nos de fel e vinagre.

O CORTIÇO

tes uma concorrencia enorme de pessoas de ambos os sexos, sequiosas de explosões e que se não fartam de applaudir aquella, que é na verdade primorosa.

Alem da muito bem posta em scena e de excellentemente escripta, *A explosão da nau Chagas* tem ainda a recommendal-a ao publico a originalidade de ser uma peça original, o que se vae tornando entre nós uma coisa tão original que não nos espantaremos se o João de Mendonça e o Julio Rocha fizerem ámanhã exposição de si proprios, em concorrencia com os noivos lilipucianos.

*
* *

D. MARIA

O Parisiense é a peça da moda e na qual Augusto Rosa teve ensejo de dar largas ao seu fecundissimo talento, criando um parisiense tão perfeito, tão verdadeiro, tão bem acabado, que não seria muito se alguns parisienses de nascença tomassem o comboio de Lisboa para virem tomar com o Augusto Rosa uma duzia de lições.

Todos os outros artistas fazem os seus papeis excellentemente, e com especialidade Antonio Pedro, que representa um senhorio tão bom, tão bom, que não se nos dava habitarmos o predio de algum d'aquella raça — e até nos compromettiamos a arranjar-lhe a commenda appetecida — se a respectiva esposa levasse em gosto...

*
* *

S. CARLOS

Terminou enthusiasticamente a epocha lyrica, segundo refere o *Correio da Manhã*, accrescentando que a sr.ª Stahl não cantou a *Carmen*, deixando por isso de receber uma corôa que o sr. Alfredo Anjos tinha para lhe offerecer e cujo valor seria approximadamente de cincoenta libras.

Não importa. Como o sr. Alfredo Anjos, segundo se diz, vae ser agraciado com o titulo de conde, ahi tem já uma corôa rasoavel para seu uso domestico.

PAN-TARANTULA.

OS NOIVOS LILIPUCIANOS

— Tenemos el gusto de presentar a usteds el sr. marquez Wolge e la señora marqueza Ludgi ..

Os dois juntos pesam apenas desenove kilogrammas e meio o que quer dizer que pelo peso não valem uma de X. Pelo feitio porém valem o rendimento de muitas moedas de dois tostões, que tal é o preço porque se póde admirar aquellas notabilidades, as maiores que se nos têem apresentado — em ponto pequeno.

Para se fazer uma ideia do tamanho d'elles, bastará dizer-se que os retratos que aqui apresentamos são ampliados na razão de 100 por 1, aliás o leitor não podia observal-os senão ao microscopio.

O almoço d'este interessante casal consiste invariavelmente n'uma omelette feita d'um ovo da toutinegra e da qual deixam quasi sempre porção bastante para os criados.

Na occasião em que os visitámos offerecemos-lhe gentilmente um quarto de marmellada fina. No dia seguinte, pela manhã, o director da exposição foi encontral-os besuntados de marmelada desde a cabeça até os pes.

Pelo tamanho, imaginaram que o quarto de marmelada era um quarto de cama e n'elle passaram a noite a dormir como uns abbades, em miniatura!

S. ex.ª o sr. marquez Wolge, quando se despede do respeitavel publico envia sempre, nas pontas dos seus dedinhos microscopicos, um beijo a todas as senhoras que o honraram com a sua visita.

Este procedimento tem motivado protestos por parte de algumas damas mais accentuadamente virtuosas e a uma d'estas ouvimos nós exclamar, fazendo-se vermelha ate ás pontinhas das orelhas:

—O marquez ao ir-se embora
Um beijo me dirigiu!
Tão pequeno e tão brejeiro...
Que fará em sendo homem!

CONTOS EM BRANCO

O suffragio universal ainda nos veiu atrapalhar mais na intrincada questão de resolvermos a qual dos trez poetas, de quem publicámos as producções no nosso ultimo numero, pertence a palma da victoria.

Pompilius e *Raymundo* são os dois mais votados, succedendo porem que teem ambos igual numero de votos, o que dá em resultado ficar a eleição empatada.

Pensámos de começo em resolver tal bico d'obra annullando esta eleição e procedendo a nova votação, mas receiámos fatigar demasiadamente as forças do paiz, já tão debilitadas por um sem numero de eleições.

Assim, opinando antes pela sorte, distribuimos *cunhos* a Raymundo e *cruzes* a Pompilius, fizemos girar sobre um prato a respectiva moeda, seguindo-lhe todos os movimentos com uma grande anciedade, por conta dos dois interessados, até que a moeda afrouxou o corripio, perdeu o equilibrio e caiu inanimada... como Pompilius cae decerto n'este momento, pois que venceram os *cunhos*, dando a victoria ao seu oppositor Raymundo!

Chorae, Pompilius, chorae!...

E tu, felisardo Raymundo, podes vir buscar á administração do jornal o premio que ganhaste com o suor do teu rosto e que é...

Lá saberá o que é para a surpreza se lhe tornar ainda mais agradavel..

CONTOS EM BRANCO

ABERTURAS

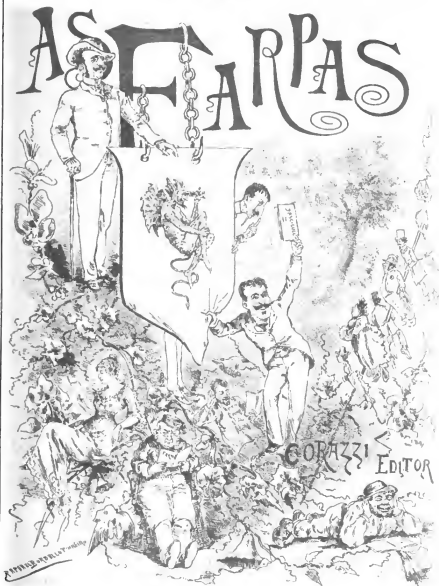
O CHEFE DO ESTADO

O CONTINUO

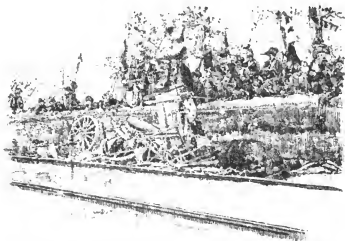
ZÉ POVINHO

—Está aberta a sessão!

—Toca a abrir a bocca!

—Toca a abrir a bolsa!

David Corazzi, o editor que mais serviços tem prestado a Portugal, acaba de emprehender a reedição das *Farpas*, esse trabalho valiosissimo de Ramalho Ortigão, um dos mais formosos estylistas, um dos mais evidentes criticos da nossa minguada litteratura.

E as *Farpas* não significam apenas alguns volumes de primoroso estylo, o que seria bastante, não representam simplesmente algumas paginas de inimitavel critica — o que seria muito; synthetisam tambem um vasto estudo de observações da vida nacional — artistica, scientifica, commercial, rural, burgueza, intima, de forma que, todas as differentes camadas da nossa sociedade, se acham directamente interessadas na leitura d'essa obra, cujas paginas distrahem corrigindo e illustram ensinando.

O DESASTRE DE VILLA FRANCA

Devido á amabilidade do nosso amigo o sr. Lino de Macedo, que nos remetteu um nitido exemplar da photographia por elle tirada no local do desastre, publicamos o desenho d'esse local, pouco depois do horrivel desastre que tão profunda impressão causou no publico.

O PARDIEIRO DO LARGO DA ABEGOARIA

O desenho que encima estas palavras é o retrato d'um morto illustre pela sua nomeada e pelas suas respeitaveis cans: o pardieiro do Largo da Abegoaria, que por tantos annos fez o desespero dos nossos nervos de artista e ao qual a camara municipal mandou finalmente deitar abaixo.

Agora o que pedimos de mãos postas ao proprietario dos terrenos é que não mande edificar algum novo pardieiro de estylo gothico ou byzantino...

Mal por mal, então antes o que estava.

E, já que estamos com a mão na massa do pardieiro, vem a pello chamarmos a attenção da camara para o cunhal do predio que vae construir-se e o qual nos parece querer estender o pesinho fóra do novo alinhamento da rua da Trindade, comendo-lhe alguns palmos da largura.

Lembramos ao sr. Fernando Palha que não tire o olho do *cordel municipal* e nós cá ficamos de olho alerta..

THEATRO DE D. MARIA

Sexta-feira, 15 de abril, festa artistica da actriz

AMELIA VIEIRA

Sabbado, 16 de abril, festa artistica da actriz

AMELIA DA SILVEIRA

Como vêem, temos uma semana dedicada ás Amelias. Na quinta-feira, baptisado do filho da princeza Amelia; na sexta-feira festa artistica de Amelia Vieira, a viuva e talentosa discipula d'aquelle eminente artista que se chamou José Carlos dos Santos e cujas lições tão evidentemente lhe aproveitaram; no sabbado, festa artistica de Amelia da Silveira, uma das primeiras actrizes do theatro normal, como o tem demonstrado em tantos trabalhos de reconhecido merecimento, e a mais formosa de todas ellas, como o provou o concurso de formosura realisado ha pouco no *Correio da Manhã*

Vamos consultar o sacristão da freguezia, porque é impossivel que esta semana não metta tambem alguma festa a Santa Amelia.

O MASSAPÃO

Toda a gente anda intrigada com o tal massapão que hade figurar na ceremonia do baptisado do principe beirão.

O proprio fidalgo a quem compete levar o massapão, não sabe o que hade levar, porque não sabe o que é massapão.

E ia consultou o Viale

—Massapão?... É uma coisa...... que se parece.. com uma coisa ..

—V. ex.ª, que é um sabio, saber-me-ha dizer o que que é um massapão?

E foi-se.
E o D. Luiz ficou-se a reflectir maduramente:

E o conselheiro, depois de consultar gregos, latinos, sãoskriptos e a criada da meio, respondeu mysteriosamente:

—Será isto?... Nada! É muito gordo para massapão...

De repente bateu na testa.

— É isto, com toda a certeza! Deu-me logo o cheiro... Ora venha cá, seu massapãosinho..

E no caminho para a ceremonia todos commentam assombrados

— Ora esta! Então o massapão não se nos sae um massapim"!

NOVO APPARELHO

No arsenal de marinha fez-se ha dias a experiencia d'um novo apparelho destinado a levantar navios de grande lote indo collocal-os sobre estaleiros fixos.

A' experiencia assistiu a mestrança do costume, bem como o sr. ministro da marinha.

S. ex.ª sahiu-nos um trocista de mão cheia, por isso que, sabendo fallar inglez perfeitamente, fingiu que não sabia, servindo-lhe de interprete o sr. França Netto, cujas explicações o sr. ministro escutava com um sorrisinho de troça, assim como quem diz

—Pois sim; mette-lh'as gordas que são para assar

A experiencia fez-se n'um tanque improvisado, que pingava por todos os lados, sendo necessario empregar uma duzia de calafates para lhe tapar as gretas.

O auctor do apparelho demonstrou a excellencia d'este, fazendo manobrar um naviosinho de papelão, que mettia na doka á custa de piparote.

Ficou emfim demonstrado que o apparelho offerece as maiores vantagens — trabalhando n'uma bacia de mãos.

LILIPUTIANOS

A gallinha da visinha é sempre melhor que a minha, bem diz o proloquio.

Toda a gente espantada com os liliputianos da rua de S. Francisco, sem ninguem reparar que temos por cá alguns liliputianos ainda mais notaveis—pela sua insignificancia.

POR AHI...

Com persistencia pyrrhonica,
Da semana os casos junto;
E ao qu'rer assumpto p'ra chronica
Não vejo raça de assumpto!

E além d'isso, que não tenho,
O jornal—novo embaraço—
Vae tão cheio de desenho
Que p'ra as letras falta espaço.

Feliz, com tal contratempo,
A saltar me desconjunto,
Por não ter, ao mesmo tempo,
Tanto espaço, como assumpto.

Ora imagine o leitor
Que o lapis fôra madraço,
E que eu tinha ao meu dispor
N'este instante muito espaço.

Trabalhava todo o dia,
Dando voltas ao bestunto,
E afinal nada escrevia,
Attenta a falta d'assumpto.

Dando-se o caso contrario,
Que fazer? tambem pergunto,
Se, dos casos, o inventario
Désse carradas de assumpto?

Debalde gasteva a *verve*
D'este enorme talentaço;
—Ter assumpto de que serve
Em tendo falta de espaço?

N'estes termos nada faço,
Deixo em descanço o bestunto.
—Bemdita falta de espaço!
—Bemdita falta de assumpto!

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

NADA DE NOVO...

Chega o caseiro Norberto;
Vem risonho e jovial.
Bellas novas traz decerto
Da familia e do casal.

—Folgo de vel
Não ha nada, la
—Graças a Deu
Tudo bem... n

—Ai! perdão!
D'um pequeno
Espichou, de
O seu cavallo—

—Como assim?! punge-me a magua!
—Coitadinho! andára em brasa
Toda a noite a levar agua
P'ra o incendio que houve em casa..

—A casa ardeu?—D'alto a baixo!
Ficou tudo n'um tição
Por tombar sobre o capacho
Uma tocha do caixão...

—Do caixão!... Deus de clemencia!!!
Qual caixão? bruto do inferno!
—Onde o pae de vocelencia
Repoisava o somno eterno...

—Elle quiz salvar da morte
A senhora sua mãe...
Teve, emfim, a mesma sorte...
...Porque ella morreu tambem..

—Não lhe lembra aquelle doce
Que a mãe lhe mandou, n'uns pratos?
Pois a patroa enganou-se...
Era pasta mata-ratos...

—Teve um pesar tão *pequeno*
Que se foi deitar ao poço...
—Pois o doce era veneno?!...
...E eu que o comi ao almoço!!!

—A não ser este incidente
Lá na terra, lá no povo,
Graças a Deus, felizmente,
Tudo bem... nada de novo...

PAN-TARANTULA.

CONTOS EM BRANCO

(Concluido do numero antecedente)

A SOBRECASACA DO NETTO

Aquella sobrecasaca
Não tem repoiso um momen
Em continuo movimento
Das outras mais se destaca,
Semelhando um pé de vent
Aquella sobrecasaca!..

Aquella sobrecasaca
Foi feita d'algum tufão!
Tudo cae de trambulhão
E de terror se embasbaca.
Quando passa de roldão
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca.
Como o simon do deserto.
Quando de nós passa perto
Ao passar nos escavaca!
—Move um moinho, decerto
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca.
Que custou talvez dez pintos
Lança a gente em labyrintos
De poeira negra, opaca!
—Faz andar a Nau dos Quin
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca,
Agitada sem criterio,
Constitue um p'rigo serio
P'ra quem se vista d'alpaca!
—E constipa o ministerio.
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca
Tudo arrasa e desmantella!
Toda a cam'ra vae á vella
Como uma catraia fraca,
Quando passa junto d'ella
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca
É peior que um furacão!
Se o governo, á prevenção,
P'ra bem longe a não destac
Deita abaixo a situação
Aquella sobrecasaca!

Aquella sobrecasaca
Co'a poeira faz-nos cegos!
P'ra segurar os refegos
D'aquella enorme borjaca.
É mister pregar a pregos
Aquella sobrecasaca!

Dr. Pangloss(?)

POR AHI...

Tivemos na semana decorrida tres acontecimentos importantissimos, cada um na sua especialidade.

A saber:

1.° — Acontecimento religioso o baptisado do presumptinho filho do presumpto d'estes reinos.

2.° — Acontecimento politico: o *charivari* na camara dos deputados.

3.° — Acontecimento popular a inauguração da epocha tauromachica

. .

A' festa do real neophito concorreu tudo que ha de mais illustre na fina flor da fidalguia portugueza.

Os nobres de velha rocha, como o sr. marquez de Vallada, e os de rocha ainda joven, como o sr. marquez da Foz, não se pouparam a despezas, nem trabalhos, nem plumas nas cabeças dos seus cavallos, para que a festa fosse luzida a valer

Cada cabeça de cavallo do sr. marquez da Foz parecia o Largo de S. Domingos em vespera de dia de Natal: não se via senão pennas de perú!

A ceremonia religiosa correu na melhor ordem.

Correu, e um modo de dizer. Não nos parece que corresse lá muito uma ceremonia que levou mais de duas horas para chegar ao cabo, quando tantas outras semelhantes se concluem em pouco mais d'um quarto d'hora. .

Mas, tamanha morosidade, facilmente se comprehende se attendermos ao numero de pequenas ceremonias de que se compunha aquelle acto religioso.

O baptisado d'um principe está para com os baptisados do resto da humanidade na razão directa d'uma recita de curiosos para com as recitas dos actores de profissão.

N'aquellas o espectaculo compõe-se geralmente de tão avultado numero de comedias e scenas comicas que é raro terminar antes das seis horas da manhã.

Foi o que succedeu com o baptisado do principe beirão. Representava-se tanta coisa que ate parece impossivel como conseguiram cumprir o programma n'um espaço de tempo relativamente tão limitado!

Nada menos de vinte testemunhas figuraram n'aquelle acto, alem dos respectivos padrinhos, da vela candida e do massapão!

Não comprehendemos como sejam necessarias vinte testemunhas para levar uma creança á pia, quando juridicamente bastam apenas duas para levar uma pessoa adulta á costa d'Africa.

Para pegar ás varas do pallio foram nomeados oito marquezes, e outros tantos condes, na qualidade de substitutos

Nunca imaginamos que a vara d'um pallio fosse coisa tão pesada que tivesse de metter portador supranumerario

As varas d'uma padiola temos nos visto pegarem apenas quatro homens e sem dependencia de substitutos.

As attenções dos convidados que assistiram á ceremonia concentravam-se especialmente no fidalgo nomeado para transportar o massapão.

Todas as vistas incidiam, todos os ouvidos se abriam, todos os narizes se dilatavam sobre esse objecto mysterioso, esperando um movimento, aguardando um rumor, anciando por uma exhalação que lhes desse a conhecer a forma, o genero, a especie de bicharouco que se occultava sob a denominação de massapão...

E afinal todos os convidados sairam de la sem a curiosidade satisfeita, que e assim como quem diz exactamente como haviam entrado, com o massapão atravessado nas guellas. .

. . .

Ao faustoso baptisterio
Do regio paço da Ajuda
Foi nobreza e ministerio
Foi toda a gente grauda.

Ao ver tanto convidado,
Tantos nobres, tantos grandes
Alguem suppoz, assisado,
Que era aquelle um baptisado
Marcos Maria Fernandes.

Por um erro de imprensa muito para lastimar, visto como todo o publico ficou mistificado, annunciou-se que a inauguração da presente epoca tauromachica teria logar no domingo ultimo na praça do Campo de Sant'Anna.

Fiado no cartaz e nas noticias dos jornaes, o publico accudiu alli em massa e muito mais em massa retirou de lá, amassado por uma enorme multidão que enchia a praça—queremos dizer a sala do parlamento.

Porque o tal erro de imprensa fez, como dissemos, que tudo corresse ao Campo de Sant'Anna na supposição de que ia assistir a uma corrida tauromachica quando se tratava simplesmente d'uma sessão parlamentar

A sessão correu na melhor ordem, sem incidente digno de menção, portando-se todos com a cordura e decencia dignas da gravidade do assumpto e da solemnidade do local, o que felizmente foi observado e

elogiado pelos principes estrangeiros que assistiram a sessão

A grande festa tauromachica—a tal que por engano fôra annunciada para a praça do Campo de Sant'Anna—realisava-se no dia seguinte na praça de S. Bento, com uma corrida verdadeiramente maravilhosa, em tudo digna de figurar nos gloriosos annaes da tauromachia portugueza!

Foi infelizmente muito limitado o numero de afficionados que por acaso assistiram aquella brilhantissima corrida, devido ao deploravel *qui-pro-quo* a que acima nos referimos

Segundo a opinião d'esses, o curro era de primeira ordem muito superior a quantos tem apresentado ate hoje o proprio Emilio Infante da Camara.

O intelligente Botas foi álvo das mais furiosas manifestações, chegando muitas pessoas a indignar-se ao ponto de pôr o chapeu na cabeça e descalçar as botas no proposito de atirar com as citadas botas á cara do citado Botas!

— Fóra o Botas! gritavam de todos os lados, desenas de vozes enrouquecidas de berrar.

— Albarda! albarda! pedia o João embolador.

— Qual albarda?! *Cilla! cilla!* emendava *el matador* S. Januario, dardejando os seus olhares matadores para a tribuna das senhoras.

E o picador Arroyo, montando o seu *cavallo omnipotente*, um cavallo fogoso, de sangue na guelra, uma especie cavallo marinho, tomava a praça de lado a lado, aos saltos, aos upas, como o cavallo do D. Luiz do Rego.

E o cavalleiro Manuel d'Assumpção, escarranchado no seu cavallo branco um cavallo do seculo passado que soffre de rheumatismo gottoso mas que ainda se não troca por um poldro em primeira mão, como aquelle chorado russo que fez as glorias de Manoel Mourisca, o cavalleiro Manoel d'Assumpção tambem aos saltos e tambem aos upas, direito e firme na sella como o sr S Jorge em dia de procissão do Corpo de Deus—salvo seja para o illustre cavalleiro.

E a *quadrilha* toda n'uma azafama indescriptivel, uns agitando as garrochas, outros passando á capa, outros saltando a trincheira, n'um enthusiasmo e n'uma berraria como não ha memoria exacta de acontecimento assim nas proprias toiradas de Badajoz e de Sevilha!

Á amabilidade d'um amigo que casualmente assistiu áquella corrida sem precedentes e que nos referiu varios pormenores, devemos poder exarar aqui uma pequena descripção d'essa deslumbrante festa.

O curro, se bem que magnifico, mostrou-se por vezes desigual, e assim temos nós, por exemplo, o primeiro bicho, que era puro, bravissimo, *camador*, de muito pé, furtando-se ás chamadas de capote e arrancando directamente com o seu fito.

O segundo bicho, velho, matreiro, conhecedor da praça, *tomando carencia*, não saindo á sorte embora *citado* repetidas vezes

O terceiro, tambem *sabido*, corpolento, investindo apenas pela certa de colher, *ensarilhando* e dando a pancada d'olhos abertos.

E entretanto, no seu conjunto, essa corrida foi, não duvidamos affirmal-o, uma verdadeira especialidade no seu genero, e que deixa uma saudosa recordação a todos os afficionados.

O que nos parece indispensavel, comtudo, é que a empresa d'aquelle popular divertimento, d'accordo com o commissario de policia, tome algumas providencias indispensaveis a garantir a segurança individual dos frequentadores das futuras corridas.

Assim nos occorre, por exemplo, a conveniencia de mandar collocar nas galerias publicas duas cordas de resguardo, como se usa ultimamente na praça do Campo de Sant'Anna, afim de evitar alguma desgraça lastimavel, no caso de qualquer deputado de mais pé se lembrar de saltar a trincheira.

Alem d'isto, parece-nos indispensavel prohibir que as creancinhas pequenas, como algumas que por lá andavam no outro dia, se conservem na praça durante a balburdia da corrida

Quanto á forma da corrida, aconselhamos a empreza a que se deixe de fazer toiradas á antiga portugueza substituindo o *neto* pelo cornetim, visto que o tal *neto* alem de receco, faz uma ventaneira tão bravia quando se saracoteia de cá para lá e capaz de endefluxar todos os narizes da situação!

A rhetorica parlamentar já tinha para seu uso o *cavallo branco* do sr. Manoel da Assumpção e agora apparece-lhe mais o *cavallo omnipotente* do dr. Arroyo.

Além d'isso, tem ainda mais o *bode espiatorio* que o sr. ministro da fazenda declarou ser, na ultima reunião da maioria, o que faz já um par de bodes, se metermos em linha de conta o bode de Carnaxide — propriedade do partido regenerador.

Com dois bodes e dois cavallos já não vae mal para começo d'um jardim zoologico, especialmente se algum dos cavallos fôr egua e se algum dos bodes fôr cabra.

Com o cavallo branco e o cavallo omnipotente não

A INAUGURAÇÃO DAS CORR

PAE DA PATRIA, FILHO DA CHAPELLADA, NETO DE SIMESMO

INTELLIGENTE

BOTAS ..... DE PELLICA

CAVALLO C

CHIQUITITO P

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O *neto* está ainda muito verde no exercicio das suas funcções. O sangue juvenil leva-o a continuas correrias por toda a praça, quando a sua obrigação é conservar-se quietinho ao pé do *intelligente* da corrida e não arredar d'alli pe emquanto o sr. Botas—de pellica—lh'o não determinar.

E veja se corta essas suissas, porque um *neto* de suissas é contra o regulamento e umas suissas d'esse tamanho chegam a prejudicar o trabalho dos capotes.

DAS NA PRAÇA DE S. BENTO

Magestoso aspecto da praça, no momento em que o vistoso cortejo entrava triumphante, o cavallo branco rinchava, o cavallo omnipotente pinoteava, a musica dos ex-alumnos tocava o hymno da Carta, os do *sol* gritavam—fora o Botas! o menino gordo trepava para cima do curro, o Trenité apregoava—frésquinho o copo com agua e o João Embolador pedia dois tostões emprestados.

admira que o parlamento pareça, como parecia os segunda feira, uma verdadeira cavallariça.

* * *

A' saida do parlamento:
— Então que me dizes áquella pouca vergonha dos deputados da minoria pôrem os chapeus na cabeça?!

— É o eterno caso de «quem com uma abobora mata com um pepino morre;»— o governo arraojou uma maioria de *chapellada*, saiu-lhe a minoria tambem de *chapellada*...

PAN-TARANTULA

DAS CALDAS

O Pim anda derramado por causa do governo lhe querer tirar a vinha, para o estabelecimento d'um parque. Pim chegou mesmo a alvitrar que se fizesse o parque á roda, deixando ficar a vinha no centro, o que era até um melhoramento muito lindo. Mas o governo foi de pedra e cal, como a mioleira de Pim, e por isso elle chora, junto á parra, lagrimas negras como a cepa!

ALBUM DE DEBUXOS E BORDADOS

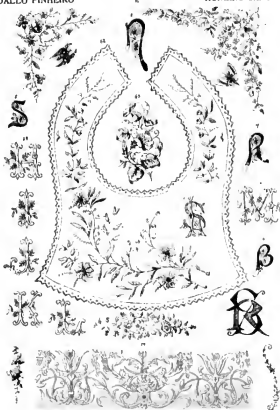
POR

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO E AURELIO CANDIDO SOBRAL

CONTOS EM BRANCO

Cop. de Busch.

COQUELIN

MONOLOGOS

THEATRO DE D. MARIA

AS RECITAS DE COQUELIN

As recitas que o grande actor francez Coquelin vae dar no nosso primeiro theatro de declamação hãode forçosamente constituir um grande acontecimento theatral.

Comprehendemos perfeitamente como deva ser enorme n'este momento a anciedade do nosso publico de ver de perto e poder apreciar o alto merecimento d'esse artista cujo nome nós conhecemos de ha tanto, ouvindo constantemente a cital-o e a encarecel-o a voz unisona d'uma reputação europea.

Que Coquelin seja bemvindo, como bemvindos são sempre á nossa terra todas as notabilidades artisticas de primeira ordem.

D. CESAR DE BAZAN.

O EMINENTE ARTISTA COQUELIN

LIVROS NOVOS

A nossa modesta secretária está hoje repleta de paginas brilhantes.

Não a trocavamos pela vitrine, ou o que quer quo seja, onde se exhibem n'este momento os brilhantes da corôa de França, postos em almoeda!

Simultaneamente, como se estivessemos combinados a entrar á mesma voz, como em grupo disciplinado de coristas, dois escriptores que fazem as suas primeiras armas e outros dois que as teem já feitas e refeitas, acabam de mimosear-nos com o grelo do seu trabalho, que é assim como quem diz *forget me not* da sua intelligencia.

José Antonio de Freitas mandou-nos a sua primorosa versão do *Hamlet* de Shakespeare o immortal Shakespeare — immortal, pelo menos, tantas vezes quantas se lhe tem escripto o nome.

Francisco Palha remetteu-nos o seu poema *A Estatua*, que constitue o primeiro volume das *Scenas Contemporaneas*.

Silva Gaio entregou-nos a sua collecção de poesias denominada *Primeiras Rimas*.

Alberto Bramão enviou-nos o seu poemeto, que se intitula *Um Beijo*.

* * *

Da fórma primorosa porque se acha feita a versão do *Hamlet*, do cuidado meticuloso com que José Antonio de Freitas respeitou n'essa versão toda a essencia do original tão original, nada diremos por superfluo, visto que o publico, em grande parte, apreciou recentemente esse trabalho, como de ha muito, na sua totalidade, aprecia os merecimentos d'aquelle distincto homem de lettras.

Assim, diremos apenas umas palavras curtas sobre o *estudo critico* que precede a magnifica producção, e no qual José Antonio de Freitas pretende demonstrar-nos que o seu *Hamlet*, isto é, que o *Hamlet* de Shakespeare padecia de hysterismo—se bem que tal enfermidade não constituisse ainda n'aquelle tempo doença de tabella que occupasse a medicina e isentasse do serviço militar.

E, empenhado na sua faina, amontôa José Antonio de Freitas toda uma enorme Babel de considerações e reflexões e opiniões e conclusões, tão bem fundadas, tão bem pensadas, tão bem estudadas, e tão bem tiradas, que, ao acabar a leitura d'esse estudo interessantissimo, não resta no espirito do leitor a menor duvida de que *Hamlet* era effectivamente um sujeito tão hysterico como qualquer menina da rua dos Fanqueiros!

Nós, se tivessemos tempo e espaço para contrariar a opinião do nosso amigo e illustre escriptor, iamos provar-lhe já aqui que o tal *Hamlet* tanto podia ser um hysterico como um alcoolico...

Toda a originalidade de caracter que o distinguia, vamos nós encontral-a — estabelecidas as devidas proporções e dados os rasoaveis descontos — n'um rapaz muito conhecido da nossa sociedade, e ao qual, se bem nos lembramos, o proprio José Antonio de Freitas muitas vezes tem apertado a mão...

Apostamos em como já lhe pôz o dedo...

Então, diga-nos lá:

— E hysterico ou piteireiro?

Acredite que a doença de *Hamlet* não era uma nevrose, era simplesmente o abuso das meias doses de canna branca de Pernambuco nas tabernecas da Ribeira Nova do seu tempo...

* * *

Cria fama e deita-te a dormir, diz o ditado.

Ora quando nós começamos a attentar nas coisas d'este mundo já Francisco Palha tinha fama de poeta por ahi além, e d'ahi deduzimos, quando ultimamente o viamos caladinho como um rato, que o homem resolvera acatar o proloquio, tomando o rumo de valle de lençoes, com a lyra por travesseiro e a musa enroscada em baixo, a aquentar-lhe os pés, como cadellinha felpuda ou botijá de grés attestada de agua da chaleira.

De que diapasão não foi portanto o nosso «ah!» estupefacto, quando ante-hontem nos cahiu do ceu, por intermedio do carteiro do 2.º districto, o poema *A Estatua*, guarda avançada das *Scenas Contemporaneas!*

— *A Estatua* de Francisco Palha! meditámos nós, soletrando a capa da brochura. Francisco Palha, o poeta da folia, o galhofeiro-mór d'estes reinos...

Esta *Estatua* é por força a da mulher de Loth, a estatua de sal, como uberrimas de *sal* são todas as poesias d'aquelle Francisco, todas as prosas d'aquelle Palha!

E repoltreamo-nos á vontade para saborear esse volume; e engatilhámos os dentes, promptos a arremelgar-se a cada verso prenhe de humorismo, a cada estrophe estoirada de pilheria brava; e avisámos a familia de que iamos rir a bandeiras despregadas; e prevenimos a visinhança para que não accudisse imaginando algum ataque de nervos...

E começámos a lêr, e d'ahi por um nadinha as lagrimas cahiam-nos a quatro e quatro, quando Francisco Palha—o tal poeta dos versos prenhes de humorismo e das estrophes estoiradas de pilheria brava—nos dizia n'um profundo sentimentalismo, aggravado ainda pela naturalidade singelissima da phrase:

«Entre o meu coração e o cemiterio
ha justa affinidade.
Povoa a morte os dois—Viva saudade
fixou nos dois o seu plangente imperio.
Será talvez por isto
que os olhos se me vão n'um finadinho,
que a tempo se poz bem co'o seu bom Christo,
adormeceu tranquillo, e no caminho
da sempiterna paz entrou sorrindo.
Vão-se-me os olhos n'elle, e caso o vento

rumoreje nos ramos dos cypreates,
já eu n'esse momento
supponho estou ouvindo,
uma unisona voz, coros celestes
baixinho a mormurar :—*Oh! sê bem vindo!*—»

O leitor que tiver por ahi em casa um bocadinho de gente a que chame filho ou neto — traquinas que lhe puxa as barbas, bregeiro que lhe cavalga os joelhos —diga-nos lá se o tal Francisco Palha não merecia bem que lhe fizessem dar tres voltas á roda d'uma forca, pelo calafrio que nos faz correr a espinha acima...

Mas, d'ahi a nada, os nossos dentes engatilhados desfecham a gargalhada retumbante, porque do meio do sentimentalismo profundo esfusia inesperadamente uma nota de bom humor, uma ironia graciosa, uma phrase de Democrito, e assim se mantem até o fim todo esse extraordinario volume de versos esplendidos, ora melancolicos como a rola nos pinheiros, ora joviaes como o pardal nos trigos, por forma que o tal volume, que nos faz sorrir, e rir á escancara, e fazer beicinho, e chorar grosso, é como que a synthese acabada dos dias que vão correndo, a em que ora esfria, ora aquece, ora faz sol, ora enegrece, o que nos leva a crêr que Jehovah e Francisco Palha — ambos elles da mesma edade—andaram de commum accordo, servindo-se do mesmo molde, para os dias da primavera e para os versos da *Estatua*

Manoel da Silva Gaio, se estiver orgulhoso do seu trabalho *Primeiras Rimas*, não faz nenhum favor a si proprio

Começar é sempre difficil, muito mais difficil começar bem, e difficilimo então começar e começar bem, quando se tem a responsabilidade enorme de manter o prestigio d'um nome já glorificado

E está n'essas circumstancias o auctor das *Primeiras Rimas*, cujo pae foi, como o leitor certamente está lembrado, um vulto saliente da litteratura portugueza.

Felizmente para Manoel da Silva Gaio e para nós, o incontestavel merecimento do seu inicio litterario em nada offusca o brilho d'esse nome, que era para nós uma saudade e que hoje consideramos tambem como uma esperança.

* * *

Um Beijo, de Alberto Bramão é um poemeto de excellentes versos, delicados, melodiosos, e amplos de gentilissimos pensamentos.

Agradecemos ao auctor o offerecimento do seu livro, e aproveitamos a occasião para protestar energicamente contra a fórma d'esse offerecimento

Na frontespicio do livro lê-se o seguinte·

«A. F... (o nome do auctor d'estas linhas).
Offerece

Alberto Bramão

UM BEIJO»

Agradecemos muito, mas não podemos acceitar.

Se em vez de um Bramão fosse uma *Bramôa*, acceitariamos com todo o gosto e até desejaramos que nos offerecesse a edição completa do volume...

Mas assim não péga...

PAN-TARANTULA.

AINDA A SOBRECASACA DO NETTO

Nós bem dissemos ao Neto
Que se deixasse de aodar
Buliçoso, irrequieto,
Co'a borjaca a dar a dar

Não nos quiz ouvir a falla,
Mais teimoso que dez Pyrrhos,
Tanto vento fez na sala
Que o Beirão deu trinta espirros!

O presidente, coitado,
Tem soffrido o bom e o bello,
Ao ver-se assim entalado
Entre bigorna e martello!

D'uma banda, a dar arrôtos
Passa o Neto qual tufão,
D'outra, a chuva, em perdigotos
Sae do nariz do Beirão!

Imaginem que tormento,
'Star alli, teso e direito,
Dirigindo o parlamento
Sob um temporal desfeito!

P'ra tal cargo (justiceiro,
Disse o Luiz d'Araujo),
Em logar d'um cavalheiro
Melhor calhava um marujo!

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS

Bim, pezado do corpo—em juizo leve—
P'ra cima da cadeira trepa a custo,
Afim de se ensaiar como hade em breve
Fallar ao sôr infante D. Augusto

Desde que a rhetorica nacional emprega o adjectivo *omnipotente* para fallar d'um cavallo, não sabemos de que adjectivos nos possamos servir para fallarmos d'um artista mediocre, quanto mais para nos referirmos a Coquelin—um artista para o qual não ha adjectivos bastantes em todas as linguas do mundo!

Assim, apenas sabemos dizer que Coquelin, o grande artista francez, é, como Coquelin, o primeiro francez e o primeiro artista, como artista não ha no mundo outro francez nem outro Coquelin; como francez pode gloriar-se a França de possuir o maior Coquelin e o maior artista!

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O SUICIDA

—Triste coisa é ser pelintra,
Supportar o fado pérro;
Não poder gosar em Cintra...
Buscar suicidio no Aterro!!!

—Qual suicidio?! A vida é bella
Apezar d'uns taes *senões*,
Se se arranja uma farpella
P'ra pagar... em prestações.

—E depois da fatiota
Como é doce e sabe bem
Ir comprar a bella bota
P'ra pagar... p'ra o mez que vem.

—E depois do fato rico
E da bota, em coiro brando,
Ir comprar tambem um quico
P'ra pagar... sabe Deus quando...

—E depois, não tendo a roupa,
Nem chapeu, nem botas pago,
Namorar de vento em pópa,
P'ra casar... tendo *ella* bago...

—Mas depois, que atroz desgosto
Se o credor leva a farpella
E um sujeito é descomposto,
Mesmo ali, nas barbas d'*ella*...

—E *ella*, a nossa bem amada,
Mais vermelha que as papoilas,
Ir p'ra dentro envergonhada
De nos ter visto em ceroilas...

....

Procopio assim reflectia
Quando rubra, ardendo em braza,
Lhe entra em casa a senhoria
Pedindo a renda da casa!...

No *bago* tendo o sentido,
O Procopio á velha horrenda
De paixão diz-se rendido,
Dá-lhe a mão em vez da renda...

Quando ella a noite dizia
—Menino, vamos p'ra o quente...
Nota Procopio que a harpia
Nem p'ra amostra tem um dente!...

E, p'ra ser maior *canudo*,
Diz-lhe a nojenta alforreca
Que inscripções, predios e tudo
'stá sujeito a uma hypoteca!

—Não ha pois recurso algum
Contra o fado a pregar opios!...
O rewolver faz pum! pum!...

....

—Foi-se a nata dos Procopios!...

PAN-TARANTULA.

M. Gustavo Bordallo Pinheiro.

O CRIME DO ATERRO
MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES

Que estranho e precioso exemplar, para os que estudam o coração humano, não representa esta mulher singular e pertinazmente desnaturada, que pretende aniquilar o filho logo á nascença, abandonando-o á solidão dos campos; e que, poucos mezes depois, reincide ainda no mesmo proposito, diligenciando arrancar-lhe a vida arremessando-o ao rio!

E que extraordinario fado não é tambem o d'esse pequenino ente, duas vezes arrancado á morte por acasos excepcionalissimos e a que ninguem daria credito se os não documentasse tão evidente o sello da realidade!

Mais uma coincidencia na vida d'essa infeliz criança: o dia em que ella veio ao mundo era o do ultimo anniversario natalicio de el-rei o sr. D. Luiz!

Que bella occasião para o sr. D. Luiz fazer alguma cousa de bom—de muito bom—intervindo pessoalmente no futuro d'esse pequenito, que logrou, mau grado seu, em pouco mais de cinco mezes, a celebridade que tantos não conseguem n'uma longa vida!

COQUELIN

E' hoje que se despede do publico de Lisboa, realisando a sua festa artistica, o eminente actor Coquelin, o primeiro, no seu genero, entre os artistas de toda a Europa.

Admiradores, entre os mais enthusiastas, d'esse bello talento cujas manifestações extraordinarias acabam de deslumbrar-nos, não é sem fundo sentimento que vêmos affastar de nós o artista incomparavel que Lisboa teve a felicidade de apreciar e tem agora a infelicidade de vêr partir.

E felizes os que conseguiram apreciai-o, porque esses não terão á hora da morte o remorso horrendo do maior peccado na religião da arte: não ter visto Coquelin.

POR AHI...

A agricultura embandeirou e vestiu de gala esta semana.

Annunciára-se para domingo um concurso de ceifeiras e gadanheiras nos terrenos do hipodromo ao Bom Successo e a essa festa accudiu de todos os pontos da cidade grande numero de enthusiastas, de curiosos e de illudidos.

Por dois d'estes ultimos fomos nós acompanhados durante a viagem da nau Catharineta—isto é, do americano que oos transportou.

Eram dois sujeitos muito nutridos, muito serios, ambos vestidos de cazimira muito preta e muito lustrosa, os chapeus muito lusidios, as botas muitu bem engraxadas e as bochechas cuidadosamente escanhoadas. Muito bem acabados, em summa.

E dialogavam em voz alta:

—Grande coisa é o progresso, visinho João Lourenço!

—Se é...

—Antigamente não havia concursos para coisissima nenhuma.

—E' verdade!

—Depois appareceram os concursos para empregados publicos.

—Exacto.

—E agora a coisa vae-se estendendo a pontos de já se fazerem até concursos de ceifeiras e gadanheiras.

—*Gadanheiras*, visinho Estanislau?... Você quer dizer amor e não lhe chega a lingua... *Ganhadeiras* é que ha de ser; isto é, raparigas de ganhar, moças assoldadadas...

—Pois é isso mesmo; mas chamam-se *gadanheiras* porque teem uns *gadanhos* muito grandes... assim a modos como os *gadanhos* physicos do *sôr* ministro dos estrangeiros e os *gadanhos* financeiros do *sôr* ministro da fazenda... Aquillo, em ellas deitando o *gadanho* ao trigo, diz que vem logo duas paveias d'uma assentada...

—Ai! visinho Estanislau! um *gadanho* assim é que me calhava lá em casa para me dar volta ao serviço domestico...

—Pois para que vim eu cá senão para fazer provimento d'essa fazenda?! A primeira ceifeira-gadanheira que me encher as medidas, se se chegar ao rego d'um ordenado razoavel, vae já d'aqui commigo direitinha para o serviço caseiro... Nada, que eu já estou farto de criadas da Santa Casa...

N'isto o carro chegava à porta do hipodromo e póde fazer-se ideia do desapontamento dos nossos companheiros de jornada ao verificarem que as ceifeiras-gadanheiras eram todas de madeira e ferro!

Pela nossa parte — e sem embargo do mais sincero enthusiasmo pelos progressos da agricultura — havemos sempre de preferir as ceifeiras de carne e osso.

E apostamos em como o proprio sr. Oliveira Martins é tambem da nossa opinião!

* * *

A tarde esteve extremamente ventosa, o que difficultou um pouco o trabalho das ceifeiras mechanicas.

O vento zenia furioso, como se tivesse morrido algum escrivão ou andasse por ahi á solta a sobrecasaca do sr. Gomes Netto.

E, com certeza, não foi outra coisa.

Como se sabe, o Jayme Arthur da Costa Pinto era o principal iniciador d'aquella festa; e Gomes Netto tem por Jayme Arthur um odio figadal, apenas comparavel em dimensões ás abas da propria sobrecasaca!

E foi assim que, não contente de lhe usurpar o assento na camara baixa, tentou agora prejudicar as experiencias dos apparelhos do Costa Pinto, mediante o sicaro assalariado da sua ventosa sobrecasaca!

Aconselhamos o Jayme Arthur a que se previna com um guarda-vento.

* * *

Nas sessões da camara dos deputados está-se dando quasi quotidianamente uma scena muito curiosa.

A opposição, que parece ter costella de senhora visinha curiosa e perguntadeira, não faz outra coisa senão dirigir perguntas ao governo, sobre isto, e mais quillo, e mais este facto, e mais aquelle acontecimento.

Pela sua parte, o governo responde a tudo que não sabe e por isso não responde, mas logo que venha a saber está prompto a responder.

Presenceiar uma sessão do parlamento equivale a assistir a uma lição em collegio de meninos mandriões. Nenhum sabe nem patavina!

E então o sr. José Luciano é o mais cabula de toda a collegiada.

Tambem não admira, visto andar sempre no caminho da camara dos pares...

Podem perguntar-lhe até quem foi o pae dos filhos de Zebedeu, que elle põe-se a torcer a *bluse* azul e branca, a esgaravatar com os dedos no nariz, a fazer-se vermelho como se uma senhora lhe pedisse um beijo, e dando apenas como resposta:

—Eu ca não sei...

Pois se não sabe aprenda, que já vae tendo idade para isso!

* * *

O exemplo do nobre ministro, aprendendo o que não sabe, pode até servir de incentivo a alguns senhores deputados que, por um descuido muito natural em quem anda desde o berço a pensar na salvação da patria, se esqueceram de aprender a lêr...

Póde mesmo estabelecer-se, a expensas da camara municipal e no proprio recinto do parlamento, uma escola de primeiras lettras, porque não faltará decerto mais um benemerito professor disposto a morrer glo-

riosamente de fome desvendando ao espirito de tão illustres paes da patria os mysteriosos arcanos do *b a ba*...

Estamos até a vêr, d'aqui por algum tempo, o sr. ministro da fazenda, respondendo a uma interpellação sobre o estado da burra do thesoiro:

—*B a ba*... fugiu a burra...

E logo em seguida, levantando a mão direita á laia de collegial a quem convem esquivar-se para que lhe não façam mais perguntas:

—Dá licença que vá á... camara dos pares?...

* * *

Surprehendeu-nos agradavelmente uma noticia do *Diario* das mesmas em que se põe a vivo a philantropia do sr. D. Luiz por haver tomado sob a sua protecção o pequeno Hermenegildo, que a mãe offerecera como prato de meio aos peixinhos do Tejo de crystal.

Louvando o monarcha por esse acto—como o louvaremos sempre por actos semelhantes—aproveitamos o ensejo para fazer o mesmo que fizeram todos os nossos collegas da imprensa diaria no caso do malogrado infanticidio: um reclame no nosso jornal.

Sendo certo que todos os jornaes attribuiram modestamente á sua iniciativa a descoberta do repugnante attentado, não será muito que nós attribuamos á nossa a acção philantropica do monarcha, visto termos sido nós quem, unicamente, referiu a coincidencia do pequeno Hermenegildo haver nascido no dia do anniversario natalicio d'el-rei, chamando por isso a attenção do monarcha para a bonita acção que lhe lembrámos e que elle acaba de praticar.

Nós tivemos a ideia e el-rei executou-a: cabem-nos portanto 50 % na partilha da gloria.

A Cesar o que é de Cesar, aos *Pontos nos i i* o que é dos *Pontos nos i i*...

* * *

Quem não assistir ás sessões do parlamento e quizer fazer uma ideia do que ali se passa pela leitura dos jornaes das varias cores politicas ficará suppondo que a representação nacional está reduzida a massa de filhós ou a cataplasma de papas de linhaça.

Fallando dos discursos dos deputados opposicionistas, escrevem todos os dias as folhas da minoria: «foi profundamente esmagador para o governo e respectiva maioria o discurso pronunciado pelo illustre orador o sr. Fulano de Anzoes.

Replicam os periodicos governamentaes, referindo-se aos discursos dos seus correligionarios: «O discurso do nosso amigo Beltrano de Tal foi para a opposição profundamente esmagador.»

Pelo que nós concluimos que todos os illustres paes da patria estão reciprocamente esmagados uns pelos outros, tornando-se portanto urgentissimo, em nome da salubridade publica, cobril-os de cal viva antes de começarem a deitar mau cheiro...

Como depois de esmagados é difficil senão impossivel differençal-os uns dos outros, occorre-nos o expediente de se espetar uma bandeirinha distinctiva ao centro de cada monticulo que represente um esmagado pae da patria...

PAN-TARANTULA.

ESPECTACULOS

Para se frequentar presentemente os theatros de Lisboa é preciso ser-se pelo menos polyglota.

Em *D. Maria* falla-se francez; no *Gymnasio* falla-se e dança-se hespanhol; em *S. Carlos* toca-se allemão; no *Colyseu* falla-se, dança-se, toca-se e cambalhota-se todas as linguas!

O theatro dos *Recreios* é dos poucos que se conservaram fieis á lingua portugueza—e, ainda assim, com a sua pitadinha em cançoneta brazileira.

* * *

A primeira representação da *Lili* era esperada pelos amadores de vaudeville com a anciedade com que um visitante ao Bom Jesus de Braga espera o toque da sineta annunciando o salvador jantar.

Nós eramos um dos anciados e por isso avaliem a ancia com que subimos meia dóse da Calçada da Gloria em demanda dos Recreios.

Infelizmente não podémos ir para lá duas horas antes de começar o espectaculo, de fórma que, quando chegámos, já o nosso logar habitual estava occupado por uma respeitavel matrona a quem não podemos desalojar visto que, n'essa noite, os logares não eram numerados.

Á falta de melhor contentámo-nos com um logarsinho d'orchestra, ficando-nos o bumbo por traz e os timbales por diante.

E d'ahi assistimos, muito azabumbados da nossa vida, á representação da *Lili*, cujo principal personagem é interpretado por Lucinda do Carmo, uma graciosa *Lili* de *biscuit*, portatil, microscopica; uma *Lili* do tamanho da marqueza Luiza que se mostrava na rua de S. Francisco. Emfim, uma verdadeira Liliputiana.

CONTOS EM BRANCO

As interpretações do penultimo conto não tiveram conto.

Nem conto nem graça.

O thermometro por onde se marca a temperatura de espirito dos nossos amaveis collaboradores desceu abaixo de zero—como nos succede ás vezes cá por casa.

N'estes termos, e no proprio interesse dos auctores das decifrações, afigura-se-nos que o melhor que temos a fazer é guardar essas interpretações para quando a moda restabelecer o imperio das mechas...

Raymundo, que fôra o vencedor entre os mais votados interpretes do ante-penultimo conto, já recebeu

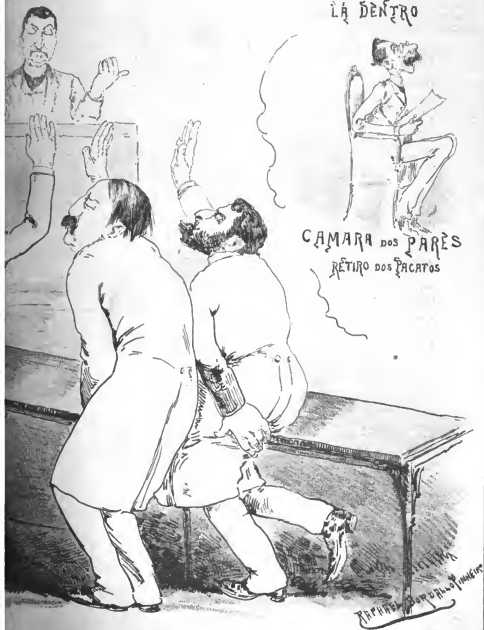
AS NECESSIDAD

S DO GOVERNO

LÁ DENTRO

CAMARA DOS PARES

RETIRO DOS PACATOS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ença que vá lá dentro?
lá um...

na administração dos *Pontos nos ii* o premio do seu trabalho, representado n'uma velha de capote e lenço, em faiança.

Do ultimo conto recebemos varias interpretações, de entre as quaes escolhemos como unica aproveitavel a de *Celsus*, que publicamos em seguida.

Fradescamente sentado
Á sombra, de manhãsinha
Tomava o chá costumado
Thomaz Antunes Sardinha.

Mas vem o Juca, um fedelho,
E atira p'lo tapamento
Á orelha do pobre velho
Rija bolla de cimento.

Chia o Thomaz co'a pancada,
E busca com zêlo e arte
O chão; mas não acha nada,
Nem vê d'onde o tiro parte.

—Ora adeus!—diz—Foi abelha,
«Passou, mordeu, pôz-se a andar.
«*Deixemos* arder a orelha
«E... toca a continuar.

Puro engano! Nova bóla
Faz lhe o biscoito em pedaços
O Antunes bate na *tóla;*
Mas não se sáe de embaraços.

Vem outra pedra, e... zaa! pás!
Deixa-lhe um olho arrasado.
E do outro lado o rapaz
Vê da púlha o resultado.

Trepa o infeliz á cadeira
A vêr se intende a *marosca,*
E o Juca. p'ra a brincadeira.
Já arranjou nova arriosca.

Mette no tubo de lata
Um projectil aguçado,
Espetando-o—que reinata!—
Na *penca* do desgraçado.

Dá este um tremendo tombo
Sobre a meza, que se parte,
Cáe-lhe o chá quente p'lo lombo.
Sem que o garoto se farte!

Já novo tiro prepara;
Mas eis que o vê o Sardinha
E diz:—Vaes pagar bem cara
A tua brincadeirinha!

Empunha o bul' com cuidado
E enfia-o, sem mais aquellas,
No tubo, que do outro lado,
Ao Juca fura as guélas.
....

D'este conto a sã moral
E bem clara, inda que dura
Nunca ninguem faz o mal
Que o não pague com usura.

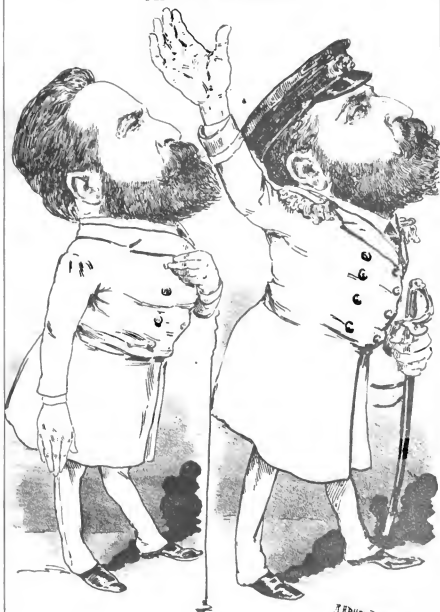
CELSUS

CONTOS EM BRANCO

O CONCURSO DE CEIFEIRAS E GADANHEIRAS

Uma bonita festa do progresso, que desejamos sinceramente vêr repetida, para desenvolvimento do nosso meio rural, e na qual obtiveram o primeiro premio as machinas *Osborne* do Centro Agricola Industrial, sendo conferido o segundo ás machinas *Adriance* e *Buckey*, da Companhia Real Promotora de Agricultura Portugueza.

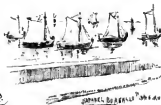
Pena é que não concorressem alli as demais casas importadoras de instrumentos agricolas, porque, se não conseguissem avantajar-se ás duas precedentes, teriam comtudo n'esse certame o premio moral concedido no applauso publico a todos os que lidam e se interessam pela marcha do progresso.

ANTES E DEPOIS

Com a mão cahida era deputado da nação.

Com a mão levantada passou a ser tenente da armada.

Lithographia Guedes rua da Oliveira, ao Carmo, 12

A GREVE DOS FRAGATEIROS

Elles negavam-se a embarcar por via do mar encapellado, o temporal desfeito, produzido pelas abas d'esta sobrecasaca, que percorria o Aterro como um pampeiro do deserto.

Mas elle foi ao barbeiro cortar o cabello e aproveitou a occasião para aparar tambem as abas da sobrecasaca. E o vento acalmou, e o temporal abrandou, e emquanto elle se *derretia* em frente do ministerio assim acabava a greve dos fragateiros!

POR AHI...

Suppômos que, d'esta feita, o sr. ministro da fazenda comprehenderá, até o amago do miolo dos intestinos do tutano, que o monopolio é o mais poderoso fautor da decadencia, nos ramos em que se estabelece, ao passo que a livre concorrencia significa o mais valioso auxiliar, na perfeição e no desenvolvimento d'esses mesmos citados ramos!

E, senão, vejam o brilhantismo excepcional, a animação extraordinaria com que se destinguem na presente epocha todas as corridas de toiros na Praça do Campo de Sant'Anna.

E d'onde provêem todo esse brilhantismo e toda essa animação?

Dos esforços e dos sacrificios empregados pela empreza.

E d'onde derivam esses esforços e esses sacrificios?

Do natural receio da concorrencia, estabelecida este anno na camara dos srs. deputados.

. . .

Na phrase dos amadores, foi *de alto lá com ella* a toirada do ultimo sabbado.

Propriamente em si, nada teve essa corrida de extraordinario, mas o remate foi de encher as medidas aos mais exigentes *aficcionados*.

O leitor deve necessariamente lembrar-se de que ha um anno, na Praça do Campo de Sant'Anna, quando a maior parte do publico retirara bocejando após uma corrida que nada tivera de extraordinario, o ultimo boi, saltando fóra do toiril onde já fôra recolhido, varreu a praça n'uma investida furiosa, galgou a porta do cavalleiro, correu todas as trincheiras, produzindo, emfim, uma balburdia de seiscentos mil demonios.

Pois foi quasi precisamente o que aconteceu ha cinco dias na praça da representação nacional.

Terminara o popular divertimento; os toireiros-deputados recolhiam sobraçando os *capotes*, representados em varios projectos de lei; o governo sacudia o cachaço dorido das *bandarilhas*, significadas pelos discursos da opposição. O *netto* respondia com um arroto ao João Embolador, que lhe chamava *sr. duque* e lhe pedia dois tostões emprestados; os espectadores começavam a evacuar as trincheiras, quando de repente o *Ferreira de Alcochete*, larga o *capote* na *trincheira* e executa uma pêga real!

O sr. José Lucianno, que na sua qualidade de cabo geral fazia a polizia da praça, gritou logo para o Ferreira de Alcochete:

—Alto lá! que as *pégas* são prohibidas! — De mais a mais uma *pega de cara*...

—O *Botas* é que deve decidir se o homem tem de ir para o *estarim!* observou ainda um dos cabos de segurança.

Mas o *Botas*... *de pellica* não fôra *intelligente* n'essa tarde e o *Botas* supranumerario já passára as *palhetas*.

Consultados o *João Embolador* e o *Xico Batata*—que é socio muito entendido em leis—sobre se o caso constituia delicto, assim o opinaram, pelo que o referido caso foi considerado não só delicto mas até *fla-*

grante... uma hora depois de haver sido praticado!...

A rhetorica parlamentar acaba de soffrer uma reforma radical em todos os seus logares communs.

A *Nau do Estado*, *As Provincias da Publica Administração*, e quejandos artigos egualmente respeitaveis e egualmente caruncheosos, foram remettidos para o esconso da arrecadação, vindo substituil-os na sala do parlamento outras formulas inteiramente novas no seio da representação nacional e com a acquisição das quaes muito folgamos — folgamos até de mais — porque isso significa uma conquista democratica muito alem das nossas aspirações, qual a de vermos transportado para o parlamento todo o scenario dos botequins da Mouraria.

Em vez das *Provincias da Publica Administração e adjunta Nau do Estado*, temos nós hoje:

A bofetada, a galheta, o biscoito, a lamparina, o estalo, a cacholeta, a bolacha, o tabefe, a solha, o estreliré, o pontapé e a chulipa.

Além d'isto, temos ainda um genero de phraseologia que é defeza á nossa penna, sob dita pena de manifesto aggravo á moral publica.

* * *

Diz-se que os moradores da parte baixa da rua de S. Bento e respectivas circumvisinhanças vão dirigir ao governador civil um *nós abaixo assignados* que nos parece de toda a justiça e cujo teôr nos consta ser o seguinte:

Ex.^mo Sr.

Nós abaixo assignados, moradores dos arrabaldes de S. Bento, vimos respeitosamente e em vista de factos que são do dominio publico, rogar a v. ex.ª que haja por bem do socego dos signatarios, caçar o alvará de licença pelo qual se permitte o estabelecimento da representação nacional no edificio do Largo de S. Bento, visto como as bulhas, os desaguisados, as rixas e as desordens que ali quotidianamente se repetem trazem justamente sobresaltados os pacificos moradores circumvisinhos, se é que por ventura não ameaçam a sua segurança individual.

E, assim, pedem... sejam presos,
Os que tal casa frequentam,
Nos bancos a que se assentam,
Como... os botes ás argolas;
Ou então, que a dita casa
Seja fechada de vez
— Talqualmente o que se fez
Co'o café das hespanholas.

* * *

Os membros da imprensa que concorreram as ultimas sessões parlamentares tiveram de esperar na escada, apertados como limões em mão de fabricante de capilé de cavallinho.

A camara entende que a *imprensa* só depois de *imprensada* deve entrar para a galeria.

Achamos muita natural que a camara, desejando ter para com a imprensa as attenções que teria para comsigo propria, a faça esperar no patamar da escada, á laia de gallego que está aguardando o rol das compras.

* * *

Nos debates parlamentares, sobre se o *flagrante delicto* se déra ou não se déra no caso Ferreira d'Almeida, sustentou o sr. José Lucianno que o *flagrante* se dera incontestavelmente, uma vez que a perseguição policial se verificára SEGUIDAMENTE, EM ACTO CONTINUO... ALGUMAS HORAS DEPOIS!

Esta bella frase correu logo de bocca em bocca e d'ahi por algumas horas toda a cidade estava ao facto de que, *seguidamente*, *em acto continuo*, *algumas horas depois*, são tres coisas tão parecidas como tres cabellos da mesma cabeça, da mesma côr e do mesmo tamanho!

Logo n'essa noite, em um dos nossos theatros, o actor que tinha de entrar em scena, *acto continuo* ao levantar do panno, só se apresentou ao contraregra quando batiam as quatro horas da madrugada.

— E' a mesma coisa, explicava elle: *acto continuo... algumas horas depois...*

No dia seguinte, um negociante da nossa praça, a quem apresentaram a pagamento uma lettra de vencimento á vista, respondia com a maior seriedade:

— Vou satisfazer-lhe esta importancia *seguidamente*... d'aqui a quinze ou dezeseis annos...

E hoje mesmo, o proprio sr. José Lucianno, acaba de pôr no olho da rua uma sua criada de 95 annos, a qual foi apanhada por s. ex.ª em *flagrante delicto* de deshonestidade!

Quando contava apenas vinte primaveras, a deshonesta criada escondeu no armario da cosinha um zelador da camara municipal.

E este facto deshonesto chegara hoje ao conhecimento do sr. José Lucianno, *seguidamente*, *em acto continuo* .. setenta e cinco annos depois...

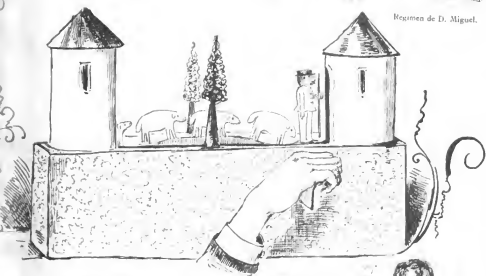
* * *

O sr. Manoel d'Assumpção pronunciou na sessão parlamentar de terça feira um discurso de fazer chorar as pedras da rua e de fazer rir a humanidade em peso.

A SEMANA P

Vera efigie do artigo de guerra de 1799
por onde se rege a armada de 188-
Energica attitude dos ministros
que fallaram.
Como nas *Aventuras do Barão de Münchhausen*, foi assim que elle apanhou todos os patinhos da maioria, os quaes successivamente comeram e descomeram o mesmo bocado de toucinho.
Luneta tremida como um *puding*, opiniões firmes como uma rocha.
Fevera na alma, nervo na voz e sustancia no que diz.
Um pouco torto de vista, mas muito direito de caracter
Doutor de capello e Arroyo encapellado

RLAMENTAR

Regimen de D. Miguel.

E depois de os transformar, de patinhos em carneirinhos, elles o acompanham com os pés pegados a grude, no realejo da constituição, tocado ao sabor de quem ter a manivela nas unhas...

muito doce e muito amar-

Laminas d'aço na lingua e algodão em rama nos ouvidos

Amarello como a cidra e azedo como o limão

Um portuguez. Feio e forte.

—Conheço-lhe a alma! disse elle, fallando do sr. ministro da Fazenda.

E d'ali a bocado, referindo-se ao sr. ministro da justiça:

—Conheço-lhe a alma!

E logo em seguida, dirigindo-se aos srs. ministros do reino e dos estrangeiros:

—Conheço-lhe a alma! conheço-lhe a alma!

Chegámos a acreditar que o illustre parlamentar

era andador das almas, pelo vasto conhecimento que tinha de todas ellas.

Pois, com *tão bons conhecimentos*, até parece impossivel como s. ex.ª ainda não foi para as profundas dos infernos...

Depois de nos dizer que conhecia todas aquellas boas almas, o distincto orador affirmou que a maioria, para cumprir um acto de justiça, seria capaz de saltar por cima das bancadas do ministerio.

Era um verdadeiro *salto á vara larga*—unica sorte que ainda não foi executada em S. Bento.

Mas a maioria não saltou, porque tem os pés presos com o grude do subsidio, como os carneirinhos de realejo, e assim ficou provado que aquellas *grandes almas* não passavam aliás d'umas *almas de chicharro*...

Em conselho de ministros.

O presidente, com as barbas de molho:

—E' indispensavel tomar uma resolução energica, não aconteça pelo diabo que venha a pegar a moda...

Um membro do gabinete, em quem o leitor facilmente vae pôr o dedo:

—Que a castanha seja grossa,
Haja estalo e bofetada;
Cá por mim não me faz mossa
Pois tenho a cara estanhada.

* * *

Foi o sr. Vicente Monteiro quem abafou a discussão Ferreira d'Almeida na camara dos deputados.

Naturalmente foi por se ter fallado muito em *pena de morte* que o tal *Vicente* appareceu em scena.

Em cheirando a mortos, apparecem logo os *corvos*.

O nome e sobrenome do deputado Ferreira d'Almeida é José Bento.

P'ra o turno completo
Da praça, em S. Bento.
Depois de ter *Neto*
Faltava o *Zé Bento*.

* * *

O deputado Baptista de Souza, fallando na camara

contra o procedimento do seu collega Ferreira d'Almeida e aproveitando a occasião para fazer reclame ao estabelecimento, disse que exercia cá fóra o mister de advogado e que muito se honraria defendendo nos tribunaes o referido Ferreira d'Almeida.

—Sape gato! que o menos que succederia ao *réu* era ser condemnado á morte, acompanhada de degredo perpetuo na costa d'Africa, seguido de prisão maior cellular por toda a vida!

* * *

Entre deputados da maioria:

—Então que lhe parece aquelle attentado d'um deputado *levantar a mão?*

—Um deputado *levantar as mãos* não me parece um attentado: parece-me um phenomeno...

* * *

Hontem á noite corria,
No gremio e junto da arcada.
Que o ministerio cahia
Em razão da bofetada.

Tendo o boato escutado,
Eu descrente me sorri...
—Ministerio em tal estado
Hade cahir... mas *por si*...—

PAN-TARANTULA.

THEATRO DE S. CARLOS

Verdadeiramente esplendidos os concertos classicos regidos pelo illustre professor Rudorf e dos quaes sentimos não poder, por falta de espaço, fallar detidamente.

THEORIA E PRATICA

—Asseguro a v. ex.ª que lavra a indisciplina na armada portugueza!

—Isso são theorias; não acredito emquanto a pratica o não demonstrar.

Exemplo pratico.

SE SÃO CARNEIROS...

Uma estupenda questão
Momentosa agora surge
Saber se os paes da nação
Os serão ou não serão
Uns *carneiros de Panurge*!

Circulam varios zum-zuns.
Correm juizos sem fim.
—Que elles, de raça ovelhuns
Não são tal, dizem alguns:
—Mas eu contesto que sim!

O filho d'um pato—é pato;
Quem tiver pae cão—é cão:
Quem vier d'um gato—e gato.
O filho d'um rato—é rato;
D'um leão nasce—o leão.

Posta a questão n'estes geitos,
N'estas fórmas tão sensatas,
Tirêmos d'ella os conceitos:
—Quem é pae dos taes sujeitos?
—O *carneiro com batatas*!

Sendo assim, acho—certeiro—
Illação—talvez bem dura...—
Mas o fundo e verdadeiro.
Sendo filhos do carneiro,
São carneiros sem mistura...

PAN-TARANTULA

A CONCORDATA

O boneco é muito grande para um menino tão pequenino Faça presente d'elle ao sr. Papa, se não quer que eu chame o papão...

SEVERO TORELLI

Não podemos negar o nosso elogio á empreza do theatro de *D. Maria* pela forma brilhantissima com que acaba de pôr em scena a notavel tragedia de François Coppée, cuidadosamente traduzida em verso portuguez por Macedo Papança e por Jaymo Victor.

O trabalho de Augusto Rosa foi mais uma manifestação do enorme talento d'esse artista, talento maleavel a toda a sorte de interpretações.

Brazão surprehendente em toda a execução do seu difficil papel, e designadamente no 2.º acto.

João Rosa magistral no desempenho do seu importante personagem.

O trabalho de Virginia perfeitamente á altura dos elevados merecimentos que têem feito a reputação d'aquella artista.

Amelia da Silveira correctissima no seu pequeno mas muito notavel personagem.

E, assim todos os mais, n'um conjuncto magnifico, que fez de *Severo Torelli* uma das mais interessantes peças do reportorio d'aquelle theatro.

Paulo Plantier offereceu-nos exemplares da sua formosissima edição de Severo Torelli, um volume elegantissimo, que pessoa alguma de bom gosto deve deixar de possuir.

POR AHI...

A questão Ferreira d'Almeida tomou no parlamento o aspecto d'um folhetim.

E d'um folhetim do Miguel Paes, com *continuar-se-ha* no fim de todos os capitulos.

Quando vimos essa questão ir para a camara dos pares e nos lembramos do que essa camara hoja representa — depois que o sr. José Luciano lá se demorou n'uma necessidade em que era insubstituivel — suppozemos que a questão se resolveria alli em poucos minutos, vira mão e fia dedo, como coisa que não está para supportar grandes delongas.

Mas, qual historia! Os dignos pares do reino agarraram-se a ella com tanta boa vontade como se haviam agarrado os srs. deputados da nação portugueza, e não houve terminar essa questão, ainda a despeito da moção de confiança proposta e sustentada pelo immortal sr. Basorra.

É uma excellente fazenda para casacos este sr. Basorra!

Quando nós tivemos a ventura de o conhecer era elle um famoso sobretudo do partido progressista.

Depois, começou a coçar-se, a coçar-se, a cahir-lhe o pello, e um bello dia voltou-se do avesso, ficando como novo e transformado n'um *paletot* do partido regenerador.

Mas o partido regenerador deu-lhe tanto uso que o avesso, transformado em direito, já está mais coçado de que o direito, trasformado em avesso, e ahi vae o *paletot* outra vez para o alfaiate, afim de ser novamente virado e matamorphoseado—d'esta feita n'uma quinzena progressista!

Depois d'esta ultima *viradella* é que nos parece não terá outra utilidade que não seja para pannos da casa.

O incidente Ferreira d'Almeida, apesar de ser considerado um facto unico nos annaes da historia parlamentar e constituir por conseguinte um caso esporadico d'aquelle genero de epidemia, foi todavia tão gravemente reputado, que o governo se não contentou em dar o parlamento como porto suspeito de tabefe e levou o seu rigor hygienico ao ponto de o considerar como porto inficcionado de cacholeta!

E é assim que foi reforçada a guarda, reforçada a policia e reforçados os appoiados.

A guarda das côrtes mette agora tantos soldados que parece o cordão sanitario da fronteira no tempo do cholera em Hespanha.

O sr Bailio de Malta não tem faltado a uma unica sessão e anda sempre a sarangonhar pelos corredores...

Os deputados da maioria vão requerer augmento do duplo do subsidio e um serviço permanente de capilé de cavallinho nas respectivas secretarias, para refrescarem as guellas resequidas de gritar a cada instante apoiados de tres respostas.

O corpo de policia, incluindo os proprios commissarios, tenciona fazer avença de paparoca na Empreza dos jantares aos domicilios, por não poder arredar pé do seio da representação nacional.

Vem a proposito perguntar a razão porque os srs commissarios se permittem o regabofe de fazer policia assistindo ás sessões nas galerias reservadas para senhoras.

Sendo expressamente prohibida a entrada do sexo bruto n'aquella galeria, a permanencia dos srs. commissarios n'esse local, defeso a homens, obriga-nos a perguntar-lhes se porventura—por desgraça, queriamos dizer—já passariam pelas unhas do hespanhol que amola facas e tesoiras—e que n'esse caso ficaria tambem *amolando* commissarios de policia...

* * *

A alta de fundos continua a ser o cavallo de batalha em que o governo se escarrancha para proclamar bem alto os seus serviços á patria das batatas.

Sobre as causas determinantes da alta ou da baixa de fundos tem-se discutido para ahi muito o barateamento dos capitaes, a alta do cambio no Brazil, a baixa do desconto no banco de Inglaterra e outras quejandas velharias tão gastas na polemica financeira como falsas na sua correlação com a alta ou a baixa dos fundos portuguezes.

Porque, em nosso humilde entender, a alta dos fundos de qualquer paiz depende exclusivamente da casta de ministro que se põe a testa da fazenda d'esse mesmo paiz.

E, quanto mais immoral for o ministro, tanto mais hade subir os fundos!

Assim, á primeira vista, parece um disparate e é comtudo a purissima da verdade.

E, senão, queira o leitor seguir o nosso raciocinio.

Quem é o responsavel pelas dividas do paiz? é este ou o ministro da fazenda?

Está claro que é o paiz, visto que, se elle se recusar a pagar os seus debitos, o ministro, por mais honrado que seja, não paga nem vintem do seu bolsinho.

Por onde deve aferir-se o grau de credito que nos inspira um devedor?

Pela lealdade com que elle paga quanto lhe exigem, sem protesto nem reclamações.

Ora o paiz, depois de atu'rar o sr. Hintze sem protesto, está agora aturando o sr. Marianno sem reclamação: isto é, deu a prova mais incontestavel de que está resolvido a pagar tudo quanto lhe peçam, a largar tudo quanto lhe exijam.

E é assim que o argentario emprega de preferencia **o seu dinheiro em fundos portuguezes, fazendo-os subir, porque o anima a convicção de qne um paiz tão dado á boa paz, que não protesta por coisa alguma, jámais se revolucionoará, ainda que lhe mettam as mãos nas algibeiras.**

E por isso os fundos sobem.

* * *

O sr. Teixeira de Aragão, aquelle sujeito a cuja iniciativa se deveu a trasladação dos gloriosos ossos de Vasco da Gama, da Vidigueira para o convento dos Jeronymos, acaba de apresentar á Academia Real das Sciencias uma communicação baseada em serios estudos o investigações profundas e da qual communicação se conclue que os ossos trasladados da Vidigueira serão talvez gloriosos, mas o qne não são com certeza é de Vasco da Gama, visto como os do heroico portuguez ainda lá estão na Vidigueira inteirinhos e entregados ou com pequenas mutilações.

Vemos por isto que o sr. Teixeira de Aragão deu agora em fazer concorrencia aos Montes dos enterros no que respeita a serviço de trasladações, sendo evidente que, se o governo o attende, encarregando-o de trasladar para Lisboa a segunda edição dos ossos de Vasco da Gama, d'aqui por meia duzia de annos o homem apresenta nova communicação á Academia, declarando haver encontrado mais outro Vasco da Gama em osso na Vidigueira o não descançará jamais emquanto o forem encarregaodo de trasladações e existirem ossos disponiveis no sitio da Vidigueira e suas circumvizinhanças.

E será até muito capaz de botar a alcofa ás costas e andar percorrendo esse paiz a apregoar por toda a parte.

— Quem quer vender algum cebo ou tem por ahi alguma osso parecido com o do sr. Vasco da Gama?

* * *

O café Martinho vestiu-se de novo.

Vestiu-se de novo, mas ficou com a apparencia de um velho que se enfarpellasse n'uma *toilette* de caixeiro de loja de modas.

É o Manoel Mendes Enxundia adaptado ás exigencias da scena moderna, com a differença porém de que o *Manoel Mendes Enxundia* nos faz rir com gosto, ao passo que o café Martinho quasi nos faz chorar de desgosto.

Já que não quizeram conservar-lhe a forma tradicional, que o distinguia de todos os outros, poupassem-n'o ao menos, coitadinho, áquelle tecto de clara d'óvo, áquelle papel de sala de commendador e áquelles lustres de Academia Therpsicor.

Assim, como o arranjaram, era melhor transplantal-o para a rua dos Fanqueiros e pôr-lhe lá ao fundo, n'aquelle cubiculo destinado para as senhoras tomarem neve, um piano de manivela, que o moço da cosinha devia tocar magistralmente, attenta a longa pratica de moer café todos os dias.

Para a *mise-en-scène* ficar completa, pedimos que se ponham umas bambinellas no nariz do Valentim.

* * *

Em conselho de guerra realisado ha poucos dias no Porto foi absolvido um capitão que levantára da mão para um official inferior do seu regimento.

Se outro tanto não acontecer ao heroe do recente e nunca assás discutido incidente parlamentar, ficamos sabendo que no exercito portuguez de terra e mar a cacholeta é livre quando partindo de cima para baixo e captiva quando partir de baixo para cima.

Se o mesmo processo de estabelecer para os paisanos, bem pode o Correia de Barros trazer uma carapuça de prevenção para quaudo passar perto do conselheiro Nazareth.

[illegible]

E' com o maior prazer, e sem lhe levarmos nada pelo *reclame*, que annunciamos hoje a nova fabrica de bolachas e biscoitos nacionaes estabelecida no antigo convento dos frades de S. Bento e premiada por sua magestade el-rei com a mais valiosa distincção que existe no cofre das reaes graças e que outras fabricas de biscoitos ainda não abiscoitaram.

O Eduardo da Costa e o Conceição e Silva ficam mettidos n'um chinello, porque apesar de fabricarem á machina, não podem competir com aquelle processo de fabricar bolachas á mão.

Aquillo é outra limpeza.

O ORADOR DA SEMANA

Carlos Lobo d'Avila foi o orador mais notavel da semana, pela forma humoristica do seu discurso, destoando de todos os outros.

Discursos d'aquella ordem não deviam ser declamados no parlamento, deviam ser impressos em jornaes da laia do nosso.

Acaba de dar-nos o abraço da despedida Antonio

d'Andrade, que vae para Londres, a encontrar-se com seu irmão Francisco, devendo ambos estar aqui em Lisboa na proxima epocha lyrica, proporcionando assim aos nossos *dilettanti* o desejado ensejo de victoriar esses dois sympathicos rapazes, já tão laureados na sua carreira artistica pelo estrangeiro.

CONTOS EM BRANCO

Continua a innundação de poetas invadindo-nos o escriptorio com as suas interpretações rimadas.

Mas é uma innundação d'agua doce; e como—graças a Deus e modestia aparte—sempre teremos mais algum sal, se nos dermos o trabalho de rapar um bocadinho ao fundo da salgadeira cá de casa, seremos nós quem dê futuramente a explicação dos contos, fazendo-os e baptisando-os, assim á laia do cura de Povos—e de muitos outros curas, talvez menos conhecidos no assumpto mas decerto não menos gloriosos por esse mesmo facto.

QUADROS HUMORISTICOS DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

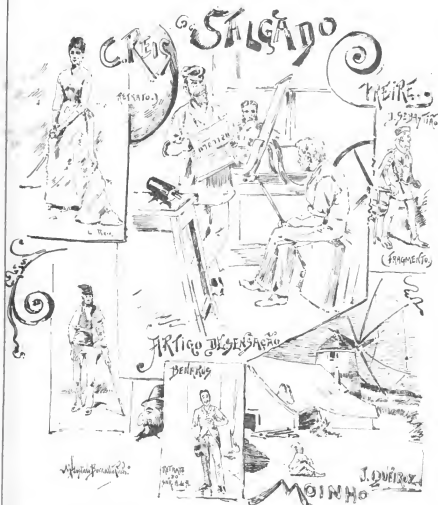
Levada da breca.

Uma menina d'aquella natureza não a queriamos em casa... nem pintada!

E muito menos por cem mil réis...

Oh que chapeu!

E ainda o auctor do quadro não viu os chapeus das frequentadoras de S. Carlos, aliás teria mettido o ponto de exclamação que lhe falta adiante do *Oh*...

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES

Alegrou-nos — como sempre nos alegra toda a manifestação da vida artistica — a nova exposição da *Sociedade Promotora de Bellas Artes.*

Se ha coisa ali que nos entristeça é vermos ainda expostos os mesmos quadros que se nos apresentaram ha bons vinte annos

Porque elles lá estão exactamente na mesma, sem um unico cabello branco, ao passo que a nossa infelia cabeça já faz namoro descarado aos frascos de Agua Circassiana

De resto, aquella exposição alegra-nos devéras, e comnosco deve tambem alegrar-se o *Grupo do Leão,* cuja iniciativa muito tem concorrido para o desenvolvimento do gosto artistico no nosso modesto meio.

E, n'este verdadeiro concerto de alegrias, muito se deve tambem alegrar—e com orgulho—Columbano Bordallo Pinheiro, o artista que mais tem merecido entre nós as honras da discussão, aquelle de quem alguns até desdenhavam, para afinal agora, um grande numero—e dos melhores—seguirem as pisadas artisticas do seu modo de fazer da sua pintura solida, do seu braço tão energico quanto original

QUINTA FEIRA D'ASCENSÃO

Este anno foi o governo quem apanhou a espiga. Alguma vez havia de ser...

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES

Apresentamos mais alguns *croquis* de bellos quadros mandados áquella exposição por pintores da moderna camada artistica, que folgamos de ver inspirados nos processos avançados, a despeito do ensinamento recócó que officialmente por ahi se ministra.

O estudo em gesso, de que tambem damos o *croquis*, é uma magnifica esculptura de Teixeira, que mereceu a medalha de oiro no concurso da escola de Paris.

POR AHI...

O leitor não gosta de charadas? de adivinhações? de logogriphos? de enygmas pittorescos?

Nós gostamos que nos pellamos! Se ha nada melhor para distrahir o espirito e trenar a sagacidade d'uma pessoa de que o enygma pittoresco!

Vê-se, por exemplo, escripto o seguinte:

JAZ MATTOS

—O que demonio quererá isto dizer? põe-se a gente a meditar profundamente.

E, se se é esperto, ao cabo de duas horas das mais compluadas reflexões e das mais intrincadas combinações, chega-se ao resultado apetecido:

—*Jaz* está *aqui*; *Mattos* está *ali* ou *além*... Logo, a decifração é esta: *aqui jaz Mathusalem!*

Nem mais nem menos de que o epitaphio do tal sujeito que viveu metade dos annos que tem vivido o actor Silva Pereira...

Modestia áparte, nós temo-nos na conta de eximio *caçador* do genero e no nosso tempo corriamos parelhas com o Bulhão Pato, matando enygmas e adivinhações emquanto elle matava narsejas e massaricos.

Avalie-se portanto qual deva ser o nosso desespero, matutando inutilmente, como andamos matutando ha dias, no empenho de adivinhar quem é *o alto personagem* a que alguns oradores se teem referido nas duas casas do parlamento!

Porque o deputado Fuschini disse, tratando do incidente Ferreira d'Almeida, que «corriam no publico certos boatos, um dos quaes affectava um *alto personagem*,» e o par do reino Thomaz Ribeiro accrescentou, discutindo o mesmo incidente, «que o procedimento do governo nos levaria a outra Villa-Francada, se um *alto personagem* não se oppozesse a isso.»

Quem é pois este *alto personagem* que anda affectado de boatos e que é para as Villa-Francadas o mesmo que para as escrophulas é o oleo de figado do bacalhau—um preservativo?

Pura *adivinhação*, com a qual ainda não conseguimos metter dente!...

Já passámos mentalmente uma revista em ordem de marcha a todos os *altos personagens* cá da terra, sem que descobrissemos nem por sombras quem seja o tal a que se referiram os distinctos oradores parlamentares.

Costa Pinto, Augusto Ribeiro, Brion, conselheiro Nazareth e infante D. Augusto, são todos *altos personagens*, não ha duvida alguma, mas não nos consta que qualquer d'elles evitasse já alguma Villa-Francada, ou ande por ahi effectado com boatos que corram no publico...

O D. Augusto, coitadinho, esse cada vez está menos *affectado* ou pretencioso, a ponto de já fazer até a viagem de Lisboa para a Outra Banda nos vapores da carreira, com os ouvidos regalados de salterio, viola franceza e gaitinha de castrador.

Assim, não duvidamos confessar a nossa impotencia com respeito á presente *adivinhação*, a qual pomos a premio; e aquelle dos nossos leitores que primeiro adivinhar quem é o tal *alto personagem*, receberá na proxima semana, como brinde, uma duzia de ovos de duas gemas, escolhidos por elle proprio no mercado da Praça da Figueira.

As ultimas sessões da camara dos deputados teem sido uma estopada de se sair de lá fatigadissimo.

Imaginem que não se faz outra coisa senão discutir estradas, muitas estradas, todas as estradas que o paiz já tem e aquellas que ainda estão para vir; e isto n'uns discursos enormes, muito massadores, muito compridos, como se em vez de palavras fossem as proprias estradas que estivessem a sair pela bocca dos distinctos oradores!

Quem se interesse pelo assumpto e acompanhe os oradores n'aquella marcha forçada de rhetorica por todas as estradas do paiz, sae de lá com umas dores nas pernas que tem de vir para casa fomentar-se de alcool camforado.

E depois, com o calor que tem feito n'estes ultimos dias, até parece que os oradores em vez de deitarem palavras deitam poeira pela bocca fora!

Por isso dizia hontem um espectador das galerias que estavam deitando poeira aos olhos do povo...

Emquanto se discutir a questão das estradas não voltamos lá sem nos prevenirmos com uma luneta fumada—a não ser que a camara municipal tenha resolvido, como nos parece indispensavel, mandar para o parlamento algumas carroças de pipa com ralo na traseira, afim de regar convenientemente todos os senhores deputados que se proponham fallar sôbre as estradas.

* * *

Consta que o illustre parlamentar e emineote tribuno o sr Gomes Netto teocioua um dia d'estes pedir a palavra sobre o assumpto das estradas, accrescentando-se que o José Estevão do Largo das Côrtes já solicitou dos poderes publicos que lhe concedam n'esse dia um logarzinho reservado oa sala das sessões, afim de oão perder pitada do brilhantissimo discurso que está suspenso dos labios d'aquelle notabilissimo homem de estado.

Faz o José Estevão muito bem, visto que a sua farpella é de bronze e assim se lava com um simples bochecho d'agua; mas nós, que temos fatiota de cazimira e que antevemos claramente a poeirada que se vae levantar oo tal assumpto das estradas — aggravado pela veotaneira da sobrecasaca do sr. Gomes Netto, sempre a dar a dar; nós e que oão cahimos em ir para lá sem nos abotoarmos muito bem abotoados no nosso vasto *cache-poussière*, e sem pedirmos ao sr. vereador eocarregado do pelouro da limpeza que substitua n'esse dia a pipa de regador pela agulheta da mangueira municipal.

E, aiuda assim, havemos de ir prevenidos de escova para a sahida

Acabam de nos affiançar que a presidencia da camara dos srs. deputados, attendeodo as justas reclamações que se tem levaotado em virtude da discussão das estradas, permittiu que varios commerciantes estabeleçam uma especie de feira das Amoreiras oo pateo de entrada do parlamento, oode fornecerão a todas as pessoas que o desejarem os artigos indispensaveis para assistir áquelle genero de discussões.

Assim teremos, por exemplo, uma barraca onde se alugue sapatos de lona, casacos de linho, chapeus de sol e ditos de aza de mosca para a cabeça.

Outra onde se venda pausinhas ferrados de metal branco, cabaça para pôr a tiracolo côm agua da Sabuga e mais artigos indispensaveis a quem tem de jornadear por estradas com este tempo de calor.

Um dos engraxadores da arcada do Terreiro do Paço irá tambem para as côrtes, afim de que as pessoas que oão queiram mudar de *toilette* á entrada do parlamento encontrem á sahida quem lhes ponha as botas em estado de apparecerem nas ruas da capital.

Além d'isso o Florindo vae estabelecer carreiras de de diligencias para os oradores que desejem discursar com mais commodidade, e o illustre deputado sr. Avelar tenciona tambem occupar-se da questão das estradas, mas já declarou que o fará apenas de corpinho tremido, para o que metterá o seu *cabriolet* no seio da representação nacional.

Um jornal publicava ha dias o seguinte annuncio, que reproduzimos para lhe dar a maxima publicidade:

«MUITA ATTENÇÃO

«Uma senhora muito conhecida em Lisboa tem uma arte que dá muito bons interesses e deseja exercel-a em maior escala e estabelecer-se, precisa de uma socia ou socio que disponha de capital, não se precisa muito dinheiro, o que quer é com brevidade. faz-se o negocio com as costumadas seguranças.»

Todos se lembram decerto d'essa extranha personalidade que atravessava as ruas de Lisboa vendendo carapau para os gatos e descompoodo o rapazio que a persegoia chamando-lhe «mal amaohada.»

Pois aqoi teem uma reproducção fiel; não lhe falta absolutameote oada, iocluindo os proprios gatos, que andam ao cheiro do carapau, represcotado em mooopolios, caminhos de ferro, operações bem combina-

A PEIXEIRA DA CASA REAL

Ora aqui está um negociarrão que nós recommendamos á especulação dos srs. argentarios, sempre remissos á protecção das artes e das industrias nacionaes, e apenas promptos de bolsa aberta para a melgueira das inscripções ou para as negociatas garantidas de um no papo e outro no sacco.

Esta, d'uma senhora que, além de ser muito conhecida em Lisboa, tem uma arte que dá muito boos interesses, deve necessariamente ser de costa acima!

E, logo que o *negocio* se faa *com as costumadas seguranças*, está claro que não ha o menor risco para a bolsa de cada um ...

Eu li nas folhas diurnas
Que os trabalhos atrazados
Farão ter sessões nocturnas
Á cam'ra dos deputados.

Sessões de noite; portanto.
Posso aqui dizer afoito,
Não será caso de espanto
Se houver lá chá e *biscoito*.

P'ra se não passar do chá,
Lembro este alvitre certeiro.
Deputado que lá vá,
Deixe as mãos no bengalleiro.

PAN-TARANTULA.

O CALOR

—Quando em maio e já sol posto
Faz um calor d'este gosto,
Que será, chegando agosto,
Tal calor tão suffocante?!
—Já comprei um chapeu d'asa,
Já mandei lavar a casa,
E o calor inda me abrasa,
Como o olhar da Violante!

—Sobre mim caindo a esmo,
Qual te sinto agora mesmo,
Quer's deixar-me n'um torresmo
Esta pança de cetaceo?
O' calor, que assim não cessas,
Nem com supplicas, promessas,
Nem com agua de Caneças,
Nem com refrescos do Estacio?

—Quem não tem predios na Baixa.
Por isso á lida se agacha,
Co'esta calma assim se escacha,
Que parece arder em chammas,
P'ra ganhar negros vintens
Anda na rua aos vaivens
— Salvo seja — como os cães,
Mostrando a lingua ás madamas...

Assim bradava eu ha pouco,
De bradar já meio rouco,
E co'a mão fechada em socco
Contra este enorme calor;
Mas da calma me alivío
Quando, franco e prestadio,
Na fórma do senhorio
Me entra em casa um salvador.

E elle á palra dá começo,
Discursando sem tropeço:
— Tem calor, que eu bem conheço.
Tem calor, bem se divisa...
E, com bondade estupenda,
P'ra que a calma não me offenda,
Exigindo a gorda renda,
Põe-me á fresca—sem camisa!

P'ra logo, a calma nefasta,
Renitente, de má casta,
Abrandou; porém, não basta,
P'ra que toda se debelle;
E' mister em tal contenda,
Que o ministro da fazenda
Mais da calma me defenda
E, p'ra o quê, me tire a pelle...

PAN-TARANTULA

REY COLLAÇO

Hontem, no theatro de S. Carlos, magnifico concerto promovido pelo pianista Rey Collaço, um distinctissimo artista que todos nós apreciamos e a quem o publico victoriou com o enthusiasmo que lhe merecem os talentos consagrados

QUADROS HUMORISTICOS DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Quadro n.º 1 — (D. Julia d'Aguiar) *Um estudo de arvores.*

Muito proprio para fundo de bandeja. Quem adquirir este quadro póde dar-lhe duas utilidades; expol-o na sala com moldura do Margoteau e servil-o na casa de jantar com bolos do Baltresqui.

Quadro n.º 65. (Porphyrio Henriques da Fonseca) *Largo do Costa Pinto, Cacilhas.*

Ainda bem que os burros cacilheiros não estão no Largo, porque, se pilham o Costa Pinto todo vestido de verde, como Porphyrio o pintou, chamavam-lhe um figo, mesmo á porta do café *Progresso* n.º 79.

Quadro n.º 50.— (D. Manoel de la Cuadra, natural de Sevilha) *Retrato do sr. João Nunes.*

Vê-se que é sujeito que tem o seu pé de meia no logar onde é costume ter as suissas.

O pintor é aquelle que faz retratos por assignatura com correspondencia para o elevador.

Quadro n.º 245.— (Thomasini) *Luar no Tejo.*

Luz da lua, luz d'om pharol e luz d'uma pha...lua. Total, tres luzes; sommá uma serpentina.

Quadro n.º 2.— (Da mesma artista) *Um temporal na Madeira.*

Muito lindo, mas falta-lhe uma caixinha de musica e um machinismo interior para fazer agitar as ondas.

FIGURINOS

MODELOS PARA GALERIAS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Em vista dos gestos exhibidos e da phraseologia empregada ultimamente nas casas do parlamento, julgamos a proposito publicar estes figurinos, pelos quaes deve reger-se não só a opposição nos seus ataques ao governo, como egualmente o governo nas suas réplicas á opposição

PROTECÇÃO Á INDUSTRIA

JOHN BULL

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A industria nacional, provando como provou já, no fabrico das caldeiras do transporte India [illegible] competencia para esse genero de trabalhos, conquistou por esse facto as boas graças dos poderes publicos que lhe pagam o esforço mandando agora fazer em Londres as caldeiras da Quanza.

E assim continuam os nossos dinheiros a engordar os bolsos de *John Bull*, emquanto o operario portuguez cruza os braços por não ter que fazer e as chaminés das fabricas nacionaes não deitam fumo, ao passo que as das fabricas inglezas vão fumando as libras sterlinas que nos sahem da algibeira.

POR AHI...

Liquidou-se emfim no parlamento a questão Ferreira d'Almeida.

Pela demora ia-se parecendo com a liquidação d'aquelle estabelecimento de roupas brancas que está liquidando no Chiado ha mais de nove mezes.

Mas só pela demora; que, no resto, não teve semelhança alguma com roupas brancas, tão escuro foi tudo aquillo e tão pouco limpo sahiu o parlamento da questão — a despeito da minoria haver lavado as suas mãos, como Pilatos.

* * *

A ultima corrida—perdão! —a ultima sessão a que assistimos antes de se resolver a auspensão do deputado Ferreira d'Almeida, pode reputar-se uma das melhores da presente epocha.

O sr. Marçal Pacheco foi o *Saleri* d'aquella tarde; executou uns *cambios* de rhetorica e uns *quartéos* de argumentação proprios de artista experimentado e de *muito pé* parlamentar.

S. ex.ª *citou* por varias vezes a maioria a que lhe *cortasse terra* com apartes; mas a maioria, que *tomára crença* com o governo, não *sahiu aos passes,* conservando-se cautellosamente *entrincheirada.*

Entrou, depois na *arena* da discussão o sr. deputado Albano de Mello, que tem duas coisas muito notaveis.

1.º—Uma extraordinaria similhança com o ex-ministro da marinha; se lhe dessem uma gran-crua seria tão difficil distinguil-os como a duas sementes de milho painso.

2.º—Um systema de fallar que ninguem lhe entende nem patavina.

E' o que vulgarmente se chama um orador *bocca de favas.* Mas, n'este caso, em vez de lhe darem a palavra deviam dar-lhe antes chouriço mouro...

Dizem-nos que o sr. Albano foi d'uma extrema cortezia para com os seus adversarios. Vê-se que é um deputado *matreiro.*

D'ahi a pouco sahia á falla o sr. Oliveira Mattos, um deputado que se apresentava pela primeira vez na arena parlamentar, um deputado puro, em summa.

Sahiu com vontade, *varrendo* n'um abrir e fechar d'olhos, muito levantado, muito rapido, provocando borborinho, enthusiasmo e gargalhada entre os curiosos das trincheiras. Um verdadeiro deputado para curiosos.

Disse, entre outras coisas, que a opposição tinha uma Justiça para si e que o governo queria outra para seu uso, o que nos parece duas vezes justo

Está claro que uma Justiça apenas não póde chegar para as necessidades simultaneas de duas pessoas distinctas...

Supponhamos que o sr. José Luciano—que é useiro e vezeiro em ir á camara dos pares por causa das necessidades em que se torna insubstituivel—corre áquella casa de parlamento, com muita vontade de fazer justiça.

Supponhamos ainda que, precisamente ao mesmo tempo, qualquer membro da maioria experimenta igual e inadiavel necessidade.

Como fazer justiça n'este caso, se o logar está occupado pelo sr. José Luciano?—e sabe Deus por quanto tempo...

Hade o membro da maioria fazer justiça por si, longe do logar proprio, que é a camara dos dignos pares?

Que diria o parlamento?

Que diria a Europa?

Que diria a lavadeira de Caneças?

Vê-se por isto que, assim como o sr. Jayme Moniz queria em tempo dois orificios para o seu *water closet*, com muito mais rasão o sr. Oliveira Mattos pretende agora duas Justiças, uma para uso da opposição e outra para as necessidades tanto do governo como da maioria.

E ainda nos parece pouco, visto que a solidariedade politica não obriga á communidade de todos os actos, para que governo e maioria se não pejem de fazer justiça ao mesmo tempo, todos para ali de cambolhada...

O melhor e o mais decente era arranjar uma Justiça separada—e de polimento—para cada membro das duas camaras.

De polimento e com *bidet.*

O sr. Beirão estava tão entupido na discussão do incidente Ferreira d'Almeida, que para tomar o folego até fazia reticencias quando pronunciava *se, que, me, de,* etc.

Assim, por exemplo, declamava s. ex.ª:

— Supponhamos que, de, proposito, se, me, dizia etc...

Aquillo era o nariz que não lhe deixava ver onde punha as virgulas...

* * *

Como se sabe, o povo de Villa Franca tem um gostinho especial em tresmalhar os curros de gado que atravessam a villa, o que frequentes vezes leva a effeito arremeçando-lhes bombas na passagem.

Ha boi tão experimentado da balda d'aquelle povo, que basta dizer-lhe ao ouvido: «Villa Franca!» para desatar a fugir como se levasse o diabo no corpo!

Pois com os illustres paes da patria succede uma coisa semelhante.

Foi por saber isto que o sr. Consiglieri Pedroso, fallando antes do escrutinio secreto em que que se votou suspensão do deputado Ferreira d'Almeida, alludiu á *Villa Francada*, terminando o seu discurso por esta citação capciosa:

— Villa Franca! Villa Franca!

D'ahi resultou que, no escrutinio secreto, se tresmalharam dez deputados da maioria...

Na Mouraria.

1.º *gatuno:* — Sabes que foi para o estarim o Hiliadoro Arremelgado!

2.º *gatuno:* — Está a calhar, que é menos um a fazer concorrencia cá no officio...

No gremio.

1.º *deputado:* — Então lá ficou o Ferreira d'Almeida fóra da camara...

2.º *deputado:* — Deixal-o! É menos um a fazer concorrencia nas empenhocas de campanario...

* * *

A moda, que de tudo toma posse, acaba de utilisar a suspensão do deputado Ferreira d'Almeida para a confecção de alguns artigos de alta novidade.

O sr. Peche da rua Nova do Almada já expoz á venda *suspensões* Ferreira de Almeida, em porcelana, para sala, e ditas em cortiça, para jardim.

É conveniente que sejam collocadas bastante alto, afim de não esbarrarem na cara de cada um..

* * *

Dizem os jornaes que vae ser nomeado ministro de uma côrte estrangeira o sr. bispo de Bethesaida.

Só se fôr para a côrte da rainha Jacintha, que é a unica côrte *simulada* de que temos conhecimento...

Predomina de tal maneira o espirito tauromachico no seio da representação nacional, que o sr. presidente do conselho perguntava ha dias, vendo o sr. Arroyo sair da salla:

— Onde demonio irá o homem do *cavallo omnipotente?*

E o sr. ministro da fazenda respondia:

— Vae lá dentro *mudar de cavallo.*

* * *

Pretendeu ultimamente suicidar-se a tiro de rewolver um mancebo que já por duas vezes fizera a mesma tentativa, tomando primeiro uma poção venenosa e ferindo-se mais tarde com um punhal.

Depois de escapar do veneno, do ferro e do fogo, só lhe falta experimentar um banho de poço e um discurso do sr. Antonio Maria de Carvalho.

Se resistir, é porque é immortal.

* * *

As empresas theatraes usam agora muito illustrar os cartazes dos espectaculos com figuras allegoricas ás peças que se representam.

Assim, por exemplo, se vae á scena *O Zuavo*, apparece nas esquinas um enorme zuavo; se se annuncia *O Arlequim*, um arlequim enorme nas esquinas apparece.

Qu'remos ver com que vinheta
Vem o cartaz illustrado,
Quando fôr a cançoneta
Do outro lado... Do outro lado...

* * *

A camara municipal de Lisboa, tomando na devida consideração o estado precario do sr. Monteiro Funga Milhões e desejando por qualquer forma attenuar as tristes circumstancias d'aquelle pobre de Christo, resolveu augmentar-lhe o valor d'um prediosito que elle possue na Praça de Luiz de Camões e que é, como o outro quo diz, a sua modesta enchada, o seu unico ganha-pão; para o que, a referida camara, mandou cortar todas as arvores e deitar abaixo meia dóse das grades que ornamentavam a citada Praça.

Foi pena que não tivessem tambem arrasado só metade das arvores e que não arrasassem igualmente meia dóse do kiosque, para ser um serviço todo por meias dóses...

Tudo, ás meias dóses, tendo,
Tudo, emfim, por preços meios,
O Camões ficava sendo
Accionista dos Recreios.

PAN-TARANTULA.

JUSTIÇA DOBRAD

— Dá-me justiça simpl
— Traze-me justiça al
— Salta justiça p'ra do

…. COM BATATAS

ı regeneradora.
lada, á progressista.

CORRESPONDENCIA

Recebemos e agradecemos os bilhetes para o bodo que os empregados do matadouro distribuiram no dia 29, commemorando o restabelecimento do seu excellente chefe e amigo o sr. Sabino de Sousa. Os bilhetes foram entregues a tres dos nossos pobres.

Celsus.—Não promettemos brinde senão para o primeiro conto; demol-o ainda pelo segundo, por um contrapezo de generosidade, mas a todos é que não póde ser. Nem que tivessemos em casa um bazar dos trez vintens!

Agulheta.—Pela firmeza de traço e naturalidade de contorno vê-se que andou ali mão de mestre e olho experimentado. Guardamos o desenho. Guarde v. a.ª o original, que lhe póde servir para brazão d'armas quando o fizerem visconde—o que decerto não levará muito tempo.

THEATRO DE D. MARIA

SABBADO, 4 DE JUNHO

FESTA ARTISTICA DO GRANDE ACTOR ANTONIO PEDRO

Ha que dias me consumo,
Que não bebo, que não fumo,
Não me lavo nem perfumo,
Que não côme, que não medro;
Não engordo nem me aprumo,
E assim irei n'este rumo,
Até que assistas em resumo,
A' festa de Antonio Pedro!

SYNONIMOS

Co'o carneiro, o deputado
Tem tamanha analogia,
Que em synonimo adoptado
P'lo povinho é hoje em dia,
Qual se o dessem como usado
Diccionarios de Faria!

O Castro e Sousa, um pelleiro
Na rua Augusta afamado,
Mercou cem pell's do carneiro
Tendo ha pouco annunciado:
«Compra, e paga a bom dinheiro
Pell's brancas, de *deputado*.»

O cortador Zé Camillo,
Junto ao Pateo do Pimenta,
Na taboleta do estylo
Escreveu co'a mão cruenta ·
«Vacca a.... 3 tostões o kilo,
«*Deputado* a.......... 180.

O Municipio certeiro,
Que mil ruas tem chrismado,
Qu'rendo á de Borges Carneiro
Dar nome mais avançado,
Vae-lhe pôr este letreiro:
Rua Borges Deputado.

O *Enxundia*—um typo dos nossos,
Ferro-velho consumado —
Da ganancia em alvoroços
Apregoa desesp'rado:
— Quem tem por 'hi alguns ossos,
Ou cêbo do *deputado?*...

O Quintão, dono da adega
Do superfino briol,
Quando ás vezes se encarrega
De colebões em bom bristól,
Diz que n'elles lá emprega
De *deputado* hespanhol...

Do Magina, finalmente,
Assim se expressa o criado:
— Tem boxè, mui bellamente,
Rim, coelho, pargo assado,
E costelleta, inda quente,
De bitella .. ou *deputado*...

PAN-TARANTULA.

QUADROS HUMORISTICOS DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Quadro n.º 212 — O rapasinho do moleiro.

O rapasinho não tem um palmo de terra onde cahir morto, mas tambem não precisa, porque já está *enterrado* no burro.

Placa n.º 315 — Gitana.

Pelas cobras na cabeça e pelas dimensões dos pés, parece-nos o retrato de Medusa, filha do sr. conselheiro Arrobas e da preta Cartucha.

Quadro n.º 302 — Retrato a pastel.

O sujeito que está de nariz torcido, é porque o pastel é da vespera...

Quadro n.º 192 — Estudo.

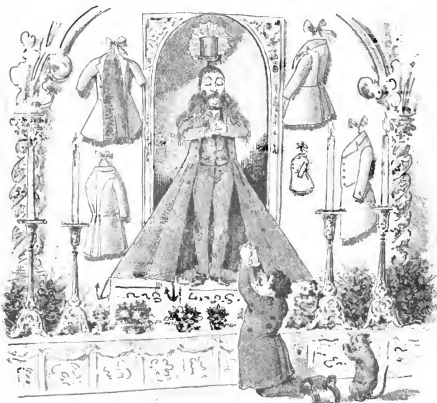
Lembra o desenho da cabeça do burro e do sabio, um aspecto direito, e outro de pernas para o ar.

Quadro n.º 58 — Pinhal da Motta (3[illegible]000 réis

Pelo preço parece o Pinhal da Azambuja.

Quadro n.º 122 — O regaço de rosas.

Para titulo, parecia-nos mais apropriado: *mãosinhas com cebolinhas.*

S. GOMES NETTO, ADVOGADO DAS CALDAS

Uma vez que elle tomou as Caldas sob a sua divina protecção, aqui lhe levantamos um altar, e lhe resamos um terço, e lhe offertamos umas sobrecasaquinhas de cêra, e lhe accendemos uns tocheiros, e lhe pregamos as abas da sobrecasaca com ancoras, para que a ventaneira das ditas abas não apague a luz das tochas.

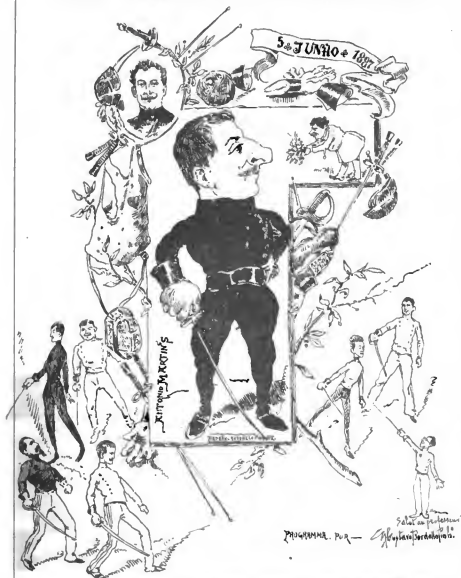
Se continuar com a mesma boa vontade, havemos de lhe fazer um cyrio que metta n'um chinello o afamado da Senhora do Cabo!

A FESTA DO ACTOR AUGUSTO, NA TRINDADE

O Rei de Oiros, que estava annunciado para hontem, 1, saltou para ámanhã, 3. Gargalhadas retardadas, brindes recolhidos e applausos concentrados que rebentarão ámanhã com mais força, depois de quarenta e oito horas de ebullição.

A MATINÉE DE ESGRIMA

NO

REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ

Esteve concorridissima e animada de enthusiasticos applausos esta brilhante festa que, como todas as do seu genero, significa um bello attestado de vitalidade no meio da mocidade lisboeta, que assim se regenera dos habitos de improductiva inercia de que, quasi em geral, ia dando tão desgraçadas mostras.

Enthusiasmados por essas festas em que a mocidade se enobrece, aqui lhe consagramos o incentivo do nosso applauso mais sincero.

POR AHI...

Grassa no ministerio, com uma grande intensidade, a epidemia das propostas.

O sr. ministro da fazenda, o da guerra, o do reino e o dos estrangeiros confeccionaram todos propostas de grande alcance.

Não sabemos se foi do calor, se das cerejas, se das duas coisas juntas, mas o certo é que as propostas ministeriaes—pela fecundidade com que foram ejaculadas em tão curto espaço de tempo—denotam o que quer que seja de desarranjo intestinal no seio do gabinete.

Irra! que quatro propostas d'uma assentada tem todo o aspecto caracteristico d'uma indigestão de propostas!

O unico que não metteu o nariz no campo das propostas foi o sr. ministro da justiça.

(Justiça progressista, bem entendido; não confundir com a justiça d'outro qualquer partido.)

Mas o sr. Beirão, se não metteu o nariz no campo das propostas, é porque achou o campo pequeno. Para o nariz de s. ex.ª até o Campo Grande seria campo pequeno.

Das propostas do sr. ministro dos estrangeiros não temos conhecimento, nem tão pouco desejamos travai-o. Se estivessemos em caminho d'esse conhecimento é que *travariamos*, para não irmos mais por diante.

As taes propostas referem-se, ao que nos disseram, ás negociatas com o Sol da China e a respeito de sol temo-nos fartado n'estes ultimos dias, desde a sarda dos sapatos até a ponteira do chapeu de alpaca côr de castanha!

As propostas do sr. ministro da guerra são, em toda a extensão da palavra, *d'um grande alcance*, visto referirem-se, entre outras coisas, a um desenvolvido artilhamento de peças Krup—as peças de maior alcance.

Quem lêr de cabo a rabo esse valioso trabalho do sr. visconde de S. Januario, sente por força bater-lhe de encontro ás roupas brancas todas as fibras guerreiras que tiver adormecidas no travesseiro do coração!

A nossa criada de cosinha, quando ha poucos dias nos preparava a tomatada para o almoço—tendo anteriormente lido no *Diario de Noticias* as propostas do sr. ministro da guerra—toda ella era fibras militares e não fazia senão cantar *A Vivandeira* de Luiz Augusto Palmeirim, convenientemente adaptada por ella mesma ás exigencias tanto do personagem como do scenario

—«Ai que vida que passa ao fogão,
Quem não ouve o rufar do tambor
Rataplão, rataplão, rataplão,
Ai amor! ai amor! ai amor!»

E deixou-nos pegar a tomatada.

Nas propostas do sr. ministro do reino ha um artigo que se refere ao destino que deva ser dado a todos os vadios postos á disposição do governo por sentença do poder judicial.

S. ex.ª propõe que os referidos vadios sejam compellidos a sentar praça no exercito ultramarino, vencendo cada vadio, depois de metamorphoseado em defensor da patria, um tostão diario para comedorias.

Decerto que não irão morrer de indigestão; mas se tal vier a ser effectivamente o destino de todos os vadios que por cá temos, bem podem chover tostões e alargar-se em alguns milhões de kilometros quadrados as nossas possessões ultramarinas...

A não ser que os pretos resolvam comer vadio ao almoço, jantar e ceia, porque então serão os pretos que morrerão todos de furiosas indigestões...

As propostas do senhor ministro da fazenda ainda são de maior alcance de que as propostas do sr. ministro da guerra — apesar de não metterem peça Krup.

Não mettem peça Krup, mas mettem a peça do sr ministro da fazenda, que apenas se estreou no ministerio mostrou loga ser peça *estriada*...

Ha até pessoas aparentadas com o sr. Mendonça e Costa que affirmam que aquillo são gordas propostas *p'ra postas* gordas a pessoas muito de bem... longe.

E é precisamente por se tratar de pessoas de bem... longe, como o sr. Euffrusi, por exemplo, que está em Paris, que as propostas do sr. ministro da fazenda tinham forçosamente de ser de *grande alcance*, para, mesmo a despeito de conterem varios erros de somma, não *errarem* o *alvo* que o sr. ministro tinha em *mira*..

E não erram, como se verá a tempo, quando o sr Euffrusi mostrar o signal que lhe fez a peça do ministro da fazenda, arrojando-lhe a bala da conversão..

Bala tão doce, afinal de contas, que bem póde na verdade chamar-se-lhe á brazileira *bala di ôvo*—de que o sr. Euffrusi ficará lambendo os beiços

Os cartazes affixados em todas as esquinas para a sessão parlamentar—perdão!—para a corrida de toiros do ultimo domingo, desafiaram o appetite tauromachico da cidade em peso.

Entre varias coisas, mais ou menos attrahentes dizia-se n'esses cartazes que haveria um certamen de toiros «pertencentes aos opulentos lavradores e criadores ex.mos srs. commendadores Cicrano e Beltrano.»

Ora imagine-se como o nosso publico, que é doido por certamens, ficaria fervendo em pulgas de toirada ao saber que se tratava d'um certamen entre bois de criadores, lavradores e commendadores!

A aferir pelas obras do Criador, que o foi de todas as coisas visiveis e invisiveis, a despeito de não ser lavrador nem commendador, podia fazer-se ideia—mas uma ideia apenas da côr do sr. Julio de Vilhena, muito pallida—do que seriam esses bois, cujos donos, além de criadores, teem tambem terras para lavrar em Salvaterra e Jericó e commenda para dependurar na aba da sobrecasaca!!!

Esse certamen promettia pois — não promettia só ameaçava, que é mais forte;—ameaçava, pois, ser mais famoso de que o panno famoso da loja do Grandella e mais brilhante de que o proprio brilhante do reverendo prior da Lapa!

—*A los toros!* gritou Lisboa em côro unisono, como se trabalhara sob a influencia da batuta do maestro Antonio Duarte.

E foi tudo para os toiros.

Foi tudo, mas mais de metade teve de voltar pelo mesmo caminho; porque, se a empreza levou o seu empenho de servir todos ao ponto de vender bilhetes emquanto houve papel disponivel nas papelarias de Lisboa, igual amabilidade para com o publico não tiveram as dimensões da Praça, cujas trincheiras se obstinaram, com uma tenacidade paulista, a não comportarem mais do dobro da sua lotação official.

Foram baldados todos os esforços da empreza e todos os empurrões do publico para levar o convencimento ao seio das trincheiras!

Apesar de serem de pau, as trincheiras foram de pedra para as supplicas da empreza!

Teimosas trincheiras!

Os felizes que lá obtiveram logar, uns a cavallo por cima dos outros, suaram tanto n'essa tarde que, se o espectaculo se prolonga por mais algumas horas, a arena ficava com o aspecto do tanque da Patriarchal Queimada.

A empreza tomou nota d'este caso e vae lançar mão de tão bom expediente para dar n'um dos proximos domingos uma *toirada aquatica.*

Os bois andarão na praça com boias de cortiça, e os capinhas e cavalleiros trajarão de pescadores e catraieiros, apresentando-se a trabalhar em saveiros de fundo chato.

Para maior attractivo e uma vez que a corrida é de sabor maritimo, o sr. Gomes Netto irá n'essa tarde, como amador, desempenhar o papel de Botas da situação.

Está claro que vae de botas de cortiça.

Mas, voltando á vacca fria dos bois dos criadores lavradores commendadores: os citados bois apresentaram-se como a citada vacca, isto é, muito frios, muito moles, muito semsaborões; o, apesar de serem annunciados como obra de encommenda d'uns lavradores que têem commenda e são tão bons creadores, os bois sahiram muito mal-creados, visto não corresponderem ao sacrificio do publico, que se estava *derretendo* por elles bois, a suar como uma vacca!

Temos pois um emprezario Guerra, que nos dá umas corridas onde ha fome de logares e onde se apresentam uns bois que são uma peste.

Em summa, todas as calamidades juntas:

Peste, Fome e Guerra!...

O governo, que prendeu o deputado Ferreira d'Almeida, e fez constituir o conselho de investigação, e influio para que se lançasse o despacho de pronuncia, declara agora achar-se possuido dos mais acrisolados escrupulos sobre o andamento do processo, com o qual diz não ter absolutamente nada.

Como o faia de navalha,
A gente que nos governa,
Faz chinfrim, arma baralha
E em seguida passa a perna!

Pan Tarantula.

TUDO A

Na camara dos pares temos dois pares Migueis Osorios, o que faz um par de Migueis Osorios.

Miguel Osorio o.º 2 pediu que eliminassem Miguel Osorio n.º 1, afim de não se confundir com elle Miguel Osorio n.º 2.

Não ha coofusão, porque o primeiro é conhecido pelo Miguel Osorio das Lagrimas e o segundo conhecemol-o pelo Miguel Osorio das Gargalhadas — desde que assistimos á representação dos *Portuguezes de 1640*.

Na camara dos deputados
aos pares, segundo a revellação
tos.

)S PARES

ꞔças tambem são
s. Oliveira Mat-

Na alta nobreza já temos igualmente bailios de Malta aos pares — pelo que não damos os parabens ao bailio de mais moderna data.

Se pega a moda de andar tudo aos pares, não tardará muito que os frades voltem a fazer parte integrante da sociedade portugueza, andando por ahi aos pares, como parece desejal-o o digno pár conde de Rio Maior.

CARTA-CONSELHO

(Não confundir com carta de conselho)

Dizes, Maria, estár farta
D'este mundo, pôdre e velho;
Quer'a um raio que te parta
Desde a cabeça ao artelho:
Em vez de raio, esta carta
Te mando—e o'ella um conselho.

Dizes andar sempre em brasa.
Qual verdadeira fagulha
Que eterna lida atanasa.
Mas que o trabalho d'agulha
Nem paga a renda da casa
D'um quinto andar, á Pampulha.

Dizes que a lida te achaca,
E mais isto, e mais aquillo,
Que a bolsa, em cobres tão fraca.
Nem dá p'ra a compra d'um grillo
— E entanto a carne de vacca
Custa a trez tostões o killo!

Dizes que não se resiste
A dor's tamanhas, tão vividas,
Que a miseria, se persiste,
Põe-te em breve as carnes lividas.
— Ora então.. não estejas triste
Tristezas não pagam dividas.

E's nova; e, creio, registas
O que tanta já perdeu..
Esse caso tendo em vistas,
Um conselho te dou eu·
— Vae em noite de accionistas
P'ra a geral do Coliseu..

Não tens dinheiro, Maria?
Que importa lá, se o não tens!
Terás noite de folia
N'esta vida de vae-vens
E gosarás a *Gran-Via*
Gastando só tres vintens!

PAN-TARANTULA.

QUADROS HUMORISTICOS DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

QUADRO n.° 219—*Os pescadores de Mathosinhos regressando na sua lancha de pesca, á foz do rio Leça*
A peixeira traz por equivoco as pernas á cabeça e as pescadas do alto no logar das barrigas das pernas
Este quadro foi pintado ou está pelo menos a *pintar* para o sr. Conde de S. Salvador de Mathosinhos

QUADRO N.° 51—*Retrato do auctor.*
Tão lindo que bem se vê ser feito por mão d'amigo.
Se todos os pintores fizessem os retratos a si, não havia retratos de pessoas feias

QUADRO N.º 103—*Lirios* (50$000 *reis*).

Cincoenta mil reis de lirios e um verdadeiro delirio de lirios.

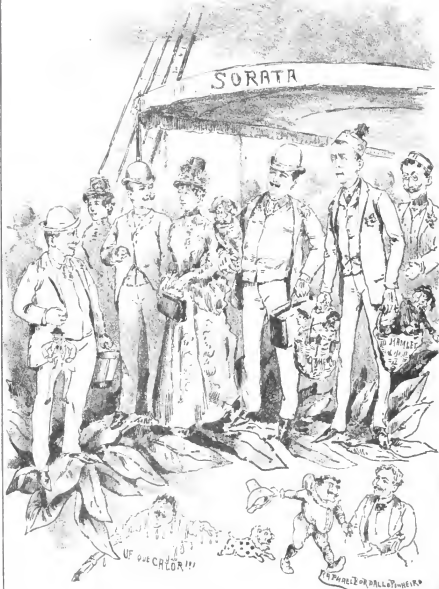
QUADRO N.º 30 — *Vasco da Gama, commandando a expedição portugueza, embarca na praia do Restello em demanda do novo caminho maritimo para as Indias, em 1397.*

O sujeito que abraça Vasco da Gama é o sr. conde do Restello, que lhe esta dando o adeus da despedida e um frasco de xarope para a viagem.

N'aquelle tempo já se usava olho pintado na proa dos catraios, e, em vez de se lhe escrever o nome do barco, escrevia-se lhe o nome dos pintores do seculo XIX.

QUADRO N.º 9 — *Uma tarde de bois.*

Falta accrescentar-lhe, *de papelão*, para ficar um titulo mesmo ao pintar da faneca

A COMPANHIA DO THEATRO DE D. MARIA

Demos hontem o abraço da despedida n'esses bellos artistas que se vão a cobrar mais umas parcellas de gloria estrangeira com que augmentem o volume da corôa de glorias nacionaes.

Lá os deixamos com o olhar marejado d'uma lagrimasita de saudade, muito lisongeira para nós, mas de resto bem dispostos, e excellentemente accommodados n'um magnifico paquete, commandado por um dos mais sympathicos homens de mar que havemos conhecido.

Deus os leve em bem, que as felicias lhes superabundem, ao passo que lhes escaceem os saccos de lona para arrecadação dos lucros. Amen.

MODELO DE THEATROS

(A FRANCISCO PALHA)

Agora, que tão seriamente se pensa em vigiar com escrupulo as construcções dos theatros e em reformar as dos que estão feitos, parece-nos a proposito darmos o modelo que deve ser adoptado para esse genero de edificios, isolando-os completamente de todas as habitações, suspensos a vinte metros do nivel da terra com ascensores de parafuso para a conducção dos espectadores e com balões permanentes adejando-lhes nas proximidades, devidamente providos de salvadores bombeiros.

Os outros edificios publicos, como o hospital de S. José, por exemplo, podem continuar nas excellentes condicções de segurança com que até hoje teem sido protegidos...

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS-ARTES

Estando prestes a encerrar-se esta exposição, damos por finda a tarefa de revistar humoristicamente alguns dos quadros expostos, como até aqui temos feito. Não desejamos que a nossa critica subsista na opinião do publico tendo cessado para elle a opportunidade de confrontar com as obras os commentarios que ellas nos inspiram.

E, a este proposito, daremos aos criticados algumas breves explicações:

N'um paiz como o nosso, onde tão pouco se desenvolve e onde tão mal organisado se acha o ensino artistico, todos os rigores são poucos, para a negligencia do Estado, toda a severidade é excessiva para com a producção dos alumnos.

Sorrindo passageiramente de algumas ingenuidades de composição ou de factura, não foi nosso intento recusar, com relação a expositor algum, a consideração devida n'uma terra em que quasi todos mandreiam aos raros que estudam.

No fim de contas, meus senhores e minhas senhoras, a grande verdade é que fazer um quadro, ainda que mau, é um pouco mais difficil do que não fazer quadro nenhum; e assim resulta uma dolorosa injustiça relativa, que profundamente nos pesa, do facto de magoar com palavras duras um homem honrado que fez um mau retrato, ou a mulher bem educada que fez uma paizagem mediocre, ao mesmo passo que deixamos no regalo da inviolabilidade, com o direito ainda por cima de arranchar ás nossas censuras, ás nossas diatribes e ás nossas troças, tantos milhares de outras damas e d'outros cavalheiros que nada soffrem da critica pela unica razão de que passaram a namorar, a pôr pó d'arroz, a fazer frisettes na testa ou a chupar nicotina na rua do Ouro ou na Avenida, o tempo sagrado que os mais nobres empregaram de palheta em punho defronte de uma tela, interrogando com enorme e quasi sempre despremiada fadiga e expressão de uma figura ou o sentimento de uma paisagem.

Alem de quê, os artistas ainda os mais subalternos os mais humildes dos pintores e dos desenhistas, desde que sahiram da ignorancia geral pela applicação de alguns annos de estudo e de aprendizagem, quando não cheguem nunca a distinguir-se pelo poder creativo, pela producção original, ficam sendo no publico os encaminhadores benemeritos da opinião, os guias anonymos do gosto, elevando o nivel esthetico geral, avolumando esse casco fundamental de capacidade critica sem o qual nenhum grande artista pode gerar-se nem sobresahir do seio de uma sociedade. A estimação publica é um factor indispensavel na formação do talento, e é uma lei fatal em cada sociedade a correlação indissoluvel do sentimento e das ideias de todos com os sentimentos e as ideias de cada um. Para que a arte exista, tal como no tempo moderno ella se exerce, fóra das côrtes e fóra dos conventos, independentemente da protecção dos reis e dos papas, é indispensavel que, como na Belgica e na Hollanda nos seculos XVI e XVII, na Inglaterra, na Allemanha, em França, na Italia e em Hespanha no seculo presente, um grande ecco de sympathia geral corresponda do lado da opinião ao esforço do trabalho pelo lado do individuo. Ora *quem não sabe a arte não na estima* — Zola o dizia, e muito bem, aquelle cuja estatua, talvez pela similhança que existe entre ella e um velho patacão, o sr. Monteiro Milhões, não mandou por emquanto cerrar, como quis que se fizesse ás pimenteiras que irreverentemente contrariavam a intenção optica dos predios de sua excellencia.

Insistimos portanto em distinguir aqui a benevolencia dos nossos sentimentos da rudeza dos nossos gracejos, testemunhando incondicionalmente a todos os que estudam a sympathia e o respeito que pelo simples facto de estudar cada um d'elles nos merece. Toda a senhora que, refugiando-se na arte da enervante e doentia ociosidade do salão, consegue vencer pela applicação humilde e fatigante algumas das mais rudimentares difficuldades do officio, esboçando um quadro ou modelando uma estatueta, ainda mesmo quando pela sua obra não enriqueça muito o patrimonio artistico da sociedade, enriquece sempre e de um modo consideravel o seu patrimonio moral, prestando homenagem ao trabalho dos outros, e sacrificando aos saudaveis interesses da intelligencia as dissolventes preoccupações da banalidade. Quando — como nos dizem succeder, por exemplo, com a sr.ª D. Julia de Aguiar, o talento, manifesto posto que oscillante, se allia á coragem da lucta no cumprimento dos mais nobres deveres, o trabalho torna-se um raro e veneravel exemplo de merito e de valor pessoal.

Folgamos de o reconhecer e de o consignar n'estas paginas, apresentando aos expositores do Salão da sociedade promotora das bellas artes as nossas despedidas e os nossos cumprimentos.

POR AHI...

Durante a semana decorrida tivemos occasião de observar um phenomeno curiosissimo, para cujo estudo se devia nomear quanto antes uma commissão de sabios phenomenistas.

Antes, porém, de pôrmos o phenomeno em pratos limpos, permitta-se-nos uma insignificante divagação, para maior clareza na exposição do citado phenomeno.

—Á noite, quando o nosso querido leitor já está mettido na cama e resolve apagar a luz e acochar-se para dormir, o que é que faz invariavelmente?...

Assopra, para apagar a lua.

— E o que é que apaga a luz?

E' o vento.

— E quem é que faz o vento?

E' o nosso querido leitor quando assopra.

Ora, se o nosso querido leitor faz vento quando assopra, calcule-se por ahi que vento não farão todos os nossos queridos leitores —e ainda os que não teem a honra de ser nossos queridos leitores—assoprando em communidade, sem exclusão d'uma unica pessoa!

Um verdadeiro vendaval, apenas comparavel com a passagem do pampeiro no deserto ou com a passagem da sobrecasaca do sr. Gomes Neto na rua dos Capellistas.

Pois na semana decorrida succedeu precisamente o contrario; e ahi é que está o tal phenomeno que vae quebrar a cabeça aos phenomenistas!

Toda a gente passou a semana a assoprar desesperadamente com calor, e, a respeito de vento, nem a mais pequena viração!

E, quanto mais desesperadamente todos assopravam, menos viração corria; e, quanto menos viração corria, mais desesperadamente todos assopravam!

E' phenomenal ou não é phenomenal?...

* * *

No dia de Santo Antonio estivemos por uma unha negra para não almoçar o nosso saboroso pão de rôsca.

O freguez da rôsca, que é pontual como uma pendula, em todos os dias do anno ás oito horas precisas da manhã, não bateu n'aquelle dia e áquellas horas as quatro argoladas repenicadas do estylo na aldraba da porta da rua.

Passou meia hora, passou uma, passaram duas e o freguez da rôsca sem bater as quatro argoladas repenicadas do estylo!

A nossa criada andava no auge da inquietação, por saber que o freguez é uma pendula de pontualidade, e não fazia senão perguntar a todas as pessoas da visinhança:

— Viram para ahi o freguez da rôsca, que é uma pendula de exactidão? Haverá alguem que me de noticia da pendula do freguez da rôsca?

E a cada resposta negativa torcia as mãos de desespero e murmurava muito apoquentada da sua vida?

—Ora valha-me a Senhora das Candeias! O que dirá o patrão em me vendo apparecer de mãos a abanar, sem a rôsca do costume?!...

Finalmente, ás dez horas e vinte e sete minutos, batia á porta o freguez da rôsca. Vinha muito alegre e a assobiar o hymno do rei.

A criada, furiosa, recebeu-o com a descompostura mais brava que tinha na jaula da sua indignação.

Que era um maroto, um devasso que perdia as noites na taberna por isso faltava á obrigação, e meia isto e mais aquillo, tudo, em summa, quanto sugerir póde a justa indignação d'uma creada honesta, a quem o freguez, que é uma pendula, falta um bello dia com as quatro repenicadas do estylo, ás oito horas precisas da manhã...

O freguez ouviu tudo serenamente e sem nunca deixar de assobiar o hymno do rei.

Quando ella terminou respondeu-lhe simplesmente:

—Vocemecê é uma pedaça d'asna, que não merecia nem a sinceridade dos meus affectos nem a pontualidade das minhas rôscas! Mas como tudo isso que para ahi esteve a *alamçoar* não é lá de dentro, porque eu sei perfeitamente que vocemecê tem muito bom fundo, sempre lhe quero dar uma explicação do meu incorrecto procedimento e prestar-lhe contas dos meus actos apparentemente condemnaveis...

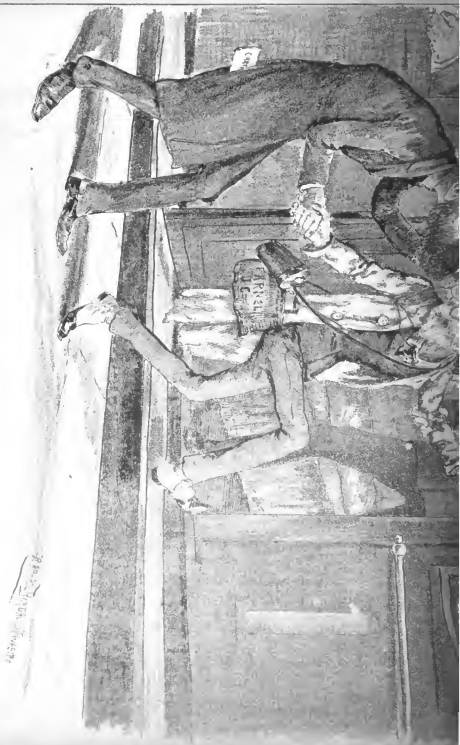
* * *

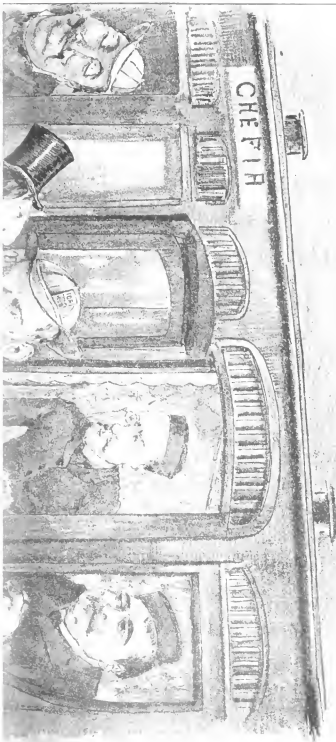
—Saiba então — começou o freguez da rôsca, prestando contas com a gravidade d'um conselheiro do Supremo Tribunal de Ditas—saiba então que, se hoje me demorei, foi por ter passado hontem a noite na Praça da Figueira, de bella sociedade com a pessoa do soberano, *a mal* a sua companheira e o seu morgado mais petiz!

Como vocemecê muito bellamente não ignora, eu tenho um clarinete de pau santo, que faz as delicias de toda a visinhança nas tardes dos domingos, e que até por signal já tem feito tambem as suas delicias, quando vocemecê vae n'aquelles dias ao estabelecimento comprar pão da fornada da tarde...

Ora o meu clarinete, coitadinho, passa todo o anno encurralado entre duas saccas de farinha de centeio, sem vêr sol nem lua, com excepção da vespera de Santo Antonio, em cuja noite o levo a arejar para a Praça da Figueira.

Uma arejadella por anno não é muito, mas sempre o clarinete tem menos rasão de queixa de que o trombone da *Pericole*, que esteve uma duzia de annos sem gosar aquelle ragabofe...

Hontem, pois, que era vespera de Santo Antonio, fui para a Praça da Figueira, acompanhado d'um cavaquinho e duas violas francezas, arejar o meu pobre clarinete.

Viagem de recreio... com bilhete de ida e volta.

ATÉ Á VISTA!...

Já tinhamos executado a *Maria Cachucha*, o *Pirolito que bate*, *As Irmãs da Caridade* e outras peças de resistencia e começavamos a tocar o celebre *pot-pourri* — *Estando o moleiro sentado ao borralho*, quando de repente o meu clarinete—zás! esbarra no chapeu alto que um sujeito trazia enterrado até ás orelhas e que, com a esbarrondella, se enterrou até ao pescoço!

Faça idéa na minha assaralhopação quando reconheci logo em seguida que o sujeito era nem mais nem menos de que o sobrano em carne e osso e sobrecasaca de casimira preta, e da afflicção do meu pobre clarinete ao comprehender que tinha praticado um crime de leza magestade—isto é, de leza chapeu alto de magestade, o que deve vir a ser a mesma coisa!

O pobre clarinete, com o susto, até deu uma fifia de fazer arripiar os cabellos ao coração mais empedernido!

Felizmente não havia motivo para sustos; o megnanimo sobrano sorriu-se para mim e para o clarinete; eu e o clarinete agradecemos-lhe com lagrimas de profundo reconhecimento; e, para de alguma fórma lhe sermos agradaveis, desembestámos e tocar-lhe o hymno, até que ao clarinete se partiu e *palheta* e sua magestade passou as ditas...

Amanhã vou mandar ao soberano uma rosca de presente, e depois, tendo em vista as relações que acabo de travar com a pessoa do monarche e attendendo ao meu duplo merecimento de musico e de padeiro vou requerer que me concedam alvará para poder botar o seguinte letreiro na verga do meu cabaz:

LEONCIO VASQUES BARELLA

CLARINETE DA REAL CAMARA

E

FORNECEDOR DE ROSCAS DA CASA REAL

* * *

Acabava de suscitar-se, entre o parlamento e o sr. ministro dos negocios estrangeiros, uma questão da mais alta gravidade, por isso que ella importa o pudor menoscabado e a honra compromettide do sr. Candido Barros Gomes — isto é, do candido sr. Barros Gomes.

O parlamento votou uma representação ao Santo Padre, sobre a questão do padroado, e o sr. Barros Gomes declarou terminantemente não sympathisar com essa representação a que, só violentado, a levaria ao seu destino.

Temos pois o sr. ministro dos estrangeiros violentado a levar uma coisa que interiormente lhe repugna!

Assim, o sr. ministro está precisamente na situação da casta donzelinha a quem o Lovelace parlamento constrange á pratica de acções feias, contra as quaes o seu pudor protesta côr de tomate!

Obrigado a ceder á força, o sr. Barros Virgem consente em tomar parte no acto do parlamento, mas com a declaração cathegorica de que não toma interesse no acto...

Ficam muito bem estes sentimentos de pudicicia ao sr. Gomes Immaculado, protestando contra o indecoro do parlamento libertino, mas o certo é que s. ex.ª nem por isso deixou de ser victima d'um bestial estupro!

Diz-se que o parlamento, não podendo reparar o estupro praticado na donzella do sr. ministro dos estrangeiros pela camara alta, vae fazer diligencias para reparar ao menos na camara baixa...

Oxalá que tudo se remedeie de fórma a não dar pasto ás más linguas da visinhança, porque seria caso para um lucto nacional se o casto e puro ministro dos estrangeiros ficasse estuprado para todos os dias da sua vida...

* * *

O incendio da rua Larga de S. Roque foi o maior acontecimento da tarde de Santo Antonio.

N'esse acontecimento deram-se tres casos verdadeiramente extraordinarios.

O primeiro foi acudir ao incendio, primeiro de que as bombas, a mangueira do theatro da Trindade transportada pelo José Rapaz; depois d'isto vão lá dizer ao Palha que faça reformas no theatro contra o risco de incendio—se elle até ganha o premio quando acode aos incendios da visinhança. Não é theatro, é uma casa de bomba.

O segundo acontecimento foi o Grilo, que ia morrendo tisnado, sahiu cá para fóra branco como a cal da parede.

> Pois se o cysne, o branco cysne,
> Se encontra coisa que o tisne
> Torna-se preto em geral,
> Como é que o *grilo*, que é preto,
> Depois de assado no espeto
> Toma a brancura de cal?!

O terceiro acontecimento foi o dr. Thomaz de Carvalho salvar a sua pessoa e as pessoas de duas criadas, sahindo pela janella.

Um medico salvar tres pessoas d'uma assentada é caso virgem nos annaes da medicina.

* * *

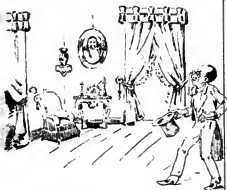
> Em cartas de S. Thomé
> Chega noticia bem má:
> Foi que rei de Dahomé,
> Bruto sem crenças nem fé,
> Mandou prender o *Xáxá!*
>
> Zé Luciano de cá
> Que é um *ché-ché*—pois não é?—
> Receia que o rei de lá,
> Tendo prendido o *Xa-xá*,
> Venha prender o *ché-ché*...
>
> Mal a penna contará
> O receio com que o vi!
> Basta dizer que hoje, ao chá,
> O *ché-ché*, que é cá *Xá-xá*,
> Só de medo fez *chi-chi!*..

PAN-TARANTULA.

CASOS TYPOS E COSTUMES

O ESCARRO

Veste a selecta farpella
De pano superlativo,
Vae direito a casa d'ella
Pedil-a ao pae respectivo.

Que grande luxo de sala!
Que ricos moveis de murta.
P'ra que elle o olhar arregala,
Apesar da vista curta.

—Fartas rendas se difondem
N'essas amplas bambinellas,
De fórma que se confundem
As portas com as janellas...

—Poltronas de pau de teca
Com finas sedas, sarjadas...
Que soberbas, p'ra a sonéca,
Sobre as grandes jantaradas!

—Que molas! que bello estofo.
Mais mimoso que pelica!
Como isto é bom, como é fofo,
Como cheira a gente rica!...

—Noto porém—coisa pouca—
Que falta seja o que fôr...
(Tinha um escarro na bocca
E não via escarrador...)

E, por mais que se alvoroce,
Debalde vasculha tudo:
O escarro, puxado a tosse,
Cada vez é mais taludo!

De novo a tosse o salteia,
Mais escarros lhe produz;
Sente a bocca cheia, cheia,
Como um ovo de abestruz!

Não vendo ao caso outro geito,
Em cuspir p'ra a rua appella,
E a uma porta vae direito,
Confundindo-a co'a janella.

Mas n'isto, a sorte mazomba
Prepara-lhe estranho logro,
Pois cospe mesmo na tromba
Do proprio futuro sogro!

Quer fugir, dar á canella,
Pois vê que a coisa vae torta:
Corre direito á janella,
Confundindo-a co'uma porta!

E assim morre o noivo *d'ella*
Fazendo enorme careta,
Enforcado na janella
Pelo cordão da luneta!

PAN-TARANTULA.

AUGUSTO NEUPARTH

A nossa galeria obituaria de homens illustres registra hoje, desgraçadamente, o vulto notavel de Augusto Neuparth, um artista de alevantado merecimento, unico no seu genero, de todos conhecido e por todos estimado, conhecimento e estima que elle soube conquistar tanto pelo seu talento verdadeiramente excepcional como pelo seu trato affabilmente sympathico e pelo seu caracter habilmente conciliador.

A morte de Augusto Neuparth, que é geralmente para a arte musical e em particular para muitas agremiações uma perda do maior alcance, significa tambem para nós um desgosto bem profundo, como esse que experimentamos sempre que vêmos desapparecer mais um dos irmãos queridos d'essa nobre familia que se chama a Arte.

POR AHI...

A camara dos deputados começou esta semana a occupar-se de uma coisa seguramente mais util de que todas as que lhe teem tomado o tempo durante a presente legislatura.

Foi o sr. Consiglieri Pedroso quem, descendo do illustre professorado do Curso Superior de Letras, ao despretencioso mester de professor de primeiras ditas, tomou a iniciativa d'esse instante melhoramento no seio da representação nacional, começando a instruir o sr. presidente do conselho sobre a significação do vocabulo *immediatamente*, para o que se havia premunido do indispensavel diccionario da Moraes.

O sr. José Luciano mostrou-se refractario ao ensino, continuando a teimar na sua, o que não admira, visto o illustre professor ter ido logo ás do cabo do diccionario, quando devêra antes, methodicamente, principiar pela cartilha, seguindo depois progressivamente no emprego dos methodos usuaes, por onde se consegue a pouco e pouco cultivar e desenvolver as intelligencias tenrinhas como a do sr. presidente do conselho.

E' melhor guardar o diccionario para quando os illustres ministros e deputados já tenham a instrucção bastante para darem começo á faina dos significados

Por ora e melhor que se appliquem ao b a ba fugiu a burra, porque de vagar se vae ao longe.

* * *

Depois de escriptas as linhas que antecedem, veio ao nosso conhecimento a grata noticia de que o parlamento já resolvera praticar precisamente como lhe estavamos aconselhando, no que colheu tão lisongeiros resultados que os decuriões da classe já hontem conjugavam verbos com uma facilidade extraordinaria!

Houve uma sabatina entre os decuriões Oliveira Mattos e Gomes Netto, o ultimo dos quaes interrogou o primeiro.

Decurião Gomes Netto: — Conjugue lá o presente indicativo do verbo fugir.

Decurião Oliveira Mattos

Eu fujo
Tu raspas-te
Elle misca-se
Nós tingamo-nos
Vós safaes-vos
Elles piram-se.

— Agora o preterito imperfeito do mesmo verbo

Eu fugia
Tu punhas-te na alheta
Elle batia canella
Nós punhamo-nos na pireza
Vós passaveis os butes
Elles davam ás de villa Diogo.

Depois passou o decurião Oliveira Mattos a interrogar o decurião Gomes Netto.

— Conjugue o preterito perfeito composto do verbo prender.

— Eu tenho prendido
Tu tens capturado
Elle tem pregado no estarim
Nós temos posto á sombra
Vós tendes levado para o chelindrau
Elles teem mandado para as unhas do Firmino João Lopes

* * *

O sr Gomes Netto continua a fazer o mais descarado dos namoros á villa das Caldas da Rainha, apesar d'essa respeitavel matrona ser a esposa politica do seu correligionario o sr. Francisco Machado!

Eleitoralmente fallando está-lhe o corpo a pedir um adulteriosinho..

Debalde o sr. Machado lhe grita rubro de ciume, nas suas correspondencias para a *Provincia*, que não attente contra o nono mandamento desejando a mulher do proximo, e que vá para Caparica, que é a sua legitima esposa, á face da egreja e do carneiro com batatas.

O sr. Gomes Netto responde a isso que catrapisca e deseja a mulher do proximo pois se reputa incompativel com a mulher que Deus lhe deu por intermedio do sr. ministro da fazenda.

Caparica estava costumada ao Jayme Arthur da Costa Pinto, que representava para ella, além de um bom deputado, um excellente bombeiro voluntario.

Em Caparica se sentindo abrasada em chammas — e era coisa que lhe dava sempre tres vezes por semana — lá estava o Costa Pinto de agulheta em punho, prompto a apagar-lhe a calma viva.

Viuva de tão diligente e bom marido, Caparica viu se de repente nos braços do seu esposo actual, o sr. Gomes Netto, o qual tem a negação mais completa para aquelle genero de exercicios!

Inutilmente s. ex.ª tirocina com frequencia nas fainas de bombeiro, afim de attingir os merecimentos do seu antepassado!

Ja tem construido na sua chamine mais de duzentas Caparicas artificiaes, de carqueja e carvão de cêpa, a que depois deita fogo, accudindo immediatamente e em trajos de bombeiro, e esforçando-se por dominar o terrivel elemento.

Por mais rapidos porém que sejam os soccorros e por mais acertadas providencias que se dêem, basta o vento produzido pelas abas da sobrecasaca de s. ex.ª para que o incendio se desenvolva terrivelmente, inutilisando todos os esforços e sacrificios empregados.

É por isso que o sr. Gomes Netto resolveu repu-

diar a sua legitima mulher politica, cuja indole *foguetetra* não vae nada á sua bola o conquistar as boas graças da esposa politica do sr. Machado, cujas aguas (as da esposa) se dão perfeitamente com os seus achaques de rheumatismo.

Como, porém, não deseje hostilisar o seu correligionario e apenas pretenda organisar as coisas de fórma que, voltando a ser deputado por Caparica, não tenha que vêr-se abarbado com incendios e antes confortado por banhos de deliciosas thermas, o sr. Gomes Netto vae apresentar ao parlamento um projecto de lei pelo qual fique auctorisada a transferencia das aguas das Caldas para o sitio de Caparica, recebendo as Caldas, em premutação, os incendios de Caparica, o Joaquim dos Melões e o edificio do Lazareto.

Não ha como o talento para harmonisar as coisas mais intrincadas d'este mundo!...

* * *

O *Diario Popular* apresenta aos seus leitores um novo redactor chamado Topsius, o qual, segundo a expressão d'aquella folha, vae descrever «as casas de beneficencia de Lisboa, os seus espectaculos, os nossos monumentos, as paixões da cidade, as suas alegrias, os nossos mercados, a *nota viva*, emfim a nota morta, tudo nas pretas cristalisações da letrinha de imprensa.»

Teremos muito gosto em apreciar as *cristalisações pretas* do joven redactor, mas sempre o prevenimos de que, quando faça exhibições da *nota viva* e da *nota morta* — sobretudo da ultima—nos deve avisar com vinte e quatro horas de antecedencia, afim de mandarmos acceder o nosso defumador...

A proposito do referido redactor, conta ainda o *Diario Popular* uma aventura qualquer, que começa pelo seguinte periodo:

«Ha 20 annos elle era piloto do vapor *D. Luiz*, que fazia a carreira do Algarve. Um dia, seriam 9 horas da manhã, surdiu-lhe na tolda, nauseado, aborrido, esbarrigado, com esgares nos olhos, um caloiro que ia para Coimbra.»

Este caloiro que ia para Coimbra a bordo do vapor que fazia a carreira do Algarve era filho primogenito d'aquelle sujeito que costumava ir a França por Tavira.

* * *

Apesar do calor enorme que a todos nos traz seccos como uns bacalhaus da Noruega, o sr. presidente da camara dos deputados ainda não se lembrou de fazer a obra de misericordia que manda dar de beber a quem tem séde, dotando a tribuna da imprensa com o importantissimo melhoramento d'uma caneca e d'um moringue de Estremoz.

Jornalista que esteja com a lingua do fóra tem de vir ao corredor da camara—se o continuo o deixar passar—e beber agua pela torneira, porque a respeito de copo é coisa que tambem lá não ha

Mais comiseração teem alguns logistas pelos cães, mandando pôr baldes d'agua á porta do estabelecimento.

Se o sr. presidente tem receio de arruinar a camara com a extravagancia de duas canecas, dê ao menos licença para que o Neves do Rocio estabeleça ali uma succursal da sua agua de Caneças.

Dê-nos canecas e bilha
Emquanto houver estas seccas,
Com cedilha ou sem cedilha,
Ou *Caneças*, ou *canecas!*

PAN-TARANTULA.

A PROTECÇÃO AOS BANCOS

O sr. presidente do conselho declarou no parlamento que o governo pensára em salvar os bancos do Porto da situação critica em que se acham compromettidos por via do syndicato de Salamanca.

No momento actual—quando precisamente toda a gente se atarefa no descobrimento de apparelhos salva-vidas—a ideia do governo pareceu-nos de todo o ponto conceituosa e opportuna.

Se applaudimos a iniciativa particular porque esta cuida no salvamento dos que estão em risco de arder não podemos deixar de felicitar a iniciativa official quando esta se occupa em salvar aquelles que estão em perigo justamente do contrario de arder—visto estarem ameaçados de ir por agua abaixo...

* * *

Para levar á realidade o seu caridoso pensamento, tinha o governo uma grande diversidade de recursos.

Assim, por exemplo, o gabinete abriria em seu seio que, é como fica dito, um manancial de benemerencia: abriria em seu seio a proverbial subscripção, mediante a qual entre nós é uso accudir ás desgraças que estão affligindo o proximo.

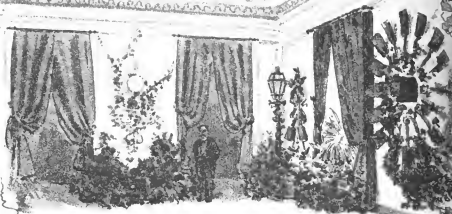
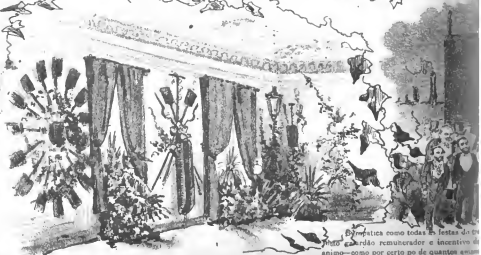
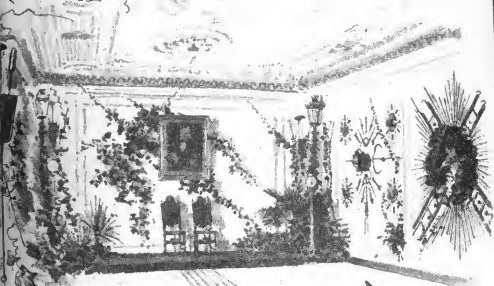
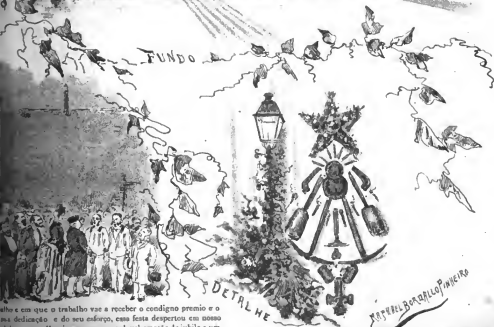
Uma folha de papel almaço, pautado, azul, tendo por cabeçalho, em calligraphia nedia e o mais *carlos-silvina* que se podesse arranjar:

SUBSCRIPÇÃO PROMOVIDA PELO GOVERNO DE S. MAGESTADE, E CUJO PRODUCTO É DESTINADO A ACCUDIR ÁS PRECARIAS CIRCUMSTANCIAS EM QUE SE ENCONTRAM OS BANCOS DA CIDADE INVICTA.

Isto instruido com o attestado de pobresa passado pelo parocho e o de bom comportamento moral e civil assignado pelo competente regedor, dava necessariamente um resultado muito lisongeiro para o equilibrio das finanças dos referidos bancos.

E, em ultimo caso, o governo podia mais solicitar do *Diario de Noticias* que incluisse os desventurados bancos no numero dos contemplados por occasião do *Natal dos pobresinhos.*

* * *

Quando tal recurso fosse insufficiente, tinha ainda

PANHIA DO GAZ

alho e em que o trabalho vae a receber o condigno premio e o
ua dedicação e do seu esforço, essa festa despertou em nosso
lida e para ella vivem—uma agradavel emoção de jubilo e um
pahia, que comprehende emfim a necessidade da justiça de fa-
dento que se esforça por engrandecel-a.

o governo o expediente d'uma kermesse na Tapada, d'um bazar de sortes em Santo Antonio dos Capuchos, d'uma toirada de curiosos no Campo de Sant'Anna e até d'uma funcção gymnastica no circo do Coliseu, para a qual concorrer efficazmente a collaboração do proprio gabinete.

O elenco seria o seguinte:

1.º clown............ sr. José Luciano
Voltigeuse.......... » Barros Gomes
Domador de feras.... » S. Januario
Homem das forças.. » Navarro
Escamoteador........ » Marianno.

Era funcção para se venderem os bilhetes pelo dobro do preço—até aos accionistas dos Recreios!

* * *

Mas o governo entendeu que o expediente mais simples para auxiliar os bancos do Porto era fazer sahir tal auxilio dos cofres do erario.

Effectivamente, além de simples, não havia nada de mais justo!

Porque a situação é clara com agua do chafariz do Carmo.

Temos nós, em primeiro logar, uns desgraçados argentarios, directores de bancos e que—de duas uma—ou por inepcia ou por má fé, comprometteram os haveres dos seus accionistas.

Temos, em segundo logar, uns desventurados accionistas que estavam costumados a receber todos os annos bom juro do seu dinheiro, sem terem o menor trabalho, de braços cruzados e perninha estendida, não se dando ao menos o incommodo de assistir ás assembléas geraes, e que se vêem agora muito atrapalhados da sua vida, não sabendo se devam negociar as suas acções na bolsa se nos estabelecimentos de merecaria.

Que fazer em tão complicada situação?

Dizer aos directores que assumam a responsabilidade da sua má administração? Que dispam até a ultima camisa, como faz qualquer particular fallido, para pagar quanto possivel os debitos aos credores?

Dizer aos accionistas que se aguentem no balanço? Que não fossem tolos nem mandriões, deixando o seu dinheiro ao Deus dará como o Bahia, sem se preoccuparem com as negociatas ruinosas e pensando apenas no juro nosso de cada dia nos dae hoje?

Mas isso fôra d'uma inqualificavel atrocidade!

Dizer aos directores que dispam a camisa?!

E a moralidade?

E as constipações?

E o umbigo de ss. ex.as?...

Nada! Quem deve sanar as difficuldades creadas pela inepcia dos srs. directores de bancos não é a camisa de tão respeitaveis cavalheiros: é a camisa do contribuinte, é a camisa do pobre, do que se assenta no chão por não ter dois patacos para pagar o fundo d'uma cadeira, mas que e o responsavel pelos *fundos* dos *bancos* onde os directores se espernegam em fofas othomanas...

PAN-TARANTOLA.

CASOS TYPOS E COSTUMES

A DIVIDA.

A' secretaria, o banqueiro,
Medita sobre os papeis,
Na demora do caixeiro
Que foi cobrar em dinheiro
Cento e noventa mil réis.

Vermelho de rubra côr
O caixeiro emfim desponta:
Diz que é medonho o calor.
Procurára o devedor,
O qual não pagára a conta.

—Não pagou?!—grande sandeu!—
Não pagou e vens-te embora?!
Não pagou esse judeu?
Não pagou?! pois vou lá eu!
Não pagou?! pois paga agora!

E d'ali, como um xára,
Sae correndo espantadiço,
Emquanto o caixeiro, o Lara,
Diz com trejeitos na cara:
—Vaes ganhar muito com isso! . .

Ao principio, a raiva n'alma
Fal-o andar em vivo surto;
O excesso, porém, da calma,
Pouco a pouco a febre acalma,
Tornando o passo mais curto.

Mais o calor o agarrocha
Sem que corra a menor brisa!
E o suor que desabrocha
Cae, como pingos de tocha,
No peitilho da camisa!

Offegante de cansaço
E côr das rubras papoilas,
Inda afrouxa mais o passo
Pois que o suor do cachaço
Chega á fita das ceroilas!

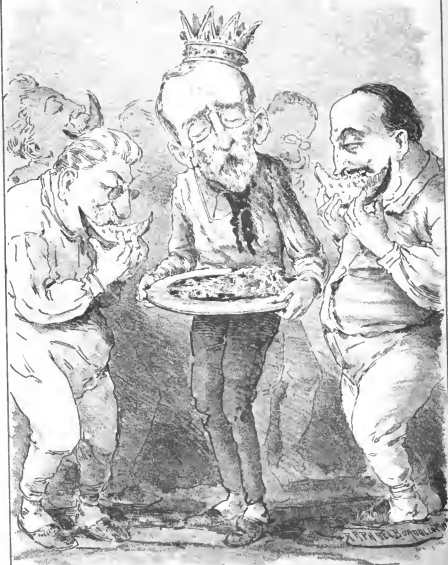
Eil-o emfim no patamar
Do devedor pulha e mau...
Mas tem inda que trepar
Té lá cima ao quinto andar
— Dez lanços, mais um degrau!

E elle, ha pouco, em raiva acceso,
Da cancella se avisinha,
Já tão mol', tão pouco teso,
Que ao tocar, co'o proprio peso,
Quebra a corda á campainha!

(Continúa no proximo numero.)

PAN-TARANTULA.

O MELÃO DA CHEFIA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

— A mim é que entregaram o melão, mas cada um leva a sua talhada e eu fico apenas com as pevides... e as tripas!

O CAMINHO DE FERRO NAS CALDAS

Chegou no dia 25 ás Caldas da Rainha a primeira machina do caminho de ferro, que brevemente será aberto á exploração. Como amigos dedicados d'aquella povoação não podemos deixar de registrar aqui o fausto acontecimento.

Outro tanto, decerto, não succederá ao conselheiro *Pim*, que a estas horas se está chorando e lamentando de lhe estragarem as Caldas com estradas, e cortes de vinhas para parques e ainda por cima caminho de ferro!

Toca a reformar, que é o melhor meio de não apanhar massadas, continuando ao mesmo tempo no seu posto de observação.

POR AHI...

A nossa adoravel leitora vae ter esta semana uma chronica muito fresca.

Não confundir com a frescura artificial da frasé picaresca, porque se trata simplesmente da frescura matutina, da frescura *ao natural*, como a frescura dos nacarados labios de v. ex.ª—depois dos referidos labios terem servido de tunnel a um comboio de carapinhadas.

Escrevemos ás 4 horas da madrugada do dia de S Pedro.

Ha meia hora que o nosso despertador fez *pim-perlin-pim-pim* e que nós saltamos da cama, o mais ligeiro e o mais Adão que podemos ser.

D'ahi a nada, o sangue puro do sr. dr. Pinto Coelho, consagrado na lympha do Alviella, cachoava em cataratas pelo Niagara do nosso espinhaço, innundando-nos d'uma frescura ainda além das nossas proprias aspirações!

E' verdadeiramente notavel que a agua com que pela manhã nos lavamos, e que e a mesma—a mesma, salvo seja—com que pelo dia adiante matamos a sêde, que essa agua, filha do mesmo Alviella e da mesma canalisação—assim como quem diz filha do mesmo pae e da mesma mãe;—que essa agua seja tão fresca nas abluções e tão morna nas deglutições!

E, sendo isto sabido de toda a gente, não comprehendemos tambem porque ainda se não adoptasse o systema de beber agua pelo lado de fóra, ao passo que nos ensaboariamos pela banda de dentro.

O expediente não era positivamente novo, visto não faltarem genros a quem as sogras *ensaboam o miolo*..

A hora e no dia em que escrevemos, a cidade não e aquella que o leitor conhece. Cantam galos, estoiram alguns foguetes retardatarios, pavoneiam-se moringues d'agua fresca em todas as varandas, e, n uma ali em baixo, agita-se levemente, suspensa do parapeito, uma toalha branca de linho, quem sabe se o signal convencionado, se o motor inconsciente de algum idylio romanesco, que esteja desabrochando ali, poeticamente, entre as quatro paredes d'uma alcova sem janella..

Quem nos dera uma toalha!...

Na rua passam de quando em quando uns ranchos que veem da Praça.

Cravo de papel na fita do chapeu, vaso de mangerico e ramo de alfazema debaixo do braço, ventarola na mão direita, rouxinol de barro na esquerda, cigarro ao canto da bocca e remela ao canto dos olhos, saciados de festejar o Senhor S. Pedro para que lhes abra as portas do ceu, onde os espera a bemaventurança, vão agora accordar a familia para que lhes abra as porta de casa, onde os espera a confortabilidade dos lençoes...

Continua a inveja a perseguir-nos. ha pouco contentavamo-nos com uma toalha, agora, quem nos dera dois lençoes!...

Felizmente para nos, esta massada de chronicas matutinas e chronicas nocturnas, e chronicas pelo dia adiante, esta aqui esta a acabar, a experiencia de machinas do Centro Agricola Industrial, a que assistimos no ultimo domingo, da-nos essa fundada e risonha esperança.

Imagine o leitor uma machina da mais extrema simplicidade, dirigida por um homem e movida por dois bois, que vae ceifando o trigo, e juntando-o, e atando-o, e deitando ca para fóra os molhos, aos doze por minuto, faltando-lhe apenas debulhal-o, moel-o, amaçal-o e cozel-o, para que nos desse logo ali o pão nosso de cada dia!

Tal progresso na mechanica traz-nos pois a esperança de que ainda se hão de inventar machinas que escrevam chronicas, alinhave n camisas, desenhem caricaturas, façam ovos estrelados e até, com vantagem, substituam o bello sexo no que elle tem de mais apreciavel...

Á ceifa executada pelas machinas do Centro Agricola nas terras do sr. Polycarpo José Machado seguiu-se a ceifa operada pelos convidados no jantar d'aquelle distincto e amabilissimo cavalheiro.

Digamos em abono da verdade que todos os convidados trabalharam com a perfeição de magnificas ceifeiras-atadeiras. A opulenta seara, d'aquelle magnifico jantar cosinhado de finos môlhos, estava a curto trecho dividida em volumosos môlhos, aliás muito bem molhados, pelo interior dos convivas-atadeiras.

Cerca de quatro horas d'uma excellente mesa, de animado cavaco, de brindes enthusiasticos e de alegria sincera pelos progressos da industria que hade forçosamente operar uma abençoada evolução de economia e de abastança na nossa agricultura—que representa o futuro do paiz—eis como findou essa explendida festa, d'onde, por todos os titulos, regressámos verdadeiramente encantados

A Associação dos Jornalistas acabou e não acabou, dissolveu-se e não se dissolveu, morreu de morte macaca e ficou vivinha da costa e silva.

Não tendo recursos para a sua sustentação, a Associação dos Jornalistas resolveu depositar na Sociedade de Geographia todos os objectos com que a haviam presenteado, vender os tarecos para pagar uma divida ao sr. João Evangelista—divida que se póde considerar sagrada, como o João Evangelista se póde considerar um santo, pela paciencia com que tem esperado pelos cobres—e suspender o pagamento de quotas, continuando entretanto aquella Associação na sua marcha gloriosa, apesar de não ter um vintem em cofre, nem cofre onde guarde um vintem, nem uma cadeira de tabúa, nem uma meza de pinho, á mercê, emfim, das sopas sollicitadas ao portal da Sociedade de Geographia, que fica nas proximidades do extincto convento de S. Francisco, pelo que a Associação dos Jornalistas poderá futuramente vir a denominar-se Associação Franciscana de Jornalistas Descalços e Escriptores Portuguezes da Ordem dos Mendicantes.

Titulo muito mais pomposo de que o antecedente, sendo pena que a Associação não tenha fundos para mandar fazer um novo carimbo de borracha...

* * *

A Associação dos Jornalistas, cuja fundação se relaciona com as festas do tri-centenario do immortal Camões, andou é certo com manifesta coherencia determinando não se dissolver: ella quiz ser, como aquelle que lhe deu o dito ser — immortal — e assim tomou a resolução de não morrer, apezar de ter ficado sem pinga de sangue... na algibeira!

Se na proxima eleição dos corpos gerentes fôr—como é de justiça—eleito para presidente da meza, o socio sr. Ligo, que por sobrenome não perca, e que e um dos mais bravos, puros e corpulentos escriptores da geração moderna, fazemos ideia da raça de discurso com que s. ex.ª agradecerá a honraria—aliás justissima—que lhe conferirem os seus consocios.

Reunida a Associação no recinto dos bailes campestres á Praça da Alegria, por falta de casa propria, o presidente Ligo, ligando as suas ideias, assim fallará aos seus confrades (frades de S. Francisco)

—Meus amados irmãos! Ao tomar posse da cadeira da presidencia... (como não ha cadeira sento-me no chão), e na qualidade de presidente da mesa (como não ha mesa encosto os cotovellos á barriga), desejo que se consigne na acta (como não ha papel consigne-se no punho da camisa) o meu reconhecimento por me confiarem a direcção d'esta casa (como não ha casa emendo para a direcção d'este ar livre), favor a que me esforçarei por corresponder até tirar algum resultado do meu esforço... ao ar livre! Disse! (Vae para tocar a campainha; mas, como não ha campainha bate duas argoladas repenicadas).

E assim continuará a Associação dos Jornalistas a lavrar entre nós, sendo e não sendo, a ponto de merecer aos vindouros esta conceituosa definição Era, não era, andava lavrando...

PAN-TARANTULA

POLITICA EM BOLANDAS

Afinal sempre passou a conversão, que, como utilidade publica, não passava d'uma *conversa*, mas que, no superlativo *conversão*, foi um verdadeiro superlativo para o sr. marquez Apanha-Tudo...

A conversão teve uma influencia muito pronunciada tanto na bocca d'aquelle illustre titular como na do seu collega o sr. conde Topa-a-Tudo: este, morde-se de inveja e dá á lingua contra aquelle, aquelle, engole em seco mas vae-se lambendo de contentamento..

Agora é que o sr. Francisco Machado nem a machado derrota o conquistador Gomes Netto, que lhe anda a arrastar a asa da sobrecasaca á sua esposa politica, que é o circulo das Caldas da Rainha.

O Lovelace está aqui está-lhe mettido no circulo..

Para mais ajuda, o sr. ministro da fazenda protege o seductor e já declarou no parlamento ao sr. Machado que perde o tempo em apaparicar a esposa infiel porque ella tem *protector* mais efficaz junto do ministerio.

Este caso, bem aproveitado, dava uma oleographia muito catita para o quarto de cama de um rapaz solteiro:

As Caldas, de *cocote;* o sr. Machado de trovador infeliz; o sr. Gomes Netto de *protector* endinheirado; o sr. Marianno de *alcofa* intermediaria no *negocio*...

Vermelhaço de pudor e com o colo offegante de emoção, concedeu o sr. José Lucianno, ante-hontem, a primeira entrevista aos representantes dos bancos do Porto.

O sr. Marianno, que faz as partes aos pretendentes da Invicta (deu-lhe agora para o cultivo d'este rendoso officio) o sr. Marianno empregou todas as seducções ao seu alcance para que o pudibundo sr. presidente se condoesse a rogativas e queixumes.

Com tão boa inculcadeira ao pé da porta, impossivel será que o sr. José Luciano não acabe por *ceder*, e assim o teremos d'aqui a pouco desovando contos de reis em proveito dos bancos comprommettidos.

O sr. José Lucianno, a desovar contos de réis, tambem dava uma bonita decoração em *biscuit*, para jardineira, tendo por *pendant* o sr. Monteiro desova milhões...

Segundo referiram os jornaes, o sr. ministro da fazenda declarou na camara que havia um autocrata financeiro que dominava o thesoiro e o qual autocrata elle mettêra debaixo dos pes

Já que está com as mãos na massa das autocratas, aproveite a occasião para metter no mesmo sitio (debaixo dos pés) o autocrata n.° 2 que lhe está pesando no prato da balança...

O S. MIGUEL DA POLITICA

* * *

Diz-se que o caso vae torto
E a coisa muito bicuda,
Se aos pobres bancos do Porto
Não dão depressa uma ajuda.

E o povinho, rei dos tolos,
Que dos bancos teme o p'rigo,
A chuchar no furabolos,
Pensa de si p'ra comsigo:

—Justo é que aos banços se accuda
Co'o dinheiro que é só meu...
Elles apanham a *ajuda*...
E o *seringado* sou eu...

O sr. Bocage é que é a verdadeira victima das dissidencias que lavram no intestino do partido regenerador.

Como para as affecções intestinaes se applica geralmente com bom resultado uma chavena de cha forte, o partido regenerador não faz senão reunir-se em casa do sr. Bocage, no empenho de sarar a molestia que o consome á custa do cha de s. ex.ª

Se as reuniões continuam e as dissidencias não se aplanam, bem pode chover chá preto no bule do ex.mo conselheiro...

Se o partido, partido em ducto,
N'um só grupo afinal, não se arreiga,
Elle gaste a fortuna em chá preto
E em fatias de pão com manteiga.

Fallando da reunião em que uma parte do partido regenerador elegeu para seu chefe ao sr. Serpa, escreveu o *Diario de Noticias* «Resolveu-se que se propozesse ao partido o sr. conselheiro Serpa Pimentel para chefe do mesmo.»

O sr. Barjona, ao lêr a noticia, resmungou logo com uma inflexão muito intencional:

—Só se fôr do mesmo...

Pan-Tarantula

CASOS TYPOS E COSTUMES

A DIVIDA

(Concluido do numero antecedente)

Entra, abrasado em calor,
No elegante gabinete
Onde o omisso devedor,
Dando-se ar's de grão senhor,
'stá tomando o seu sorvete.

—Trago-lhe a letra, (começa)
Em que o sr. poz o *acceite*;
—A minha letra? ora essa...
O' Constantina, depressa,
Traga sorvetes de leite.

A criada, andando leve,
Da mesa coloca ao centro
Os dois sorvetes e em breve
O banqueiro toma a neve
Que o consola lá por dentro.

Mas tanta neve tomou,
Da calma os atroz fadiga,
Que afinal empanzinou
E a queixar-se começou
De soffrer dôr de barriga...

Co'a immensa dôr que o consome
Todo o corpo se lhe alquebra,
E, p'ra que a molestia dome,
Dão-lhe em conselho que tome
Uns copitos de genebra.

Mas, por sorte dos infernos,
Apanha tal bebedeira,
Que ao sentir volcões internos
Põe-se a botar olhos ternos
P'ra a guapa da sopeira...

Qual um fogo de fornalhas
Exp'rimenta vivo, agudo,
E d'amor corre ás batalhas,
Atirando de cangalhas
Com genebra, meza e tudo!

Pede á moça, em triste pranto,
Que lhe mostre a côr da meia;
Persegue-a, mette-a n'um canto..
E o devedor, entretanto,
Tinha a mais soberba ideia...

Na alcova altivo penetra
E acha o credor co'a criada,
Beijocando-a... a tal... *et cet'ra*..
—Quanto devo?
—Tome a letra
Vá-se em paz... não deve nada...

Com tão alegre noticia,
Mais a altivez accentua.
—Que descaro e impudicicia!
Ponha-se—ou chamo a policia—
Co'os quatro quartos na rua!

Como, a sair sem demora,
O outro pozesse empecilhos,
Elle mesmo o põe lá fóra
Co'uma *galheta* sonora
E um ponta-pé nos fundilhos.

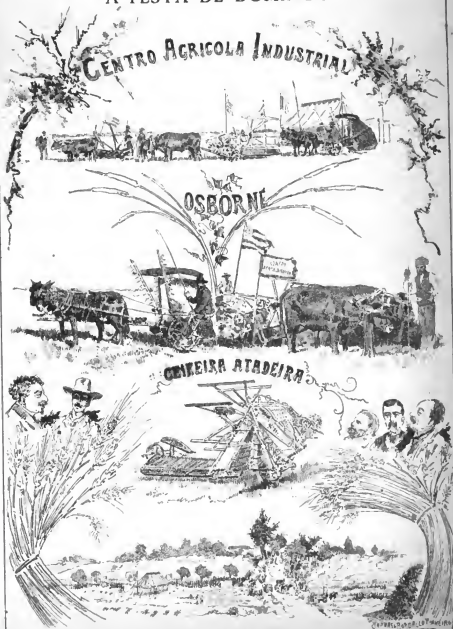
Moido até aos tutanos
Como massa de pasteis,
D'amor aprende os enganos...
Lançando em perdas e damnos
Cento e noventa mil réis...

PAN-TARANTULA.

A FESTA DE DOMINGO

CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

OSBORNE

CEIFEIRA ATADEIRA

Uma verdadeira festa do trabalho e do progresso, que a todos deve interessar sinceramente e cujas honras cabem por igual aos representantes de Centro Agricola Industrial, os srs. Figari e Adolpho Fassio, dois espiritos modernos, duas intelligencias robustas, dois enthusiastas dedicados, que muito teem conseguido já, esforçando-se ainda por introduzir em todos os nossos trabalhos ruraes as melhores machinas usadas no estrangeiro e que representam para o lavrador uma extraordinaria fonte de receita.

O CAMINHO DE FERRO NAS CALDAS

Pelo que estamos vendo, não teremos mais remedio senão abrir tambem uma secção especial para os caminhos de ferro das Caldas da Rainha.

Na semana passada registámos a chegada ás Caldas do caminho de ferro de Leiria; hoje registamos a chegada do caminho de ferro de Lisboa. Cá ficamos de lapis engatilhado para a semana que vem.

No registro de hoje queremos que figure um incidente curioso que teve logar na estação de Obidos. Uma velhinha octogenaria lastimava-se de que talvez não chegasse a experimentar semelhante melhoramento, em que nunca acreditára, o engenheiro Fontes Ganhado pega n'ella ao collo, mette-a na carroagem, e ella ahi vae contente como um rato, confessando experimentar a maior alegria que jamais experimentára em sua vida!

CURTO PREAMBULO

Com a entrada do anno economico de 1887-88, do qual damos hoje o primeiro numero, resolvemos proceder a algumas reformas nos *Pontos nos ii*, d'accordo com a economia, que nos inspira não só no anno que começa, como em geral todos os governos que nos regem.

Ora os governos, e sabido, suprimem algumas vezes—por economia—um logar de chefe de repartição e criam immediatamente—sempre por economia—um logar de sub-chefe, dois de primeiros officiaes, quatro de segundos, oito de terceiros e dezeseis de amanuenses.

Nós fazemos como os governos: suprimimos aquelle artigo do tamanho do nosso collega Augusto Ribeiro que era a massada do leitor e tambem a nossa — o artigo, está bom de vêr—e substituimol-o por uma serie de secções diversas, de que hoje damos uma amostra e que serão inexgotaveis como inexgotavel é a nossa paciencia, mais a bondade do leitor.

POR AHI...

Por ahi fóra, é que devia ser hoje o titulo da nossa chronica.

O calor, apertando como uma liga de borracha, e os dias santos, multiplicando-se como os pães do Evangelho, fazem com que Lisboa pareça, de quando em quando, o deserto do Sahará—levemente salpicado de camellos—ao passo que duzias de omnibus, diligencias e comboios se affastam continuamente da cidade, impando de forasteiros, como pequenas villas ambulantes, a levar aqui e alli o lisboeta sequioso da pureza do ar, da pureza dos costumes e da pureza dos tostis.

—Estou regaladiho! dizia-nos ainda ha pouco velho amigo que regressáva de Cintra, com a physionomia rasgada d'uma cabeça provinciana, e o *paletot* tambem rasgado—talvez da cabeça de algum prego; estou regaladinho de agua da Sabuga! Fui passar o S. Pedro a Cintra e por lá fiquei até agora!

Ir a Cintra *passar* o S. Pedro!

Já é vontade, andar vinte e seis kilometros para commetter um *santicidio!*...

* * *

Isto da villegiatura é como as beaigas: pega-se que tem demonio!

Foi assim que os *Pontos nos ii*, na pessoa do seu director—e apesar de vaccinados—tambem foram atacados da epidemia, ao ponto de se permittirem jardinar no ultimo domingo, aproveitando o gracioso convite para a experiencia da linha ferrea de Lisboa ás Caldas da Rainha.

E que formosa e essa linha! O aspecto dos tunneis, a elegancia das pontes, o pittoresco dos caminhos, um conjuncto delicioso da arte e da natureza, e, sobretudo isto, a velocidade da jornada, que nos surprehende e nos encanta, mormente quando nos lembramos d'aquellas estropiadoras ooitadas de Azambuja ás Caldas, aos solavancos, aos boleus, ás cambalhotas, moidos, picados, amassados, como se a nossa alma estivesse condemnada a eternas penas e o nosso corpo destinado a uma travessa de croquettes!

* * *

Em Torres serviu-se o almoço, na locanda do afamado Pimenta, que dia á bocca cheia ser ali o *primeiro hotel da Europa*, o que estamos devéras propensos a acreditar, já pela excellente refeição que d'alli levámos, já porque o aspecto do dono da casa é o attestado mais seguro que elle podia fornecer-nos das qualidades nutrientes e colorantes de que dispõem os seus comes e bebes.

Façam idéa!

D'ahi ás Caldas o caminho é quasi que feito n'uma tirada horisontal.

O povo das Caldas não mostrou positivamente um grande assombro á chegada do comboio: parece-nos até que já o vimos mais assombrado d'uma vez que chegava a diligencia do Funileiro.

Quem visse a indifferença com que aquelle bom povo assistiu á apparição d'um caminho de ferro entrando-lhe pela primeira vez portas a dentro, ficaria para logo convencido de que esse bom povo nunca fizera outra coisa na sua vida senão ver entrar caminhos de ferro pela porta dentro.

Parecia que, em vez de aguas thermaes, aquelle povo nunca tomara senão aguas ferreas!

O conselheiro Pim nem pestanejou tambem com a chegada do caminho de ferro.

E não pestanejou por dois motivos: primeiro, porque não tem pestanas; segundo, porque anda agora completamente absorvido pela sua nova occupação de membro da commissão dos melhoramentos no hospital das Caldas da Rainha.

Como se vê, Pim está occupado em se observar a si mesmo.

E, ao inverso dos *cargos de petiscos*, que são melhorados todos os aonos; Pim, que eotre os diversos *cargos* tem tambem o de ser *petisco;* Pim, ao contemplar-se a si mesmo, enteode e muito bem que não pode melhorar-se, porque, melhor de que aquillo, só abobora—e assim mesmo feita de encommenda.

POLITICA EM BOLANDAS

Pondo a lei em reboliço,
P'ra pôr tudo nos seus postos,
Este anno,
Marianno,
Vae reformar o serviço
Da cobrança dos impostos.

Co'o serviço que organisa
Enriquece elle o thesoiro;
E alem d'isso prophetisa
Ao feliz povo vindoiro:
—Ninguem fica sem camisa...
Pedirei sómente o coiro...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Um sucio, de grão na aza,
Visioho d'um serralheiro,
Perdendo a chave da casa
Não pode entrar no *mosqueiro.*

Teodo um serralheiro á mão,
O tal sucio que se cotorta,
Quem hade chamar então
P'ra lhe vir abrir a porta?...

Resposta em prosa ou verso, conferindo-se um brinde ao auctor da mais atilada.

GENTE FINA

Julio Xavier, que ha doze annos aoda pelo Brazil sem pôr pé em ramo verde, acaba de pôl-o em Lisboa, que é terra da verde alface.

Abraçando o sympathico moço, dizemos-lhe o que diriamos ao Diogo Alves, se o viramos perocar na forca:

— Estimamos muito vel-o *entre nós*...

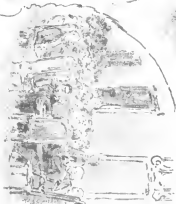
Antonio José da Cunha
Abreu Peixoto — d'Olhalvo —
Mandou-nos — sou testemunha —
Um moscatel do mais alvo.

P'ra saber todo o universo
D'aquella acção tão bonita
Aqui lhe pomos, em verso,
Este cartão de visita

EM VILLEGIATURA

Co'a alegria dentro d'alma,
O Soisa mais a mulher
Vão passar a extensa calma
Na vivenda de Alemquer.

N'uma estação de aldeola
Pára o comboio um momento
Chega um boi á portinhola,
Solta profundo lamento.

P'lo mugido despertada
Accorda a mulher do Soisa,
E pergunta extremunhada:
—Tu dissesle alguma coisa?.

Quando intelligencias abalisadas se contradizem positivamente na apreciação do que seja aquelle cerebro insondavel, não seremos nós quem se atreva a emittir opinião em tão espinhoso assumpto.

Como chronistas de todos os assumptos que interessam vivamente o publico limitamo-nos a dar o retrato d'esse homem que tinha ha pouco mais d'um anno um logar entre a mais briosa corporação e que tem hoje apenas um recanto na escoria da sociedade ou uma cellula no hospital dos doidos.

O ALFERES MARINHO DA CRUZ

THERMOMETRO DO PIFÃO

GRAUS CENTIGRADOS

1.º—Fallar com enthusiasmo.

2.º—Com as orelhas quentes.

3.º—Vermelho como um pimentão.

4.º—Olhos ternos.

(Continua)

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

O calor, que é o guarda nocturno do *high-life*, acaba de fechar cuidadosamente todos os salões, até o despontar da madrugada do inverno, em que resplandece o sol do *cotillon*.

Até lá, repoisem, refazendo-se de forças, as tenras e gentis vergonteas nascidas e criadas á sombra d'esse fronduso cedro da Arte das polkas mazurkas que tem atravessadu este seculo sob o nome genial de ill.mo sr. Justino Soares.

Os palcos fecham tambem, com excepção do palco da Trindade, o qual fechou e abriu como se fosse movido por cordões.

E o curioso esta em que, os mesmos cantores que no Coliseu nos pareciam rasoaveis, se nos apresentam agora magnificos na Trindade!

Muita gente não comprehende porque rasão se rebentava de calor no thetro da Trindade, com artistas portuguezas, e hoje, com as hespanholas — de *sangre mucho mas saliente* corre um fresquinho de regalar a alma.

O Rebello da Silva explica o phenomeno pela homœpathia: *simila cum similibus curantur*...

As toiradas do Campo de Sant'Anna teem, felizmente, perdido todo o aspecto de selvageria: estão o que verdadeiramente se chama um divertimento civilisado, aristocratisado, quasi diplomatico!

Os bois saem do curro, recebem os ferros, fazem uma mezura e voltam para dentro muito contentes a muito sensaborões da sua vida.

A empreza estuda ainda o meio pratico de substituir os bois bravos por simples toiros de papelão, com rodas nos pés e um phonographo na barriga, que lhes permitta sustentar um dialogo artificial com o capinha ou cavalleiro:

— V. ex.ª dá licença que lhe metta um par de ferros?

— Ora essa! quantos pares quizer... responderá o boi, recuando gentilmente o pé, como se fosse a dançar o minuete.

A resposta do boi póde tambem ser em verso, para o que Luiz de Araujo gravará no phonographo:

> — De me fazer dar mil berros.
> Vocencia direito tem-n'o:
> Pode, em vez de par's de ferros
> Metter-me até par's do reino..

DE VEZ EM QUANDO

Foi concedido aos escrivães das administrações de Lisboa o uso da farda azul, com palmas bordadas a oiro na gola, nos canhões e nas algibeiras.

> — *Escrivão*, a quem Bocage
> Atirou balas certeiras,
> Tu não reputas ultrage
> Darem-te assim esse trage
> Com *palmas nas algibeiras?*

CONTOS BESTAS

UM SABIO COM GOSTO A BURRO

De antropophagos ao fundo,
Na sua côrte mondonga,
Vivia um rei rubicundo,
—Como os outros reis do mundo—
Longa vida, á barba-longa.

Amante de bons piteus
Feitos de carne de gente,
Trincava os vassallos seus.
Mas em carne de europeus
Ha que annos não punha dente!

Andava o rei merencorio.
Cheio de raiva e quisilia,
Por ter sempre ao refeitorio
Esse eterno reportorio:
Carne assada da familia!

. . . .

Um sabio europeu, careca,
Que andava a estudar sarcofagos,
Já corrêra seca e meca
Quando, ao pintar da faneca,
Foi parar aos antropophagos!

Vendo do sabio o contorno,
O rei guloso se engoda,
Despe-o nú, sem mais adorno,
E manda assal-o no forno,
Com bâtatinhas á roda!

Não cantára inda o cochicho
Dos campos na redondeza,
Nem el-rei matára o bicho,
E o sabio, assado a capricho,
Já estava posto na meza!

Havendo accudido á rôdo
A côrte gulosa e atra,
Do sabio ao famoso bódo,
El-rei, lambendo-se todo,
Poz-se a trinchal-o na alcatra

Dera el-rei uma dentada,
Quando berra, erguendo o murro:
—Sabe a burro a carne assada!..
E a côrte grita espantada:
—E' verdade! Sabe a burro!!!

Dom Tarantula

(Continúa no proximo numero.)

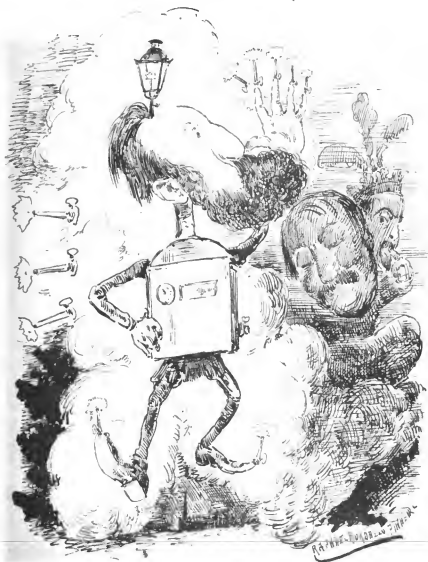
AO CHARIVARI

Ao nosso presado e distincto collega A. Silva, do *Charivari*, agradecemos reconhecidos o favorecido retrato que nos fez e as benevolentes palavras que nos dirige.

D'aqui lhe enviamos um affectuoso aperto de mão; e, para lhe demonstrarmos quanto as suas palavras teem por vezes de menos cabidas, transcrevemos-lhe o seguinte trexo, a que damos resposta immediata:

«E quem ousaria.. ferir o primeiro som discordante n'este coro de fama que o rodeia?»

—Quem?... O Feliaberto!. .

O GAZ

A folhinha do padre Vicente predizia que a 9 de julho do corrente anno haveria um eclipse total do Sol que illumina perennemente o marquezado de *Apanha-Tudo*, ao passo que o condado de *Topa-a-Tudo*, mergulhado de eternas trevas, se illuminaria subitamente ao clarão avermelhado de milhares de bicos de gaz.

Nunca o padre Vicente, que Deus haja, vaticinou em vida tão acertadamente como acaba de vaticinar agora depois de morto!

POR AHI...

A *Chronica*, essa elegante e azougada rapariga que observa simultaneamente todos os acontecimentos mais notaveis, atravez das finas lentes do seu binoculo vestido de madreperola; essa bohemia espiritada e curiosa que nunca tem repoiso, que se levanta com as galinhas, ao toque da alvorada, e se deita com os estroinas — salvo seja — ao empallidecer das ultimas estrellas, essa besbelhoteira gentil, a que nada escapa, que faz a Avenida, que anda nos *americanos*, que apparece nos toiros, que entra no parlamento, que valsa nos salões, e que até vae comer iscas á sua origem, na travessa do Cotovello; a *Chronica*, em summa, acaba de entrar no nosso escriptorio pallida, inquieta, hysterica, nervosa, declarando-nos cathegoricamente que não traz assumpto, que pede baixa do serviço, que não está para trabalhar, que vae ser amanuense, porque tem fundadas apprehensões de que toda a gente que crusa essa Lisboa — o ministro que vae á assignatura, o operario que vem da Horta das Tripas, os pelintrinhos que arrulham na Avenida, os rufiões que bulham na viella, o conselheiro que paga os afagos da *cocote*, a *cocote* que paga as libras do conselheiro, todos, emfim, não passam de uma cohorte de seres inferiores, de criaturas irresponsaveis, que povoam a cidade, a qual representa por este facto como que uma especie de *porto franco* de epilepticos larvados!!!

. . . .

Pobre *Chronica*!...

O leitor que lhe perdoe faltar hoje ao cumprimento dos seus deveres... E' uma *Chronica irresponsavel*, que está evidentemente sob a influencia d'um ataque de epilepsia larvada.

Naturalmente anda de rewolver na algibeira, a pobre da rapariga...

Vamos apalpal-a... se a leitora não se escandalisa...

G. T.

POLITICA EM BOLANDAS

Marianno, andando á prôa
Do *da Foz*, ao solavanco,
Quer por força que Lisboa
Tenha agora porto franco!

E a cidade, retrahida,
Diz, n'um gesto á portugueza,
— Que está muito agradecida,
Mas dispensa tal franqueza...

E Belem pede igualmente
Que o livrem de tal barranco
— P'ra franqueza, francamente,
Bem lhe basta o Pedro Franco.

Diz-se que o marquez da Foz
Vae ser dono d'um jornal,
Que tem por tit'lo entre nós
Commercio de Portugal.

E mais se refere ate
De Lisboa ao golfo persio,
Que é p'ra luctar co'o Burnay,
Que tem *Jornal do Commercio*.

Dois *Commercios*! — Eu pergunto
Que vae ser, por estes geitos,
Do *commercio*, assim por junto
Nas unhas de taes sujeitos?

G. T.

RECLAME Á AMERICANA

Chapellaria Universal
PORTO
RUA DE SANTO ANTONIO, 126-130

Assestae oc'los, monoculos,
P'ra a mais alta novidade
De chapeus, como os binoculos
P'ra campo, mar e cidade!

Cidade — Dá-se no registro
— Chapeu alto, em seda preta,
P'ra fallar a algum ministro,
Ou visitas de etiqueta

Quer-se ir ao *campo* um bocado
Apertando mais a rosca,
Fica o *bumbo* transformado
Em chapeu de *asa de mosca*!

D'ir a Algés temos projecto
Dá-se o registro nas rafas,
Eis-nos n'um prompto co'o aspecto
D'um *brejeirinho* das praias!

G. T.

THERMOMETRO DO PIFÃO

GRAUS CENTIGRADOS

(Continuado do numero antecedente)

5.º—Olhos injectados.

6.º—Fallar entaramelado

7.º—Macambusio

8.º—Com dores de estomago

9.º—Carga ao mar

10.º—Aos tombos d'uma esquina á outra

(Continua)

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Alfredo Tinoco é a demonstração em carne e osso d'aquelle atilado proloquio: *audaces fortuna juvet.*

Audaz, como o Galamba, feliz como o Facada da Arrentella—que vendeu a quinta sete vezes e ainda ficou com ella:—Alfredo Tinoco faz annualmente um beneficio, em que trabalha dez minutos, mette nos toiros seis garrochas e mette na algibeira o melhor de dois contos de reis!

Ganhar duzentos mil reis por minuto é talvez a unica operação bem combinada que terá escapado ao sr. ministro da fazenda...

E, entretanto, a toirada de domingo não correspondeu á geral espectativa. O aspecto da praça, toda decorada de verdejantes hervagens, fez com que os bois se portassem como os srs. deputados da nação portugueza ao aproximar-se a hora do jantar.

S.S. ex.as — os deputados — em sentindo a barriga pegada ás costas, não querem lá saber do paiz de quem são paes: o que querem é saber da paparoca; e assim votam todos os projectos, receiosos de que esfrie a sopa e requentem os petisquinhos.

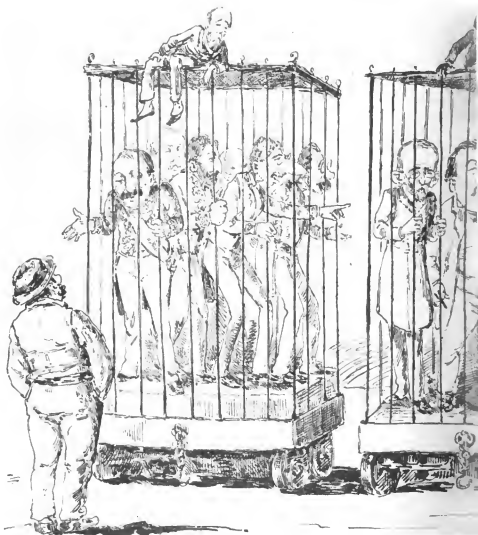
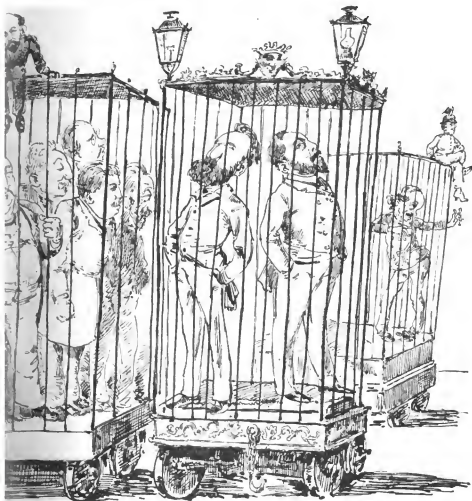
Com os bois succedeu a mesma coisa: aquella exposição d'um verdejante e succulento jantar, pendurado das trincheiras, fel-os esquecer dos seus papeis de *escolhidos, puros e bravissimos treze toiros*, obrigando-os a declarar com o coração nas mãos que eram uns toiros pacatos, uns toiros burguezes, que o que queriam era jantar pachorrentamente na *panrea* da familia e ir depois fazer o chylo para a Avenida dos campos de Jericó.

Emquanto o cavalleiro Fiuza fazia andar o seu cavallo á roda do boi, com a tenacidade de quem pretendia tirar-lhe agua de dentro por meio de alcatruzes, o pobre toiro olhava melancolicamente para a opulencia verdejante da praça, cantarolando por entre dentes, n'aquelle martyrologio de Tantalo bovino:

—Que lindo molho de verde
Que aquella trincheira tem!
Debaixo ninguem lhe chega...
—O' Maria dá cá uma escada

Le roi est mort, vive le roi! Caiu o palco dos *Recreios*, levantou-se o palco do *Chalet do Rato*.

Foi uma inauguração promettedora, sob os auspicios da *Gran Via*—porque as *vias* estão agora muito em moda.

Via no *Chalet do Rato*, *Via* na *Trindade*, *vias* ferreas por toda a parte — sem contar quantas outras,

LARVADOS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

...ia de *doidos intelligentes*, levam-nos a acreditar que

...o grau da intelligencia, os doidos mais perigosos são
...ro do talento.
...uma jaula e expondo á vista do publico este letreiro

vias não estejam dadas ao manifesto— não será decerto por deficiencia de *vias* que erraremos o caminho da immortalidade

O *Coliseo dos Recreios*, que esteve uma noite d'estas para vir abaixo com pateada — em substituição da picareta — recebe actualmente a Extrema Uncção d'uma companhia italiana de canto, passando em seguida para a companhia portugueza de caminhos de ferro, que o vae deixar em ruinas.

Com tão *mas companhias*, não admira ver o *Coliseo* arruinado..

E em breve, d'essas ruinas,
Veremos que se desdobra
O tal tunnel, que *foi obra*
P'ra o marquez *Apanha-Tudo*...
Pois emquanto elle apanhou
O melhor quinhão de socio,
P'ra a companhia, o negocio,
Não foi tunnel — foi *canudo*.

G. T.

FÓRA DE PORTAS

Sua eminencia o sr. cardeal patriarcha foi de visita ás Caldas da Rainha.

Imaginou-se de principio que sua eminencia ia tomar as aguas, mas sua eminencia não tomou nada.

A visita do sr. cardeal não é thermal, é official e episcopal.

Com a chegada do sr. patriarcha rebentou de todos os lados uma alluvião de padres de geração expontanea, parecendo que a villa mudara de posição geographica, indo parar ao coração de Braga.

Os forasteiros abandonaram provisoriamente os seus cacetinhos de canna da India, substituindo-os por tochas de cera amarella, e as elegantes *touristes* adoptaram o incenso em vez do perfume do heliotropo.

No passeio da Copa andam todos de capa a rezar nas contas, em logar de jogarem o arquinho, e para os saraus do *club* ensaiam-se ladainhas em substituição das malagueñas.

E, nas tinas do hospital,
Quem rheumatico se assenta,
Em logar de agua thermal
Toma banhos de agua benta!

O conselheiro Pim quiz dar para residencia do sr patriarcha a *albergaria!*

Por um triz que se não lembra de lhe dar a *abegoaria*...

Com uma grande veneração pela orthographia de sua eminencia — que escreve *patriarqua* — as Caldas da Rainha resolveram, em quanto durar a episcopal visita, dar licença registrada a todos os cc, passando a assignar-se *Qualdas da Rainha.*

O conselheiro Pim foi já entregar ao sr. patriarcha o seu chronico bilhete de visita, concebido n'estes termos:

O QUONSELHEIRO PIM

QUIAUAOIÃO-MANIQUO

A typographia das Caldas vê-se abarbada com esta provisoria reforma da orthographia:

E gastando, como fez,
De *us* e *cc* mais d um bahú,
Ja não tem nem *us* nem *qq*
Co'a adopção do *q u qu'*...

G. T.

GENTE FINA

Por *gente fina* se não entenda apenas os aprumados, os aparaltados, os *bien gantée*, mas ainda quantos calçam nas acções gentis e cavalheiras, a luva que lhes rebentaria na mão calosa e rude — como diria o sr. Prudhomme.

N'este caso estão os operarios e as philarmonicas das Caldas da Rainha, a quem o director dos *Pontos nos ii* deveu recentemente as mais inequivocas demonstrações de civilidade, e as mais escolhidas peças de musica de que ha memoria nos annaes de Eutherpe e do dr. José Felix Pereira.

A todos um abraço apertado e uma expansão larga do nosso desvanecimento.

Ao sr. dr. Figueiredo Leal agradecemos egualmente a amabilidade do seu convite telegraphico para assistirmos á exposição pecuaria que se inaugurou domingo em Santarem.

Impossibilitados de corresponder pessoalmente ao delicado convite, nem por isso deixamos de agradecel-o, como fariamos ao proprio imperador da China, se nos convidasse para irmos a Pekin assistir a ratificação do tratado com Portugal e tomar uma chavena de cha preto.

G. T.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O brinde promettido que está em exposição no **103** da rua do Oiro e que consta de um broche esmaltado, para senhora, ou de um alfinete de oiro para homem, não pode ser adjudicado esta semana, porque recebemos telegramma de Madrid promettendo-nos uma resposta pelo correio. No proximo numero decidiremos.

As respostas recebidas são de *Annacleto*, que não publicamos por extensa, e de *Chrisostomo Tapioca* e *Sá-manique*; que tambem não publicamos por semsaboronas.

Damos publicidade as duas seguintes

Em logar de serralheiro
— Bem mais habil, por seu turno —
P'ra abrir a porta ligeiro
Chama-se o guarda nocturno

Pondo á banda o serralheiro,
O tal sucio que se entorta
Vá pedir ao Limoeiro
Um larapio corriqueiro.
Tem n'um prompto aberta a porta.

G. T.

CONTOS BESTAS

UM SABIO COM GOSTO A BURRO

(Concluido do numero antecedente)

Logo o rei, ardendo em fragua,
Veste o seu fato mais rico,
Vindo á Europa, com magua,
Saber porque carga d'agua
Sabia o sabio a *jerico*.

Pela sciencia escogitou
Quanto ha mais puro e mais rosco.
Mas debalde consultou
Ferran, Pasteur e Charcot
E o barão de Santo Ambrosio:

Foi perguntar ao porteiro
Do Supremo Tribunal
Se o tal sabio *burriqueiro*
Fora acaso conselheiro:
— O sabio não fora tal!

Co'aquella tenacidade
De quem n'uma empreza timbra,
Buscou na Universidade:
— O sabio (valha a verdade)
Nunca estivera em Coimbra..

Te que emfim foi instruido
De que o sabio — burro innato —
Na vesp'ra de ser comido.
Comera pato cosido
E tomara o gosto ao pato.

Soube mais que o pato inteiro
Que o sabio comido tinha
Era um pato corriqueiro,
Ordinario, sardinheiro,
— Tomara o gosto a sardinha...

E a tal sardinha vulgar,
Que era do pato o desejo,
Costumada a manducar
O caranguejo no mar,
Tinha gosto a caranguejo...

E, na praia de Caxias,
O caranguejo casmurro,
Comera grossas fatias
D'um burro morto, ha tres dias.
— Tomara o gosto do burro!...

E esse gosto-epidemia
Foi, de camada em camada,
Do burro ao sabio... — Eu não cria.
Porem dil-o a theoria
Da *epilepsia larvada*.

Gan-Tarantula.

PROGRESSO E RETROCESSO

As Caldas recebem d'umas vezes a visita do Progresso, synthetisada nos caminhos de ferro, nas estradas, nos melhoramentos materiaes de toda a sorte: d'outras, a visita do Retrocesso, symbolisada na pessoa de cardeaes, conegos e sacristas correspondentes. Como as Caldas desdenham em geral de tudo o que é melhoramento, que lhes sirvam as bençãos, as orações e os *Te-Deuns* para que Pim se conserve no seu posto e os banhos prosperem com economia, como manda a Santa Madre Egreja. Amen

LOPES CARDOSO

«Boa viagem... E até á vista!»

Assim rematavamos nós as curtas linhas com que, ha pouco mais de anno e meio, registrámos a partida para o Brazil do que foi nosso bondoso amigo.

E, ao escrevermos aquellas quatro palavras finaes, que synthetisavam uma esperança, não suspeitavamos decerto que essa esperança havia de se encobrir tão cedo no rapido curvelinho onde temos visto desapparecer tantas outras illusões!

Á memoria do que foi caracter honestissimo, trabalhador perseverante e talento vigoroso, aqui tributamos a ultima homenagem da nossa consideração, humedecida d'uma lagrima do nosso sentimento.

POR AHI...

A cidade anda verde de susto com as prophecias do Bandarra do nariz do sr. Fuschini!

Apesar de não fallar em verso, o citado nariz Bandarra acaba de prophetisar muito cathegoricamente que as obras dos melhoramentos do porto de Lisboa, atirando cá para fóra o germen de toda a sorte de febres, vão ser uma especie de jubileu dos medicos, boticarios, padres priores e gatos pingados.

O que nos parece verdadeiramente extraordinario, é que o nariz do sr. ministro da justiça, um nariz por todos os titulos competentissimo, um nariz que, pela sua apparencia respeitavel, é necessariamente bacharel formado em direito na faculdade de cheiretes, o que nos parece extraordinario e que esse nariz não dissesse uma palavra a respeito da fedorentina que espera os narizes seus contemporaneos, que se conservasse silencioso, que se deixasse ficar para alli, ao pé do nariz do sr. Ayres de Sá Nogueira, mudo e quedo, qual junto d'um penedo outro penedo!

Um nariz d'aquelle tamanho, sem lhe cheirar a nada!

Bem diz o ditado, que em casa de ferreiro espeta de pau...

E, ao passo que esse nariz incommensuravel mantinha sobre os lôdos do aterro a mesma reserva revoltante que o Pranzini conservou sobre o crime da rua Montagne, o nariz benemerito do sr. Fuschini, um narizinho *mignone*, um narizinho microscopico, um narizinho de cácaracá, sentia-se logo do cheiro do porvir e vinha denuncial-o ao ministerio, pedindo providencias e agua de Labarraque!

Sympathico nariz! De ti se póde dizer que és um nariz feio de corpo mas bonito d'alma...

O elevador da calçada da Gloria está definitivamente trabalhando a vapor. Se bem que o vapor nos parecesse mais proprio para o inverno e a agua para o verão, estimamos que se adoptasse exclusivamente uma das coisas, porque, lá com agua e vapor alternadamente, não era um elevador: era um banho russo.

E o indigena tem medo de semicupios, quanto mais de banhos russos.

Na rua

Policia, empurrando um piteireiro: — Roda para a esquadra, meu *grandessissimo* bebado! Botas um fedôr a alcool, que não se póde estar ao pé de ti... O sr. Firmino amanhã te fará as contas...

Piteireiro: — Mas se o tribunal entende que os *alcoolicos* não são responsaveis nem quando coseм o proximo de facadas, como heide eu ser responsavel por estar a coser uma bebedeira tão pacata?...

G. F.

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Bem dissemos no nosso ultimo numero que as *vias* estão muito em moda.

O theatro da Trindade deu-nos esta semana *La fiesta de la gran via*, alcio da outra *Gran-via*, ampliada com o debute do Lamas.

Temos pois *Via* com Lamas e *Via* sem Lamas: — com *ellas* ou sem *ellas*. Uma *via* para sapatos de pellica e outra *via* para galochas de borracha.

Como vêem, o movimento das *vias* theatraes vae acompanhando o desenvolvimento das *vias* ferreas.

Succede porem que, com as *vias* da companhia hespanhola, os *arranjos* nunca vão alem d'uma ceia comida em gabinete particular, ao passo que, com as *vias* da companhia de Santa Apolonia, os *arranjos* sobem sempre á muita comedella publica ..

✦

A tourada de domingo na praça do Campo de Sant'Anna esteve ainda superior a quantas lhe antecederam.

Todos os bois capricharam em patentear ao publico a bondade dos seus corações doirados, a pureza das suas almas candidas, a singeleza dos seus caracteres inoffensivos; e assim, receberam pacificamente, sem tugir nem mugir, quantos molhos de lenha a generosidade dos bandarilheiros houve por bem espetar-lhes no cachaço.

O mais que faziam, coitadinhos, era murmurar em voz baixa, ao receber um par de bandarilhas:

— Apre! que esta canga tem picos!

Ora vejam até onde póde chegar a ingenuidade de um boi de carro!

O toiro farpeado pelo José Bento d'Araujo é que desmanchou aquelle santo conjuncto de bondade e de innocencia.

Não convém que a empreza torne a trazel-o á praça, porque é muito bravo e póde preverter os caracteres dos outros boisinhos mansos.

Um dos bois que couberam ao Alfredo Tinoco, por mais que este o citasse, não fazia senão correr para cá e para lá, de ventas no chão, como o perdigueiro que fareja o rasto da perdiz, ao ponto do lavrador lhe perguntar muito intrigado:

— Que diabo procuras tu?...

Ao que o boisinho respondeu com a sinceridade d'uma alma christã:

— Ando á procura da nóra, senhor meu amo ..

D'uma vez em que o clarim deu signal para a retirada do cavalleiro, promovendo alguns protêstos, exclamou um espectador que estava ao nosso lado, stygmatisando o procedimento do Botas:

— Fóra! fóra! o *intelligente* está doido!

Chamamos sobre o caso e sobre o Botas a attenção do dr. Senna: um *intelligente... doido* quer dizer que o Botas está epileptico larvado..

G. F.

GENTE FINA

Ao Real Gymnasio Club portuguez o nosso mais gracioso e mais reconhecido aperto de mão, pelo seu gentil convite para o passeio fluvial do ultimo domingo.

Faltámos, não porque tenhamos pela agua salgada o odio que lhe tributa Guerra Junqueiro, que diz que o mar foi uma invenção sublime — para nos dar peixe frito ao almoço; faltámos porque a nossa musa entrou de serviço no domingo, e, na sua qualidade de musa de poeta de agua doce, é incompativel com a salgada.

E assim ficámos *versejando prosaicamente* em terra, ao passo que o nosso espirito e o nosso coração se evolavam poeticamente a bordo do vapor que seguia rio acima,

«Bordando alvo listrão do Tejo ao manto azul.»

B. F.

Fóra de Portas

Durante o longo periodo da sua existencia, as Caldas da Rainha teem recebido tres visitas de primeira qualidade, a que corresponde igual numero de aguaceiros de ventura; a saber:

Visita da rainha D. Leonor, que deu as Caldas as aguas do baptismo juntamente com as aguas do hospital.

Visita do sr. conde de Paris, que deu ao conselheiro Pim agua pela barba, no empenho de aprender os mysterios do *bon jour monsiú*.

Visita do sr. cardeal patriarcha, que tem dado agua benta e bençãos apostolicas a quantos lhe passam ao alcance da mão.

Vem a proposito referir um episodio.

Ha dias, sua eminencia mandou chamar um dos 7:500 barbeiros do Mindello—queriamos dizer um dos 7:500 barbeiros das Caldas—para lhe pôr as reverendissimas bochechas assetinadas, como manda a Santa Madre Egreja.

O barbeiro, envaidado por tão eminente escanhoadella, correu sollicito aos queixos do sr. patriarcha, previamente munido de duas coisas indispensaveis para acto tão solemne: a navalha de barba e o bilhete de desobriga.

Qual, porém, o seu assombro, quando ao chegar encontra o logar occupado pelo sr. padre Conceição Borges, em flagrante delicto de escanhoadella aos queixos do sr. patriarcha!

O barbeiro preterido, inspirando-se nos livros do Direito e nos livrinhos do papel *Duc*, protestou energicamente que o sr. padre Conceição Borges era uma contrafacção de mestre escama, de que não tinha nem a finura nem a solidez, e terminou esconjurando-o por esta invectiva vehemente:

— *La loi punit le contrefacteur!*

Mas de nada lhe valeram nem o protesto nem o francez.

O sr. patriarcha despediu-o, dispensando-lhe os serviços; mas teve entretanto a generosidade de o indemnisar do incommodo, dando-lhe... a sua benção—para um café!

Foi n'esta mesma moeda que sua eminencia pagou os serviços do Sebastião da Copa e as amabilidades do Pavão do club.

O Pavão com P grande ficou vaidoso como um pavão com p pequeno; e o Sebastião, em vista de estar bento pelo sr. patriarcha, passou a denominar-se: Sebastião Bento da Copa.

Seguindo o exemplo de sua eminencia, varias classes sociaes resolveram pagar com a especialidade do seu officio os serviços que receberem de outrem.

Assim, os conselheiros de estado pagarão tudo dando conselhos, os tocadores de realejo dando á manivella, os cocheiros dando chicotadas, etc., etc.

O diabo será quando a Annita mande dizer alguma missa cantada e pague a propina ao padre prior com a especialidade do seu officio...

Alem dos serviços importantissimos que acima relatámos, o sr. patriarcha prestou ainda á Caldas o serviço não menos importante de passar uma vestoria ao medicamentos da botica.

Depois de ter almoçado frugalmente um prato de fava rica, que lhe soube que nem gaitas, o sr. cardeal foi provar pela propria bocca todas as drogas contidas nos boiões medicinaes.

Muito satisfeito, o sr. patriarcha dizia a retirar-se

— Nas drogas, esta botica,
O seu bom credito abona;
Se achei rica a fava-rica,
Acho bella a belladona!...

O Pimenta de Torres Vedras, a quem recentemente guindamos ás nuvens, não obstante a sua respeitavel corpolencia; o Pimenta de Torres Vedras não tem afinal o 1.º hotel da Europa. Desconfiamos mesmo que nem o 2.º

No ultimo domingo infeccionou-nos com um jantar horripilante, e de cujos effeitos não nos veremos livres com menos de seis almudes de cajurubeba!

Uma vez que indevidamente o puzemos nos carrapitos da lua, é justo que façamos hoje ao Pimenta de Torres o que a Camara municipal fez ás pimenteiras do Camões: deital-o abaixo!

B. P.

Antônio Candido teve a coragem de revelver em pleno parlamento uma coisa porventura mais perigosa de que os lodos em que se vae bulir para os melhoramentos do porto de Lisboa: a sociedade portugueza, desde as suas raizes mais profundas até a sua mais elevada côma.

O nariz do sr. Fuschini não protestou em voz alta porque n'esse dia entrára de semana o nariz do dr. Alves da Fonseca.

QUANTO MAIS SE LHE MEXE...

EM VILLEGIATURA

Na Granja esta muito em moda
Uma eagenhosa cadeira,
Onde a dama da alta roda
O seu *turnure* accommoda
Como um lenço na algibeira

Vêm sentar-se p'ra o terraço.
As damas, depois do almoço.
Sem temer que as molas d'aço
Vão fincar-se no chumaço
Do sitio que não tem osso. .

Qualquer dama póde. pois.
Conversar co'o namorado,
Sem que ao erguerem-se os dois
Ella se mostre depois
Co'o *turnure* amarrotado ..

POLITICA EM BOLANDAS

Ha dias, o sr. Oliveira Mattos, tendo acabado de lunchar no bufete da camara uma sandwich de presunto de fiambre, foi d'ali direitinho para a sala do parlamento, onde chamou a attenção do governo para a situação dos emigrantes portuguezes nas ilhas Sandwich.

Mal lhe caíu o presunto da sandwich no estomago, accudiram-lhe logo as ilhas de Sandwich ao pensamento!

Os estabelecimentos bancarios da cidade Invicta estão ancinsos porque o sr. Oliveira Mattos tome no bufete um calix de vinho do Porto, afim de saltar logo a pugnar pela triste situação dos bancos portuenses.

E é que salta; porque, ao contrario dos camarões, que teem o estomago na cabeça, o sr. Oliveira Mattos tem a cabeça no estomago.

Marianno, que ha tanto é amigo
D'estes povos, a *arranjos* afeitos,
Arranjando os direitos no trigo,
Arranjar vem do pão os direitos

Nada perde, com tal engenhoca,
O *Povinho*, pois tudo se arranja:
Talvez fique sem pão, mas, em troca
Vae ficar posto *a pão e laranja*.

Ainda não ha muito tempo que o marchante Cannas se queixou á policia de que lhe haviam roubado alguns bois, carneiros, vaccas e outras cabeças de gado; agora apparece o lavrador Carrasqueiro queixando-se de que tambem lhe roubaram duas cabras, duas vaccas a quarenta ovelhas!

Se a quadrilha de má raça
De novo agora resurge,
Necessario é dar-lhe caça,
E' preciso, é mister, urge!
Não succeda, por desgraça,
Bifar, p'ra vender na praça,
Os *Carneiros de Panurge*...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pela correspondencia recebida desconfiamos que muitos dos nossos leitores não comprehenderam ainda claramente a indole d'esta secção.

Em breves palavras explicamos pois que ella representa uma especie de consultorio gratuito, tanto para pobres como para ricos, onde cada um tem a faculdade de expôr as duvidas que se lhe suscitem em assumpto de complicada solução, e a todos assiste o direito de publicar o seu modo de vêr sobre a solução requerida; constituindo assim uma curiosa serie de *perguntas e respostas*, como o titulo indica e em que póde collaborar todo o mundo — que tenha a honra de ser nosso leitor.

Isto posto, ahi vão as ultimas respostas referentes á pergunta do nosso penultimo numero:

Dirige-se o que se entorta,
Com o olho bem aberto,
A casa do Felisberto
P'ra que venha abrir-lhe a porta

Felisberto chegará,
Com as polainas calçadas,
E, por *partidas dobradas*,
A porta logo abrirá

Belisario

P'ra a porta abrir promptamente,
Tenha uma *cocote* a geito:
Pois a cocote indulgente,
Que *abre a porta* a toda a gente,
Abre-a logo ao tal sujeito .

Madrid. Calle d'Alcalá, 27.

CARMEN.

A resposta da sr.ª *D. Carmen* é a nosso vêr a mais atilada de quantas publicámos. Por isso lhe conferimos o premio, que remetteremos onde nos indicar, declarando-nos se prefere o broche, se o alfinete de manta

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O QUEIJO

Tendo um kilo comprado de queijo,
A que deu na algibeira guarida,
Foi Lourenço espraiar um bocejo
P'ra a Avenida.

N'isto, vem canzarrão sertanejo,
Que ali passa, a correr, de fugida;
Mas suspende, cheirando-lhe o queijo
Na Avenida.

E um felpudo totó, bemfazejo,
Doce affecto de dama garrida,
Tambem pára, co'a a mira no queijo,
Na Avenida.

E, dos dois augmentando o cortejo,
Mais uns trez chegam logo em seguida,
Attrahidos, p'lo cheiro do queijo,
A' Avenida.

D'esses cinco, imitando o manejo
Que ao piteu saboroso os convida,
Vêm mais cinco co'o faro no queijo,
P'ra a Avenida.

Como o *dó re mi fá* do solfejo,
Em que as notas se seguem á brida,
Assim chegam mil cães, vindo ao queijo,
A' Avenida.

O Lourenço, vermelho de pejo,
N'uma roda de cães, sem sahida,
Não se póde safar, mais o queijo,
Da Avenida.

E um policia, que andava an varejo,
Vendo os cães sem coleira devida,
Quer multar, como dono, o do queijo,
Na Avenida.

— Não sou dono!
—Isso é tal, que eu bem vejo!
E, prendendo-o, inda mais o *convida*
Co'um feroz pontapé sobre... o queijo,
Na Avenida!

LITTERATO QUE VEIO E IMPERADOR QUE VAE

Visto que o sr. D. Pedro, quando vem para a Europa, se dá sempre ares de litterato, justo é que o sr. Ramalho Ortigão, partindo para o Brazil, se dê ares de imperador.

THOMAZ BASTOS

Aioda ha meia duzia de dias o viamos por ahi, desempenado e jovial, tão forte de corpo como robusto de talento, na grande actividade da sua vida tres vezes trabalhosa, de que elle se deshonerava com um vigor e com uma intelligencia que eram a inveja de todos nós!

E em tão curto praso, inesperadamente, quasi repentinamente, a deixar-nos apavorados de surpreza e assoberbados de sentimento, vem a morte anniquilar toda essa robustez physica, emmudecer todo esse espirito superior, desorganisar todo esse cerebro privilegiado, arrebatar todo esse caracter gentilissimo, que ainda hontem admiravamos enthusiasticamente e sobre cuja memoria choramos hoje a lagrima pungitiva da nossa saudade e do nosso desespero!

CALDAS DA RAINHA

Uma vez que se não lembraram de nos associar á manifestação de sympathia prestada por uma grande parte d'esta villa ao dr. José Filippe de Andrade Rebello, aqui lhe prestamos hoje, em codicilo d'essa festa, o tributo da nossa sympathia para com o cavalheiro distincto e da nossa gratidão para com o medico benemerito, que generosamente se prestou a cuidar de todos os operarios.

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Caso excepcional no periodo abafadiço que vamos atravessando, funccionaram esta semana os salões aristocraticos da nobreza de primeira agua.

Funccionaram extraordinariamente por tempo limitado, o indispensavel apenas para se realisar um casamento auspicioso e se devorar um *lunch* apetitoso.

Havia já muito tempo que o noticiario se occupava do fidalgo enlace, referindo minucia por minucia quantos vestidos de renda e quantos laçarotes de seda vinham de Paris para o palacio da feliz noiva—com escala pela carteira do reporter.

Não comprehendemos muito bem o direito que assista á *reportage* de dar a publico manifesto todas as peças de roupa branca ou de côr que veem particularmente para casa de cada um, mas não lhe levamos isso a mal, uma vez que os interessados não protestam e até parece que se comprazem de vêr noticiado nos *high-lifes*: «abriu-se hontem na casa do despacho um pacote de meias de seda para a senhora viscondessa *trez estrelinhas*»—como o Quintão se pode comprazer de vêr annunciado na quarta pagina: «abre-se hoje um casco do Semouco na adega da Horta Secca e que está mesmo de fungar a venta!»

Segundo a estatistica vinda a publico, a noiva de que se trata mandou vir para enxoval a bagatella de cem vestidos de finas rendas!

Se estivessemos no inverno, era caso para algum poeta côr de beterraba verberar a. ex.ª em verso alexandrino e com a familiaridade da segunda pessoa do singular:

—Vestidos cem! que horror! Mulher! pois não vês tu,
Que ha tanto enfermo pobre e tanto velho nu?!
Tanta creança—ás mil!—que geme e que agonisa
No catre da miseria!—em fralda de camisa?!...

Mas, como estamos no pino do calor, apostamos em como os velhos nús e as crianças em fralda de camisa não trocam o seu modesto guarda roupa por todo o brilhante enxoval da gentil noiva...

As pessoas que presencearam o cortejo do auspicioso enlace notaram com surpreza um tanto justificada que os criados da casa estivessem enfeitados de flor de larangeira, á semelhança do pingalim do cocheiro, n'um casamento que ha tempos deu brado em Lisboa.

F. T.

D'ahi se conclue que

Em casorios dos pequenos
E em casamentos dos grandes,
Muito ou pouco, mais ou menos,
Todos puxam p'ra *Fernandes*...

A toirada do ultimo domingo não correu talvez tão respeitosamente como convém a solemnidades d'aquella natureza, mas não deu comtudo motivos a uma censura positivamente aspera.

É verdade que dois ou tres bois se portaram com uma vivacidade menos propria da respeitabilidade do logar, mas os restantes souberam manter-se com um socego em tudo digno da austeridade que lhes impõe a sua alta posição social.

Para a toirada nocturna de quinta feira vem um curro magnifico que ha muito se acha apartado a capricho.

Os bois para cavalleiro são alugados no chafariz do Rato e os destinados a torneio de pé foram comprados na capellista da rua dos Alamos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Gregorio Alonso Pestana
Tem sogra, mulher e filho;
— A qual sogra, deshumana,
Ao genro toca a pavana,
Fazendo-o andar n'um sarilho.

Indo p'ra o Congo em viagem,
A esp'rança se lhe malogra:
Pois, com familia e equipagem,
Cae nas unhas d'um selvagem
— Quasi tão máu como a sogra!

O selvagem, que tem bôlha,
Dos quatro poupa um cangalho;
E á choupa aguçando a folha,
Diz ao Gregorio que escolha
Quaes os tres que irão p'ra o talho.

Pois que o selvagem condemna
Tres membros do familorio,
P'ra isentar da dura pena
E gosar vida serena
Quem é que escolhe o Gregorio?

As respostas devem ser enviadas
até o proximo sabbado.

F. T.

CAUSAS

PROTECÇÃO Á AGRICULTURA

—Era ainda pouco as companhias que eu sustento e que me custam os olhos da cara... Por cima das *companhias* fazem-me carregar com esta *companheira*, que me vae custar o pão da bocca... Obrigam um tisico a amparar uma cachetica!

CORAÇÃO E

—Sigo o exemplo de D.
a cidade de Lisboa e o coraçõ
Eu dou a cabeça aos
Marianno.
Marianno é o meu *Porto*.

EFFEITOS

CABEÇA

dro iv, que deu o corpo
á cidade do Porto.
eradores e o coração ao

franco...

CAMARA DOS DEPUTADOS

AS LAVADEIRAS

Diz proloquio, que amaruja
Dizendo a verdade rasa:
«Quem tem roupa assim tão suja,
E' melhor laval-a em casa...»

O PORTA BANDEIRA

Eis o partido vindoiro
Que hade gimbrar entre nós
—Um pendão com franjas d'oiro.
Como o do Marquez da Foz..

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

THERMOMETRO DO PIFÃO

(Conclusão)

11.ª—O americano a passar-lhe por cima e elle sem dar por isso

12.ª—A voltar para casa sem uma beliscadura.

MORALIDADE

«Ao menino e ao borracho
Põe-lhe Deus a mão por baixo».

POLITICA EM BOLANDAS

O sr. Fuschini pregou em plena camara uma furiosa descomponenda ao partido regenerador, por quem morria de amor politico, dando a entender que se passava com armas e bagagens para o partido do sr. Marianno, por quem sempre tem morrido de amor pessoal.

Com exclusão d'este amor por partidas dobradas — que é contra a natureza e contra os mandamentos da lei de Deus — achamos que o sr. Fuschini andou como um velocipedista, o que quer dizer que andou muito bem.

E não fiquem para ahi resmungando que s. ex.ª fez partida, partindo os laços regeneradores e partindo para os braços progressistas, porque não fez tal.

Para se acoimar de deserção a resolução do sr. Fuschini era necessario que s. ex.ª cultivasse a politica regeneradora. Ora s. ex.ª jámais cultivou semelhante coisa.

Considerado como hortelão politico, o sr. Fuschini nunca cultivou nem a couve regeneradora, nem o feijão frade progressista, nem a chicoria legitimista nem a abobora constituinte, nem o tomate republicano!

S. ex.ª tem cultivado apenas a *batata socialista*, que é um farinaceo que vae sempre bem com toda a sorte de hortaliça politica...

Ser socialista o *tobe or not tobe* de todos os partidos — como diria o nosso amigo Mendonça e Costa.

Um socialista assenta praça em qualquer partido, mas só com a mira de lavrar em aproveitamento do seu...

Assim, se alguem disser hoje ao sr. Fuschini:

— Mas você era do partido regenerador!

Elle poderá responder de cabeça levantada:

— *Era... e não era*...— Andava lavrando!...

Socialista é uma coisa parecida com aquellas cadeiras para creanças, que vende o Marçal Pacheco e que se armam em carrinho, banquinha, berço e... *water closet*.

Qualquer deputado socialista póde com pequeno trabalho cavaquear agora com o sr. Serpa, passear logo com o sr. Consigliori, jantar em seguida com o sr. conde do Rio Maior, dormir a noite com o sr. Vaz Preto e ir de manhã com o sr. José Lucianno para a camara dos pares, fazer *pendant* com s. ex.ª n'aquellas necessidades em que o sr. presidente do conselho é insubstituivel...

Como dissemos, o sr. Fuschini declarou que tinha o seu coração partido em duas *ametades:* uma de affectos politicos, que pertencia ao partido regenerador; outra de affectos pessoaes, que ora fôra do partido progressista.

E' pena que o coração de s. ex.ª não tenha dimensões para dar quinhão a mais um, partindo-se em posta, cabeça e rabo, porque assim ficariam contemplados todos os tres partidos militantes.

A cabeça para o partido regenerador, que não tem cabeça.

A posta do meio para o partido republicano, que é o mais fraquinho em camaras.

E o rabo para o partido progressista...

CONTOS ELECTRICOS

SCENA DE TODOS OS TEMPOS

Viram-se os dois: Que desejos!

E tomaram gargarejos.

E deram furtados beijos.

E casaram de abalada.

Lua de mel passa breve,

Depois, já diz o almocreve

Que *ella* tem cabeça *leve*

E elle, ao contrario, *pesada*...

NAS CALDAS

Magnifico o concerto dado por Amann. A celebre violinista Neusser, arrebatando-nos a alma n'um sonho voluptuoso de extranhas melodias, congestionava ao mesmo tempo o interior do conselheiro ***Pim***, cujo estomago não supporta senão o chasinho maroto e a polkinha janota porque se rege aquelle *club* sem estatutos nem contas e que apresenta este anno a novidade de ceu de vidro e o aspecto de cofre forte, n'uma temperatura muito propria para desenvolver bunimas e frunculos.

Se quem póde não corrige a tempo tão *illustrada* administração, o caminho de ferro para as Caldas virá a ser d'uma grande conveniencia . . para todas as pessoas de bom gosto se pôrem ao fresco mais depressa.

PROCISSÃO DO SENHOR DA CAPA RICA

Ainda agora a procissão vae na praça...

POR AHI...

É verdadeiramente phenomenal o que se passa por ahi!

O indigena está virado do avesso — em estylo figurado, felizmente para a salubridade publica em geral e para o nariz de cada um em particular.

Esse indigena, por indole pacato e regradamente morigerado em todos os seus habitos; que, na grande maioria, participava ainda dos costumes de seus avós, os taes que no dizer de Tolentino embicavam caminho da cama ao toque das Ave Marias,

> «Quando todo o ginja rico
> Para casa a prôa inclina,
> Por temer facas de bico
> E cuidar que a cada esquina
> Lhe lança mão o Josnico»;

esse indigena que poucas vezes sahia da sua rua, rarissimas da sua freguezia, nunca da sua diocese; esse indigena transformou-se inesperadamente, reformou-se completamente, metamorphoseou-se assombrosamente; e, quem o conheceu hontem, já difficilmente hoje o reconhecerá, no seu novo aspecto de *touriste* de profissão, sempre de mala ás costas, dando-se ares de quem lhe nasceram os dentes n'um compartimento de caminho de ferro, provincia abaixo e provincia acima, concorrendo a todos os pontos pittorescos, visitando todas as thermas, mettendo o nariz em todas as praias, de caminho para Cintra, de volta do Luso, de marcha para Torres, de regresso das Caldas, o'uma dobadoira de vida de forasteiro matriculado, que traz o Chiado ermo, a Baixa solitaria, a Avenida despovoada!

E todo este movimento, toda esta transformação, toda esta vida, toda esta metamorphose se deve á companhia dos caminhos de ferro portuguezes, pela actividade com que se empenha em abrir novas linhas e pela iniciativa com que se esforça em desenvolver o gosto publico pelas viagens, facultando-nos transporte a preços reduzidissimos.

— Uma excellente pessoa esta companhia de Santa Apolonia! pensará o leitor, com a lagrima de touriste reconhecido espremida ao canto do olho.

Pobre ingenuo que nos sahiu o leitor, estonteado por meia duzia de viajatas!

Pois tu não percebes—ó simplorio descendente dos que passaram um dia inteiro esperando pelo homem das botas de cortiça;—pois tu não percebes que essa azafama de abrir novas linhas á circulação, que essa lembrança obsequiosa de facultar viagens a preços reduzidos não passa d'uma segunda edição d'aquelle mesmo homem das botas de cortiça?

Pois tu nem desconfias—ó tenra e innocente creancinha tão facil de embair;—pois tu nem desconfias de que esse reptil enorme que se aninha para as bandas do Caes dos Soldados te está mettendo e rabo na bocca, isto é, te está mettendo na bocca o rabo traiçoeiro das viajatas a preços reduzidos, em que tu chuchas innocente e desprevenido, ao passo que elle, o reptil do Caes dos Soldados, se agarra a chuchar na teta uberrima das concessões chorudas e dos entrepostos succulentos?

Pois tu não percebes que o Luso e quejandas viajatas são o homem das botas de cortiça, a que a curiosidade te attrahe, emquanto o *santo-milagre* do entreposto é levado para Santa Apolonia sem tu dares por semelhante coisa?

Saboreia pois a papinha doce e o bolo fôfo da villegiatura a preços reduzidos, mas lembra-te sempre do ditado:

> «Com papas e bolos
> Se enganam os tolos...»

F. T.

FÓRA DE PORTAS

Como o leitor já certamente e acertadamente observou, o nosso numero de hoje não significa propriamente uma abada de coisas espirituosas.

E' que os *Pontos nos ii*, representados nas pessoas do seu lapis e da sua penna, não poderam resistir á febre de villegiatura que por ahi lavra e tambem se permittiram a expansão d'uma viajata até fóra de portas.

Ao tempo em que o lapis almoçava principescamente no restaurante do *Natividade*, em Torres Vedras, habilitando-se a seguir viagem de barriguinha cheia e pé dormente até ás Caldas da Rainha, a penna impunha-se o mesmo sacrificio d'um excellente almoço no afamado *Hotel da Boa-Vista* na Foz do Douro, marchando em seguida rio acima, aos cuidados e aos carinhos de cinco benemeritos inglezes, Charles Ivens, Frederick Schultze, John Smith, William Mac Lellaod e William Ellicot, que nos transportaram até Avintes, arranhando-nos o tympano com a monotonia asperrima das suas canções britennicas e regalando-nos o estomago com o tempero fino d'um delicioso jantar.

Ora este passeio pelo norte tinha-nos dado uma chronica magnifica, que escreveramos mesmo em jornada e que vinha verdadeiramente faiscante de ditos espirituosos.

Mas o fisco, que até já nem deixa passar incolumes as melancias das mulheres, entendeu que devia tambem aprehender-nos a chronica, como candonga, visto trazer muitas coisas *espirituosas*.

Ainda quizemos convencer o fisco de que se não tratava de *espirito* embarrilado, mas o fisco é que se não deixou embarrilar.

E lá deixámos ficar a chronica, porque, se recalcitrassemos, em vez de nos ficar a chronica na delegação da alfandega, ficar-nos-hia a chronica na Boa Hora.

Do mal o menos.

POLITICA EM BOLANDAS

Quem tem pretenções dependentes da resolução do parlamento escusa de metter empenhos para o governo e póde dispensar-se de conquistar as boas graças da opposição.

O mais efficaz padrinho para a solução de todos os negocios é o calor que está fazendo e que traz a opposição abanaoada, impossibilitando-a de abrir bico ainda que se discuta um projecto de lei concedendo ao sr. marquez da Foz a parte minima do paiz que ainda não caiu nas unhas de s. ex.ª

Os illustres deputados estão nas mesmas condições d'aquelles dois ratões que, a morrer de fome e estatelados de mandricie, contemplavam debaixo d'uma figueira os bellos fructos pendentes lá em cima.

—O' compadre, dizia um d'elles, que grande pechincha se agora cahisse um figo...

—Para quê, respondia o outro, se nenhum de nós tinha pachorra para o mastigar?...

Igualmente os deputados.
P'lo calor abanados
N'este tempo abafadiço,
Deixam passar em decretos
Toda a sorte de projectos
Sem ninguem reparar n'isso.

Diz-se que o sr. Barros Gomes vae deixar de gerir a pasta da marinha.

S. ex.ª, apesar de estar nas circumstancias d'aquelle sujeito vesgo, que lia duas paginas do livro ao mesmo tempo—uma com cada olho—e poder assim olhar simultaneamente pelos interesses das duas pastas, diz que não quer mais massadas e que não está para pôr mais d'um olho ao serviço do seu partido.

Consta-nos que para a pasta da marinha irá um illustre deputado que ultimamente tem marinhado muito na opinião publica e que já em pequeno marinhava muito bem aos mastros da cocanha.

❁

Na feira.

O palhaço, ao partido regenerador:

—Queira comprar os seus bilhetes, que vae principiar o espectaculo.

O partido regenerador:

—Mas eu hontem entrei sem pagar nada...

O palhaço:

—Isso foi hontem; quem não tem cabeça não paga nada... Mas hoje, que tem tres cabeças, hade pagar uma de seis, que é um pataco por cabeça...

F. S.

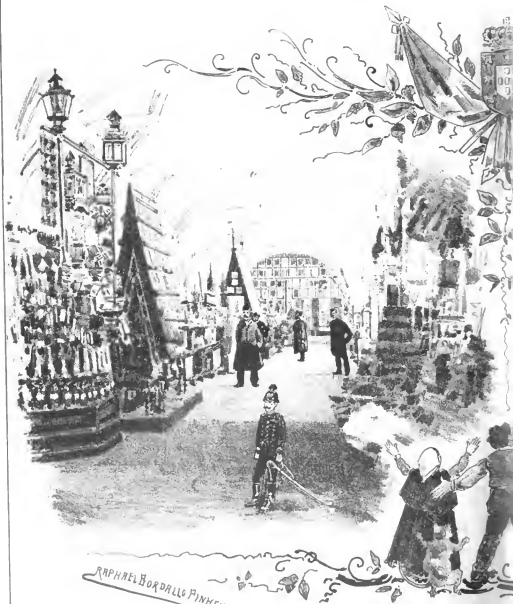
EM VILLEGIATURA

PESCA E CAÇA

Emquanto o tempo assim se mostra quente,
E a brisa não refresca,
Os maridos, na praia, alegremente,
Vão p'ra a pésca...

E em Lisboa as esposas tão sósinhas...
—Coitadinhas!

Mas, quando o sol encobre o raio ardente
E a brisa emfim perpassa,
Em Lisboa, as esposas, castamente,
Vão p'ra a *caça*...

E os maridos tão longe, e sem carinhos...
—Coitadinhos...

F. S.

**ıra a industria nacional e mais uma gloria para o mi-
cllo emprehendimento, com a quadjuvação de alguns
hador mais saliente de quantos teem labutado nos ul-**

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Entre nós, os actores laureados estão agora como a pescada: antes de o ser já o eram.

Nas antevesperas de pisarem como artistas a senda espinhosa da arte — como é uso chamar-se lhe em soneto para beneficio — pisam antes como amadores a senda da gloria atapetada de flores e coroada de applausos.

O publico, que difficilmente dá um passo para apreciar um artista de nomeada, aperta-se e capeinha-se á porta dos theatros logo que os cartazes tenham annunciado que um qualquer *amador*, o ex.mo sr. Fulano, toma parte n'aquelle *unico espectaculo* por especial obsequio á empreza.

Na noite seguinte e a pedido de varias familias ainda o amador se apresenta pela *ultima vez* em publico, e na immediata cede finalmente a uma *ultima e irrevogavel* representação, em vista do abaixo assignado promovido pela visinhança e em que até figura o nome venerando do regedor da freguezia!

Quando, depois do espectaculo, as familias retiram aos penates, saudosas e penalisadas por não mais tornarem a vêr em scena o distinctissimo *amador*, eis que se lhes depara o cartaz annunciando o espectaculo do dia seguinte e onde figura o nome do citado amador, que, depois de ter abdicado o tratamento de *excellencia*, que a empreza lhe dava em letra gorda pelas esquinas, passa a denominar-se simplesmente o actor Fulano, a quem os deveres do officio obrigam a prescindir de bigode e de excellencia.

N'estas circumstancias se escripturou o ex-excellentissimo amador e actual actor Lamas na companhia de zarzuella do theatro da Trindade, e esperamos que as mesmas artisticas pizadas sigam os quatro *amadores* que representaram no *Chalet do Rato*.

Estes ultimos é naturalissimo que façam ninho no *Rato*, visto terem para lá entrado na qualidade de *ratas* da revista.

Agradaram espantosamente na toirada nocturna de quinta feira todos os bois pertencentes ás manadas da opulenta capellista da rua dos Alamos.

Aquillo sim, que eram todos feitos de puro, escolhido e bravissimo papelão!

O grude com que lhes tinham pegado as pernas e que não era lá de muito boa qualidade, do que resultou despegarem-se algumas e os pobres boisinhos ficarem no chão estatellados, á espera de serem levados para dentro pelos cavallinhos de papelão, como estavam costumados no theatro *Guignol*, antes de se representar a scena das irmãs da caridade pum.

F. T.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A' pergunta do nosso ultimo numero accudiu uma alluvião de respostas em verso, mas verso tão genuinamente de agua doce que resolvemos fazer presente d'elle ao doutor Pinto Coelho, para suprimento ás faltas do Alviella.

Dignas de publicação recebemos apenas as duas respostas que seguem, uma de *M. R.* e outra de *Puer Ascanius*, o nosso espirituoso collega do *Charivari*.

Eil-as:

RESPOSTA

Se tal qual como ao Gregorio
Commigo fosse a passagem,
Morria co'o familorio,
Dando a *sogra-tormentorio*
De presente ao tal selvagem.

Porto. — *M. R.*

RESPOSTA

Gregorio Alonso a pensar
Na solução complicada,
Um meio quer encontrar
De dois coelhos matar
Logo d'uma cajadada.

Achando um meio qualquer
Do preto responde á telha
Sem pestanejar sequer:
«Escolhidos; eu, mulher
E filho... Só fica a velha!»

Pune de tal modo, então,
A deshumana megéra
Cruel, de mau coração,
Que andando lá no sertão
Vem transformar-se em panthéra.

Do preto vingar-se alcança
Já que salvar-se não logra,
Pois que o preto (atroz vingança!)
Sempre andará n'uma dança
Em companhia da... *sogra!*

Porto, 29 de julho de 1887.

PUER ASCANIUS.

Já agora, daremos tambem uma resposta á pergunta que formulámos—imitando o cura de Povos, que os fazia e os baptisava.

A' má sorte que o persegue,
Dando Gregorio um codilho,
Deixa a sogra ao mundo entregue,
Qu'rendo então que elle espernegue
E a mulher a mais o filho.

N'esses instantes supernos
O seu mau destino logra:
Pois irá co'os entes ternos
P'ra as profundas dos infernos
—Livre alguns mezes da sogra!

CONTOS MUDOS

UMA VALSA

PARTIDO CAPA-ROTA

—Póde o ceu criar *felores*,
Póde a terra estrellas dar,
Mas eu comer orelha de Serpa em prato d'oiro
Isso é que nunca jamais em tempo algum!

UM DEPUTADO CIRCULAR

OU

A DANÇA DOS DERVICHES

Como os derviches, que dançam horas a fio, até cahirem de cocoras, assim Gomes Netto gira, gira, gira sem cessar, e, quando a sobrecasaca attinge a sua maior circumferencia, agacha-se de subito, abrangendo no seu circulo um infinito numero de circulos.

POR AHI...

Devido a duas pequenas circumstancias, puramente casuaes, é que estamos ainda aqui escrevendo a chronica, em vez de estarmos já no outro mundo, fulminado por um raio!

O leitor viu decerto no *Diario de Noticias* aquelle curto periodo a proposito da trovoada de domingo:—«cahiu uma faisca no apparelho telephonico da lithographia Guedes.»

Agora, o que muita gente não sabe, é que, nas tardes dos dias de semana, nós estamos frequentemente na lithographia Guedes, mesmo ao pé do telephone, e que, portanto, aquella faisca por um triz nos não apanha mesmo em cheio!

Ora imagine o leitor que era dia de semana, em logar de ser domingo, e que a faisca tinha effectivamente cahido no telephone, como refere o *Diario de Noticias*, em vez de não ter cahido effectivamente no telephone, como acabamos de saber pela declaração do proprio telephone!...

—Escapámos por uma unha negra!

Ha uma grande scisão — *scisão* é a alta novidade agora em voga no *high-life* do vocabulario portuguez;— ha pois uma grande scisão na oppinião publica sobre o vestuario com que devam comparecer os dignos pares do reino no proximo julgamento Ferreira d'Almeida.

Segundo as praxes alim de que as formalidades do julgamento não sejam postergadas, a farda é obrigatoria n'esse acto; mas o sr. Pereira Dias propoz em camara que os dignos pares fossem dispensados da vestimenta de grande gala, substituindo-a pela simples gala de casaca e lenço branco.

E aqui está onde se manifesta a *scisão* da opinião publica: uns entendem que os dignos pares que vão servir de juizes, sem farda, serão tão juizes como o arroz á valenciana, sem pimentos, é arroz á valenciana, outros clamam que, estando a consciencia no interior e não na casca de cada um, os dignos pares podem assistir ao julgamento no mesmo trajo com que iriam para um saleifre em casa de pessoa das suas relações.

A opinião d'estes ultimos é naturalmente a que prevalecerá na resolução da camara, e, se pegar a moda de se dispensarem os trajos officialmente obrigatorios,

Eu peço, em nome das almas,
P'lo seu eterno socego,
Se o meu chefe me auctorisa,
Em quanto duram taes calmas,
Ir agora p'ra o emprego
Sempre em fralda de camisa.

Ha dias safou-se de casa dos patrões, nas asas de Cupido, uma guapa sopeira maior de 25 annos, e a quem a policia debalde procurou, chegando a devassar a correspondencia particular da fugitiva, no empenho de lhe descobrir o paradeiro.

Louvamos o interesse e sobretudo a boa camaradagem da policia, diligenciando haver ás mãos uma rapariga que, pela sua posição social, é logradoiro commum d'ella policia mais da guarda municipal; mas sempre queremos saber se a maioridade não auctorisa qualquer pessoa a ir comer uns camarõesinhos em gabinete reservado, sem que a policia tome conhecimento do estylo epistolar de todas as pessoas das relações de quem foi provar os camarões...

Se é dever da policia metter o nariz nos papeis das pessoas emancipadas que vão gosar da vida que passa ligeira,

Quando eu raptar a Mauricia
Os papeis levo n'um fardo,
E, p'ra o nariz da policia,
Deixarei só papel pardo...

F. S.

Á AMERICANA

O CALOR

Nem de noite corre fresco!
Nem de leve a brisa arrulha
Mesmo á hora em que a patrulha
P'la cidade faz as rondas!
Na Avenida caminhamos
Sobre um mar de rubra lava,
Como Ulysses, quando andava
Sobre o mar das Trebisondas!

A ferver, como em cachão
Ferve o caldo na panella
Vêm as aguas do Alviella,
Mais as aguas do aqueduto:
E os janotas do Martinho,
Depois de lauto banquete,
Mandam vir o seu sorvete
E accendem n'elle o charuto!

Nem de Cintra a verde Penha
Nem do Luso a fresca mata,
Tem frescura que combata
Uma calma d'esta sorte!
Só tres coisas eu conheço
Onde a *frescura* se anicha:
—Na **Pulga**, na **Lagartixa**,
E nos **Meios de transporte**.

F. S.

Um sujeito tem nome e appellido. Tanto este como aquelle se compõem, cada um, de seis letras e duas sylabas, acontecendo serem differentes todas as doze letras de que ambos são formados.

Como se chama o sujeito?

CONTOS MUDOS

(Interpretação do conto do ultimo numero)

N'um baile sem etiqueta
Pede Isidoro Aguiar
A' D. Anninhas Penetra
P'ra ir com elle walsar.

Ella põe-se logo a pé
Agradecendo o pedido.
—Se vou dansar? Vou! Olé!
E ageita alegre o vestido.

Vão para um canto da sala
Pôr-se os dois em pé de dansa..
Elle, ternamente falla,
Ella, ri... uma creança

Solta o piano uns compassos
D'uma walsa delirante,
E os dois vão fazendo... passos
N'um redopiar constante.

Elle é optimo walsista,
Ella walsa, assim... assim..
Começa a fugir-lhe a vista
Da terceira volta ao fim.

Volteia como pateta,
Aquelle ditoso par,
E a D. Anninhas Penetra
Sente ir-lhe a cabeça ao ar

E pedia enternecida
Para parar um momento,
Porém a força adquirida,
Pelo fatal movimento

É de tal forma veloz
Que aquelle par tão pateta
Vae cair—*Zás*... catra poz...
Mesmo ao meio da saleta.
....

Nos convivas um pedaço
Ferve a mordaz gargalhada
... Põem-se a pé, dão o braço,
—Ella está muito corada...

Compõe depressa o vestido,
Elle, muito coeavacado,
O que sente é estar dorido
Do outro lado...

Porto—5-8-87. PAN-CRACIO

FIRMINEIDAS

Inauguramos hoje esta secção, destinada a commemorar todos os julgamentos que se impoohem pela sua originalidade.

Na semana finda, tivemos:

Um Antonio Maria, condemnado a 5 dias de multa por estar encostado á cabeça d'um boi, contra vontade do policia 35 da 2.ª divisão.

Antes se tivesse encostado á cabeça do policia, mesmo contra vontade do boi...

Uma Francisca d'Assis, condemnada em igual pena, por esbofetear um marinheiro da armada.

Só faltava um marinheiro!

Diz a sabedoria das nações que «os exemplos veem de cima...

Na marinha portugueza está succedendo a mesma coisa—com as *bolachas*...

Finalmente, um Firmo da Cruz, por chamar *mata moiros* ao cabo n.º 17 da 2.ª divisão.

D. Affonso Henriques sentir-se-hia muito lisongeado se lhe chamassem isso mesmo; mas o esbo 17 embirra com *mata moiros*. E' natural que não lhe succeda o mesmo com *mata ratos*...

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

A chronica dos salões registrou esta semana o fausto anniversario natalicio da sr.ª duqueza de Palmella, a proposito do que escreveu o *Correio da Manhã*:

«Conciliando os requisitos da suprema elegancia com os supremos predicados d'uma artista de eleição, a duqueza tem prestado um grande serviço á portugueza sociedade, ensinando-lhe como se fórma o gosto, pelo encanto das suas reuniões, pela escolha das suas *toilettes*, pela exhibição das suas carroagens.»

Mal comparado, faz-nos lembrar o *Cosinheiro dos cosinheiros*, que tambem ensina a toda a gente como se tempera faisão real com trufas, esquecendo-lhe apenas ensinar como se arranja o dinheiro para mercar o faisão e comprar as trufas.

A *via*, que tem sido em todas as casas de espectaculo o acontecimento theatral d'estes ultimos mezes, acaba de chegar ao apogeu da sua gloria, adquirindo o previlegio de pessoa reinante, no *chalet do Rato*—se é verdadeira a *Coroação da gran-via* annunciada pelas esquinas.

Depois de tanto reclame,
Só falta vêr algum dia
Que o povinho, indo ao arame,
Berre contra a monarchia
E nos paleos se proclame
A republica da *via*...

«Io son Lindor
Que fido te adoro...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

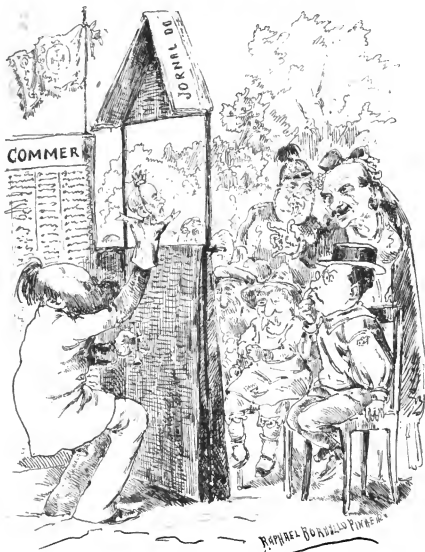
(Musica do Boccacio)

O' sereia
Nada feia
Que á janella, tão só, fazes *meia:*
Se te agrade
Com vontade,
Eu comtigo faço outra *metade*...

Ora pois,
Firo liro liro firo liro lero,
Nós os dois,
Firo liro liro firo liro lero,
Dando em baixo
Firo liro liro
Co'o *marraxo,*
Bem podemos ganhar o *penacho*..

THEATRO INFANTIL

Representação da peça «A Capa rica»

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Movido a mão que não falha
Occulta atraz da *futrica*
Eis aqui como trabalha
O *chefio* que anda na balha,
O *chefio* da *Capa-rica*...

TANTA CABEÇA!...

O partido, que partido
Foi por partidas travêças,
Tem, depois do dividido,
Menos corpos que cabeças!

Como o povo anda indeciso
'stando as cabeças em ruma
P'ra as distinguir é preciso
Pôr um nome em cada uma

D'esta fórma, o Serpa ingente.
Que se diz patrão da barca,
P'ra ter uma competente,
E' *cabeça de comarca.*

Ao Thomaz, que, por ser vate
Não tem poiso, nem assento.
Não reputo disparate
Chamar *cabeça de vento.*

O Barjona, que é Grão-Lama
Do partido opposição,
Pelo ardor com que se inflamma
E' *cabeça de alcatrão.*

Finalmente: se o Bailio
Tambem quer de chefe o grau,
Proponho que um tal chefio
Seja *cabeça... de páu...*

F. T.

POLITICA EM BOLANDAS

O partido regenerador desde que resolveu partir-se em dois, preferindo ás proprias tradicções as tradicções do conhecido Magina, onde o serviço é por meias doses, está a nosso vêr um partido mais rasoavel.

Até aqui, quem quizesse filiar se na regeneração, não teria por onde escolher, senão um partido, um partido enorme, d'aquelles de empanturrar, como o pratalhaz de sopa de pão dos nossos ante-passados.

Agora o caso mudou de figura e para aspecto muito mais acceitavel. Qualquer pode ser regenerador, militando commulativamente com o sr. Serpa da capa rica e com o sr. Barjona da capa rota.

O prazer esta na variedade, e a variedade no serviço por meias doses.

Afinal, o partido regenerador não fez mais do que imitar o procedimento dos proprietarios da antiga cervejaria *Leão* da rua do Principe. A folhas tantas separaram-se, um socio para cada lado; parte da criádagem acompanhou o primeiro, a outra parte ficou com o segundo; e do antigo Leão, que era só um, surgiram dois Leões, um de oiro e outro sem ser de oiro, com o que o publico muito lucrou, attendendo a que d'antes tinha apenas uma casa onde lhe davam pato com macarrão e baratas, e hoje pode comer alternadamente em duas casas pato com baratas e macarrão...

O partido da capa rota é o *Leão* simples e o partido da capa rica está de vêr que é o *Leão d'Oiro.*

O partido regenerador pode pois continuar a viver na mesma casa, paredes meias, sendo apenas indispensavel que substitua o antigo distico por dois novos letreiros, cada um respectivo a sua parcialidade.

O da capa rica mandará pintar sobre a porta.

RETIRO DOS BONS PACATOS
Vinho velho, comida á antiga portugueza

O da capa rota fará gravar da taboleta:

NOVA REFORMA
Vinho sobre a borra, comidas picantes e jogo do chinquilho —para casa do visinho

F. T.

DÊ-LHO...

O Filippe de Carvalho,
C'o um amor que bem lhe fica,
Tem se esfalfado em trabalho
P'lo Senhor da capa rica

P'ra lhe fazer bom cabello,
Approvando a magna escolha,
Poz na rua, a defendel-o,
Uma folha, nova em folha.

(Não fara, talvez, barulho.
P'lo partido a que se arreiga,
Mas irá servir d'embrulho
A mil kilos de manteiga...)

P'ra mostrar, dos bons amigos,
Ser a nata, a gomma, o facho,
Tem-lhe dado amplos artigos
Pondo o seu nome por baixo

Ao partido seu dilecto.
Cuja ideia elle desposa,
A nadar n'um mar d'affecto,
Tem-lhe dado um mar de prosa.

—Qual defunto inerte e mudo,
Que dá tudo á fria loisa—
Deu ao Serpa tudo, tudo..
Tudo... menos uma coisa...

Pois, se empenhado em servil-o,
Sólta a vella a todo o panno,
Tendo dado tudo aquillo,
Falta só dar-lhe o *Caetano!*

CONTOS BESTAS

O VIAJANTE MEZA

Olivaes

Sacavem

Villa Franca

Santarem

Matto Miranda

Entroncamento

— Eu cá não fui...

A sobremeza.

O DUELLO

Segundo noticiou o *Diario Illustrado*, está eminente um duello entre o deputado por Almada e o seu collega pela Figueira.

Attentas as dimensões physicas de cada um d'estes cavalheiros, o duello terá de ser assim

ou então assim...

Os padrinhos que decidam.

A QUESTÃO DO TABACO

RISOS E LAGRIMAS

Emquanto uns choram riem outros, é preceito tão velho como a humanidade.

Assim, emquanto Burnay, trajando o luto rigoroso da viuva, vae depor sobre o tumulo do *Habilitado* a sentida corôa de perpetuas, Marianno, jovial, no convivio dos amigalhotes, vae pondo gaudiosamente luminarias na barriga.

O CRIME DO ROCIO

João Correia Galvão, o cumplice

Gabriel Archanjo dos Santos, o assassino

O cadaver de D. José Rodriguez, no quarto das observações do hospital de S. José.

POR AHI...

«N'este campo solitario,
Onde a desgraça me tem,
Fallo, ninguem me responde!
Olho, não vejo ninguem!»

Mal suppunha o inspirado trovador d'aquella popular e despretenciosa quadra, que ella viria, longos annos depois de publicada, a ser a synthese perfeita da cidade de Lisboa, na 3.ª semana do 8.º mez do 87.º anno do seculo XIX da era christã!

Porque a verdade é que, n furor da villegiatura, deixou a cidade completamente abandonada e solitaria.

Falta-lhe só estar delirante para se transformar no vivo retrato da joven Lilia...

Se a cidade continua *solitaria* por esta fórma, vemo-nos obrigados a pedir providencias ao governo...

Providencias e pevide de abobora.

A companhia dos caminhos de ferro portuguezes, depois de se ter emancipado do chamado *grupo francez*, é que está parecendo exactamente uma *evasão de francezes*, visto ser ella quem promove o abandono da cidade, com os seus comboios a preços reduzidos.

Ha quarenta e oito horas que nos faltam todas as peças indispensaveis á engrenagem da nossa vida.

Pela manhã faltou-nos o gallego que nos faz as compras.

Ao meio dia faltou-nos á rapariga que nos faz a sopa.

A' noite faltou-nos o commendador que nos faz a perna do voltarete.

Andam todos em villegiatura.

A rapariga foi para Faro.

O gallego foi para Cintra.

E o commendador foi para a Gallisa.

Uma verdadeira monomania de tomar ares patrios!

A' cautella acabamos de atarrachar com parafusos o tinteiro de que nos estamos servindo.

Como é de loiça das Caldas, não fosse o diabo negro que se lembrasse de aproveitar os comboios a preços reduzidos para tambem ir tomar ares patrios até á Fabrica de Faianças.

Pelas ruas de Lisboa não passa nem viv'alma!
Foram-se todos:

O magistrado,
O advogado,
O homem de estado
Et coet'ra e tal...

Foram-se todos, menos o fadista. Esse ficou por inteiro e cremos até que melhorado em condições numericas.

Se não fôra a circumstancia d'este despovoamento geral, que levou para fóra da cidade os proprios despachantes da alfandega, acreditariamos que nas ultimas quarenta e oito horas se tinha até despachado alguma avultada partida de fadistas...

Naturalmente passaram aos direitos o que decerto lhes não succederia se fossem melancias de vintem.

Para as melancias tem sempre o fisco um olho vivo: mas os fadistas gosam de entreposto livre — não em Cascaes, como o desejava o sr. ministro da fazenda, mas no coração da cidade, como o pretendia a Associação Commercial ..

A's duas horas da noite, no descampado do Rocio, tendo apenas por testemunhas—lá em cima, as estrellas de prata e o Dador de bronze; cá em baixo uma guarda de soldados municipaes, todos do Instituto dos surdos mudos: ás duas horas da noite a fadistagem rodeava um grupo de homens e de mulheres que recolhiam pacificamente a suas casas, insultava as mulheres, provocava os homens, e acabava por esfaquear um d'elles, um trabalhador e innofensivo artista hespanhol —talvez no singello intuito de lhe demonstrar que a navalha, tão apregoadamente imputada como attributo do povo castelhano, não passa n'aquelle paiz d'uma simples theoria, e que nós os portuguezes temos a pratica consumada...

Estrugiram palavras obscenas dos fadistas, protestos vehementes dos provocados, gritos afflictivos das mulheres, mas no descampado do Rocio conservaram-se impassiveis—lá em cima, côr de prata, as estrellas do firmamento; côr de bronze, o festejado auctor da carta constitucional da monarchia; e cá em baixo, côr de burro quando foge, na arcaria massiça do theatro de D. Maria II, o menestrel vitalicio de todas as sopeiras nacionaes, sob a forma modesta e a farda irresistivel d'um soldado da guarda municipal, o casto sonhador, o scismador ideal, que áquellas horas do alto silencio, quando a phantasia do homem mais se concentra e medita, cuidava apenas do thesoiro de cantaria confiado á sua guarda, não viesse um zephiro traiçoeiro que lh'o arrebatasse om peso sobre as azas do tarlatana—com alicerces, Gil Vicente e tudo...

E recitava, recitava indubitavelmente o trovador da 1.ª companhia, n'aquella toada melancholica que embala a voz de todos os tenores apaixonados, com praça no regimento da guarda municipal...

E a voz, dizia assim:

— Dormes e eu velo, seductora *sôpa!*
Grata cachopa que na rua eu vi!
Dorme, *impossivel* que encontrei á tona...
Dorme e resona, que eu descanto aqui...

—Dorme, e eu descanto, a acalentar-te o somno,
N'um doce entono, no mais terno arrulho...
Dorme, e não vejas que se mata gente
Mesmo na frente da força armada, que não está
para a massada de accudir ao barulho...

Considerando, pois, que temos uma guarda municipal de menestreis apaixonados, que apenas despertam para nos esfregar as costas quando açulados pela garotada que se evade;

Considerando mais na difficuldade pratica de obter um policia para guarda permanente da barriga de cada um—pela razão da natureza não haver dotado cada pansa d'um theatro, porque então os policias seriam por dezenas em cada bandulho nacional;

Considerando, finalmente, que os estrangeiros, mal

O JULGAMENTO DE FE
ASPECTO GERAL DA SALA
A.C.B.
C. de P.
AS TESTEMUNHAS
LUCIANO MONTEIRO
O BRILHANTE
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CROQUIS DA GALERIA.

REIRA D'ALMEIDA NA CAMARA DOS PARES
MESA DA PRESIDENCIA
ATTITUDE DO ACCUSADO.
O ESCRIVÃO A LER. . . . PARA SI
EPISODIO
PRESIDENTE:
O SEU EMPREGO?
TESTEMUNHA (ARREGAÇANDO O SAIOTE.
PADRE. . . DAS LIGAS.
P. CASADO?
SEM LIGA . . . . ÇÕES.
ALGUNS MASSADORES
MEMBROS DO JURY
YOGADO

tendo a noção da nossa existencia geographica, mais difficilmente poderão ter conhecimento da nossa vocação pelas tripas do semelhante;

Parece-nos de todo o ponto indispensavel que a camara municipal de Lisboa, no intuito de garantir quanto possivel a integridade intestinal de incautos forasteiros, prescinda quanto antes d'aquelle catraio á vella, que anda ahi pelos candeeiros de illuminação e outros pontos, representando inexplicavelmente as armas do municipio, e o faça substituir por emblema mais concentaneo o mais apropositado com a nossa indole, com os nossos habitos, e com as nossas aspirações:

—Uma barriga de burguez pacifico, atravessada por uma navalha de ponta e mola...

F. T.

POLITICA EM BOLANDAS

A sessão legislativa que acaba de encerrar-se foi um verdadeiro soneto de Bocage: viva, apimentada, saborosa como bolacha de fuecho, e, para que nada lhe faltasse no termo da comparação, até fechou com chave de oiro, exactamente como os sonetos do grande poeta setubalense!

Chave de oiro de vinte e duas libras, com o contrapeso de dez tostões em prata, dada á ultima hora aos representantes do paiz—assim á laia de premio de consolação para os que não conseguiram, a despeito de todos os esforços, alcançar mais almejado premio chegando á pista do campanario...

✿

Quasi ao encerrar da sessão ia-se travando grave pancadaria—como succede sempre ao levantar das feiras—provocada por um phrase do sr. presidente do conselho, que disse «ter feito dictadura porque entrára para o governo havendo feito esse pacto com el-rei.»

A opposição levantou a phrase e quiz por força que o sr. José Luciano lhe pozesse para ali em pratos limpos a questão do pacto com el-rei.

Então o sr. presidente do conselho declarou que punha em pratos limpos não o pacto mas o pato, porque fôra um *pato*, sem c, que elle fizera com el-rei, e não um *pacto* com c, como a opposição cavilosamente interpretára.

El-rei e o ministro não tinham feito de conspiradores encartados: fizeram apenas de cozinheiros amadores.

Não se tratava d'uma traição: tratava-se d'uma petisqueira.

O que o sr. D. Luiz fizera com o sr. José Luciano não fôra um pacto com c, fôra um pato com arroz.

Até, por tal signal, quem fez o arroz foi o sr. José Luciano; e o *pato* foi o sr. D. Luiz...

F. T.

Á AMERICANA

DIALOGOS

O CLERO

—Tenho uma dôr n'um joelho
Que me põe em serio apuro,
E o corpo todo vermelho
Como um tomate maduro!

—Esse mal se desarreiga
Sem que a Deus faça promessas:
P'ra as torradinhas manteiga,
P'ra isso **agua de Canaças**...

A NOBREZA

—Porque é que o Hintze, tão serio,
Tão triste como os cyprestes,
Atacando o ministerio
Fez *bexiga* um dia d'estes?

—Mysterios que *agua* enthesoura...
Pede ao *Neves* que t'os diga..
Não ha como **agua da Moura**
P'ra arranjar bella *bexiga!*

O POVO

—Mal de mim! 'stou tão pelintra!
Nem posso, em rapida fuga,
Ir de comboio até Cintra
Beber **agua da Sabuga!**

—Em Lisboa, a passos breves,
Tendo dez reis dispendido,
Bebo-a tão fresca no *Neves*
Como o seu proprio appellido...

CONTOS BESTAS

UM GRANDE INVENTO

Um sabio — dos d'uma canna —
Com trabalho gigantesco,
Descobrira uma tizana,
Droga, pomada, ou refresco,
Que pegava a carne humana
—Sendo cortada de fresco.

P'ra provar, ante a sciencia,
Quanto a tal droga era boa,
Realisando uma exp'riencia
Na sua propria pessoa,
Prepára um tacho da essencia
Mais uma zaragatoa.

Isto feito, diz á pressa
P'ra o criado lorpa e rude
—Quando eu cortar a cabeça,
Póe-m'a na mesma attitude,
Antes que o sangue arrefeça,
Pegando-a co'a aquelle grude.

E, sem mesmo esp'rar do moço
A mais curta reflexão,
Vibrando como um colosso
Formidavel facalhão,
Ferra um golpe no pescoço,
Cae-lhe a cabeça no chão!

Accode lesto o criado,
Dá grude á pressa, zás-trás,
Mas, p'lo caso atarantado,
E de si pouco sagaz,
Péga a *tóla* do outro lado,
Pondo-lhe as ventas p'ra traz!

Mal o pescoço foi posto
Co'aquellas malditas pressas,
O sabio, inclinando o rosto,
Ao mirar extranhas peças,
Morre logo de desgosto
Por ser tão feio—as avessas..

AS ·NOVIDADES·

«Alcibiades—que, como todos sabem, foi por vezes apanhado nas travessas da Espera em Athenas,—levou um dia dois pontapés de Ariphon, um sujeito que tinha pela porca devassidão d'aquelle Valladas grego o mesmo

despreso que nós sentimos pelo amante contemporanea dos corneteiros de caçadores. Ora Alcibiades, sentindo o pé punidor em sitio onde não costumava levar aquellas pancadas, refilou contra o aggressor, pretendendo agarral-o a dente·

— Mordes como uma mulher, disse-lhe Ariphon, n'uma ultima allusão desprezivel á torpeza do seu vicio.

Comnosco succede caso parecido. Como demos ha dias, despresivelmente, com o pé na influencia do marquez de Vallada, ao encontral-o na lista dos antigos

governadores civis regeneradores, o Alcibiades das escadas de travessa foi hoje para a camara dos pares tentar morder o sr. ministro das obras publicas, que nem guiou a nossa penna, então, nem póde impedir o nosso pé, agora.

Se tivessemos, pois, que refazer a phrase de Ariphon, optariamos por esta:

—Nem mordes como uma mulher; mordes como uma porca!

Parece que os queixumes da porca ou do porco sujo foram por aqui o termos notado como «sem classificação». Pois bem: vamos pedir a uma commissão de varredores de lixo, que remedeiem a falta, se poderem.

Estamos já d'aqui a vêr a scena:

Dois d'esses varredores, emporcalhados na montureira, pegam nos restos d'um papel sujo, e suspendem com asco essa sujidade malteza, esse bailio amarfanhado. Um taps o nariz—o outro volta-o com uma tenaz. Por fim, dirão, unanimemente:

Está classificado. E' um chato—do tamanho d'um porco!

Assim definitivamente classificado, ha de um dia a historia vingadora fechal-o com o marquez de Sade dentro d'uma sargeta. Como os dois grillos dentro da gaiola, esses dois titulares aproximados pelo cano de esgoto, poderão comer-se um ao outro.

E fóra com a sujidade—que principiamos a sentir engulhos!... Nem de mão no nariz—como a perdiz!...»

BOATOS

O FILHO PRODIGO

Era assim que elle vivia depois de abandonar a casa paterna.

(Conclue na ultima pagina.)

POR AHI...

O leitor conhece decerto por tradicção aquelle sujeito chamado Pharaó, um espirito muito chato, muito prosaico, muito boçal, que em vez de aproveitar a noite para sonhar com as mulheres bonitas que tinha visto durante o dia, gastava o melhor da sua raposeira a sonhar com vaccas, e vaccas por atacado, ás quatorze de cada vez, em logar de se chamar Pharaó e ser rei do Egypto se chamasse simplesmente Luiz d'Oliveira Calheiros e fosse proprietario de vaccarias em Lisboa.

Egualmente o leitor não ignora que, mediante o sonho das quatorze vaccas, Pharaó veio a saber que teria sete annos de colheitas abundantissimas e seguidamente outros sete em que o trigo escassearia de tal maneira que até os pardaes andariam pelos telhados a piar com fome de rabo!

Se o sr. Marianno de Carvalho já fosse vivo a esse tempo, o Pharaó não teria ligado a menor importancia ao sonho revelador: comeria á tripa fórra durante os sete annos das vaccas gordas, e, quando chegassem os outros sete das vaccas magras, o ministro da fazenda que lançasse um imposto de levar coiro e cabello sobre o trigo americano, com o que ficaria salva a agricultura do Egypto...

Mas o Pharaó não tinha Marianno á mão, e assim se conformou em adoptar os conselhos do casto José—a quem sobejava em inspirações luminosas para agradar ao rei do Egypto o que porventura lhe faltou n'outro genero de recursos para agradar á mulher de Putifar...

❋

No Rocio, com a policia, esta succedendo o mesmo que aconteceu no Egypto com as massarocas!

O que entretanto se dá é uma inversão na ordem chronologica.

No Egypto os cereaes vieram com abundancia durante os primeiros sete annos e a escassez manifestou-se seguidamente em igual periodo de tempo.

No Rocio passaram sete seculos de vaccas magras de policia e agora ha sete dias que fervilham por todos os cantos massarocas de patrulhas!

Estas vaccas gordas da policia no Rocio, seguidamente a um covarde assassinato, vem justificar mais uma vez o bom senso do proloquio: «depois de roubado, trancas á porta.»

Trancas a porta, mas sómente áquella por onde o roubo foi commettido, deixando todas as outras no mesmo estado de deficiente segurança, afim de que o delicto possa repetir-se tantas vezes quantas o criminoso tenha na vontade, servindo-se das restantes portas, que continuam a conservar-se apenas no bedelho...

Este serviço da policia, que em vez de lançar mão dos gatunos e vadios, mettendo os no seguro, se limita a vigiar com o maior escrupulo um ponto anteriormente por elles frequentado, obrigando-os a emigrar para outros sitios ainda não explorados, faz-nos lembrar o expediente do lavrador, que, em logar de matar os pardaes a tiro, se contenta em pôr um espantalho na eira, afim de afugentar os ladrões do seu trigo... para o trigo do visinho.

E depois, para o burgez pacifico, para o transeunte pacato, para o innofensivo passeiante, certo é que o Rocio não melhorou lá grande coisa com a actual vigilancia dos poderes publicos.

Ate aqui, quem tivesse de transitar o'aquella praça á hora em que o fadista andava solto e a guarda do theatro de D. Maria dormia a somno tambem solto, arriscava-se, é verdade, a encontrar algum cocheiro que lhe offerecesse o seu *coupé* de frente redonda e a sua navalha de ponta e mola, mas poderia, talvez, esquivar-se á dura prova tanto das molas ferrugentas do *coupé* como das molas bem temperadas da navalha, respondendo cortezmente ao provocador como quem lhe agradece o alto serviço:

—V. ex.ª confunde-me... O meu reconhecimento será eterno... Mas hoje o corpo não me está pedindo nem trem fechado nem navalha aberta... Para a outra vez será...

E, fazendo um comprimento amabilissimo, seguiria o seu caminho com o sorriso nos labios e o credo na barriga...

Agora já não se corre o perigo de encontrar um fadista, mas, em compensação, corre-se o perigo de encontrar um policia...

O primeiro, se nos via de chapeu alto, queria por força levar-nos ao Dá Fundo ou mandar-nos para o outro mundo; o ultimo, se nos encontra de chapeu baixo, hade por força metter-nos as mãos nas algibeiras ou metter nos o corpo no calaboiço!

Se replicavamos ao fadista, tiravam-nos a vida na praça publica; se replicamos ao policia, tiram-nos a camisa na Boa Hora!

Pois, franqueza, franquezinha, nós preferimos o perigo do fadista ao perigo do policia, por uma razão semelhante á d'aquelle sujeito que ficou muito contente por lhe haverem aberto a cachimonia em vez de lhe amachucarem o chapeu alto.

—Entre a vida e a camisa antes queremos que nos levem aquella, porque temos credito no cangalheiro, e não o temos na camisaria...

POLITICA EM BOLANDAS

Um pequeno trecho da sentença proferida no julmento do deputado Ferreira d'Almeida:

«...José Bento Ferreira d'Almeida, primeiro tenente da armada e deputado da nação, e accusado pelo Ministerio Publico de ter aggredido corporalmente o conselheiro Henrique de Macedo Pereira Coutinho......

E, verificando-se pelas provas constantes dos autos e

produzidas na audiencia do julgamento, que este crime existiu...»

O tribunal verificou pois, pelas provas constantes dos autos e produzidas na audiencia do julgamento, que o crime, isto é, a *aggressão corporal* existiu, quando nenhuma testemunha affirmou que a bofetada chegasse ao seu destino—não obstante terem-n'a visto sahir de casa...—e nem mesmo se chegou a averiguar se fôra *bofetada* ou *murro*, visto o aggredido se queixar d'um murro, que *não sabe se o attingiu!...*

Sobre esta duvida do murro ou bofetada é que não comprehendemos como se levantassem duvidas, porque era facil destrinçar uma do outro.

Não se conhecem pelo cheiro, mas conhecem-se pelo som...

O partido da *capa rôta* já abriu o seu centro aos numerosos amigos do chefio supranumerario.

O centro acha-se estabelecido n'um primeiro andar do Chiado, que pertenceu primitivamente a um *atelier* de modista, onde se estabeleceu mais tarde uma batota conhecida, e onde agora, finalmente, vão discutir-se os destinos da patria, debaixo do prisma da *capa rôta*.

A' semelhança do que se usa no commercio, onde os estabelecimentos conservam geralmente a firma já acreditada dos seus antecessores, o novo centro da *capa rôta* botará naturalmente taboleta na janella, tendo gravado em caracteres bem visiveis:

ANTIGA CASA DE BATOTA
Successores
PARTIDO DA CAPA ROTA

EM VILLEGIATURA

—O dr. mandou minha mulher e minha sogra para o campo, afim de mudarem de ares...

—E então?

—Então, ellas voltaram—com o mesmo ar... desagradavel!...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Um noticiarista começa a escrever o necrologio d'um morto illustre:

«A nossa chronica obituaria de vultos eminentes, felizmente r e s u m i d a...»

N'isto suspende, considerando para comsigo:

—*Resumida* quer dizer que morrem poucos vultos eminentes; e, como o tributo de mortes esta na proporção numerica dos vivos, significa que temos poucos *vultos eminentes*, o que não é uma felicidade... Logo, devo escrever assim: «A nossa chronica obituaria de vultos eminentes, *infelizmente* resumida...

Mas suspende outra vez, tornando a considerar para comsigo:

—*Infelizmente* resumida tambem parece que estou desejando vêr morrer para ahi vultos eminentes todos os dias, como perus na vespera do Natal... Nem que eu fosse cangalheiro ou prior da freguezia!...

—Mas então, como descalçar esta bota?

O leitor que a descalce, se tem para isso paciencia e tempo.

As respostas serão publicadas no proximo numero.

Em resposta ao *casse-tête* do nosso penultimo numero, recebemos de *Julio Vasques*, de Peso da Regoa as seguintes decifrações:

Miguel Franco—Miguel Castro—e *Miguel Sancho*.

As duas primeiras estão na conta, mas a ultima não pega, porque Sancho não é appellido, é nome. Queira certificar-se consultando a opinião do prior da freguezia.

De Jacques Pires, da mesma naturalidade, recebemos tambem a decifração de *Miguel Castro*.

De *Mapril Fontes*, que já é de si uma decifração do *casse-tête*, recebemos tambem estas:

Miguel Forjaz e *Delfim Castro*.

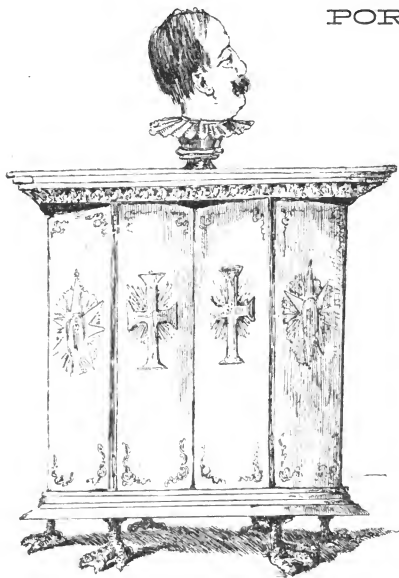
Vá lá o Delfim com *f*, a despeito do credo calligraphico do sr. Delphim Guedes...

De Pedro Moreira, recebemos igualmente esta:

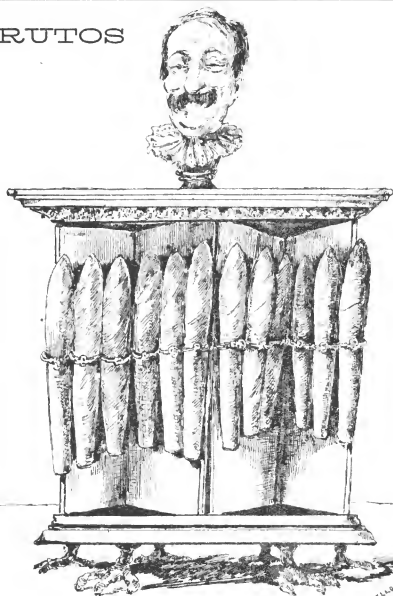
—O 103 tem muito *brinde*
Para vender sincero e franco,
Razão porque, d'este prescinde,
Mas diz que o nome é—*Miguel Branco*.

O brinde pertence incontestavelmente ao Pedro Moreira, visto dar decifração em verso.

Mas uma vez que elle prescinde do brinde—no que é muito sensato, porque não havia de fazel-os e baptisal-os, como o cura de Povos—passa este brinde em claro.

Está queimado, como succede frequentemente nas *rodas* de castanhas...

Metade da opinião publica diz que elle e *liso* como o pulimento exterior das suas paredes envernisadas.

HARUTOS

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A outra metade assegura que, se lhe patentearem os intestinos, então se verá como elle está *cheio* de charutos...

MONOLOGOS

UM COCHEIRO:

— Emquanto dura a mania
Que a policia agora tem,
Heide estar de noite e dia
Assentado de vigia
Sobre a almofada do trem!

— D'antes andava á tramoia,
Nunca parava sentado;
Agora, sobre a tipoia,
A's vezes nem vejo boia
Co'este calor... do outro lado!

— Quem na tipoia se metta
Veja se a bolsa desdobra...
Esportule alguma chêta,
Pois mal me chega a gorgeta
Só p'ra alfavaca de cobra...

UM MARQUEZ:

— No Rocio — ouvi dizer
A quem lêra essa noticia —
Ninguem transita sem ser
— O' goso extremo! ó prazer! —
Apalpado p'la policia...

— Ha já tres noites a fio
Que eu vou por lá jardinar,
Mas, cá pr'a mim, desconfio
Que a policia não me viu
...Ou não me quer apalpar...

— Pois bem mal, verdade valha,
A policia se conduz...
Se me apalpasse — não falha —
Não me encontrava navalha,
Mas encontrava um obuz...

Correspondencia. — *Fernando, d'Africa.* Os seus versos estão muito bons, mas chegaram infelizmente tres mezes depois do momento *psychologico.* Parece que foram vaticinados pelo dr. *Prognostico!...* Deixe ver se a companhia de Santa Apolonia tambem arranja um caminho de ferro para a Africa e então fallaremos.

A FORÇA DA MUSICA

CONTOS MUDOS

Guardado está o bocado..

I

II

III

IV

V

VI

Copia de Rumche.
M. Gustavo Bordallo Pinheiro

BOATOS

O FILHO PRODIGO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E o *pae*, ao constar-lhe que elle regressava a casa paterna, mandou matar o seu melhor carneiro...

Mas, sabendo que o regresso era uma blague, ordenou logo que o carneiro ficasse reservado para as proximas eleições.

ANDRÉ GILL

PARA O TUMULO DE ANDRÉ GILL

«Sévérine — a dedicada amiga de Jules Valléa, hoje directora do *Cri du Peuple*, escriptora de fundas rebeldias, manejando a prosa como poucos estylistas o sabem fazer — abriu ha mais d'um mez nas columnas da folha que dirige uma subscripção para ajuda d'um pequeno monumento, no *Père Lachaise*, a esse fino e espirituoso caricaturista, tão talentoso quanto desgraçado, André Gill, o author d'esse soberbo quadro o *Doido*, pobre bohemio da Arte! que tambem morreu n'um hospital de alienados.

Gill é uma individualidade sympathica. E bom seria que um grupo d'artistas portuguezes, com Bordallo Pinheiro á frente, praticassem um acto de justiça e de solidariedade, arremessando um punhado de francos sobre a cova do glorioso artista, que foi o mestre da caricatura moderna e que foi ao mesmo tempo um dos mais rebeldes e insurrectos temperamentos d'artista do nosso tempo, legando á arte fanceza — e portanto á arte latina — esses bellos quadros, o *Joyeux Compagnon*, a *Chanson du fou*, *Crispin*, e o *Homme à la pipe*.

Colorista brutal, d'uma profunda personalidade e possuindo como poucos a perfeição da fórma — o seu nome impõ-se hoje á admiração de todos nós, os novos. E' por isso que a subscripção aberta por Séverine tem tido a adhesão dos artistas, não só francezes, como belgas, italianos, allemães e inglezes; a solidariedade de todas as almas sedentas de justiça e que se procuram affirmar a todo o instante, quando téem occasião de praticar um qualquer acto que faça vibrar dentro do coração a corda do sentimento e do ideal.»

Chronica de Paris para a *Provincia*,
por Xavier de Carvalho

Agradecendo ao nosso excellente amigo o ter-se lembrado de nós como iniciador da subscripção para o tumulo de Gill — acompanhando assim em uma obra tão justa os artistas e jornalistas de todo o mundo — publicamos uns traços do grande artista, traços que conservamos de memoria desde o dia em que tivemos a honra de o conhecer em Paris, e abrimos a subscripção, pedindo a todos os nossos collegas que nos acompanhem n'esta manifestação pela memoria d'um grande e desgraçado artista.

Raphael Bordallo Pinheiro	9$000
Pontos nos ii	1$000

POR AHI...

Estamos hoje encolerisados contra o progresso, desabridos contra a civilisação.

No domingo foi a romaria do Senhor Jesus da Serra; e a companhia dos caminhos de ferro arrastou de Lisboa para Bellas o melhor de 7:000 forasteiros!

Arrastou, é o termo: physicamente justificado pelo andamento dos nossos comboios, moralmente concebido pela natural repulsão que estamos adivinhando em todos aquelles forasteiros, ao lançarem mão d'esses modernos meios de transporte! (*)

Elles foram ali simplesmente attrahidos pela curiosidade — que fez de Eva uma peccadora e tem feito do resto da humanidade uma sucia de pedaços d'asno! Foram encantados e embaídos pelo silvo agudo da locomotiva, a sereia dos nossos tempos, que attrahe o viajante, não para o fazer perder o rumo maritimo e em seguida lhe sugar o sangue, mas para lhe sugar primeiro os cobres, ensinando-lhe depois o rumo terrestre, por esses campos a fóra, vira para a direita, vira para a esquerda, nas curvas e nos zig-zags d'uma irrequieta lagartixa... (**)

Ha meia duzia de annos—*a meia duzia* classica que abrange a nossa existencia já quasi quarentona; — ha meia duzia de annos, que outro aspecto mais poetico, que outro encanto mais bucolico não offerecia essa romaria ao Senhor Jesus da Serra, onde se cantava e se dansava, onde se resavam duzias de Padre Nossos e se comiam quarteirões de talhadas de melancia, onde se liquidavam rixas velhas e se beliscavam raparigas novas..

Então, que de simplicidade, que de alegria, que de religião, que de pancadaria!

Quantas vezes se ia para lá cheio de crenças e se regressava cheio de adhesivo...

A's duas horas da madrugada era um gosto vêr já os ranchos de guapas ovarinas, ebrias de enthusiasmo ampliado pelo copinho de canna branca, cobertas de arrecadas do Porto, subindo alegremente os mil e oitocentos metros da rua de S. Bento, com o etinerario marcado das Amoreiras, Campolide, Bemfica, Porcalhota, Pinhão e Bellas, todas joviaes e desprevenidas, respirando alegria grossa e poeira fina, sempre bailando os mesmos passos e sempre cantando as mesmas trovas

«Fostes ao Senhor da Serra
Nem um annel me trouxestes

E cada figura do rancho torneava como um pião e saltava como uma pulga! (***)

E depois, lá, que dia cheio da candido mysticismo e de saboroso peixe frito!

Que bella devoção, e que bellas pescadinhas de rabo na bocca!

E mais tarde, á volta, que de incidentes por essa estrada fóra! A's duas por trez embrulhavam-se as *calças* — por causa das *saias*, está bem de vêr — e desandava tudo em pancadaria de *criar bicho*. — Era até por isso que as ovarinas se catavam com tanta frequencia e com tanto frenesi...

E em seguida vinham todos, com as cabeças abertas, abordar á pharmacia do Largo do Rato, onde o caritativo boticario lhes *fechava* as cabeças, empregando como *chave* os pontos do adhesivo.

D'uma vez tinham-se-lhe acabado os pontos de adhesivo e elle *fechou* ainda meia duzia de cabeças *abertas*, empregando tiras de *pontos... nos ii*! E o caso é que essas cabeças nunca mais tornaram a *abrir-se*; o que aliás não admira, visto terem ficado *fechadas* a cadeado *de lettras*...

Este anno foi a sensaboria quo se viu!

Todos quizeram ir de comboio, do que resultou muitos ficarem em Lisboa, não conseguindo fazer, com o recurso da via ferrea, o caminho que durante tantos annos fizeram, apenas com o recurso das proprias pernas!

E, se algumas cabeças ficaram abertas, foi luctando por conquistarem logar n'um vagon de 3.ª classe!

Quanto melhor não fôra abrirem-se como dantes, conquistando logares em corações de ovarinas de 1.ª...

F. T.

(*) **Meios de Transporte**, cançoneta illustrada, com musica para piano e canto; vide annuncio na capa.

(**) **Lagartixa**, monologo illustrado; item item.

(***) **Pulga**, item item; item item

FÓRA DE PORTAS

Tem sido enorme este anno a concorrencia de forasteiros ás Caldas da Rainha; e, como essa concorrencia prosegue dia a dia, nós julgamos prestar um bom serviço aos viageiros inexperientes, recommendando-lhes o maior escrupulo em se não aproximarem sequer do *club* d'aquella localidade — a menos que lhes não dôa ficarem *burrificados*, no praso de vinte e quatro horas.

Se a cura do rheumatismo e coisa garantida com a

uso d'aquellas aguas — pela razão de quo o conselheiro *Pim* não se mette dentro d'ellas — o *club*, onde elle está sempre mettido, porque aquillo é logradoiro exclusivo d'elle; o *club* tem a propriedade de fazer rheumatismo no espirito de toda a gente!

Saccode a gente o mal das pernas á custa de precauções e banhos thermaes, para o apanhar logo no miolo á força da semsaboria e fatias de pão com manteiga!

Chegamos a acreditar nos mysterios da metempsycose!

Aquillo é por força o espirito do conselheiro *Pim*, que anda por ali transmigrado em kilogrammas de manteiga, a introduzir-se subrepticiamente no bestunto dos forasteiros, com escala pelo bandulho de cada um!

Supplicamos ao sr. ministro do reino que relaxe quanto antes aquelle *conselheiro-margarina* á secção dos generos avariados, ou que vá até ás Caldas proval-o em fatias, com acompanhamento de chá preto, se quer acreditar na transmigração das almas e ficar *burrificado* para todos os dias da sua vida!

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Com a partida das elegantes para as praias, os salões estão todos fechados; e, com a partida da companhia hespanhola para a terra, o theatro da Trindade vae tambem *bofetada*, como diria Mendonça e Costa querendo dizer: vae tambem *estal-o*.

Não sabemos se a companhia hespanhola retira satisfeita com o publico de Lisboa, mas o certo é que o publico de Lisboa viveu satisfeitissimo com a companhia hespanhola.

Nunca, de companhia relativamente tão mediocre, este bom povo exigente se agradou, como d'aquella que vae deixar-nos *sem que talvez que o pranto lhe innunde as faces* etc...

(O *etc.* não quer dizer que o pranto, depois de lhe innundar as faces, devesse innundar-lhe tambem o resto, dando banho geral a todo o corpo da companhia — incluindo o *corpo de baile*...)

Este agrado do publico pela companhia hespanhola é um verdadeiro milagre feito pelo emprezario Santos Junior.

E ainda ha quem diga que os Santos não obram milagres! Lá os *Seniores* é possivel que não obrem; mas os *Juniores* obram com esta facilidade que se está vendo...

E o milagre do Santos consistiu, afinal, na coisa mais simples d'este mundo: dar sempre espectaculos novos, servindo-se quasi sempre de repertorios velhos.

Elle conhece o publico de Lisboa, tem-n'o estudado a palmos, sabe perfeitamente que o indigena, nos espectaculos publicos como na vida particular, do que gosta é da variedade. Se lhe derem dois dias a fio bacalhau cosido e bife de cebolada, descompõe a cosinheira; é necessario que ao segundo dia lhe dêem primeiramente o bife de cebolada, dando-lhe por cima o bacalhau cosido.

O indigena que vive como Deus com os anjos no seu lar domestico, é porque tem contrabando fóra de portas... Depois de passar um dia em casa, aborrece-se da mulher e sente-se deserto por se pilhar com a amante; no dia seguinte enfastia-se d'esta e fica suspirando por aquella...

Anda aborrecido d'uma ás 2.as, 4.as e 6.as, e da outra ás 3.as, 5.as e sabbados.

Ao domingo anda aborrecido de ambas...

Ora o Santos descobriu este fraco do indigena e tratou muito sensatamente de o utilisar.

Ás 2.as, 4.as e 6.as dava-lhe a *reapparição* do amador Ribeirinho no papel de *Caballero de Gracia*; ás 3.as, 5.as e sabbados fornecia-lhe a *reapparição* do actor Sanchez no mesmo papel de *Caballero*.

Como vivemos em terra de imitadores, todos os emprezarios pensam em plagiar a ideia do Santos, e diz-se até que a empreza de S. Carlos, no intuito de chamar ao theatro lyrico uma concorrencia mais productiva que a dos ultimos annos, já mandou construir um candeeiro triangular para afixar sobre a porta do bilheteiro e onde se lerá em caracteres vermelhos:

ÁLERTA! AMADORES!

Todas as noites ha reapparições

F. S.

POLITICA EM BOLANDAS

Continuam chegando a Lisboa, vindos de todos os pontos do paiz, os *reconhecimentos* do sr. Antonio de Serpa, como chefio do partido regenerador.

Diz-se até que o sr. ministro da fazenda, no intuito de crear mais uma receita para o thesoiro, vae lançar um imposto alfandegario sobre os *reconhecimentos* da provincia que pretendam passar as portas.

AO ARRANJAR

O viajante — Então que lhes parece? terei bom te

Astrologo progressista: — Tempo magnifico! Sol
campos verdejantes, povo satisfeito e amantetico!

Astrologo regenerador: — Tempo medonho! sol
encapellado, campos arrasados, povo faminto e encamad

DAS MALAS

o para jornadear?
nho, lua sorridente, vento de feição, mar calmo,

urro, lua serumbatica, vento tempestuoso, mar
mo uma barata!

Accrescenta-se mais que, em vista dos *reconhecimentos* se terem estendido tanto, dando de si como se fossem de cautchout, o artigo similar para a cobrança do imposto será este:—*capas de borracha*.

Ignoramos se isto envolve uma referencia á *capa* do partido ou se á *capa* de outro qualquer objecto — porventura mais modesto nas suas dimensões...

Pela parte que lhe toca, o partido da *capa-rôta* tambem não deixa os seus creditos por mãos alheias.

Na casa do seu *novo centro*, onde anteriormente funccionou, como dissemos, a respeitavel batota Proença, os magnatas do partido reunem todas as noites, discutindo acaloradamente os varios processos de levar a *capa-rôta* a bom caminho.

Afim de que profanos os não surprehendam em seus conciliabulos, os magnatas fallam por hyperboles, escolhendo de preferencia as cartas de jogar, o que conserva portanto áquella sala toda a côr local da antiga casa de batota.

Diz, por exemplo, o sr. Marçal Pacheco;

— A questão é fazer *cerco ao rei*...

— Pois eu preferia ir *á porta da dama*, resmunga o sr. Barjona.

— Toda a *cautela* é pouca, volve um outro, jogador de loterias; porque nos póde sahir a *cautela branca*...

— Para que nos saia *preta*, accode logo outro, vamos á *cabeça do duque*.

(Referencia á cabeça do duque de Albuquerque, que é preta como os olhos da Marianninha.)

— Acho melhor, observa ainda outro, ir ao *az de copas*, apezar de ser um furo abaixo do duque, na classificação hierarchica...

Mas o sr. Fuschini oppõe-se immediatamente;

— Cá a mim não me *quadra* metter o marquer, quero dizer, o *az de copas* na *scena!* Bem sei que elle em politica dá *sota e az* aos mais sabidos, mas é muito *terno* para os *valetes* defensores das *quinas* e tem a *balda* de se *voltar* de repente, sem dar *espera* aos que querem fazer a sua *parada*...

— O melhor, é o *cerco ao rei*, insiste o sr. Marçal Pacheco; e, quanto á divisão do *bolo* por nós todos...

— *Topo a banca!* interrompe logo o sr. Barjona...

FIRMINEIDAS

(Chronica dos tribunaes)

«João Paulo, criado de servir, que foi do sr. conde de Ficalho, a quem furtou duas fronhas de linho bordadas; — Condemnado em 4 MEZES de prisão.»

— Se em vez de roubar-lhe as fronhas
Co'uma *naifa* o conde *avias*,
Tinhas penas mais risonhas
De prisão por *20 dias*.

«João Marcello Faria de Jesus, por ser encontrado escondido entre umas pedras e munido de *uma navalha aberta*, com o fim de matar Elisa dos Reis Moniz, a quem escrevera um bilhete, ameaçando-a; — Condenado em 20 DIAS de prisão.»

— Se lhe tens roubado as *fronhas*
— Qual se a matáras seis vezes —
Tinhas penas mais medonhas
De prisão por *4 mezes*...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Em resposta á pergunta enunciada no nosso ultimo numero, escreve-nos *Zacharias Felpudo, descalçando a bota* com a finura com que decerto sabe calçar uma luva·

RESPOSTA

Se a morte d'um cardeal
Da noticia fosse o fundo,
(Como o successo fatal
Não ecoa pezar profundo
Motivasse em Portugal),

Encomios de toda a gente
Tinha o chronista certissimos
Escrevendo alegremente:
— De vultos eminentissimos
Resumida — infelizmente.

ZACHARIAS FELPUDO

CONTOS BESTAS

A CAÇA DO TIGRE

O barão de S. Lúcar — um forte,
Que á familia os brasões não denigre —
Indiff'rente p'los perigos da morte
É damnado p'ra a caça do tigre.

Hontem mesmo lhe deu no capricho,
Em seguida ao jantar nada máu,
Ir p'ra a caça feroz do tal bicho
Na floresta da Perna de Pau.

Sem punhal, arcabuz, ou pistola,
Sáe de casa o barão de S. Lúcar,
Premunido de enorme gaiola
E uma simples pitada d'assucar

Sobre um tronco depondo a pitada
E p'ra longe fugindo ligeiro,
Vae-se pôr o barão de embuscada,
A fumar um cigarro bregeiro.

Brevemente ao assucar que trouxe
Vê formigas ás mil dando carga;
—Pois é coisa sabida que o doce
Nem ás proprias formigas amarga...

E uma vespa, que ha dias não come,
Das formigas assalta o cortejo;
—Pois é coisa sabida: com fome,
'té formigas nos sabem a queijo...

Em seguida, a voar d'aza crespa,
Phylomela gentil, mas não meiga,
Chega e põe-se a comer na tal vespa,
Como eu como pão mol' com manteiga.

Logo após vem terrivel abutre,
Do gentil rouxinol inimigo,
E nas carnes do pobre se nutre,
N'um momento chamando-lhe um figo.

E não tarda que logo appareça,
N'essa guerra em que tudo se fila,
Uma astuta raposa travessa
P'ra chamar esse abutre á machila.

Mal o abutre se sente apanhado
E sequer defender-se não ousa,
Surge o vulto d'um tigre malhado
Que feroz lança o dente á raposa...

Dr. Tarantula

(Conclue no proximo numero).

NOTAS DE VIAGEM

Da carteira d'um viajante hespanhol copiamos os seguintes e curiosos apontamentos: «*Lisboa*, cidade de marmore e de granito, onde os fadistas esfaqueiam sem rasão os artistas hespanhoes, com applauso da policia, e onde a policia expulsa sem motivo os jornalistas da mesma nação—com applauso dos fadistas.»

O TORNIQUETE

MINISTERIO

PRISÃO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Como se sabe, pela porta denominada *torniquete* não pode passar senão uma pessoa por cada vez, acontecendo que, para um sair, é necessario que o outro entre, e vice-versa.

Assim se comprehenderá a situação de um dos personagens da nossa estampa: agora, que o *outro saiu*, já *elle* póde *entrar*...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 11

Subscripção promovida pelos «Pontos nos ii», para auxiliar a elevação d'um monumento consagrado á memoria do eminente e desventurado artista André Gill.

Transporte .... 10$900

POR AHI...

Decididamente, Lisboa está uma cidade cada vez mais civilisada!

Ainda não ha muito, eram os fadistas a offerecer trena a a dar facada em quem não lhes acceitava o offerecimento: agora, são os bebedos a pedir beijos e a dar bengaladas em quem não lhes subscreve o peditorio.

Nos tempos da nossa doirada meninice, quando os poderes publicos ainda não haviam posto o ovo de que veiu a chocar-se o pinto calçudo da policia civil, a quando a segurança individual era apenas garantida por meia duzia de cabos de segurança—de *segurelha*, como pittorescamente lhe chamavam—a cidade não estaria talvez mais limpa da malandragem de que hoje se acha emporcalhada, mas o certo é que, pelo menos, ninguem levava facadas pelo facto de preferir recolher para casa a pé, em vez de ir de tipoia para Carriche, como certo é igualmente que os beijos, a esse tempo, se pediam em verso, como o attestam milhares de documentos:

«Beijo na face
Pede-se e dá-se:
—Da?
Um beijo é graça
Qua a mais não passa,
—Vá...»

A' vezes, não só se pediam em verso, como até se offerecia um vintem por cima!

E note-se ainda que tudo isto se fazia pelo simples beijo d'uma saloia de bota alta:

«Oh! saloia! dá-ma um beijo.
Que eu te darei um vintem...»

D'antes pediam-se beijos em verso e dava-se um vintem: agora pedem-se em prosa e dá-se uma caceada!

Verdade seja que, antigamente, só quem sentia a arder-lhe no cerebro o fogo sagrado da poesia se atrevia a pedir semelhante coisa, ao passo que hoje, qualquer que sinta a arder-lhe no cerebro o fogo aguardentado de dois decilitros de geripiti, se julga com direito a estender a mão á caridade dos labios femininos, estendendo ainda por cima a bengalla sobre a cabeça dos maridos menos condescendentes que não estejam pelo ajuste da esmola solicitada á cara metade!

Iam bebedos, ao que se diz, os dois malandretes heroes da aventura referida nos jornaes noticiosos, e é essa bebedeira que naturalmente lhes vae servir de attenuante para abrandar a justiça do tribunal que tenha de julgal-os — se é que o julgamento sempre chegue a effectuar-se, o que talvez não valha a pena, depois do pagamento da fiança...

E está-nos parecendo que não vale.

Para que? para condemnar esses pobres diabos em alguns mezes de prisão?—Sendo remivel a tantos tostões por dia, vá... Mas lá pelo prazer de encarcerar dois amigos da pinga, que representam, quando soltos, um manancial de *fianças* pelo crime de embriaguez, não haverá decerto juiz cuja bolsa não proteste contra o proseguimento do processo.

....

A vós, cidadãos pacificos, que transitaes por essas ruas, acompanhados de vossas familias, damos de conselho que andeis sempre com o credo na bocca a um rewolver na algibeira.

Um, não.—Dois, um para os faiantes e outro para a justiça.

F. T.

POLITICA EM BOLANDAS

Nunca a politica andou tanto em bolandas como n'estes ultimos dias, precisamente quando, estafada das luctas parlamentares e jornalisticas, se permitte os gostos da villegiatura, percorrendo Cintra, Cascaes, Luso, Paço d'Arcos, Porto, Villa do Conde, sequiosa de novo ar para os pulmões e sedenta de novas figuras de rhetorica para os discursos.

Fazemos votos para que o ar puro que a politica vae respirando por essas praias salgadas e por esses campos verdejantes a retempere contra os padecimentos physicos, e a purifique dos costumes moraes—tanto quanto é possivel purificar-se uma ferida de aspecto incuravel e de caracter canceroso...

Os partidos monarchicos, que são ao presente tres—exactamente como as tres graças—não perdem, a despeito da villegiatura, ensejo de individualmente se fortalecer.

O partido progressista, que já estava da pedra e cal, vae agora ficar de alvenaria e cimento com a viagem de suas magestades. Cada bomba que estoirar nos ares á passagem dos reaes forasteiros será como que um novo elo a soldar o gabinete nas amarras do poder.

E esses elos serão tantos, ao que se diz, que até já subiu o cambio dos buscapés que hão de subir nas cannas dos foguetes á passagem dos régios viajantes!

O partido da *capa-rica* continúa a receber adhesões dos pontos mais afastados do paiz.

No proximo paquete d'Africa espera-se um carregamento completo de adhesões... pretas.

Diz-se ate que o partido da *capa-rica*, não tendo já onde armazenar tantas adhesões, logo que lhe cheguem aquellas adhesões pretas — mais proprias para a proxima estação invernosa — tenciona fazer uma liquidação a preços muito reduzidos, do saldo de adhesões brancas que lhe restarem da presente estação, e que já não possa accommodar nos armarios do estabelecimento.

Uma das ultimas adhesões recebidas pelo partido da *capa-rica* foi de um Fulano de Tal Madeira.

Este, na sua qualidade de *Madeira*, deve ter adherido a força de grude...

❈

O partido da *capa-rôta* não recebe adhesões de parte alguma, mas em compensação recebe todas as noites na casa do *novo centro* não só os amigos e correligionarios como ainda alguns desconhecidos que ali vão bater por engano, na persuação de que ainda ali está estabelecida a casa de batota que precedeu o *novo centro*.

Para evitar a continuação de semelhantes scenas desmoralisadoras, diz-se que o sr. Barjona de Freitas vae prohibir no *centro* todo o jogo carteado, incluindo a bisca lambida, bem como tenciona dar ao mesmo *centro* o aspecto simples d'uma honesta casa de familia, guarnecendo-o de moveis apropriados.

Do salão ao gabinete
Mandará pôr varias camas,
E em logar do voltarete
Deita-se ao *jogo das damas*

J. T.

CONTOS BESTAS

A CAÇA DO TIGRE

(Concluido do numero antecedente)

Sobre o tigre, o barão, dando um polo,
E agarrando-o p'lo gordo cachaço,
Qual bichinho de seda, em casulo,
Leva o tigre debaixo do braço!

. . . .

Vae pensando o barão de S. Lucar:
—Como um bello negocio se logra!
Co' uma simples pitada de assucar
Arranjei um marido... p'ra a sogra!...

J. T.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Em *toilette* de arreganho,
Chapeu de enorme tamanho,
Chega á praia a tomar banho
Alentada quarentona;
E o banheiro logo atraca
Co' esta pergunta velhaca
—Eu preciso uma barraca,
Dá-m'a de pau, ou de lona?...

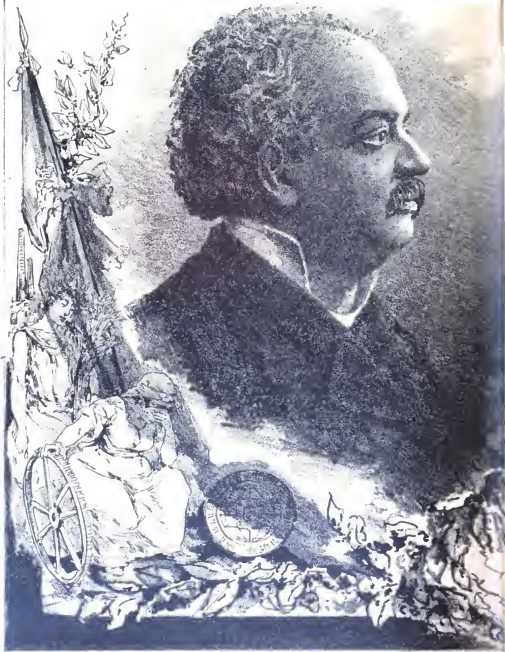
Sendo esperto, audaz, matreiro,
Que é que responde o banheiro?

J. T.

FÓRA DE PORTAS

Ainda se não realisou, pelo menos officialmente, a visita da commissão encarregada de estudar e alvitrar os melhoramentos do hospital das Caldas da Rainha.

Alguns membros d'essa commissão teem já, é verdade, visitado o hospital, cavaqueado com o conselheiro Pim, apalpado (sem Mendonçaecosta) o Sebastião da Copa, mas tudo isso ex-

ANTONIO AUG

TO DE AGUIAR

Parece que a morte, como que no empenho de manifestar toda a sua impiedade e toda a sua omnipotencia, se compraz por vezes em arrebatar de subito os vivos mais notaveis, os vultos mais eminentes, cuja perda dolorosissima representa, acima do luto parcial d'uma familia, o luto geral d'essa outra familia enorme, que se chama a Humanidade.

Antonio Augusto de Aguiar, cujo inesperado fallecimento acaba de surprehender pungitivamente toda a cidade e todo o reino, era um d'esses vultos verdadeiramente privilegiados no caracter como no talento, no amor pelo trabalho como na dedicação pelo progresso.

Trabalhador como bem raros, sincero, enthusiasta, perseverante, infatigavel, elle consumira uma vida toda de esforços e de labutações, enlevado n'esse ideal purissimo que era toda a sua doirada phantasia, de enobrecer a patria, dotando-a de quantos melhoramentos materiaes o seu espirito illustrado lhe suggeria e fecundando-a da provida semente da Industria, essa arvore colossal por cujos ramos generosos rebentam aos milhares as flores brilhantes do progresso da civilisação e da opulencia!

Como politico, como professor, como parlamentar, e, sobrepujando a tudo isso, como cidadão trabalhador, honesto e prestimoso, Antonio Augusto d'Aguiar deixa no nosso meio um logar insubstituivel, como o amigo deixa no nosso coração uma d'essas saudades enormes que o tempo não tem poder de aniquilar.

tra-officialmente, semi-mysteriosamente, um a um, á formiga, o que nos leva a crêr que o sr. ministro do reino, d'acordo com o governador civil barão de Viamonte, e Pim conselheiro e director, resolveu passar os ocios e as calmas no entretenimento mais simples e mais innocente d'este mundo, qual seja o de *fazer caixinhas*, na questão dos melhoramentos do hospital.

Se assim é, damos-lhe os nossos sinceros parabens, já porque a simplicidade do processo de melhoramentos lhe não deve trazer complicações de cabeça, já porque vamos effectivamente reconhecendo que as Caldas da Rainha foram feitas de proposito para o conselheiro Pim, como o conselheiro Pim foi feito de encommenda para as Caldas da Rainha.

Como o sabio sr. Pangloss, que em seu entender viveu sempre no melhor dos mundos possiveis, assim tambem o conselheiro Pim, director do hospital das Caldas, nos vae parecendo o melhor dos Pins possiveis, conselheiros e directores de hospitaes de caldas, como o hospital das Caldas se nos afigura o melhor dos hospitaes possiveis dirigidos por Pins conselheiros e directores de hospitaes de caldas.

O correspondente das Caldas para o *Correio da Manhã* mostra-se muito admirado de que a municipalidade d'aquella villa não lance impostos razoaveis afim de prover a indispensaveis melhoramentos.

A bocca do illustre correspondente, aberta de espanto, fechar-se-hia immediatamente se os seus olhos se abrissem para a situação das Caldas, que em vez de representarem uma villa representam simplesmente uma machina eleitoral, cuja engrenagem trabalha á vontade de dois ou tres machinistas—influentes.

Se lhe faltassem com o azeite da suppressão de impostos, era uma vez a machinasinha onde se fazem os deputados de molde, como de molde se fabricam em barro artefactos de uso domestico...

Concluindo, e para illucidarmos a illustre commissão encarregada de estudar os melhoramentos do hospital das Caldas, dir-lhe-hemos que ha ali dois vultos de primeira grandeza: um que ministra as aguas do hospital e outro que administra as vinhas do mesmo hospital. A saber:

O que dá a agua. — O que tira o vinho..

Pan-Tarantula

TYPOS DAS PRAIAS

Tres meninas para casar

Qual d'ellas irá primeiro?

O jocoso

Toma banho para divertir os outros.

O bello alferes

Não toma banho para não perder o prestigio do uniforme.

O forte

Passeia na praia para dar tempo a que o admirem.

O nadador

Vae assim para poder ter os movimentos livres. Diz elle que os cabellos são um signal de força.

O serio

Toma banho contra vontade. Tem medo da agua, mas vae porque mandou o medico.

NOVA ESPECIE DE ANIMAES DAMNINHOS

FELISBERTIUS COSTIUS, RAPINACIUS

BANCO COMMERCIAL

MOAGEM

COMPANHIA DAS LEZIRIAS

COMP.ª NACIONAL DE TABACOS

CAUTELA COM ESTES ANIMAES

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

BELLA SONECA!

Depois de fazer *chichi* e de apanhar a sua bolacha, para a soccga, ***bébé*** fechou os olhos e começou a fazer ***óósinho***..

Dormiu... dormiu... dormiu... até que acordou finalmente, quarenta annos depois, já um homemzarrão, armado até aos dentes, irado e até facundo, ameaçando a terra, o mar e o mundo!...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 15

POR AHI...

Toda a colonia forasteira de banhistas que se estende ao longo do Bom Successo, Pedroiços e Algés, accordou hoje, terça feira, ao cantar dos gallos circumvisinhos.

Nós dormiamos, cerca das cinco horas da manhã, dormiamos aquelle somno delicioso das madrugadas de setembro, já cantando por Thomaz Ribeiro—se estamos bem lembrados — dormiamos despenhado no vortice dos sonhos, como lhe chamou o immortal Castilho, e esse vortice matutino tinha todo o tom local, todo o cunho apropriado a quem se acha n'uma estação de banhos, visto como era precisamente com uma praia de banhos que nós estavamos sonhando.

Áparte umas insignificantes modificações, a praia do nosso sonho era exactamente como todas as praias d'este mundo.

As modificações consistiam apenas em que a areia era de oiro fino—como a do patrio Doiro de João de Lemos, já que estamos hoje em maré de citações poeticas—as vagas côr de rosa, e as banhistas todas raparigas encantadoras.

Já veem que, abstrahindo o caso verdadeiramente phantasioso e evidentemente sobrenatural das banhistas encantadoras, tudo mais não passa d'uma simples questão de côres, que aliás se avitaria se a caprichosa natureza tivesse tingido as rosas de verde, tingindo as vagas de côr de rosa; e se, assim como fez areia encaroada para uso dos cambistas, tambem tivesse feito areia côr dos brochos do **103** para uso dos banhistas.

Sonhavamos, pois, com um banho delicioso, dando mergulhos deliciosos, entre dezenas de raparigas deliciosas,—um verdadeiro mar de delicias...

E dormiamos deliciosamente, todo satisfeito e estatelado pela vastidão enorme do nosso colchão de palha de milho, com o corpo de bruços, na posição precisa de quem vae nadando de frente e se prepara para nadar de agulha, quando de repente... *pum!*

E d'ahi logo em seguida... *pum!*

E um instantinho depois... *pum! pum!*

E logo atraz... *pum! pum! pum!*

E o nosso olho, levemente agitado mal se dera o primeiro *pum*, acabou finalmente por abrir-se em toda a sua redondeza, á força de tantos e tão repetidos *puns!*

E a narina, seguindo o movimento do olho, abriu-se tambem, pelo que percebemos que andava no quarto um cheiro de polvora tão activo quanto inexplicavel.

N'um quarto de minuto sahiamos do quarto da cama, e d'ahi a um quarto d'hora estavamos á janella do quarto de vestir.

E a todas as janellas da visinhança assomavam cabeças desgrenhadas e semblantes interrogativos, como que perguntando ás auras que passavam a causa d'aquelles *puns* ou a proveniencia d'aquelle cheiro.

Da varanda fronteira a nossa, uma gentil noiva, que hontem mesmo se casára, conversava a meia voz com a visinha do segundo andar:

—Tão cedo e já de pé?! perguntava esta, n'um sorriso visivelmente intencional.

—Então que queres? respondia a noiva, tomando a *nuance* da purpurina rosa com que a aurora vinha no ceu pintando as côres; então que queres?... exactamente quando ia a pegar no somno é que entrou D. Carlos em.

Não podemos ouvir o resto, mas comprehendemos tudo: a gentil noiva despertára como nós, ao som dos *puns* da torre de Belem, saudando a entrada do principe D. Carlos no porto de Lisboa.

E a visinha da noiva, uma quarentona já rasoavelmente madura, que ha mais de dez annos sahiu da pista do casamento, respondia com uma inflexão de fazer chorar as pedras, á sua gentil interlocutora:

—Feliz de ti, cuja primeira noite de casada coincide logo com a entrada de D. Carlos... Eu sou tão infeliz que havia de casar cincoenta vezes sem que me acontecesse semelhante coisa...

F. T.

GENTE FINA

Na quinta feira, á hora em que o nosso ultimo numero sahia para o meio da rua, a tentar os tres vintens dos nossos estimaveis leitores e das nossas estimadissimas leitoras, sahia tambem, mas para o meio do oceano, a tentar fortuna nas terras de Santa Cruz, Guilherme da Silveira, nosso amigo e um dos mais distinctos artistas que trabalham na scena portugueza.

O nome de Guilherme da Silveira na secção *gente fina*, pareceria, aqui ha uns mezes e physicamente considerado, uma d'aquellas ironias que os gordos jámais perdoam... Presentemente, porém, é tão bem cabido como se nos estivessemos dirigindo ao nosso collega Augusto Ribeiro!

Guilherme da Silveira está magro,—magrissimo, para o que elle era—tão magro que lhe demos sem esforço o abraço da despedida, coisa que nunca tinhamos conseguido—á falta de braços que chegassem.

Quando elle voltar, muito desejaremos tornar a não poder abraçal-o—tão *inchado* elle se apresente com as victorias de artista conquistadas em scena e com as *victorias* de cavallinho arrecadadas na algibeira. Amen.

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Os theatros estão como as flores em vindo a primavera, ou como as ostras em se pondo no fogão:—não tarda que comecem todos a abrir.

O do *Chalet do Rato* esse não está como as ostras, está como a pescada—que antes de o ser já o era—visto que já está aberto antes da época official da abertura

N'esta paz podre de theatros, o *Chalet* dá-nos guerra todas as noites, mas guerra onde não ha cheiro de polvora que faça torcer de descontente o nariz dos espectadores, guerra, pelo contrario, saudavelmente aromatica, como póde ser uma *Guerra do alecrim e mangerona.*

Essa famosa comedia, que fez ha um par de seculos as delicias dos nossos avoengos, e que contribuiu para que o seu auctor fosse assado vivo; essa espirituosa comedia está fazendo agora as delicias dos nossos contemporaneos e contribuindo para que os seus *arregladores*, João de Mendonça e Julio Rocha, em vez de morrerem no fogo, se arrisquem pelo contrario a morrer afogados, visto que andam positivamente nadando em dinheiro!

A peça repete-se todas as noites, e cada vez com mais exito e mais espectadores, a ponto de que se vae tornando necessario metter dobradiças no theatro para accommodar os espectadores e dobradiças no cofre da empreza para accommodar o exito — trocado em miudos!

Bem diz uma velhota das nossas relações, quando se gaba de que, lavada e arrebicada, ainda vale mais de que muitas raparigas que por ahi se pavoneiam de geotis...

Assim tambem, a velha *Guerra do alecrim e mangerona*, está levando as lampas a muitas collegas juvenis, mercê da boa massa de que foi feita e mercê tambem dos alchimistas João de Mendonça e Julio Rocha, os dois Althotas theatraes que descobriram para as peças carunchosas o segredo do elixir da longa vida.

O HOSPITAL DAS CALDAS

O dr. Manuel Gomes, um medico distinctissimo, um talento provado, teve a generosidade de ir estudar, á sua custa, os hospitaes e thermas do estrangeiro, para vir ensinar, educar e trazer a bom caminho o eterno Pim.

Lamentamos esse esforço inutil, porque Pim conservar-se-ha em quanto viver — e talvez mesmo depois de feito em sisco — no logar de director do hospital, porque é e será sempre quem tudo póde, ordena e manda, como dono da locanda, lá porque artes não se sabe, o que é verdade e que o e. Todos se queixam, todos se lamentam, mas elle fica, apesar de tantas queixas e lamentações.

O sr. dr. Gomes trara importantes estudos, trabalhos conscienciosos como s. ex.ª os sabe fazer, explical-os-ha ao conselheiro Pim, por ordem do sr. conselheiro José Luciano. Pim ouvirá, dirá que sim, e em seguida o dr. Manuel Gomes verá que o clinico sabio continuará a ser o Sebastião da Copa, que as inhalações continuarão a ser dirigidas pelo impertinente fedelho que cá está, e os pobres banhistas continuarão a dar pulverisações na lingua e na ponta do nariz, e a dizerem que não tiram resultado das aguas, a agua do mar continuará a vir ás pipinhas, as rodas movidas por coxos; o club burrificador, os terrenos vinhateiros — bebida prohibida aos banhistas — tudo continuará na mesma, porque Pim é de pedra e cal, será o monumento eterno das Caldas — e o dr. estragará o seu latim, e ninguem substituirá Pim, para que se não perca um galopim, que faz deputados com o pó de *perlimpimpim.*

DE VEZ EM QUANDO

N'UM BAILE

D. Alice, muito despeitada e desdenhosa: — Custa a crer como o Armando, um rapaz tão elegante, se apaixonasse pela viscondeça! E' bonita, é espirituosa, mas sempre veste muito mal!...

Uma amiga: — Pois sim; mas, em compensação, faz o contrario muito bem...

A BORDO D'UM VAPOR

— V. ex.ª enjôa?

— Tenho epochas. Emquanto fui solteira nunca enjoei; logo em seguida ao casamento passei a andar enjoada desde pela manhã ate á noite; poucos annos depois já não enjoava; e agora começo a andar muito enjoada ... de meu marido...

OS TRES

São estes os que se revesam na *ga*
entram.

Yo soy el rata primero...

Yo soy el

RATAS

a do poder, saindo uns emquanto outros

do… *Yo el tercero…*

Fóra de Portas

Entre os banhistas de Pedroiços manifestou-se este anno uma febre de divertimentos com caracter accentuadamente epidemico.

Chega uma banhista de Lisboa, instala-se no hotel Tejo, e, ainda bem não tem accommodado as malas, apparece-lhe a uma porta a cara sympathica do Paulo Pataco, perguntando se já está compromettida com banheiro, ao mesmo tempo que lhe entra por outra porta um socio do *club*, indagando se já está compromettida para a primeira valsa!

E d'ahi a cinco minutos, a banhista, nos braços doidejantes do prazer—representado por um segundo official de secretaria—polka-mazurcando alegremente, faz gemer sob os seus sapatinhos de vitella (sem mendonçaecosta) as taboas do *Chalet Club*—n'aquella gemedura suave d'um ramo de madre-silva, vergando sob a pressão mimosa dos pés d'uma andorinha... ingleza.

❈

Reina ali, todas as noites, a maior animação.

Até chega a parecer um repto de principios politicos, aquella *reinação* do *Chalet Club*, a dois passos do *chalet* do Magalhães Lima!

Sobretudo no ultimo sabbado, a animação chegou ao ponto de espadana, tocando as raias do delirio, ao mesmo tempo que tocava a banda dos marinheiros militares!

A sala improvisada do *club*, que já é deficiente para conter os polkistas *afficcionados*, que vão ali dançar a polka nossa de cada dia—isto é, a polka d'elles de cada noite;—a sala do *club* estava na noite de sabbado a deitar por fóra, quer dizer, estaria a deitar por fóra se tivesse por onde, uma vez que as portas se conservavam constantemente obstruidas de pernas, sequiosas por darem de si nas valsas, muitas das quaes pernas tiveram, mau grado seu, de regressar ao domicilio com a vontade recolhida.

E se algumas, venturosas, conseguiram esquecer maguas a dançar polkas, foi devido a um engenhoso expediente, sem o qual se havia de optar ou pela dança, ou pela musica.

Como a banda dos marinheiros occupava não só o logar habitual do piano, como ainda o espaço destinado aos valsistas, está claro que estes não podiam valsar, a menos que não mandassem embora a musica, resolvendo valsar a secco...

Era uma segunda edição d'aquelle celebre e celebrado casamento em que se havia de cortar a cabeça á noiva ou os pés á mula...

No caso sujeito tinha de se cortar as pernas aos valsistas ou a cabeça aos trombones...

E trombones e valsistas meditavam profundamente sobre o caso, quando por felicidade lembrou o tal engenhoso expediente que veiu salvar a situação. Como o continente era só um e os conteúdos dois, resolveu-se que os valsistas valsassem dentro dos trombones, ao mesmo tempo que os trombones tocavam dentro dos valsistas!

F. T.

POLITICA EM BOLANDAS

O DUELLO—EPISTOLA

D'um duello—dos de morte—
Correu a negra noticia.
—E era grave por tal sorte
Que alto, rijo, feio e forte,
Fez bufar toda a policia!

Sarmento, o mais graduado,
Bufou com furia damninha!
Os mais, já tinham bufado...
—Um bufar desabalado!
—Um bufar em toda a linha!

A policia, atomatada,
Deu sem treguas á canella;
—Sem dar co'o fio á meada,
'stava quasi, desesperada,
Vae não vae, a dar com ella!..

O sangue—se se effectua
Tão sanguinario combate—
Seria tal n'essa rua
Que os carrapitos da lua
Ficavam côr de tomate!

Tudo morria afogado
No sangue d'essa peleja,
Restando, como salvado,
«Dez *lords*, fugindo a nado
Sobre barris de cerveja!»

Tremeu Macau e Sinfães,
Timor e a rua da Adiça!
E el-rei d'aquens e d'alens,
Dava a c'rôa e tres vintens
P'r umas boias de cortiça!

....

Mas a bomba nunca estalla.
Nos peitos não se abrem fistulas.
Nenhum morto vae p'ra a valla,
Não se troca uma só bala,
Trocam-se apenas epistolas!

....

Uma vez que houve um duello
Sem metter ferro nem fogo
E que fez gemer o prelo
Só com *cartas*—eu me mêlo,
Se o duello não foi *jogo*...

Ora então—sabeis que mais?—
Era melhor, com franqueza,
Jogar com cartas leaes,
E em vez de as pôr nos jornaes
Pôr antes—*cartas na mesa*...

Gil Tarantula

COITADOS!!!

—Coitado do Conselheiro Pimentel, que está amarrado aos banhos e pede a reforma e não lh'a dão.—Coitado!

—Coitado do sr. dr. José Phillipe que tem de submetter a sua clinica ao *dr. Sebastião da Copa* que tem diploma medico de Pim.—Coitado!

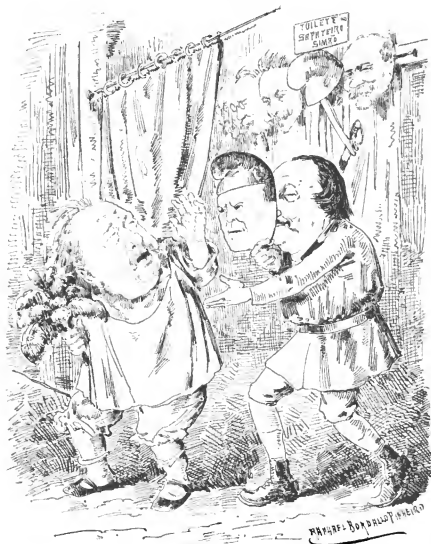
—Coitado do sr. Conselheiro José Luciano, que não tem força deante de Pim.—Coitado!

—Coitado do sr. Gomes Netto que tem de trazer Pim *debaixo d'olho* e *debaixo d'aba* para não perder a sua influencia das Caldas.—Coitado!

—Coitado do sr. Barão de Viamonte, primeira auctoridade do districto, deante da qual outro *poder mais alto se alevanta*:—Pim.—Coitado!

—Coitado do sr. Manoel Gomes que terá d'ensinar e explicar tudo o que estudou e que viu no estrangeiro, ao cabeçudo Pim, trabalho inutil, porque *burro velho, não aprende linguas.*—Coitado!

—Coitados dos banhistas e dos que aqui estão, que teem de *aparar* todas estas caridades...

O PAPÃO

A nova guarda roupa de que o sr. da capa-rota se vae servindo, para metter medo ao *Lulusinho*, afim de lhe apanhar o penacho ambicionado.

— Se o menino der o penacho, digo ao papão que se vá embora... Mas se o não da, vou eu proprio fazer causa commum com o papão...

FRANCISCO IZIDORO VIANNA

A direcção da Companhia Nacional de Tabacos inaugura hoje na sua sala o retrato de Francisco Izidoro Vianna, sendo por este motivo dia feriado para todos os operarios, que irão commissionados comprimentar o seu sympathico chefe.

Esse nome, conhecido entre o alto e o medio commercio, como no seio das mais humildes camadas operarias; esse nome, justamente glorificado á custa de tantos annos de trabalho fadigoso, honesto e perseverante, recebe assim hoje a consagração de estima e de veneração que lhe tributam os primeiros — de quem foi mestre — e os ultimos — a quem tem sido pae affectuoso e desvelado protector.

CADA UM PARA SEU LADO

Emquanto um se *misca* com o charuto para a Havaneza, vae o outro mascando na vingança espairecer maguas para a Galliza.

Subscripção para se erigir um mausoleu, onde repoizem os restos do eminente e malaventurado artista André Gill.

Transporte	**10$000**
Joaquim da Costa Carregal	**2$250**
Carlos Relvas	**9$000**
Somma	**21$250**

POR AHI...

Na sociedade, como na zoologia, as raças gigantescas tendem a um completo anniquilamento, ao passo que se vae manifestantando o successivo apparecimento das raças infinitamente pequenas, mas d'uma grande progressão numerica, contada na razão directa da sua inferioridade.

(Abrimos parenthesis, afim de prevenir o leitor de que isto não é o prefacio d'um livro do sabio *Pisca-pisca* ou d'outro qualquer sabio; é o prefacio da nossa chronica.)

Fallámos da decadencia zoologica; e, se ha por ahi algum leitor que vivesse ao tempo do diluvio universal, deve s. ex.ª estar muito bellamente lembrado de que, antes do citado diluvio lhe haver dado cabo da pelle com uma pançada de agua de chuva, andavam ainda por esse mundo de Christo uns trangalhadanças de animaes bravios, enormes, incommensuraveis, que pareciam uns predios ambulantes do sr. Monteiro Milhões, e dos quaes trangalhadanças não existe hoje como recordação palpavel mais de que um ou outro osso tresmalhado do esqueleto e que resolveu vir acabar os seus dias para dentro d'uma vitrine reservada no museu do Possidonio.

Animal verdadeiramente de encher o olho, restanos apenas para amostra o philosopho elephante, sendo comtudo evidentemente certa a tendencia para extincção d'esse avantajado pachiderme.

Em compensação, ao passo que os mastodontes e quejandos brutamontes são riscados do caderno dos vivos pela caprichosa Natureza, vemos nós a substituil-os um sem numero de bicharócos microscopicos, como o microbio das vinhas e o microbio do Ganges e tantas outras sortes de microbios, que têem a pachorra de vir la de cascos de rolhas, a pe, só no proposito malfazejo de pôrem o sal na moleirinha aos sabichões cá das Europas!

Pois nas classes sociaes, como nas classes zoologicas, a transformação segue o mesmo genero de piadas.

Aqui ha coisa de muitas dezenas de annos atraz, o jornalista era o que—com o devido respeito—se podia verdadeiramente chamar um animal raro.

Quando apparecia algum, a humanidade d'esse tempo agrupava-se em redor d'elle, admirando-lhe as feições e observando-lhe os movimentos, com a mesma curiosidade e a mesma bocca aberta com quo nós assistimos hoje ás graciosas cambalhotas do chimpanzé do Jardim Zoologico.

Nem lhe chamavam ainda *jornalista:* chamavam-lhe *lettrado*, que era muito mais fino.

E o *lettrado* era então, moralmente considerado, um vulto enorme, de proporções agigantadas, serio como a progenie, em primeira mão, do sr. Hintze Ribeiro, justiceiro como os antecessores anti-dilovianos do sr. Firmino João Lopes, e trajava o manto impoluto dos arminhos, e a sua palavra era um verbo, a as suas garatujas um ovangelho, e a sua dextra estava sempre prompta a desembainhar o gladio da justiça, com a sem-cerimonia com que o sr. genaral Tristão costuma desembainhar o chifarote da guarda municipal...

Mas, com o andar dos tempos, o *lettrado* foi-se metamorphoseando n'uma especie infinitamente *numerica*, o que para logo lhe trouxe a contingencia da transformação infinitamente mais *pequena*, ao ponto de que, já nos principios d'este seculo, Bocage se lhe dirigia em tom cruamente epigramatico:

> «*Não furtarás*, é preceito
> Tambem dos livros sagrados:
> Este pertence aos juizes,
> Aos escrivães e *lettrados*...»

De entao para cá, a especie *lettrado*—agora denominada *jornalista*—tem-se desenvolvido assombrosamente em *quantidade*, e d'ahi o natural definhamento la *qualidade*—exactamente como na evolução zoologica a que de principio nos referimos...

Ainda não ha muitos dias que a policia do Porto, procedendo a uma rusga pelas casas de batota, apanhou sessenta e oito vadios e oito *jornalistas!*

Quasi 12 %, já é uma bonita percentagem!

E advirta-se ainda que a rusga foi feita de noite, hora a que geralmente o *jornalista* não pode frequentar batotas, pela razão de se achar captivo nos seus trabalhos de redacção.

Fazendo a rusga de dia, e de presumir que se arranjasse uma *cotação ao par*...

Isto posto, e considerando ainda no avultado numero de exploradores que para ahi vivem da ingenuidade alheia, não nos parece incidente para oh! oh! exclamativos o caso esporadico do redactor d'uma folha que ha dias foi pilhado com a bocca na botija, do que os nossos diccionarios chamam *ladroeira* — agora ele-

SERINGA MA

ANTES DA MEZINHA

O *medo* começava a produzir no enfermo um
tia sahir de casa para a projectada passeiata...

Foi n'esta situação que o sabio dr. *Clyster* inven
de dois canaes, cada um com o seu embulo, dispostos
versa. Esta seringa, applicada convenientemente ao sit
acclamações, vivas, galhardetes, foguetorio, etc., ao
do ar, todos os medos, sustos, apprehensões, duvidas

E' uma especie da moderna descoberta para a

Dos resultados obtidos póde o leitor certificar-

ꞦAVILHOSA

DEPOIS DA MEZINHA

...tamento local de tal ordem, que lhe não permi-

...uma **seringa maravilhosa**, composta interiormente
... fórma que, quando um desce sobe o outro e vice-
...nfermo, tem a propriedade de injectar luminarias,
... tempo que extrahe cá para fóra, pela rarefacção
...ços que se contenham no interior!
...a tisica, por meio de injecções no recto.
... face das estampas...

gantemente rebuçada sob a denominação pittoresca de *chantage*...

Deplorando sinceramente esse acontecimento, que foi molestar o nome de alguns homens incontestavelmente serios, não podemos deixar de considerar—na generalidade—que taes casos teem de provir da facilidade com que no jornalismo se acceita muitas vezes por *collega* o primeiro aventureiro que apparece, apenas recommendado pelo desinteresse com que escreve meia duzia de locaes ou traduz um artigo do francez, não exigindo em troca mais de que uma entradinha no theatro e a faculdade de pôr nos seus cartões de visita e propalar pelas lojas de barbeiro que é *redactor* do jornal de tal.

Bem sabemos que aos homens de bem fica sempre o recurso de expulsar um pulha de ao pé de si, mas melhor nos parece escrupulisar antes em o admittir a seu lado, com o que sempre lucram alguma coisa, poupando-se a massada de ter que o expulsar mais tarde.

EPIGRAMMA

Tendo-lhe *lettras* mostrado,
De raivoso, um burro, ao vêl-as,
Pondo as mãos sobre o sobrado
Poz-se aos coices nas estrellas.

MODAS

Nos grupos da fina roda
Nos *high-lifes* sup'riores,
Este inverno vae ser moda
O chapeu de varias flores.

Menina que espera noivo,
Que aos seus desejos resiste,
Usará chapeu de *goivo*,
—Qu'rendo dizer que anda triste.

Nuva e gentil viscondessa,
Que inda não tem namorado,
Usará sobre a cabeça
Botão de rosa — fechado...

Quarentona que ao derriço
Ha que tempo afeita está,
Usará sobre o toitiço
Uma *rosa*—aberta já...

Cócóte sem cerimonia,
Que no curso mostrar geito,
Usará na cachimonia
Um chapeu de *amor-perfeito*.

Brazileira—a mais chinfrim
Das brazileiras catervas—
Trará chapeu de *alecrim*
—O chamado rei das ervas.
....

Quem me dera rima em *arlos*,
P'ra botar alegre trova
Na platéa de S. Carlos,
Em viogando a moda nova.

Pois, embora inda elevada
Seja a moda do *casquete*,
Póde a gente não vêr nada
—Mas apanha o seu cheirete...

CASOS, TYPOS E COSTUMES

VARIAS QUEDAS

Podo o pé, Simão de Brito,
N'uma casca de melão,
Abre os braços, solta um grito,
Dá co'as costellas no chão.

Foi tão valente a pancada
Que o metteram no hospital,
E só alta madrugada
Voltou ao lar conjugal.

D'outra vez, indo ao regalo,
Montado, por essas ruas,
Deu tal queda do cavallo
Que partiu a tóla em duas.

Nas mais crucis agonias
A mulher andou em brasa,
Pois, a curar-se, tres dias,
'steve elle, sem vir a casa!

D'outra feita, indo ás perdizes,
Vae p'ra saltar uns vallados,
Mas cae, quebrando os narizes
Em mais de trinta bocados.

Da morte esteve nas ganas,
Mas salvou emfim a vida,
—Passando cinco semanas
Sem ir ter co'a esposa querida.

Inda d'outra occasião,
Visitando umas cavernas,
Deu tamanho trambolhão
Que quebrou ambas as pernas!

Co'a morte, por varias vezes
Sustentou novos combates;
—E passou cinco ou seis mezes
Sem pôr pé nos seus penates.

D'outra vez, caso mais serio
Succedeu ao pobre moço:
Não cahiu n'um cemiterio
Mas cahiu dentro d'um poço!

Sobrevindo aquelle damno
Uma angina e mais um typho,
Lá passou p'ra mais d'um anno
Sem voltar ao seu cacifo!

D'outra vez em procural-o,
Debalde a mulher se abrasa,
Que o Simão—isso agarral-o!—
Nunca mais voltára a casa...

A mulher chora o marido,
Sem que o pranto se lhes esgote...
....
D'esta vez tinha cahido...
Nos braços d'uma *cócotte*...

RONCA-L'A GAITA!

VIGO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Estando o molleiro
Sentado ao borralho
Veio o Burnay
Comeu o Carvalho!

O MONUMENTO A D. AFFONSO HENRIQUES POR SOARES DOS REIS

Rendendo culto á arte, em uma das suas mais completas e formosas manifestações, publicamos hoje o desenho da estatua para o monumento erigido a D. Affonso Henriques na cidade de Guimarães, obra primorosa do correctissimo e talentoso artista Soares dos Reis, um dos nossos vultos mais eminentes no campo da arte, e cujo talento está já affirmado por muitos outros trabalhos de inestimavel valor.

POR AHI...

Acabamos de ler na secção do *high-life* d'uma folha diaria: «Partiu no comboio da noite de domingo, para a sua quinta da Cortegana, o sr. Roque Simplicio d'Assumpção Bisarro, esclarecido proprietario d'aquella localidade.»

O leitor desprevenido não ligará talvez uma importancia muito volumosa á noticia da partida do sr. Roque Simplicio, proprietario illuminado a *giorno* no concelho de Alemquer—que tanto monta ser proprieterio *esclarecido* na freguezia da Cortegana.

Nós, porém, no penoso desempenho de observador de officio, descobrimos n'essa partida d'esse sr. Roque Simplicio alguma coisa mais profundamente grave de que a partida simples d'um Roque Simplicio para os penates simplorios da sua quinta da Cortegana!

E o leitor descobrirá a mesma coisa, se se der o trabalho de attentar comnosco na coincidencia atrozmente significativa do sr. Roque deixar, crú, a cidade de Lisboa, no domingo á noite, depois d'el-rei a haver deixado, descaroavel, no mesmo dia pela manhã...

Isto quer dizer, nem mais nem menos, que, a contar do principio da semana, ficámos sem *rei*... nem *Roque*!...

Já o estavamos de facto, ha muito tempo, mas custa vêr que o estejamos agora de direito, com esta confirmação official...

❀

A visita de suas magestades pelo norte do paiz vae produzir o assombro, não do norte pelas pessoas da real familia, mas sim d'esta pelas pessoas das familias do norte.

De facto e segundo acabamos de vêr pelos telegrammas recebidos, que demonio apresentavam suas magestades, ao desembarcarem da estação de Campanhã, que podesse provocar a admiração dos seus subditos portuenses?

Coisissima nenhunissima!

El-rei vestia o seu uniforme de generalissimo, que está já tão visto em todas as localidades do reino como o costume de zuavo ou pastorinha em todos os bailes da Trindade.

A princeza D. Amelia guardava-se n'um fato azul claro, a côr mais vulgar de todo o mundo — sempre que os observatorios meteorologicos não transmitem a nota de *ceu nublado*.

O infante D. Affonso e o principe D. Carlos enfarpellavam-se respectivamente nas suas fardas de tenente de artilheria e de dito-coronel de lanceiros — sorte de vestuario tão vulgarisado que até nem ha casa de prego que não tenha o seu exemplar de sobrecellente, á especulação dos amadores de fatiota em segunda mão.

Finalmente, a sr.ª D. Maria Pia — que prima entre nós como o requinte da elegancia na sua mais acrisolada manifestação—a sr.ª D. Maria Pia apresentou-se no Porto trajando um vestido côr de *grão*!

Ora digam-nos se existirá coisa mais vulgar em todo o continente, de que esta d'um vestido côr de grão de bico?!

Não ha soldado que a não conheça — com arroz; — mulher do povo a quem não seja familiar — com bacalhau; —*restaurant* modesto que a não apresente sempre á sopa—com espinafres!

No Porto, ate as *tripas* do Reimão—salvo seja — conhecem como os seus dedos a tal côr do grão de bico.

E, além d'isso, depois do sr. ministro da marinha se apresentar de *grá*, em cruz de brilhantes, não assombra que a rainha se apresente de *grão*, n'uma simples *toilette* de viagem...

❀

Pelo caminho que vemos irem tomando as coisas, não tardará muito que a facção republicana do paiz comece a blasonar dos seus pergaminhos de sangue azul, ao passo que o sr. D. Luiz salte para o meio da rua a berrar pela causa da democracia, botando discursos, vermelhos como ginjas garrafaes, nos comicios populares do Chalet do Rato ou do quintal do Matto Grosso!

Antigamente, quando os reis se permittiam o regabofe de sahir do seu real casulo, arejando as suas regias carnes n'uma passeiata mais ou menos longa, recostados nos veludos opulentos dos seus coches sumptuosos; arrastados por duzias de parelhas de fogosas bestas, ricamente ajaezadas e ostentando, nas cabeçadas de coiro polido, fivellas primorosas de esmalte azul em prata — que muitas donzellas ambicionariam para o seu annel nupcial; precedidos de mavoreia cavalgada que levantava nuvens de poeira na longura das estradas e provocava *cócórócós* de susto nas galinhas espavoridas; ladeados d'um enxame de lacaios, garridamente enfarpellados e com as suas cabelleiras empoadas do que ao tempo se produsia de mais fino em todas as fabricas de pós de gomma; quando os reis atravessavam assim por entre as alas do seu povo escravo; esse povo, em quem a sumptuosidade de tão deslumbrante cortejo produzia o effeito d'um quarteirão de marmellos cosidos por cabeça, embatucava de assombrado e boquiaberto, restando-lhe apenas força para tirar o barrete reverente, e em que lhe ficassem ao menos recursos interiores para a mais pequena manifestação vocal atravez da sua bocca incommensuravelmente escancarada!

Era o rei, que assombrava o povo!...

❀

Hoje o rei vae fóra de portas exibir apenas a trivialidade d'uns *coupés* vulgares, d'uns *landaus* modestos e de meia duzia de *cavallicóques* — quiçá esparvonados pelos tombos da jornada.

Na sua passagem, comesinha, dentro de um vagon-salão—como qualquer simples director da companhia de Santa Apolonia—nada ha que possa causar espanto, nem levantar nuvens de poeira na longura das estradas, nem provocar *cócórócós* de galinhas espavoridas, nem escancarar boccas enormes de fazendeiros assarapantados!

Pelo contrario, são os subditos do monarcha que veem á beira dos caminhos, vestindo as suas fardas ricas, ou as suas casacas irreprehensiveis, ou as suas *toilettes* de Paris, proferir ao monarcha os seus discursos eloquentes, deitar os seus foguetes de trez respostas, accender as suas luminarias multicores, desfraldar as suas bandeiras flamantes, desdobrar as suas colchas

espaventosas, soltar as seus vivas enthusiasticos e tocar as suas philarmonicas uniformisadas!

E o monarcha surprehendido, assombrado, atomatado, por vêr que o seu povo tem tão ricas fardas, tão irreprehensiveis casacas, tão elegantes *toilettes*, tão fluentes discursos, tão estrondosos foguetes, tão brilhantes luminarias, tão bonitas bandeiras, tão valiosas colchas, tão alegres vivas e tão espaventosas philarmonicas, fica-se mudo e embatucado ante o prazer enorme e a sumptuosidade farta que reina de cabo a rabo por todos os requincofes do paiz, em que cada cidadão representa um Cresus, excepto elle, desventurado monarcha, que, comparativamente com os demais, se ficará tendo na conta de um pelintra, ao nivel d'aquelle pobre e infeliz Belisario a que se refere o *nosso amigo Banana*..

E' o povo que assombra o rei.

Fóra de Portas

Em Pedroiços continua a manter-se uma animação e um fedor acima de todo o elogio.

Na sala do club redopiam sem descanço as valsistas elegantes, agitando no espaço as suas caudas de zephir; nas praias, ao ar livre, prepassa constantemente a brisa ciciante, agitando tambem no espaço os miasmas pestilentos de quantos depositos fecaes encontrou pelo caminho...

Alguns narizes, mais pechosos n'estas coisas de cheiretes, ainda fizeram, de principio, um *nós abaixo assignados* solicitando ao subdelegado de saude algumas providencias sanitarias e ao tendeiro da localidade alguma alfazema com assucar.

Mas aquelle subdelegado fez ouvidos... queremos dizer, fez nariz de mercador ás sollicitações dos narizes seus contemporaneos, e a alfazema com assucar, reconhecendo a impotencia dos seus esforços, acabou por pedir lealmente a demissão do serviço publico, preferindo-lhe o seu caeifo reservado, na doce paz da mercearia, onde se entretem a contar os dias pelos dedos, até á consumação dos seculos!

❁

E não se va suppor com isto que o funccionario official encarregado de vigiar pela salubridade de Pedroiços seja para ahi um desmazelado no cumprimento dos seus deveres, porque isso não é tal.

Segundo nos informa pessoa bem instruida, tanto a sciencia como o nariz do referido funccionario não põem pé em ramo verde durante os mezes de inverno, vigiando a limpeza das pias, escrupulisando na qualidade dos syphões, provendo ao aceio das valas, cuidando do esgoto das sargetas, não descançando, emfim, não dando rêgo, em summa, n'esse trabalheira enorme de trazer a localidade n'um brinco — grangeando commulativamente as boas graças dos moradores do sitio que têem garantida a regalia do voto no caderno do recenseamento eleitoral...

Chegam, porém, os tres mezes de banhos e com elles a occasião do funccionario descançar o corpo, a sciencia e o nariz. O calor aperta, facilitando o desenvolvimento dos miasmas; os banhistas chegam, augmentando o numero de *causas* d'onde derivam os *effeitos* deleterios; a estiagem manifesta-se, difficultando o curso das materias putridas; e os banheiros ajudam, vedando com areia as saídas dos esgotos—porque o essencial para a saude publica é que os banhistas não vejam o que a agua leva, embora os microbios andem pelo ar como bandos de gafanhatos e em volume superior á estructura dos hyppopotamos!...

Entretanto, o funccionario cuja sciencia e cujo nariz não dão rêgo durante nove mezes do anno, considerando assisadamente que uma pessôa não é de ferro, quanto mais a sciencia e o nariz de cada um, mette a sciencia na gaveta das camisas, manda o nariz em viagem de recreio com bilhete de ida e volta, e passeia descuidadamente as ruas do logar, tomando nota na sua carteira do numero de canos e valetas onde a immundicie forma cogulos em bico, como os sorvetes do Ferrari, e botando calculos arithmeticos sobre a quantidade de typhos e de febres de mau caracter que aquillo póde vir a dar pela visinhança...

Pedroiços, n'estas circumstancias, não só representa uma estação balnear de primeira ordem, como até poderia substituir vantajosamente os montados do Alemtejo, na engorda da raça suina.

Se ambos estivessem de accordo—os porcos e os banhistas—podiam estes, de preferencia, ir para os montados do Alemtejo tomar banhos de bolota, vindo aquelles para Pedroiços foçar e refastelar-se n'uma coisa que aqui se não dia mas que ali se cheira demasiadamente..

DE VEZ EM QUANDO

Chegam magotes de gente,
Em cujo rosto se espalma
Que tem tudo a bolsa quente
E a alegria dentro d'alma!

Vendo festas de tal sorte,
Aconselha o rei Luiz
P'ra a sua regia consorte:
—Menina, tapa o nariz..

Responde-lhe o doce archanjo,
N'um sorriso angelical:
—P'ra que tapal-o, meu anjo,
Se nada me cheira mal?

—A mim tambem não me cheira
Mas, só de vêr, certifico.
Que o paiz, d'esta maneira
Deve estar podre... de rico!

INAUGURAÇÃO DA E[illegible] APPLICADO [illegible]

Aspecto da lindissima praia de Peniche, tão bonita como Trouville, mas desconhecida pela difficil travessia que é necessario fazer para chegar a esta formosissima e sympathica villa

[illegible] onde trabalhavam as *rendeiras*, sendo d'este logar que a escola vae arrancal-as

A inauguração foi a festa mais sympathica e commovente a que temos as[illegible] eas era verdadeiramente notavel. Muito commovente o momento em que o sr. [illegible]

E' um dos factos mais notaveis e mais importantes para a industria portug[illegible] os que mais honram os ministros, porque auxiliam os humildes que trabalham [illegible] gloriosa da vida politica do sr. Emygdio Navarro, que ficará eterna e que ningue[illegible] o engrandecimento do seu paiz.—Um viva a Emygdio Navarro!

So falta estabelecer aqui uma officina, recolhendo todas as rendeiras [illegible]

A VIAGEM REAL

Na impossibilidade de observarmos os episodios da real viajata, referindo ao nosso leitor todos os detalhes minuciosos, presenceados a olho nú, não deixaremos, comtudo, de relatar-lhe quanto virmos cá de longe, por um oculo, o que, suppômos, será bastante para levar a saciedade á sua objectiva curiosa. (A objectiva do leitor, que não a do oculo...)

Furtando-se á leitura fatigante de innumeros telegrammas sobre o genero e poupando ao mesmo tempo muitas moedas de dez réis, que dispenderia na compra dos jornaes diarios, o leitor encontrará aqui a resenha clarificada de todos os episodios interessantes de toda essa viagem, referidos por todos os chronistas de todas as folhas noticiosas!

Sigamos pelos telegrammas d'esses chronistas, a viagem de Lisboa ao Porto:

«Na Povoa—dia o *reporter* do *Correio da Manhã*—muitos vivas á familia real e foguetes.»

Pelo que se vê, até os foguetes apanharam vivas... O dr. *Foguete Junior* deve estar tão inchado que ameace rebentar, deitando cá para fora toda a sciencia que levou dez annos a *beber* nos bancos da universidade...

«Em Pombal, havia tropheus com monogrammas formados pelas iniciaes L. M.»

Acabamos de consultar, sobre a significação d'aquelle monogramma, a criada do meio do nosso amigo Mendonça e Costa, a qual nos deu a seguinte explicação, posta em verso, para ficar ao alcance de todas as intelligencias:

— Esse **L M** entrelaçado,
Quer saudar o rei Zilu,
Que é **leme** da *nau do estado*,
Onde eu navego e mais tu...

(Por um sentimento de pudor, que a leitora facilmente comprenderá, declaramos em publico e raso que, a criada do meio do nosso amigo Mendonça e Costa, só quando falla em verso se permitte a liberdade de nos tratar por *tu*...)

«Ainda em Pombal—accrescenta o *reporter* do *Diario Popular*—as mulheres levantavam os filhos nos braços a mostrar a rainha»

Que as mulheres levantassem os filhos nos braços, vá; mas que o fizessem ao ponto de mostrar *a rainha* é que não sabemos para que—como igualmente não sabiamos que tambem se chamava assim...

«Em Taveiro entrou o governador civil de Coimbra acompanhado do secretario geral Morteira.»

Sabemos particularmente que n'aquella localidade se prohibiram os *morteiros*, não fosse o diabo negro que lhes desse para fazerem causa commum com o secretario *Morteira* e d'esse facto resultasse alguma ninhada de *morteirinhos*...

«Em Coimbra compareceram todas as auctoridades administrativas, judiciaes e de fazenda.»

Estas auctoridades *de fazenda* — para lhes não darmos uma interpretação demasiado erotica — devem ser naturalmente o algibebe, o mercador e o homem do briche fino...

Informa outro correspondente que, na mesma estação de Coimbra, «algumas mulheres ajoelharam.»

Dando-se apenas em Coimbra este duplo phenomeno de apparecerem *auctoridades de fazenda* e mulheres que ajoelharam, inclinamo-nos a acreditar que as mulheres ajoelharam impressionadas pela fazenda das auctoridades—isto é, pelas *auctoridades de fazenda*.

Não sendo assim, admittida a hypothese de que as mulheres de Coimbra ajoelhassem ante as magestades, —quando anteriormente as mulheres de Pombal haviam levantado os braços a ponto de mostrarem *a rainha*—fôra para receiar que, n'esta escala descendente de posições, ali pelas alturas de Mogofores as mulheres do sitio fizessem os seus cumprimentos curvando-se de cocoras..

«Ainda em Coimbra—communica outro *reporter*—o principe da Beira, a uma janella da carruagem, ria e batia palminhas.»

Estamos a vêr o Valdez do theatro de S. Carlos, esbugalhando o olho de guloso para aquella precocidade de *claqueur*, murmurar com os seus botões:

— Póde ganhar tres *carinhas*
Que eu cá ponho ao seu dispor.
Se quizer bater palminhas
Na estreia d'algum tenor...

«Em Aveiro veiu á *gare* o governador civil, acompanhado do seu secretario, dr. Maca.»

Ora aqui está um governador civil que, na phrase pittoresca de Sebastião Baracho, *foi de maca!*

«Na mesma estação houve grande enthusiasmo pelo principe da Beira, que do collo da ama estendia os bracinhos para as senhoras.»

Vê-se que a precocidade do principesinho não é só para as palminhas; é para todas as coisas d'este mundo... E, senão, observem como elle foi deitando os bracinhos de fóra para as senhoras aveirenses...

Chegamos a suspeitar de que aquillo fosse influencia do mexilhão de Aveiro...

Ainda na estação de Aveiro—relata outro correspondente—«o dr. Ravara foi alvo de grandes manifestações de sympathia.»

Era necessario que as senhoras de Aveiro fossem muito ingratas, para não manifestarem o seu reconhecimento ao dr. Prognostico, que lhes havia annunciado, com dois seculos de antecedencia, o nascimento do principesinho que estende os braços.

—Tardou, mas arrecadou, diziam ellas, commovidas até á lagrima.

Finalmente, communicam do Porto:

«O programma dos festejos foi todo alterado. As illuminações são esplendidas.»

O que quer dizer dizer que, se o programma não tem sido alterado, as illuminações seriam de candeias —o que, muito naturalmente, poria logo suas magestades de candeias ás avessas.

Fez muito bem a commissão dos festejos em augmentar o volume da torcida ás suas lamparinas.

Que essa torcida seja a primeira esmola que a commissão encontre á porta do ceu Amen.

400:000$000 réis

são distribuidos em premios na grande loteria de Madrid em 7 de outubro. O cambista Antonio Ignacio da Fonseca adiante faz convite e declaração de grande palpite! E' aproveitarem.

FESTA SYMPATICA

Assistindo á abertura da escola industrial de Peniche — que tem por fim o ensino do desenho applicado ás rendas — um dos factos mais importantes realisados em favor da industria portugueza, tivemos occasião de avaliar não só a bondade do povo de Peniche como a intelligencia e a extraordinaria habilidade das rendeiras, que produzem maravilhas, sem nenhuns recursos, do que se induz que, futuramente, com ensino e uma boa direcção, farão decerto trabalhos primorosos e sem competencia em paiz algum.

Basta para isso conservar-lhe e accrescentar-lhe todos os typos perfeitamente portuguezes, que, pela fórma em que aquillo estava, se iriam perdendo.

Deve-se este notavel emprehendimento ao sr. Emygdio Navarro, que decerto mais tarde accrescentará com uma officina o que hoje é simplesmente uma escola.

Alegrou-nos sinceramente o verdadeiro enthusiasmo com que todos acudiram á escola, e como o bondoso povo de Peniche acolheu a escola e honrou a professora. Parece-nos comtudo conveniente ampliar aquella escola em duas — uma para homens, com o programma das escolas industriaes, e outra meramente consagrada ás creanças e ás mulheres para a manufactura das rendas.

Isto, com a adjuncção da officina, daria um resultado completo.

Mas, para lá chegar? — Só a energia dedicada do sr. Emygdio Navarro poderá realisar tão inadiavel melhoramento. Aquillo é um areal medonho, uma perfeita vista do deserto, a que só falta o camello. A ter de se conservar assim, aconselhamos o governo a que aproveite aquillo para o mostrar aos estrangeiros, mandando para lá o conselheiro Pim, que seria: — real camello para inglez vêr e tudo

Ahi tem o sr. José Luciano uma applicação boa para o homem.

Parece impossivel que, a poucas leguas de Lisboa, exista uma povoação tão importante sem estradas! Abre bem os teus olhos! oh! Machado! Abre-os bem! Olha que se isto continua assim, vem por ahi o Gomes Netto, estende a sobrecasaca no areal e no lameiro da Lourinhã, e nós passearemos sobre esse tapete de panno piloto, satisfeitos e a pé enxuto....

Por agora tomam-se semi-cupios dentro dos *coupes*

Era por aqui que sua magestade devia dar os seus passeios, como nós demos, para saber como os deputados cuidam dos seus circulos. A pedra lá está em montinhos ao lado do que deve ser estrada, mas estrada isso agarral-a!

— Venham estradas e estradas, e Peniche occupará na sociedade o elevado logar a que lhe dão direito as suas condições lisongeiramente excepcionaes

PRAIAS

Dizem que a mãe, nos seus tempos, ainda era mais magra e mais esvelta, de que as filhas hoje em dia!
Oh! temporas!

O CONQUISTADOR

Como elle as arranja.

Como elle as perde

Ao entrar para o banho

Ao sahir do banho

Á MEMORIA DE ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR

Um Typo

É vulgar: — de typos infimos
Nunca o mundo andará falto...
Ficta os pobres de olhar alto,
Mira os nobres de olhar baixo
Adulando os vultos celebres,
Os benesses lhes conquista,
Co'a mansidão d'um sacrista.
Co'a servidão d'um capacho.

Emquanto vivos, caricias
Sobre elles, farto, derrama;
— Quem não trouxer guarda-lama
Fica fresco em tal enxurro... —
Mas se a morte acode subita
E um cadaver mais arpôa,
... 'stá sujeita uma pessoa
A levar coices d'um burro!...

POR AHI...

Nas chronicas do *high-life* já se não conjuga o verbo *partir*, conjoga-se o verbo *chegar*.

Ha cerca de tres mezes que essas chronicas não faziam senão dizernos quotidianamente:

—Partiu hontem o sr Fulano.

—Parte hoje o sr. Cicrano.

—Deve partir amanhã o sr. Beltrano.

Agora o verbo *partir* foi substituido pelo collega *chegar*, e as chronicas começam a referir:

—Chegou das Taypas, o sr. commendador Ricardo.

—Chega de Cascaes o sr. dr. Reynaldo.

—Deve chegar de Espioho o sr. desembargador Raymundo.

Começa o descanço para os PP grandes do verbo *partir* e principia o trabalho para os CC maiusculos do verbo *chegar*.

Nas praias vae-se notando já uma frieza de força dobrada: a frieza nos corpos, causada pela aproximação do inverno, e a frieza nos divertimentos, produzida pelo afastamento dos forasteiros.

Em compensação, Lisboa começa a animar-se gradualmente, e a Avenida, satisfeitissima, enfeita-se das suas galas mais floridas, para não desmerecer das sympathias das elegantes que regressam, encantadas dos vastos horisontes d'essas praias, saudosas da vegetação palpitante d'esses campos.

Ao longo d'essas ruas param já, de quando em quando, os caleches que transportam as familias em regresso—e ainda enroupadas nos trajos primaveraes, que estão pedindo a breve interferencia da modista —e estacionam, descarregando, as carroças que conduzem os tarecos, associados ao prazer da villegiatura.

E' o jubileu das modistas e das carroças de fanico.

Lisboa sobresaltou-se ha dias com a noticia d'uma rusga a uma casa de batota.

O sobresalto foi tanto mais justificado, quanto é certo que esse genero de incidente, produzindo-se apenas uma vez em cada geração, toma o aspecto de um phenomeno *policiologico*, que naturalmente impressiona quantos o presenceiam pela primeira vez na sua vida, como succede com os grandes terramotos, os quaes, segundo a sciencia popular, só de seculo em seculo vêem assolar as povoações.

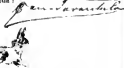
Acabamos de lêr n'um jornal que quatro guardas do corpo de policia receberam gratificações monetarias por haverem tomado parte n'aquella rusga, concedendo-se dois dias de licença a cada um de dois outros guardas que accudiram aos toques de apito feitos por occasião do conflicto.

Esta, dos dois dias de licença pelo facto de terem accudido aos apitos, deve ser um raio de lua para a illustre corporação dos srs. gatunos e artes correlativas!

Um bello dia, ss. ex.as os gatunos espalham-se pela cidade, cada um com o seu apito e em numero egual ao dos guardas de que se compõe o corpo da policia, e a uma hora certa começam todos a apitar, até que junto a cada um d'elles appareça o seu respectivo guarda.

Em seguida pedirão desculpa do incommodo, uns declarando ter apitado por verem passar o sr. ministro da fazenda quando estavam lendo umas antigas locaes publicadas pelo sr. Oliveira do Correio, outros allegando que apitaram por se acharem a fazer tirocinio para cocheiros dos americanos; o commissario não terá remedio senão mandal-os embora e, como todos os guardas *accudiram aos apitos*, todo o corpo de policia terá licença de dois dias para nos deixar a casa sem criada e todo o corpo de gatunos terá homenagem de igual praso para nos deixar a algibeira sem relogio...

Se os gatunos não aproveitarem tão bom ensejo, é que já não ha rapazes d'uma canna nem portuguezes na Patriarchal Queimada!

Bem-Taranhão

OS EXERCICIOS DE CAVALLARIA

Anda no ar como que uma especie de fluido guerreiro, que se respira conjuntamente com a poeira fina das calçadas.

Se não fosse o receio de abusarmos do direito de petição, solicitariamos da camara municipal que mandasse regar o citado fluido, já que não faz outro tanto com a poeira do mac-adam.

No seio das familias não póde haver descanço com este movimento militar que para ahi vae!

Dê vez em quando—*catrapuz, catrapuz, catrapuz!*

E lá vae tudo de roldão á janella da sacada, vêr uma ordenança que passa a galope, ferindo fogo nas pederneiras e no coração das criadas de servir.

D'ahi a nada: *tic-tic-tic-tic...*

E lá vem tudo outra vez de cambolhada para a varanda, admirar o garbo do coronel, que passa escanchado n'um cavallo do Poço de Borratem, e dando pancadas no coiro do selim, com a regularidade mechanica d'um vigoroso bate-estacas...

E tantas vezes a criada sae da cosinha, que acaba sempre por entrar o *bispo* no refogado!

Lemos algures que um dos exercicios da cavallaria não correspondeu absolutamente nada á espectativa do publico em geral nem ás justas aspirações do exercito em particular.

Estamos porém habilitados para desmentir formalmente essa noticia insidiosa.

Assegura-nos testemunha presencial—o honesto caseiro d'uma vivenda proxima do local onde se effectuou o exercicio—que as manobras de cavallaria foram, como vulgarmente se diz, um servicinho de alto lá com elle!

—Os cavallos—descreve-nos o referido caseiro;—os cavallos avançavam uns para os outros, a quatro e quatro, dois de cada lado, depois recuavam, depois tornavam a avançar, depois ladeavam para a esquerda e para a direita, com uma regularidade de compasso e uma elegancia de movimentos como se fossem pessoas

vivas! Eu já tinha visto fazer aquillo, mas não me alembrava aonde... Depois é que me recordei: foi em casa da patrôa, quando uns estudios da cidade lá estiveram uma noite a bailar a dança dos *linceiros*...»

Vemos com alegria que não caiu em cesto rôto a frequencia da briosa officialidade nos saleifrés familiares.

Um phenomeno muito curioso observado nos exercicios miltares, foi que, um d'esses exercicios, para onde as tropas tinham ido em jejum, correu tumultuariamente, não havendo desgraça que não acontecesse; ao passo que um outro, realisado depois do feijão branco da manhã, se concluiu na melhor ordem, provocando o applauso de quantos o presenceiaram!

A explicação é simples: os soldados, vendo em jejum a marreca do seu illustre general em chefe, ficam enguiçados de tal maneira, que ja não são capazes de dar rego em todo o dia.

Como ha só duas cousas que pódem desfazer o enguiço da marreca—um cavallo branco ou um soldado da municipal—lembramos ao ministerio da guerra a conveniencia de fazer incluir um soldado da municipal na ambulancia da botica de cada regimento, ou a necessidade de adquirir cavallos brancos para os corpos do exercito—o que se póde substituir fazendo a todos os cavallos actuaes a mesma operação que as boas cosinheiras fazem uma vez por semana ás respectivas chaminés: botar lhes duas demãos de cal.

POLITICA EM BOLANDAS

Entre as coisas boas que porventura tenham resultado da viagem de suas magestades, avulta em primeiro plano, o armisticio que a politica se está dando em regalo, como que invejosa imitadora do regabofe da real familia.

Os telegrammas da provincia tomaram de arrendamento provisorio a casa dos artigos de fundo, que lh'a arrendaram a curto praso—á feição dos locatarios da beira-mar, sublocando provisoriamente os seus cochicholos ao forasteiro dinheiroso.

Quando se não limita á publicação dos telegrammas, o artigo de fundo circumscreve-se então ao elogio dos correligionarios, não tocando nem de leve na pessoa dos adversarios, porque a aggressão caberia mal no momento solemne do real divertimento, além de representar um esforço perdido por falta de opportunidade...

Tal é, porém, a balda da descompostura, inveterada até o tutano nos habitos do artigo de fundo, que mesmo n'esse elogio dos proprios correligionarios transparece algumas vezes o proposito das mais virulentas insinuações!

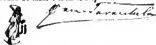
Ainda não ha muitos dias que o artigo de fundo do *Diario Popular*, escripto pelo sr. ministro da fazenda ou por algum dos seus amigos politicos, elogiava o referido sr. ministro, expressando-se da seguinte forma:

«A sua passagem pelos conselhos da corôa, quando as tempestades serenarem e a justiça fôr feita inteira aos seus actos como ministro, ha de ser apreciada então á luz desapaixonada dos brilhantes resultados d'esses actos e da nova era de emancipação que abriu para o thesouro e para o credito nacional.»

Vê-se claramente que o compositor foi magnanimo não pondo uma virgula nos *brilhantes* do artigo, mas induz-se, com a mesma claridade, que essa virgula presidiu á intenção com que os referidos brilhantes foram ali encastoados.

Observe o leitor, e verá como o articulista do *Diario Popular* quiz dizer na sua que a passagem do sr. ministro da fazenda pelos conselhos da corôa hade ser apreciada á luz dos *brilhantes*, (virgula) resultados d'esses actos, etc. etc...»

Isto é, dos actos do sr. ministro da fazenda *resultar-lhe-hão* uns *brilhantes*, com que s. ex.ª illuminará a sua actual passagem, quando futuramente nos mostrar o peitilho da camisa...

Já andavamos desconfiado de que, dos actos do sr. Marianno, sempre lhe haviam de *resultar* alguns *brilhantes*, mas não nos atreviamos a pôl-o em lettra redonda, como acaba de fazer o *Diario Popular*.

LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

Ha muito tempo que temos sobre a banca um avultado numero de publicações recebidas, de que ainda não pudémos occupar-nos, mas que, d'hoje em diante, iremos regularmente citando.

O Naufrago.—É aquella deliciosa poesia de François Coppée, recitada maravilhosamente por Coquelin, e que foi ultimamente editada n'uma primorosa traducção do sr. Greenfield de Mello.

Regras e preceitos de hygiene mais indispensaveis nas terras do baixo Congo, pelo dr. Manuel Ferreira Ribeiro.

Assegura-nos cavalheiro competente que este livro constitue um trabalho de bastante valor scientifico. Acreditamos o cavalheiro, mas não lemos o livro, já porque não tencionamos perder-nos no Baixo Congo, já porque—confessamol-o sinceramente—temos uma negação invencivel para a leitura de todas as publicações sobre hygiene—com excepção das do Jayme José Ribeiro de Carvalho, que são as unicas que nos divertem, sem o contrapeso de nos massarem.

De resto, agradecemos lisongeados a offerta do livro.

Ideaes de outr'ora, por Augusto Forjaz.

Um pequeno volume, de pouco mais de cem paginas, esmaltado de vinte e tres pequenos contos—ou esbocêtos, como lhe chama o seu auctor—deliciosos para a leitora lêr ao deitar-se, um por cada noite, o que deverá proporcionar lhe igual numero de sonhos suavemente melancholicos, adormecendo emocionada pelo sabor a mocidade que se encontra d'aquellas paginas

PORTO—CROQ[UIS]

Os *reporters* correm para informar exactamente o publico do estado em que suas magestades teem a mão, da beijoca nacional d
gua, da Regua ao Porto, do Porto á Povoa, da Povoa a Villa do Conde, de Villa do Conde ao Porto, do Porto ás Carrancas, das Carr
doidos, do Hospital dos doidos, etc.

Os jornalistas te

Sua magestade offerece as calças que lhe offereceram na officina de S. José aos jornalistas e *reporters*—augmentadas.

Tenho duas enormes malas de *croquis* e agradecimentos

esperem para

de Tua a Mirandella, de Mirandella á Re-
..as ao Palacio, do Palacio ao Hospital dos

A casaca chega a fazer parte da pelle e a pelle chega a fazer parte da casaca. Espreguiça-se a gente de casaca, dorme-se de casaca, desenha-se de casaca, toma-se banho de casaca, com acompanhamento de hymno real.

... tido em ponto grande.

Dorme-se em pé.

Por isso não desenho hoje

...mana.

porque agora é isto.

Ficaram comidos, não e verdade?

Pois tambem eu

Os Mendigos ou o triste regresso, monologo em verso, original, por Junior Quintal.

Francamente, o titulo ainda é mais em verso de que o proprio monologo!

Senão, vejam como o monologo principia:

> «Foi n'uma noite escura de medonho temporal,
> Em que os passantes derrubavam ao vendaval»

Se isto é verso, então não sabemos que demonio de coisa havemos de chamar á famigerada legua da Povoa!...

Fran-Tarantula

QUE SUSTO, O MANA!

Ao rico banqueiro
Que mostra commenda,
Ao moço da tenda,
A' gente do mar,
Ao homem que vende
Faceira de vacca,
Ao *manga d'alpaca*,
Ao grão titular,
Ao guarda nocturno,
Ao moço de fretes,
A's Perliquitetes,
(Em particular)
Do pão, vinho e carne,
Aos varios freguezes,
Por mais de mil vezes
Ouvi já contar,
Que, quando, deixando-nos.
El-rei merencorio
Co'o seu familorio
Se foi viajar,
O Zé Luciano,
De susto azuloio,
Não quiz que o comboio
Parasse em Ovar!
—E todos perguntam
Porque é que seria
Que não pararia,
Devendo parar...
—E' que *elle*—referem.
Sem visos de *pala*—
Temendo do Aralla
Vingança exemplar,
Mudando do azul
P'ra verde de alfombras,
Não quiz nem por sombras
Ovar—Qual Ovar,
Quando *elle*, de afflicto
Contendo-se a custo,
Quizera, co'o susto,
O inverso de *ovar*...

Fran-Tarantula

A VIAGEM REAL

O enthusiasmo tem tocado o «cação do delirio,» como diria, em logar de «a raia do delirio,» o nosso amigo Mendonça e Costa, substituindo, no seu foror calembourguista, *a raia* pelo *cação*.

Fiéis ao nosso compromisso, aqui vamos referindo as mais curiosas peripecias da real viajata e de que temos conhecimento pelos telegrammas publicados nos varios jornaes noticiosos.

Um d'esses telegrammas diz-nos que, na viagem a Mirandella, «era enorme a multidão que esperava a familia real na Regoa.»

Vem aqui a pello recordar o conhecido episodio dos orgãos de Olhão. Como se sabe, todas as familias d'aquelle povo haviam contribuido para a compra dos orgãos destinados a ornamentar a egreja matriz. Um bello dia recebem participação de que os orgãos tinham sido remettidos de Lisboa, e poucos dias depois desembarcam em Olhão uns grandes caixotes que, toda a gente suppoz, deviam conter os orgãos.

O mulherio da terra accode tumultuoso á abertura dos caixotes e cada femea de per si declara em alta voz quantos canudos do orgão competiam ao seu respectivo consorte, determinando o numero d'esses canudos pelo numero de moedas com que o esposo havia contribuido para a acquisição dos orgãos.

—O meu marido tem dois canudos! dizia esta.

—Então ao meu não lhe cabem menos de quatro. observava aquella.

—Pois cá o meu, certificava aquell'outra, não se lambe com menos d'um quarteirão de canudos — segundo os calculos que eu lhe tenho botado ..

N'isto, abrem-se os caixotes, e todos os maridos observam, com um espanto de mãos na cabeça, que os taes *canudos* que as esposas lhes haviam distribuido não eram talvez os mais concentaneos com as harmonias dos orgãos nem com as harmonias do lar domestico, por isso que haviam de ser muito duros de tocar para os dedos do organista e ainda muito mais duros de roer para as pessoas d'elles maridos...

Ora a municipalidade da Regua considerando — segundo referiram os jornaes — na exiguidade dos seus recursos, resolveu nomear uma commissão cujos membros andassem de porta em porta solicitando donativos para os festejos em honra dos reaes viajantes; e foi com o resultado d'esses donativos que a camara da Regua preparou os festejos e fez cosinhar o *lunch* offerecido na passagem de suas magestades.

Assim, não admira que a multidão fosse enorme, pelo empenho que todos os municipes haviam de ter em observar o aspecto do seu dinheiro depois de convertido em *lunch* e pelo natural orgulho com que, a parte femenina do municipio, declararia alto e bom som o numero de *croquettes* de vitella correspondente a cada esposo—com o mesmo enthusiasmo com que as mulheres de Olhão botavam contas ao numero de canudos de orgão correspondente a cada marido...

Esperamos comtudo que os *croquettes* da municipalidade da Regoa não fossem da mesma *massa* de que eram os *canudos* dos orgãos de Olhão...

El-rei offereceu um cordão e coração de oiro a cada uma das sete raparigas operarias mais distinctas da fabrica Salgueiros.

Vê-se que o sr. D. Luiz é muito mais generoso de que o seu heroico avô, o sr. D. Pedro IV.

Sua magestade o Dador contentou-se em deixar no Porto um simples coração, em viscera, para servir de reliquia aos mezarios da freguezia da Lapa, ao passo que sua magestade o sr. D. Luiz deixa ali nem menos de sete corações, em filagrana, para servirem de adorno a outros tantos collos de formosas raparigas portuenses...

Muito maior generosidade e muito melhor escolha de local para fiel depositario dos corações do sexo fraco...

Sua magestade el rei premiou tambem as aptidões de dois operarios da mesma fabrica Salgueiros, agraciando-os com o habito de Christo e entregando-lhes as veneras acompanhadas das seguintes textuaes palavras:

«Espero que as usem como recordação da minha visita.»

De fórma que os operarios, quando puzerem ao peito o symbolico penduricalho, não verão n'elle o galardão do seu trabalho e o incentivo a novos esforços: verão apenas uma recordação da visita do sr. D. Luiz —assim á laia dos Lovelaces aposentados, que se comprazem de avivar de tempos a tempos as recordações da mocidade, remechendo na boceta onde se escondem as trancinhas de cabello de diversas côres, provenientes e significações...

O grande caso é que sua magestade consegue por esta forma que os operarios se recordem d'elle, sem dependencia de lerem as descomposturas dadas no monarcha por todos os ministros da corôa—quando se acham em desponibilidade...

D'um reclame assim é que ainda se não lembrou o Figueiredo da rua da Prata, para trazer os seus afamados colchoes d'arame na memoria de toda a gente.

Na distribuição dos premios ás crianças, informa um *reporter*, a rainha e a princeza davam os premios ás raparigas beijando-as carinhosamente, ao passo que el-rei e o principe real entregavam os premios aos rapazes beijando-os da mesma fórma.

Parecia-nos muito melhor terem invertido a ordem de distribuição dos premios, sendo os *distribuidores* do sexo masculino que beijassem as raparigas...

O contrario póde ser que esteja mais d'accordo com a moralidade publica, mas affigura-se-nos entretanto que é contra a natureza.

Na visita á officina de S. José, foi offerecido a el-rei um paliteiro de buxo e á rainha um agulheiro de metal.

Não percebemos a que proposito e com que fim offereceram a sua magestade a rainha um agulheiro.

Ainda se fosse ao infante D. Affonso lá tinha o seu cabimento, visto que podia utilisar o agulheiro para guardar as *agulhetas* inherentes ao logar de ajudante de campo honorario, com que recentemente foi agraciado.

Mas o agulheiro offerecido a sua magestade a rainha, além do inexplicavel, representa um brinde insignificantissimo, comparado com o paliteiro offertado a sua magestade el-rei!

Um paliteiro é para guardar palitos; os palitos são para limpar os dentes; quem limpa os dentes tem-n'os sempre bons; quem tem bons dentes deve comer-lhe bem; quem lhe come bem hade criar bom sangue; quem cria bom sangue gosa de boa saude; quem gosa de boa saude não tem do que se queixar; quem não tem de que se queixar não costuma rogar pragas; quem não costuma rogar pragas não póde offender a Deus; e quem não offender a Deus vae direitinho para o Paraiso.

E aqui está como o paliteiro offerecido a sua magestade el-rei representa nem mais nem menos de que um passaporte para o reino dos ceus, com todas as commodidades e todas as despezas pagas.

De forma que o agulheiro offertado a sua magestade a rainha foi, como vulgarmente se diz, um *premio de consolação*...

Terminada a ceremonia da distribuição dos premios, el-rei botou discurso aos pequenos agraciados, concluindo por estas palavras, segundo refere o correspondente do *Diario Popular*: «É a primeira prova porque passaes; primeira recompensa quo adquiris, grande incentivo para continuardes na senda de honradez do principio que deveis seguir, respeitando sempre os reis e a moralidade.»

Por esta allocução, em que se recommenda ás crianças que *devem sempre respeitar os reis*, se descobre claramente qual o verdadeiro fim da visita de sua magestade pelas provincias.

Aquillo não foi uma viagem politica nem de recreio foi uma jornada commercial.

Não é um rei que percorre o seu reino para receber as saudações dos povos e vigiar pela felicidade da patria: é um *commis-voyageur* que anda pelas provincias apresentando amostras dos seus artigos e fazendo o *reclame* do seu estabelecimento.

O habito de Christo aos operarios, *para que se lembrem d'elle*, e o *speech* aos pequerruchos, *para que respeitem sempre os reis*, pôem a situação ainda mais clara de que os colleirinhos do sabio *Pisca-pisca*.

Não anda visitando os povos nem assistindo a inaugurações solemnes: anda a arrancar dentes sem dôr e a vender pastilhas para tirar nodoas!..

CONTOS ELECTRICOS

I

II

OS BRINDES

Armando Antunes Batalha,
Atraz puxando a guedelha,
Discursos tantos espalha
Que um deputado semelha.

Nenhum conviva lhe falha,
Brindes sem fim apparelha.
Todos alli vêm á balha,
Emquanto pinga a botelha.

III

Bebeu p'ra mais d'uma bilha
E o vinho dá-lhe na bolha
D'ir p'ra a rua fazer bulha.

V

. . . .

O corpo em breve lhe trilha.
Qual camartello d'um trolha
O pontape da patrulha!.

IV

VI.

NO PORTO

Todas as *minervas* do mundo, imprimindo bilhetes de visita: todos os chapeus do dito mundo, com as abas espatifadas em rasgados cumprimentos; todos os Ciceros da mesma localidade, com as guellas resequidas de discursos laudatorios; tudo isso junto, seria pouco ainda para exprimir *a* reconhecimento enorme que mais uma vez me prende a cidade do Porto, onde sempre tenho recebido inolvidaveis obsequios, recentemente multiplicados pela fórma affabilissima com que me acolheu um sem numero de cavalheiros, a quem d'aqui tributo o protesto sincero de um affecto cotejado pela maior das gratidões

Verdadeiramente primorosa a fórma porque se representa no *Baquet* a opereta *O coração e a mão* Nunca o theatro de opereta se distinguiu entre nós d'uma maneira tão completa, o que, significando para o publico uma agradavel surpreza, a não significa para nós, que de ha muito conhecemos os extraordinarios recursos artisticos de Cyriaco de Cardoso, cujo talento excepcional mais uma vez se revelou na direcção do theatro *Baquet*, onde tem a coadjuval-o o notavel ensaiador Xavier de Mello, cuja mise-en-scene é sempre esplendida

A FESTA DAS CREANÇAS

D'uma alta significação essa festa deliciosa, onde a geração dos trabalhadores do futuro foi receber o premio das suas lides escolares, do seu esforço infantil, esforço que assim tenderá a alargar-se mais amplamente, pelo natural incentivo do premio recebido.

A FESTA DOS BOMBEIROS

Magestoso o aspecto da sala, imponente a attitude dos bombeiros, essa sympathica agremiação de briosos rapazes, valentes até a temeridade, humanitarios até o sacrificio da propria vida, e sobre os quaes todas as vistas incidiam, na expressão affectuosa que a todos nos merece aquella prestante corporação, talvez a unica que entre nós corresponde plenamente as exigencias d'um perfeito organismo, mormente no Porto, onde o corpo de bombeiros voluntarios sobreleva as mais completas agremiações d'esse genero.

DO PORTO A MIRANDELLA
CHRONICA

Escanhoado e frisado pelo Correia da rua de Sento Antonio — a primeira tesoira do mundo, no côrte de cabellos; —

encamisado pelo Cunha & C.ª, da rua de Santa Catharina — a melhor tesoira do universo, no côrte de

camisas; —

de casaca, preta como a rainha do Congo; e de peitilho, branco como a rainha de Inglaterra;

eis-me na gàre de Campanhã, divisando, ao luscofusco da madrugada, o perfil do sr. Justino Teixeira

— o qual Justino, áquella hora matinal, não é lá muito bem humorado...

E, senão, veja-se o aspecto interior da carruagem destinada aos *reporters*, transformados em salpicadinha da costa, encanastrada;

e observe-se o aspecto exterior da mesma carruagem, quando os *reporters*, para tomar apontamentos, passavam a semelhar gallinhas da praça da Figueira, egualmente encanastradas.

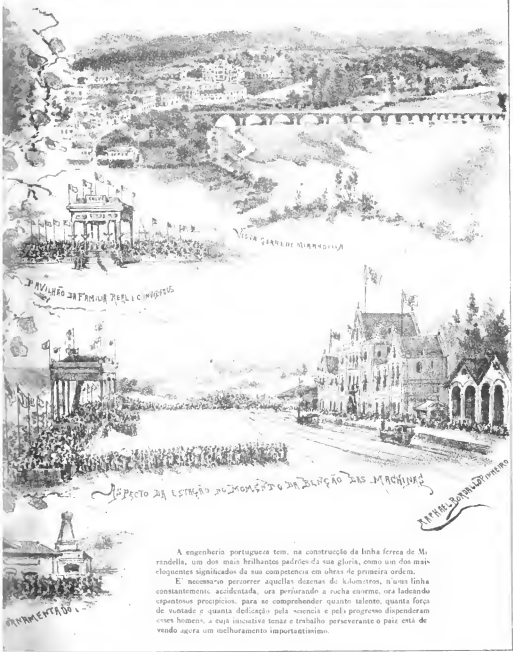
Em cada estação, o homem dos foguetes, de morrão acceso, e o presidente da camara municipal, de discurso aboborado.

E o discurso a ser constantemente cortado de informações aos *reporters*, sequiosos de saber o nome, a idade, o estado e a occupação do orador.

(Para o rei:) — Senhor! Quando reis como... (para o *reporter*) Francisco José Alaixo (para o rei:) vossa magestade (para o *reporter:*) 47 annos e meio (para o rei:) veem ao seio do seu povo (para o *reporter:*) casado em terceiras nupcias (para o rei:) com a sciencia e a consciencia de... (para o *reporter:*) presidente do municipio e merceeiro da localidade.

O *reporter*, cobrindo-lhe a bocca de beijos, a ponto de o não deixar continuar:

— Mil vezes obrigadissimo! o meu reconhecimento será eterno!

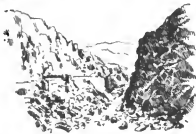
DE FERRO DE MIRANDELLA

A engenheria portugueza tem, na construcção da linha ferrea de Mirandella, um dos mais brilhantes padrões da sua gloria, como um dos mais eloquentes significados da sua competencia em obras de primeira ordem.

E' necessario percorrer aquellas dezenas de kilometros, n'uma linha constantemente accidentada, ora perfurando a rocha enorme, ora ladeando espantosos precipicios, para se comprehender quanto talento, quanta força de vontade e quanta dedicação pela sciencia e pelo progresso dispenderam esses homens, a cuja iniciativa tenaz e trabalho perseverante o paiz está devendo agora um melhoramento importantissimo.

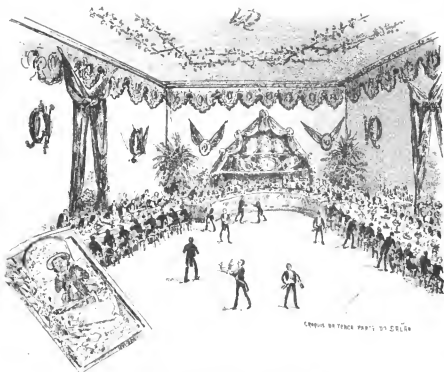
Estoiram os foguetes, levantam-se os vivas e toca a phylarmonica, de cujos membros apresentamos este exemplar.

Chegamos a Tua. Não se descreve o enthosiasmo com que alguns serranos pretendem chegar junto de suas magestades... para lhes pedir dinheiro. .

Pouco depois do comboio sair de Tua teve de parar, porque o poeta Belchior se atravessára na passagem. O comboio não descarrilou, mas descarrillaram as musas. O popular José Augusto encontrou, como prégador do enterro do bacalhau, um rival no sitio de Codeçaes.

Ao lado poeta, um camponez, aficionado de sermões de lagrimas, levava de quando em quando o lenço aos olhos, derramando os prantos do estylo.

D'ahi por diante, uma paisagem deliciosa, extranha, phantastica, cortada arrojadamente pela linha ferrea, que representa o mais pujante attestado do talento e da illustração dos engenheiros portuguezes.

Emfim, chegamos a Mirandella. As locomotivas aproximam-se do altar, muito devagarinho, assobiando quasi imperceptivelmente; e, mal termina a ceremonia, desatam a correr e a assobiar como doidas de contentes por haverem recebido as aguas do baptismo!

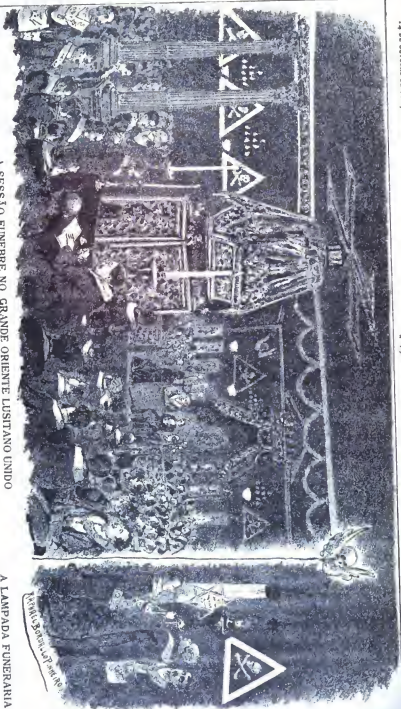
CROQUIS DE TERÇA PARTE DO SALÃO

A sala do buffete, primorosa como todas as obras de Manini.

Durante o *lunch*, o presidente da camara teve occasião de observar quanto penoso é fazer parte official de regias comitivas.

Ao levantar-se sua magestade a rainha e tendo de imital-a, elle botava a um tempo olhos amantissimos para a princeza de Saboya e vistas não menos amantissimas para os petiscos do Ferrari.

E lá se foi os comitiva, mormurando com os seus botões e com o seu estomago:

—Francamente que n'esta occasião calhava mais deixar a comitiva para me atirar á comezaina...

Os que não tinham a honra de pertencer á comitiva tiveram ao menos a compensação de pertencer á comezaina, refastelando-se com appetite e brindando-se com enthusiasmo, e, porque fosse eu um dos contemplados n'esses brindes, aqui deixo, perenal, em lettra redonda os agradecimentos que a minha fraca voz — como dizia o outro que fallava de baixo profundo — mal soube traduzir n'aquella occasião.

A SESSÃO FUNEBRE NO GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO

Aspecto da sala do Grande Oriente, por occasião das exequias feitas a Antonio Augusto d'Aguiar, segundo o ritual maçonico.

A LAMPADA FUNERARIA

A CAÇADA NO GEREZ

— De casaca é exquisito ir para a caçada...

— De jaqueta é exquisitissimo acompanhar com el-rei.

— Oh! que ideia!...

— Com uma tesoira corto a aba direita;

— com uma navalha faço a suissa esquerda,

— deixando o matacão do outro lado...

— E fico um caçador para as corças

— e um *gentleman* para suas magestades!...

Subscripção para se erigir um mausoleu, onde repoizem os restos do eminente e malaventurado artista André Gill.

Transporte .... **21$250**

POR AHI...

Lisboa teve no domingo uma eleição renhida no campo da urna e uma toirada espaventosa no Campo de Sant'Anna.

Preoccupava-a d'um lado a escolha d'uma vereação intelligente; attrahia-a do outro o beneficio d'um Botas igualmente *intelligente*.

Pela manhã, a cidade tinha de deitar o seu voto na urna, proclamando os melhores vereadores; á tarde tinha de deitar a *urna* á praça, acclamando os melhores toireiros.

Um dia inteiramente consagrado aos *botos* e ao *Botas*...

E, para que em tudo a afinidade se manifestasse entre a eleição e a toirada, estava annunciada para esta a apresentação d'um toiro-familiar, o qual toiro, depois de receber, no cachaço, meia duzia de bandarilhas, se prestaria a receber, no focinho, igual numero de *cafunés* da mão do dono que o criára!

Isto, até certo ponto, não deixava effectivamente de parecer uma referencia á pessoa do eleitor, o qual, andando ha tão longo tempo farpeado pela companhia do gaz, se prestaria agora, segundo constava, a lamber-lhe as mãos, como agradecimento das garrochas recebidas.

Ignorando o que se passou com o boi do Campo de Sant'Anna, vemos entretanto que o eleitor deitou effectivamente a lingua de fóra á companhia do gaz, mas não foi para lhe lamber a mão—foi só para lhe deitar a lingua de fóra.

O partido republicano, cuja lista foi, com algumas modificações, patrocinada pela companhia do gaz, teve agora uma votação inferior á da outra vez, em que trabalhou sósinho.

Não ha nada peior do que uma pessoa andar com *mais companhias*...

Os vereadores reeleitos não devem todavia cantar muito de papo com o resultado d'esta eleição porque ella não exprime exclusivamente a vontade do eleitor, visto como igoalmente significa o esforço do sr. ministro da fazenda.

E é preciso que se saiba que esse esforço não foi tanto uma dedicação pelo sr. Fernando Palha, como uma manifestação de pyrrhonismo recalcitrante.

O sr. Marianno de Carvalho quiz que a victoria pertencesse ao sr. Palha, não para que a victoria fosse d'elle Palha, mas sim d'elle Marianno.

Ia n'isso a justificação do seu passado e a explicação d'uma phrase escabrosa com que elle em tempo ferira os ouvidos do sr. D. Luiz.

Elle dissera em tempo a sua magestade

—O povo quer albarda, real senhor!

Agora, depois da victoria do sr. Fernando Palha, ella mostrará ao monarcha que tinha rasão, podendo continuar na sua:

—O povo quer *palha*, real senhor!

POLITICA EM BOLANDAS

A proposito do resultado da eleição camararia, faz o sr. Marianno, no *Diario Popular*, bichinha gata aos republicanos, chamando-os ao redil monarchico, com o mesmo chocalho com que, ha bem poucos annos, incitava os monarchicos a que passassem o pé para as fileiras republicanas.

Com a sua alma candida e ampla de aspirações moraes—que até chega a parecer, em femea, o sr. *Candido de Moraes*—escreve s. ex.ª n'um dos periodos do seu artigo:

«N'um paiz de liberdade e tolerancia, como aquelle em que vivemos, onde não ha privilegios nem excepções para ninguem; onde todos os cargos estão francos e abertos para quem quer que disponha de talento e de boa vontade, para disputal-os e conseguil-os...»

Quanto ao facto de vivermos n'um paiz onde não ha *privilegios*, não se deve gabar d'isso o sr. ministro da fazenda, que se fartou de metter agulhas por alfinetes afim de conseguir o *privilegio* dos tabacos para a cigarreira dos amigalhotes...

Agora o caso de todos os cargos estarem francos e abertos é effectivamente tão notorio que d'ello podem dar testemunho insuspeito quantos para lá teem entrado empurrados por s. ex.ª, sendo certo que pouco cuidado lhes daria se os cargos estivessem fechados, porque lá para abrir um cargo sempre havia do apparecer uma gazua na algibeira...

A BANHISTA...

(A JULIO GOMES)

Fôra Clotilde acclamada
A mais bonita banhista;
No peito... mui decotada
Emfim, bella e realista.

Mas na praia alguem notava
Qu' ella tão *franca* e formosa,
Era p'los braços zelosa...
E, nem de leve os mostrava!

....

'Stava-se a bella a vestir
N'uma barraca de panno,
Quando um rapaz, por engano,
Lhe foi a barraca abrir.

Ella grita: — Que devassos! —
Elle foge envergonhado,
Porém, depressa explicado
Foi o zelo pelos braços...

N'um olhar muito se avista!
E, o rapaz viu com espanto,
Que um dos braços da banhista...
E'ra todo de *pau santo!*...

A. ARMANDO

AS MANOBRAS DO EXERCITO

A successão diluviana de episodios relativos á viajata da real familia obrigou-nos a preterir varios assumptos, entre os quaes avulta o da presente secção, que inserimos hoje, menos pela sua feição de actualidade de que pelo intuito de restabelecer a verdade dos factos — come lá se diz em estylo parlamentar.

As manobras militares foram o que, com o coração nas mãos, verdadeiramente póde chamar-se um triumpho para o exercito e uma gloria para a administração militar.

E, para que essa gloria em tudo fosse completa, até nem lhe faltou o sacramento da descompostura, que veiu dar á administração militar os foros do martyrologio consagrados aos martyres de primeira cathegoria.

Da justiça dos papas e da honestidade dos kalendaristas ousamos esperar que nas folhinhas do futuro se veja incluida a administração militar com a denominação de virgem, martyr e confessora...

Porque — saiba o mundo mais o sr. visconde de S. Januario — é positivamente á administração militar, d'accordo com o sr. cardeal patriarcha, que nós devemos o justificado assombro da Europa pela superioridade do nosso exercito!

Berrou-se por ahi muito nas folhas periodicas e nos cavacos particulares contra a administração militar, porque ella deixára uma parte do exercito a morrer de fome; e a administração ouviu tudo muito caladinha, com os olhos pregados em alvo e a humildade pintada no rosto, exactamente como lhe convinha, na sua qualidade de pretendente a um logarsinho de martyr no orçamento do Paraiso.

E, se ha justiça nos ceus, já o despacho deve estar lavrado a estas horas...

Passou-se assim, a coisa:

Chegára ao conhecimento da administração militar que o ministerio da guerra determinára umas manobras em que o exercito havia de marchar, contra-marchar, comer, contra-comer, beber, contra-beber, etc.

E a admioistração militar considerou com muito tino:

— Ora isto é o que fazem todos os exercitos de todas as nações em todas as manobras de todos os tempos... É preciso, pois, que o exercito que tem um Viriato no seu passado faça mais alguma coisa...

E o chefe da administração militar foi logo d'ali ter com o sr. cardeal patriarcha, a quem, depois de lhe beijar o annel episcopal e perguntar pela familia, fallou ao ouvido por dilatado tempo.

O que lhe disse ninguem o soube então, senão Deus e o sr. patriarcha, mas referem famulos de S. Vicente que, ao terminar da mysteriosa palestra, o eminentissimo cardeal levantára o saiote — tanto quanto lhe permittia a curva do braço mais a decencia das perlaticias gambias — e respondera ao chefe da administração militar — com musica da *Gran-Duqueza*.

—«'stá dito então!
Tarão tão tão...»

E d'ahi a nada o sr. patriarcha estava mettido no seu quarto, a fazer...

Imaginem o quê!...

— A fazer preces *ad petendem pluviam!*

D'ahi todo o successo enorme do plano da administração militar!

Mediante as preces do sr. patriarcha, no dia das manobras chovia a cantaros.

Logo de manhã os soldados ficaram ensopados até os ossos e assim se conservaram todo o dia, o que dispensou a administração militar de lhes fornecer a sopa do rancho—que seria um pleonasmo de sopa para quem já estava n'uma sopa...

Os officiaes estrangeiros que tinham vindo assistir ás manobras admiravam, pois, com espanto, a sobriedade dos nossos soldados, espanto que subia de ponto ao vel-os tão alegres e folgasões —o que não podia deixar de ser, visto estarem todos *com a carinha n'agua*.

Um *reporter* allemão, tendo feito estudos especiaes e conscienciosos sobre as pançaa dos nossos majores, e notando ao mesmo tempo a sobriedade dos nossos soldados, expediu para Berlim o seguinte telegramma:

«Os lusos soldados
São *Sãos* Benedictos:
Não comem nem bebem,
E estão tão gorditos...»

O PRIMEIRO DENTE DO PRINCIPE DA BEIRA

—*Abrenuntio!* Quando elle comia tanto, mesmo antes de lhe nascerem os dentes, o que será agora, que lhe nasceu já um e o que hade ser depois, quando lhe nascerem os trinta e dois?!...

A ELEIÇÃO E O GAZ

Antes da eleição, quando o gaz mantinha sempre o typo primitivo, caminhava-se andando ás apalpadellas.

Agora, que a companhia prometteu melhorar-lhe o typo, até quem estiver sentado andará ás apalpadellas . .

Averiguada como fica assim toda a importancia do altissimo serviço prestado ao exercito pela administração militar, que ainda em cima se viu martyrisada pelos artigos dos jornaes e pelas más linguas da visinhança, o que a faz subir na craveira do martyrologio muitos pontos ainda acima dos martyres mais avantajados, propomos que o S. Sebastião, o S. Lourenço e outros collegas de eguaes merecimentos, passem a fazer serviço no ministerio da guerra, ao passo que os militares de espada e penna sejam distribuidos por essas egrejas e capellas—convenientemente trespassados das respectivas settas—afim de ficarem expostos á veneração do orbe catholico, para o que lhes não faltam merecimentos, nem as mais partes que concorrem.

GENTE FINA

Já esta em Lisboa a companhia do theatro de *D. Maria II*. Se elles tiveram trabalho para regressar á patria, nós não tivemos menos para os vêr chegar; se elles correram perigo atravessando o oceano a bordo do paquete das Messagerias, nós não corremos menor risco aventurando-nos ao escriptorio da mesma companhia!

Contam pessoas bem informadas que á porta do Inferno está um cão, conhecido pelo Cerbéro, o qual cão se não ensaia para saltar ás canellas do primeiro innocente que se lhe approxime com cara de quem se ensaia para vir cá fóra tomar o fresco.

Ora no escriptorio da companhia das Messageries o perigo não esta em sair mas em entrar; porque, se não ha lá Cerbéro de trez fauces, ha em compensação um empregado de trez assobios, que recebe as visitas que entram com uma amabilidade similhante áquella com que o Cerbéro deve acolher ás pessoas que pretendem sair.

Emfim, lá conseguimos saber o dia da chegada do paquete, mas sabe Deus o que isso nos custou, em sustos e em especiones!

Mal o paquete havia lançado ferro, quando os nossos compatriotas receberam a noticia de que iam ficar oito dias em ferros de quarentena no Lazareto; calcule-se o ferro que isto lhes causou e como todos ficaram a ferro e fogo contra a barcaça da Saude!

Afinal de contas, todos esses ferros juntos não foram mais de que uma panceia ferruginosa, empregada pela Saude, no proposito de lhes restaurar a dita saude, restaurando-lhes o sangue affectado pelo clima americano, visto que d'ahi a meia duzia de horas, já elles estavam todos dentro do citado americano, que do Bom Successo os trouxe para Lisboa, carregados de malas, periquitos e poeira, e espraiando-se todos n'uma ingrezia tão ruidosamente alegre que nem parecêra de companhia dramatica!

A todos as boas vindas, e mais um abraço provisorio aqui no papel, emquanto lh'o não damos pessoalmente na pá do lombo!

FIRMINEIDAS

Em audiencia de policia correccional responderam e foram condemnados os seguintes reus:

José de Sousa, por offensas á mãe, 13 dias de prisão.

Francisco Carlos Amado, tambem por offensas á mãe, 5 dias de prisão.

José Rodrigues Duarte, por desobedecer quando lhe ordenavam que não estivesse com o barco na caldeira da alfandega, 15 dias de prisão.

Como se vê, qualquer offensa praticada nas aguas da caldeira da alfandega é trez ou cinco vezes maior de que a offensa praticada na pessoa da propria mãe! Esta indifferença pelas mães communs, confrontada com aquelle profundo respeito pelas aguas da caldeira, leva-nos a crêr que o digno magistrado juiz das causas é filho da *mãe d'agua*.

A VIAGEM REAL

Diz um telegramma de Braga:

«Tem chovido copiosamente todo o dia.»

Refere outro do Gerez, expedido na mesma data:

«Sua alteza a princeza D. Amelia foi á pesca das trutas.

Considera em Lisboa, o merceeiro do nosso amigo Mendonça e Costa:

—Não admira que chovesse em Braga, quando sua alteza andou pescando trutas, porque lá diz o dito: não se pescam trutas ás *bragas* enxutas...

Entre os brindes offerecidos a suas magestades durante a viagem pelo norte, ha alguns verdadeiramente extraordinarios.

O sr. Antonio Joaquim dos Reis, por exemplo, offereceu ao principe Real uma mala *porte-lunch* em fórma de barril.

Não póde ser mais comprometedora a offerta do sr Reis ao filho dos nossos reis.

Se o principe D. Carlos resolve não usar a mala em publico, aqui d'el-rei porque o augusto principe não tem consideração alguma pelo symbolo augusto do trabalho;

Se ao contrario, a tal mala offertada
Vae usar entre os seus saquiteis,
Póde, ao vêl-o, dizer a criada
—O' freguez! quer vasar por dez réis?...

Um homem do Porto foi até Braga para offerecer um canario a sua magestade a rainha, acompanhando a offerta das seguintes palavras, segundo refere o correspondente do *Diario de Noticias*: — «Senhora vim do Porto para lh'o dar.» E a rainha agradeceu, e disse: — «Coitado, agradeço reconhecida.»

Podera, não agradecer. Era necessario que a gentil princeza tivesse a alma mais dura de que um bife de carne do ganso, para não agradecer o canario ao homem que tinha vindo do Porto só para lh'o dar.

Se a mais humilde camponeza nos offertasse o mais insignificante pintarroxo, accrescentando: — «Vim de Carnaxide só para lh'o dar», nós eramos capaz de nos desfazer em agradecimentos só para agradecer o pintarroxo da camponeza de Carnaxide.

Segundo refere ainda o *Diario de Noticias*, «Uma pequenita de sete annos offereceu tambem a sua magestade a rainha uma camisa que ella bordára. A rainha beijou-a muito.»

Se tal noticia fôr certa,
Não acho coisa precisa
P'ra agradecer tal offerta
Pôr-se aos beijos na camisa

Algumas senhoras do Porto offereceram egualmente á sr.ª D. Maria Pia uma elegantissima pasta acompanhada de allocução, que foi recitada por uma das offerentes e que terminava assim; «sinceramente patrioticas e monorchicas, sentimos um desejo enthusiastico e ardente de beijar a mão da rainha que tão portuguesa se tem mostrado.»

Àparte o lado sympathico
D'essa prova de civismo,
Achamos muito esquipatico
Que as damas do alto chiquismo,
Viessem, no estylo pratico,
Fallar do seu *patriotismo!*

— Então o arcebispo de Braga lá foi agraciado com a gran-cruz de Christo?...

— Isso hade ser engano; naturalmente o agraciado com a gran-cruz de Christo foi o sacristão.

— Como assim?!

Porque é o sacristão quem costuma levar as *galhetas*...

Pan-Tarantula

OS PHOSPHOROS

Aproxima-se o inverno e com elle as noites do comprimento das ceroilas do nosso collega Augusto Ribeiro, noites enormes, medonhamente insipidas, em que é preciso entreter horas e horas, variando quanto possivel a bisca lambida que tem a consagração dos lares.

Assim, julgamos ser agradavel aos nossos leitores, ensinando-lhes o curioso, instructivo e inoffensivo passatempo dos phosphoros, que tivemos a pachorra de ir desencantar no *Flie.ende Blatter*, e que póde dar uma infinita sorte de graciosas combinações.

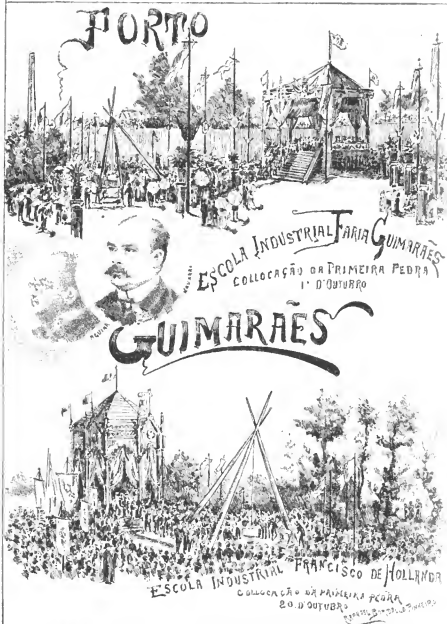
CONTOS MUDOS

UM PAR DE BOTAS

PORTO

ESCOLA INDUSTRIAL FARIA GUIMARÃES
COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA
1º D'OUTUBRO

GUIMARÃES

ESCOLA INDUSTRIAL FRANCISCO DE HOLLANDA
COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA
20 D'OUTUBRO

Verdadeiros benemeritos, tanto o que iniciou como o que hoje prosegue no desenvolvimento d'essa ideia grandiosa.

As festas da inauguração das escolas foram das mais sympathicas entre tantas que se produziram durante a real viagem, por isso que essas serão produraveis e d'um significativo proveito para a educação moral do povo e para o progresso material do paiz.

PORTO
Theatro Gil Vicente
IL BARBIERE DE SIVIGLIA

Bailes
ASSEMBLEIA E CLUB

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Explendida no seu conjuncto, virtuosa na sua intenção, a recita do *Barbeiro de Sevilha*, primorosamente desempenhado por amadores no theatro Gil Vicente, a favor das creanças pobres e da *creche* de S. Vicente de Paula.

Uma bella festa, de onde todos retiraram com os ouvidos deliciados e com a alma satisfeita.

GEREZ E BRAGA

Os caçadores, á espera que appareça algum veado empalhado e de chapeu de chuva.

Os *reporters* não teem mãos nem lapis a medir, na faina dos apontamentos

Typo extraordinario, que parece escapulido das capellas do Bom Jesus. O homem mais feio do mundo

Varios judeus fardados e de commendas fugiram das capellas e foram comprimentar s. m. a rainha

Até este judeu

Offerta d'um *puding* em cofre de veludo, á sr.ª D. Maria Pia. S. m., por engano, comeu o veludo e assentou-se em cima do *puding*!

Pereira Caldas, notavel archeologo e um dos nossos vultos mais instruidos.

Manuel Gomes o proprietario de todos os hoteis de Braga

Um *coupé* de jornalistas

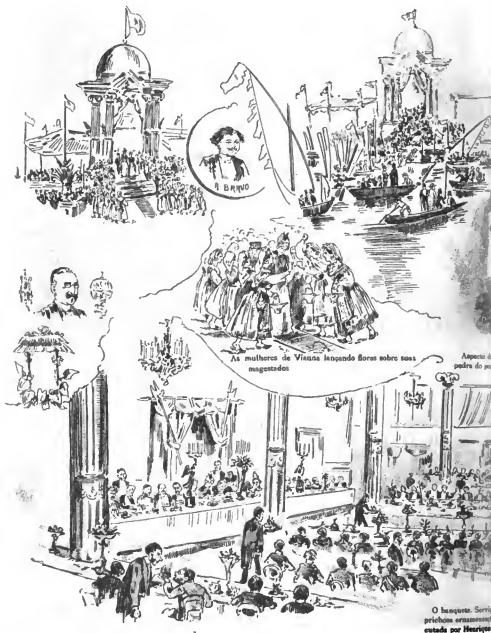
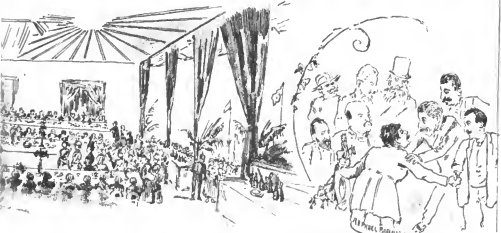
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

AS FESTAS EM VIA

As mulheres de Vianna lançando flores sobre suas magestades

Aspecto d
pedra do p

O banquete. Servi
prichosa ornament
cutada por Henrique

¶A

ı no momento de se lançar a primeira

gnifico e, sobretudo, uma ca-
effeito surprehendente, exe-
o

Os nossos mais cordeaes agradecimentos aos membros da camara municipal, e a muitos dos municipes, pela affabilidade com que nos receberam
E um beijo a este illustre camarista.

CAMINHO DE VIANNA

A cabelleira de Costa Carregal foi a coisa mais assombrosa qua appareceu em Braga. Nós, que o conhecemos bem, não duvidamos affirmar que ella tem talento a alma ainda maiores de que a cabelleira

Um quarto no hotel, ou o maior exemplo de fraternidade entre chapeus de varias raças.

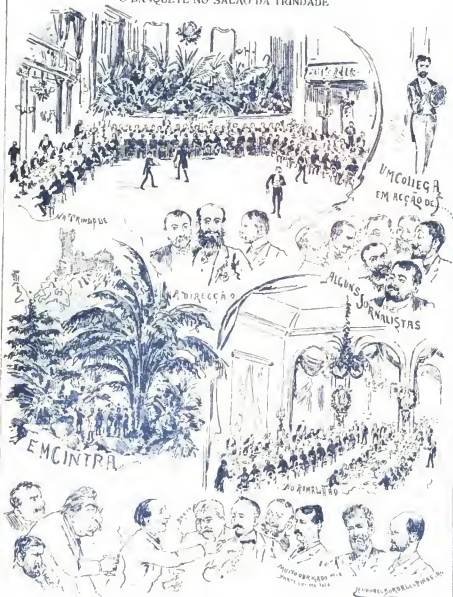
Um presidente de camara municipal, decorando os vivas ás pessoas reaes, pela ordem chronologica:
—1.º Viva o sr. D. Luiz 1!
—2.º Viva a sr.ª D. Maria Pia.
Afinal enganou-se e berrou:
—1! Viva a sr.ª D. Maria 11!...

Expediente adoptado em uma das estações para verem el-rei... pelas botas.

Um epileptico larvado em estado agudo de vivorio.

Um sujeito, fallando pelos cotovellos e que pretende por força impingir uma pêga de presente ao sr. D. Luiz.

AS FESTAS DO SUD EXPRESS

O BANQUETE NO SALÃO DA TRINDADE

OS NOSSOS ILLUSTRES HOSPEDES

AS FESTAS DO SUD EXPRESS

O passeio a Cintra

UMA RARIDADE

[illegible] visconde de Monserrate, cavalheiro [illegible] todos conhecem de nome e rarissimos conhecem pessoalmente

A cidade deve ter rejubilado com a presença dos illustres hospedes que acabam de visitar-nos, porque essa visita significa o inicio d'uma grande empreza que ha de forçosamente trazer-nos a concorrencia dos estrangeiros, do que resultará adquirirmos lá fóra os creditos de paiz civilisado a que na verdade temos direito. Felicitando a cidade, felicitamos egualmente a direcção da companhia dos caminhos de ferro, a cujo esforço intelligente vamos devendo tão assignalados melhoramentos.

A ESTREIA DE ANTONIO DE ANDRADE NO FAUSTO

A ENTRADA NA CATHEDRAL

Um russo que cantasse na Russia, um chinez na China, um bulgaro na Bulgaria, podia ficar com a apprehensão de que a sua nacionalidade entrára com 50 % para o resultado da boa acolhida. Antonio de Andrade, porém, pode ter a certeza — e a gloria — de que a ovação que recebeu do publico a deve exclusivamente ao seu talento.

O facto de ser portuguez não contribuiu absolutamente nada para essa ovação, porque o *dilettante* é como aquelle flamengo que respondeu a um patricio que o procurava fóra d'horas:

— Eu não conheço flamengos á meia noite.

O publico portuguez tambem não conhece portuguezes... no theatro de S. Carlos.

THEATRO DE S. CARLOS

TRAVIATA

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

De dia para dia lhe engordam os braços, que vão subindo, á proporção que a sabeça se lhe enterra pelo corpo abaixo. Ainda esperamos vêl-a com o chapeu nos cotovellos e a bocca no umbigo.

Talazac vae nas peugadas da coristа gorda. Chegamos a acreditar que S. Carlos não é um theatro lyrico: é um pacote de *Revalesciere du Barry*. Engorda como fava!

POR AHI...

Aqui ha mezes, ouvindo fallar na inauguração das obras do porto de Lisboa, a nossa casaca preta agitou-se emocionada no seu cabide de cerejeira, como um velho general a quem annunciassem a proximidade da mais sanguinolenta das batalhas!

E tinha rasão a nossa casaca preta.

As obras do porto de Lisboa representam uma obra collossal, a maior a que o paiz tem mettidos hombros, desde que tem hombros e é paiz, visto como significam, materialmente, a riqueza da cidade, ao passo que attestam, moralmente, os progressos civilisadores da nação em peso.

Ora a cidade, que ainda recentemente se engrinaldára e illuminára de cabo a rabo, gastando algumas centenas de contos de réis, só pelo facto do seu principe presumpto levar á egreja a escolhida do coração d'ella principe presumpto; a cidade havia necessariamente agora de desfazer-se em manifestações de jubilo para saudar o acontecimento mais notavel da sua vida — o que mais directamente lhe interessa de que o casamento de todos os principes nacionaes e estrangeiros.

E foi na persuasão de que a cidade ia desfazer-se em manifestações, que a nossa casaca preta se agitou emocionada no seu cabide de cerejeira.

Afinal a cidade não se desfez em coisa nenhuma!

A classe commercial, a quem esse melhoramento mais intimamente interessa, limitou-se a patentear o seu jubilo fechando as portas dos estabelecimentos — apenas o dobro do que ultimamente fizeram os estanqueiros, fechando meia porta para exprimirem o seu pesar.

O empreiteiro de obra—talvez por um sentimento de modestia que lhe assenta muito bem—entendeu que a sua obra não valia mais de que um barracão ornamentado com trinta jardas de panninho azul e branco — apezar de, no concurso official, ter avaliado a mesma obra no melhor de dez mil contos de réis...

O governo, afinando pelo diapasão geral, comprehendeu que não lhe ficaria bem levar a manifestação de jubilo muito além da exhibição de alguns trombones regimentaes sob a batuta do Gaspar, e do arejamento das varias bandeirolas que constituem o môlho de pastelleiro em que se temperam todas as festividades officiaes — desde os melhoramentos de primeira ordem até o cyrio da Nossa Senhora da Atalaya...

De resto, não faltou mais nada áquella significativa festa nacional.

Houve a concorrencia do uso, os foguetes do costume os discursos do estylo.

Com os discursos succedeu um episodio muito curioso.

Pouco antes de começar a solemnidade, o presidente da camara estivera conversando com o distincto engenheiro Miguel Paes, o qual lhe entregou um rolo de papel, que o sr. Fernando Palha guardou no bolso da casaca.

D'ahi a nada chegavam suas magestade; e, ao mesmo tempo que os foguetes subiam ao ar, subia o sr. presidente da camara ao estrado, começando a leitura do seu discurso.

Deram quatro horas, deram cinco, deram seis, e o sr. Fernando Palha sem acabar o seu discurso!

Ouviu-se o galo da meia noite — e o discurso sem terminar!

Cantou a calhandra madrugadora — e o discurso ainda a sair cá para fóra!

Não tinha fim!

Parecia uma tenia!

O auditorio impacientava-se.

Sua magestade a rainha abria a bocca.

O sr. D. Carlos fechava o olho — o unico que lhe viamos, sob a pala do seu capacete á banda.

Os infantes resonavam em duetto.

El-rei bufava sosinho...

Finalmente, o sr. Palha reparou que estava lendo o rolo de papel que lhe dera o sr. Miguel Paes...

Era uma edição dos folhetins a proposito do local para o edificio do correio!

Em seguida a suas magestades haverem assignado o auto da inauguração, o sr. Mendes Guerreiro, facultando a assignatura do mesmo auto a outras pessoas que desejavam inscrever-se, perguntava para um cavalheiro em cujo peito brilhava a commenda da Conceição:

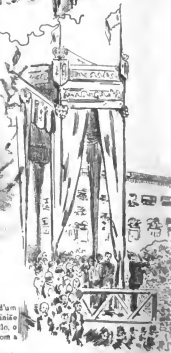
—V. ex.ª tambem quer fazer a sua assignatura?

Ao que o cavalheiro respondeu annuindo:

—Pois sim... mas comtanto que não saia mais d'uma caderneta por semana — porque já hoje assignei tambem para *As damnadas de Paris*

GVIMARÃ

O GRANDE ARTISTA SOARES DOS REIS

Aspect

O MONUMENTO A D. AFFONSO HENRIQUES

Lastimamos que circumstancias especiaes determinassem a construcção d'um pedestal assim tacauho para o'elle assentar estatua tão graudiosa. Na nossa opinião esse pedestal devêra ser de rocha graoitica, em bruto, ou da fórma d'um castello, o que daria ao mouumento um cuuho mais imponeute, ficando mais d'accordo com a figura gigantesca do personagem que ali se perpetúa.

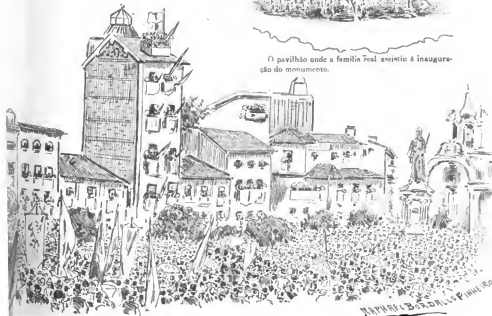
A estatua, por Soares dos Reis, representa um trabalho verdadeirameote genial.

Ao inaugurar-se o monumento, disse el-rei «que esse facto representava o pagamento d'uma divida de muitos seculos.»

Nós accrescentaremos que os juros d'essa divida estão bem pagos, uma vez que ao pagamento do capital fica associado o nome do grande artista Soares dos Reis.

Os festejos reaes

O palacio do sr. conde de Margaride, onde se hospedou a familia real

O pavilhão onde a familia real assistiu á inauguração do monumento.

praça, na occasião de ser inaugurada a estatua de D. Affonso Henriques.

Depois do que acabamos de referir, o episodio mais curioso d'aquella festa foi a maneira porque annunciaram a chegada de suas magestades. No momento em que a familia real transpunha o pavilhão, todos os vapores surtos no Tejo desataram a assobiar, produzindo uma enfermeira semelhante á d'um magote de pandegos regressando a tocar gaitinha da feira do Campo Grande.

Naturalmente — á falta de melhor — quizeram demonstrar assim que se tratava d'uma *festa de assobio*...

Em todo o caso o expediente não agradou ao sr. infante D. Augusto, o qual dizia, ao retirar-se, muito enbesoirado e em verso:

—Talvez que isto em si resuma
Honra que eu não contrario...
Mas não gosto, porque, em summa,
Nunca achei graça nenhuma
A's recepções de assobio.

Gavarnilla

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Com excepção do theatro da Avenida, que ainda não abriu — nem fechou, pela razão de ainda não ter portas para abrir e fechar—todos os mais se encontram já abertos.

S. Carlos deu-nos este anno o que nunca o theatro lyrico nos dera em anno algum: dois artistas portuguezes que parecem dois artistas estrangeiros — o que corresponde, segundo os *dilettanti*, áquelle caso em que, segundo os gastronomos, os bifes de chibato pareciam bifes de vitella...

Os irmãos Andrade, como artistas, teem o grandissimo defeito de serem portuguezes.

Em tudo são notabilissimos—excepto na certidão de naturalidade.

Talazac, um tenor de merecimento, mas em nada superior a Antonio Andrade, tem talvez a preferencia do nosso *dilettante*.

Se o primeiro se chamasse *Talaça* e o segundo *Andradec*, apostamos em como o preferido seria este.

Uma questão de *c*, e nada mais...

Da cantora Emma Nevada esperava-se muito pouco.

—Deve ser *fresca* a tal *Nevada*, disseram-nos confidencialmente o barbeiro de Mendonça e Costa.

E afinal, quando se suppunha que a *Nevada* fosse recebida *friamente*, apanhando até **um calor** da platéa, succede a *Nevada* accender em todos o *fogo* do enthusiasmo!

Com a sr.ª Cataneo aconteceu precisamente o contrario.

Como *Cataneo* desprestigiou completamente a veneração em que nós tinhamos o seu homonymo **barão de Catanea**!

O barão de Catanea pedia paz e concordia entre nós, ó portuguezes!

E a sr.ª Cataneo não pede *paz*: pede *pés*...

No *Chalet do Rato*, a peça que ultimamente tem conquistado mais sympathias é *Uma toirada no Ribatejo*, original de João de Mendonça.

Em a empreza temendo casa fraca põe a *toirada* em scena e tem logo casa forte, chegando mesmo a precisar de casa forte para arrecadar a receita da recita.

Não é uma peça theatral: é uma peça de resistencia.

No *Gymnasio* representou-se o *Coração e estomago*, na *Trindade* ensaia-se *O Coração e a mão*, e em outro theatro vae ensaiar-se o *Coração, cabeça e estomago*.

Com tanta profusão de deventres, ficam os theatros parecendo succursaes de outras tantas lojas de fressureiras.

Na *Trindade* ensaia-se tambem *O homem da bomba*.

Ha immensa curiosidade em ver esta peça, cujo protogonista (o homem da bomba) nos dizem ser um fidalgo portuguez muito conhecido pelas suas aventuras e pela sua bomba...

Havemos de vêl-o... por um oculo...

Gavarnilla

ULTIMAS NOTAS DA REPORTAGE

Occupámo-nos já de todas as ornamentações com que se vestiram as diversas localidades, para receberem a real visita, e de todos os jantares offerecidos, para conchegarem os reaes estomagos.

E' tempo agora de observarmos quanto essas ornamentações seriam mais artisticas e quanto esses jantares mais appetitosos se, em vez de obdecerem ao feitio commum de todas as ornamentações e de todos os jantares, obdecessem antes aos recursos naturaes da localidade, accentuando assim, cada uma isoladamente, a feição caracteristica da sua individualidade.

Chega a bradar aos ceus que um abbade de Priscos

fabrique *petit paté au fois gras*, em vez de condimentar o saboroso *caldo bierde*,—que é o apanagio de todos os abbades que se prezam!

A visita de el-rei encheu Guimarães de jubilo, a tudo ali se preparára para que sua magestade passasse a noite no berço da monarchia.

Afinal o sr. D. Luis não quiz ficar no berço, a despeito da especialidade dos lençóes do famoso linho de Guimarães...

O monarcha esteve por algum tempo indeciso entre

Braga e Guimarães, que o puxavam cada uma para seu lado, até que por fim Braga saiu vencedora d'esta feita!

Uma coisa que forçosamente surprehendeu suas magestades em Guimarães foi não lhe haverem entregado nem um memorial!

Isto dá a nota do que é uma cidade essencialmente industrial, onde todos trabalham e portanto ninguem carece de pedir esmolas.

Além d'isso, Guimarães tem a felicidade de possuir benemeritos como Martins Sarmento, caracter nobilis-

simo e talento comprovado, a quem muito e muito deve o povo vimaraneuse.

Terminando os apontamentos sobre Guimarães, d'aqui agradecemos a hospitalidade affabilissima com que

nos obsequiou o Caldas da Penha. (Elle é que *da Penha*, e eu é *que apanhei* a hospedagem.)

De Vianna damos em additamento este retalho da casa de Guerra Junqueiro, o poeta eximio e o cavaqueador inimitavel.

E registramos igualmente o bôdo a 200 pobres, que ali teve logar por occasião de se inaugurarem os melhoramentos do rio, e que foi uma das festas mais sympathicas, porque foi a festa da pobreza.

A INAUGURAÇÃO DOS MELHORAMENTOS DO PORTO DE LISBOA

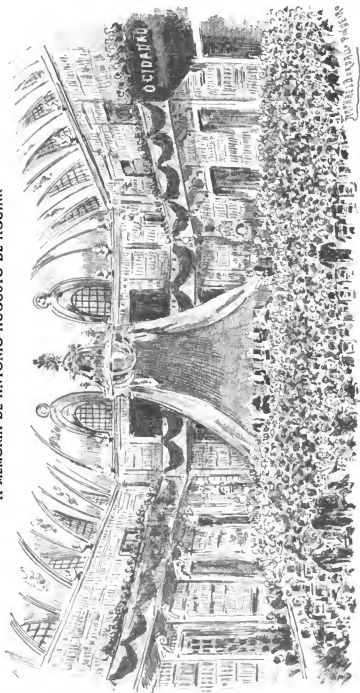
Aspecto exterior do pavilhão onde foi assignado o auto da inauguração das obras.

Interior do pavilhão

Vista do Tejo, no momento de ser lançada officialmente a pedra fundamental dos melhoramentos

A composição illustrada d'esta pagina deixou-nos apenas em branco um espaço das dimensões d'um pequeno cartão de visita. E' quanto nos basta, para n'elle registrarmos as nossas mais sinceras felicitações á cidade de Lisboa, pelo gigantesco melhoramento que vae engrandecel-a, e ao ministro Emygdio Navarro, pela coragem com que levou a cabo esse emprehendimento, por tantos planeado e só por elle executado

Á MEMORIA DE ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

O CIDADÃO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Aspecto da sala da bibliotheca na Academia Real das Sciencias, durante a sessão solemne promovida pela Sociedade de Geographia em homenagem á memoria de Antonio Augusto de Aguiar.

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

O INFERNO DE DANTE

Começou a publicação d'esta obra do immortal cantor, em uma das edições mais grandiosas que tem realisado a casa David Corazzi.

O verso, primorosamente traduzido por Domingos Enoes, um poeta de grande talento, que não teve a felicidade de assistir a celebração do seu nome; as illustrações de Gustavo Doré e n'isto se diz tudo; a edição luxuosissima, ao cuidado de David Corazzi e n'isto se diz egualmente o mais que se pode dizer.

Obras de Pereira Caldas. — Foi-nos offertada, pelo erudito professor e archeologo Pereira Caldas, uma valiosa collecção de algumas das suas obras, como *A Poesia Oriental, Carta ao Arcebispo de Braga, Acclamação de D. João IV em Braga, Oração Escolar, O Christianismo,* trabalhos de valia, que lemos com agrado e agradecemos com reconhecimento.

Luiz de Camões, por Joaquim de Araujo.

O tempo a que foi já publicado este delicioso volumesinho de soberbos versos dispensa-nos do justo encarecimento que nos merece o novo trabalho de Joaquim de Araujo, pela razão de que esse trabalho foi já, por certo, devidamente apreciado pelo publico, que na mais alta conta considera sempre as producções do distinctissimo poeta.

Revista Illustrada, por Luiz Antonio Gonçalves de Freitas.

Distribuiu-se o n.º 7, d'esta valiosa e interessante publicação, contendo diversos artigos e poesias d'uma feição distincta e com illustrações de Antonio Baeta.

Les Lusiades de Louis de Camões. Traducção em verso francez pelo dr. Henri de Courtois.

Tres coisas, n'esta obra, conquistam o direito á nossa estima: a fórma artisticamente luxuosa da edição; mais de que isso, o cuidado e o talento com que a versão foi executada: e, sobrelevando ainda, o serviço que esse trabalho presta ao estrangeiro ás lettras portuguezas, infelizmente tão desconhecidas fóra d'este cantinho do occidente.

POR AHI...

Em outro logar commemoramos devidamente a homenagem de respeito prestada pela Sociedade de Geographia á memoria do notavel cidadão Antonio Augusto de Aguiar, e isso nos habilita, suppomos, a fallar aqui—sem sombra de desrespeito mas sem que tenhamos de alterar a indole d'esta secção — d'aquella ceremonia, que foi o assumpto capital da ultima semana.

Isto posto, espreguicemo-nos detidamente, como quem necessita libertar-se dos laivos da preguiça que lhe ficassem d'um somno cataleptico.

Ahhh!!!...

Que pesadello de sessão aquella!

Aquillo é que foi *um opio*, em todos os sentidos da palavra!

E' necessario assistir a uma sessão d'aquella raça, para se comprehender quanto seria grande, notavel, extraordinario, o vulto que ali reuniu tantos amigos dedicados e tantos ouvidos inveoiveis!

Os discursos não tinham conto: seguiam-se uns aos outros como os dentes d'uma serra sem fim, trabalhando a vapor na serração d'um barrote de pau buxo!

Só de pensar n'elles fica a gente com os pellos *ouriçados*, como aconteceu áquelle sujeito quando viu os dois vultos mirrados sobre a campa dos finados!

Todas as pessoas que assistiram áquella sessão, oradores e audictores, saíram de lá com os cotovellos da casaca completamente esburacados. Os que ouviram, foi de passarem horas e horas dormindo encostados aos cotovellos; os que fallaram foi de passar dias e dias a fallar pelos cotovellos.

A um quinto da sessão já a assemblea estáva toda de bocca aberta, o que mais animou os oradores, persuadiodo-os de que taes abrimentos eram o attestado mudo da geral admiração.

Foi pena não se lembrarem de que a admiração e o somno andam de sociedade no processo de tacitamente se manifestarem...

Depois de queimadas duzias e duzias de peças oratorias, veio o *bouquet* final do sr. Gomes de Brito.

Aquillo é que foi *bouquet!* Parecia a opulenta flora da Africa e da America apertada toda o'um só junco.

O sr. Gomes de Brito, que é um homem alto, muito alto, tão alto que os carolas da sua freguezia chegam a tirar o chapeu, quando elle passa, persuadidos de que elle é o Altissimo; o sr. Gomes de Brito entende que, todas as coisas que tenha a fazer n'este mundo devem ser feitas pela sua medida, afim de, por esta forma, afirmar quanto possivel os dotes excepcionaes da sua alta individualidade.

Como é muito comprido entendeu que o seu discurso devia ter o mesmo comprimento.

Em duas palavras: o sr. Gomes de Brito fez o discurso por si...

Uma das coisas mais curiosas declamada pelo sr. Gomes de Brito foi o sentimento que s. ex.ª manifestou por Antonio Augusto de Aguiar haver entrado na politica.

N'este ponto estamos plenamente d'accordo.

Se Aguiar nunca tivesse entrado na politica não teria talvez occasião de patentear os grandes recurso da sua actividade e a enorme vastidão do seu talento.

Não patenteando isso, certo é que ninguem fallaria d'elle e a Sociedade de Geographia lhe não dedicaria sessões solemnes em homenagem á sua memoria.

Não havendo sessões solemnes já o sr. Gomes de Brito não teria occasião de fazer o seu discurso.

E não fazendo o sr. Gomes de Brito o seu discurso já nós não tinhamos apanhado aquella estopada tremebunda!

Quasi que chegamos a applaudir o sr. Cardeal Patriarcha por haver prohibido as exequias a Antonio Augusto de Aguiar!

Quando a massada foi de tal ordem fallando-se portuguez, o que faria se fosse latim!...

Resumindo. Depois da estopada d'aquella sessão, só conhecemos uma coisa mais estopante, é o artigo que o leitor acaba de saborear.

Fóra de Portas

Esta secção está moribunda. Está moribunda e vae morrer de inanição, visto a natureza não a haver dotado d'um estomago como os de Tanner e Merlatti, á prova das exigencias dos generos alimenticios.

Das thermas, das praias, das quintas, de toda a sorte de veraneação, em summa, regressaram já aos seus ninhos perfumados os milhares de pombas que constituem o nucleo auriluzente da sociedade lisboeta.

Longe do ninho perfumado e do nucleo auriluzente resta lá por fóra apenas um limitado numero de pombas.

Uma d'essas pombas somos nós. O nucleo auriluzente que tenha paciencia de esperar ainda uns dias pelo concurso brilhante da nossa personalidade, porque não tarda que voltemos tambem ao ninho perfumado, o qual já previamente mandámos varrer, lavar, esfregar, caiar, arejar e limpar das teias d'aranha.

De Pedroiços debandou pois a turba multa gentil que por ali andou ao mergulho durante os mezes da estação balneatoria.

A praia está quasi abandonada. A' noite, nem as festas do *club*, nem as serenatas de guitarra; pela manhã, nem as Amphitrites vaporosas nem o homem dos pãesinhos com linguiça!

Este homem dos pãesinhos com linguiça tem uma historia tão singella quanto commovente.

Ali pelo tempo da faina balnearia, quando os banhistas fervilham na praia como formigas n'um celeiro, o homem dos pãesinhos não tinha mãos nem linguiça a medir para attender a quantos lhe sollicitavam pãesinhos com linguiça a troco d'um vintem.

Terminada a hora do banho, os vintens recolhidos eram tantos, que o homem dos pãesinhos já andava conhecido na praia por um cognome similhante ao do sr. Monteiro Funga Milhões: chamavam-lhe o *Funga Vintens!*

Mas chegaram as vaccas magras dos banhistas, e os pãesinhos começaram a ficar-lhe no cabaz, e o homem a ter de comer n'elles, para não lhe apodrecerem, isto n'uma progressão diaria de tal ordem que ultimamente já não almoçava, jantava e ceiava senão pãesinhos com linguiça!

D'essa alimentação continua de carnes ensacadas resultaram-lhe dois horriveis males: uma divida enorme no salchicheiro e uma tenia ainda maior nos intestinos!

Francisco d'Andrade teve no *Rigoleto* uma estreia brilhantissima e uma ovação sinceramente enthusiastica. E, como se ainda lhe não bastasse a consciencia do seu grande merecimento e o applauso d'um publico numeroso, não lhe faltou até—como a todos os artistas eminentes—o desdem altamente significativo d'um ou outro zoilo inofensivamente ignorante.

Foi a suprema consagração da arte!

THEATRO DE S. CARLOS
OS ANDRADES
FRANCISCO D'ANDRADE

Depois de passar duas semanas a pãesinhos com linguiça, está passando agora outras duas a pevide de abobora o reflectindo talvez profundamente na falsidade d'aquella sentença *ceci tuerá celá*, visto ser precisamente quando a praia começou a achar-se *solitaria* que começou a gerar-se a *solitaria* que elle traz no bucho...

Este caso extraordinario vae, segundo consta e por intermedio de Mendonça e Costa, ser presente á Academia Franceza, afim de que o proloquio francez seja reformado n'este sentido:

«Isto matará aquillo», excepto no caso da *solitaria*, em que «isto fará nascer aquillo.»

POLITICA EM BOLANDAS

A feição especial tomada pela politica nos ultimos tempos vae obrigar-nos ao despejão d'uma reforma na vinheta com que encimamos esta secção.

Agora já não são apenas dois partidos militantes — symbolisados nas pessoas do sr. José Luciano e do sr. Serpa—que andam em bolandas, como aquella vinheta representa.

Varios magnatas d'esses dois partidos fizeram a partida de partirem as suas relações, e estão partindo para diversos pontos, o que faz com que os partidos fiquem partidos n'um sem numero de partidinhos.

Cada um dos novos partidinhos terá o seu orgão na imprensa, como vemos d'alguns já saídos a lume e iremos vendo de outros mais que ainda estão para sair da forja.

Temos já e taremos brevemente os seguintes orgãos, dos respectivos partidinhos:

Diario Popular—Orgão do partidinho mareannaceo.

Gazeta de Portugal—Orgão do partidinho serpaceo.

Esquerda Dynastica—Orgão do partidinho barjonaceo.

1.ª esquadra da rua da Horta Secca...—perdão! queriamos dizer *Correio da Noite*, mas confundimos com *1.ª esquadra* porque quasi todos os redactores d'aquelle jornal são empregados da policia...

Prosigamos:

Correio da Noite (que se publica de dia)—Orgão do partidinho Lucianaceo.

O Dia (que se publicará á noite)—Orgão do partidinho *Antonio Ennaceo*.

(Não confundir com *Antonio Ignacio*... da Fonseca e não esquecer que elle espera este anno a taluda do Natal...)

Temos pois nada menos de cinco *orgãos*, o que já dá uma collegiada de organistas muito rasoavel.

Agora é vel-os dar aos foles cada um para seu lado, no empenho de mutuamente fazeram rebentar os foles cada um ao seu visinho...

A creação d'uma esquerda dymnastica na opposição havia de forçosamente determinar a apparição d'outra *esquerda* governamental.

Emquanto os partidos não tinham esquerda eram todos manetas, e assim facilmente se mantinha a egualdade de forças e o equilibrio no combate.

Logo, porém, que a opposição arranja um esquerda, claro esta que o governo, ficando maneta, não poderia evidentemente sustentar a luta, visto não dispôr dos recursos herculeos do *maneta* da Ribeira Nova, que ha poucos dias deu a alma ao Creador.

E foi para se não vêr obrigado a dar ao Creador o mesmo que o seu collega da Ribeira Nova dera ha pouco, que o partido governamental arranjou tambem uma *esquerda* para seu uso particular.

Succede porém que as *esquerdas* estão-se fazendo *esquerdas* e vão trabalhando ás *direitas* no intento de dominaram as forças das *direitas* e d'ahi resulta que os partidos regenerador e progressista deixaram de ser *manetas*, mas passaram a ser *canhotos*.

CORRESPONDENCIA

Vespão, de Extremos e *M. Cacir*, do Porto.

Ambas as producções poeticas são boas, mas não podem ter agora cabimento, por se referirem a um conto publicado ha já bastantes semanas.

Fara a outra vez será.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

A uma atriz das mais formosas
Dos theatros de Lisboa,
Em quintilhas graciosas,
Onde o chiste andava ás grosas,
Segredou certa pessôa:

—Ha já tempo que reparo,
Só commigo, só p'ra mim,
Que se dá phenom'no raro
Quando eu a vejo, em preparo,
Dentro do seu camarim...

—N'isto a coisa se resume:
Um simples *diminuitivo*,
Mal avejo logo assume,
Proporções,—como um cardume
Do proprio *superlativo!*...

Qual o *diminuitivo* que assume proporções d'um cardume do *superlativo?*

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Comecemos pelo fim, pelos circos.

O da rua Nova da Palma — o dos cavallinhos — está quasi a abrir; e o do Campo de Sant'Anna — o das toirinhas — está quasi a fechar.

Cremos que ainda uma vez n'este anno atravessará as ruas da cidade o tradiccional bando dos toiros — esse bando mutilado pela ferocidade d'um governador civil que, apesar de bombastico, não queria bombo pelas ruas, e assim reduziu toda a magnificencia musical do antigo bando a um simples toque de cornetim à *piston*; — mas essa travessia será o canto do cysne do cornetim a *piston*, visto como tal cornetim não voltará esta epocha a sobresaltar o coração das sopeiras — persuadindo-as de que passa o regimento do 2 — sobresaltando ao mesmo tempo a primeira das tres partes (por syllabas) d'aquelle mesmo orgão, ao sr. Bailio de Malta, persuadindo-o de que passa o regimento do 7...

Em resumo: regressa, de veranear, o bando das elegantes, é justo que vá descançar o bando dos toiros.

❈

Em todos os tempos a bailarina constituiu uma verdadeira *ratoeira* ao coração incauto do espectador endinheirado.

Este anno, porém, a empreza de *S. Carlos*, esforçando-se por dar-nos novidade em todos os generos, não quiz limitar-se ás novidades lyricas e por isso estendeu as novidades até o corpo de baile. As bailarinas já não são *ratoeiras*: — agora são *ratos*. Ratos ou ratas, ratas sábias, naturalmente, visto trabalharem na presença do publico illustrado, mas ratas, em todo o caso, a avaliarmos pelo palminho da cara...

Isto constitue uma felicidade para a empresa, porque, com semelhante corpo de baile, é-lhe impossivel ter *cães*.

Pelo menos dos da raça *bull terrier*...

A *Trindade* continua a fazer carreira com o *Amor Molhado*.

Se é justificado o proloquio «quando ha vento molha-se a vella» não admira que a *Trindade* vá de vento em pôpa molhando mais alguma coisa de que a vella visto que leva o amor molhado...

Juntamente com o *Amor molhado* a *Trindade* dá-nos tambem agora os *Meios de transporte*, o que significa o util de mãos dadas com o agradavel.

Assim, com *meios de transporte*, já toda a gente pode ir ao *amor molhado* sem ter de levar chapeu de chuva nem galoches de borracha.

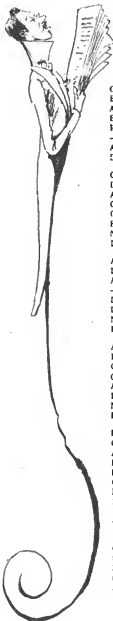
Bernardo Lucena

PAN-TARANTULA

Cançonetas e monologos — Lili, Do outro lado, Meios de transporte, A Pulga, a Lagartixa.

Veja-se o annuncio na capa.

O GRANDE DISCURSO

DO GOMES DE BRITO

O grão Nazareth,
Brion altaneiro,
Augusto Ribeiro
E o Jayme bonito,
Parecem pequenos,
— Havendo concurso —
Ao pé do discurso
Do Gomes de Brito!

Os annos sem conto
Do Silva Pereira,
A estrada da Beira,
Os salmos do rito,
O grande Amasonas
Em todo o seu curso,
Não chega ao discurso
Do Gomes de Brito!

A extensa fileira
Dos trens do Lagoia,
A guerra de Troia,
— Eterno conflicto —
Do polvo os tentaculos,
Da cobra o percurso,
Não chega ao discurso
Do Gomes de Brito!

As notas, opusculos,
Folhetos e o mais
Que ha annos o Paes
(Miguel) tem escripto,
A muita estopada
Em que elle anda incurso,
Não chega ao discurso
Do Gomes de Brito!

De Arrobas Barreiros
O pé desconforme,
A penca ultra-enorme
De Affonso Pequito,
Do tempo que passa
O eterno decurso,
Não chega ao discurso
Do Gomes de Brito!

A legua da Povoa,
Um dia de julho,
Um pau de vasculho,
O proprio infinito,
Um guincho, em soprano
De grande recurso,
Não chega ao discurso
Do Gomes de Brito!...

SOMBRINHAS

Mas cá fóra, na sombra do lençol, o caso muda de figura e até parece que se abraçam...

Isto é o que verdadeiramente se passa por traz da cortina: esmurram-se.

ESQUERDAS E DIREITAS

O partido regenerador e o partido progressista parecem os irmãos Donatos. Cada um é constituido de dois corpos que trabalham juntos ou separadamente, conforme as exigencias do serviço.

Zé Povinho extranha vêr apenas dois pés em cada dois corpos, porque não sabe que os pés que faltam lhe foram mettidos nas algibeiras...

POR AHI...

Lá vae um caso que parece uma novella:

O caminhante, que no dia de S. Martinho, atravessasse a rua do Oiro, entre as sete e as oito horas da tarde, julgar-se-hia atravessando, *entre as dez e as onze*, a adega do Quintão, tal era a concorrencia n'aquelle sitio, o qual se achava em estado de *dito*, como diria, para fazer um *dito*, o nosso ditoso amigo Mendonça e Costa.

Parecia que se abrira ali um casco de rachar pedras; e oa verdade que, se faltavam os cascos de vinho de Bucellas, sobejavam entretanto os *cascos* das patas da municipal, ainda mais proprios de que aquella pinga, para o mister de *rachar pedras*.

Quem entrava na rua do Oiro, esbarrando com todo aquelle reboliço, dava-se a milhares de conjecturas para lhe atinar com a causa, terminando quasi sempre por exclamar muito satisfeito:

— Ora até que dei no 20! Esta concorrencia é para a loja do Moreira **103.**

Mas d'ahi a bocado reconhecia que não tinha dado no 20 com o 103...

Alguns aventavam tambem que era um concurso de freguezes para a secção de sapataria recentemente inaugurada pelo Grandella do *Novo Mundo*. Mas a presença da guarda municipal destruia para logo similhante presumpção, porque a guarda municipal não calça por aquelle sapateiro—calça pelo *José Russo* da rua da Escola Polytechnica.

Estavam as coisas n'esta pata...—perdão! julgavamos referir-nos ainda á *guarda municipal*—estavam as coisas n'este pé, quando finalmente começou a correr de bocca em bocca a explicação d'aquelle singular levantamento, que afinal tivera causa n'um levantamento nada singular, visto ser o levantamento mais vulgar, mais commum, mais natural e mais expontaneo de todos os levantamentos conhecidos, desde que a mãe Eva deu a provar ao pae Adão o bocado appetitoso da maçã tradiccional...

Bem desejariamos satisfazer a justa curiosidade do leitor, pondo-lhe aqui por claro, nú e crú, esse primeiro levantamento particular que determinou o outro levantamento publico, mas isso representa um assumpto por todos os titulos tão melindroso, que d'elle se pode dizer: «aqui torce a porca o rabo...»

Podendo mesmo accrescentar-se, a respeito do citado assumpto, que o sr. Bailio de Malta costuma fazer precisamente o contrario do que faz a porca...

O tal levantamento, ao que se conta, deu-se no cafe Aurea, *au cabinet particulier*—não sabemos se obrigado a camarote—mas deu-se em frente d'um espelho, que dá para a rua, e que assim deu noticia cá para fora de tudo que se estava dando lá dentro...

E, ao que parece, estava-se dando uma coisa deliciosa, d'aquellas de fazer crescer agua na bocca aos paladares mais exigentes, porque a multidão começou a crescer cá fóra, a crescer, a crescer, a crescer de tal maneira que até cada pessoa, individualmente, augmentava de volume a olhos vistos!

Já não era um simples levantamento: era um verdadeiro phenomeno—aliás muito natural...

A coisa tomou um aspecto tão grave, tanto no interior como no posterior—isto é, tanto no gabinete do Aurea como no descampado da rua do Oiro—que afinal a policia não teve remedio senão intervir—e sabe Deus com que vontade ella foi *intervir*, quando naturalmente o seu empenho fôra antes *entrever*...

O dono do Aurea, quando lhe foram dar parte do succedido—e que pena que nós temos de não ser dono do Aurea, e que em vez de nos darem parte nos dêssem todo o succedido!...—quando lhe foram dar parte do succedido, entrou pelo gabinete dentro com a impetuosidade com que, momentos antes, entrára no mesmo gabinete a *causa* de todo aquelle reboliço, e exclamou para os dois freguezes—porque eram dois, macho e fêmea, os freguezes do gabinete:

— Vocemecês acabem de dar um prova...

— Acabamos, sim senhor, (interrompeu a fregueza) acabamos de dar uma prova, mas não sabiamos que se chaloava assim...

— Acabam de dar uma prova da sua irreflexão, aqui ao reflexos do gaz, sem reflectirem no espelho que tudo reflecte!

Então os freguezes, attentando no espelho, cahiram em si—pela segunda vez n'essa noite—e, protestando que a irreflexão fôra do espelho que tudo reflectira, sairam para a rua, lastimando-se a meia voz:

— Chegámos a um tempo em que já parece exquisito, em dia de S. Martinho, cada um tomar a sua soda!...

Porque fôra uma soda—de banana—que elles tinham ido tomar ao café Aurea...

AS MÃOS

Segundo por ahi se chimpa
— Lama que a todos babuja —
Em negocio de alta grimpa
N'este pinhal de Azambuja,
Muita bolsa ficou *limpa*,
Muita mão ficará *suja*...

Se este caso atroz, sombrio,
Fôr tal qual como se escreve,
Com taes mãos, em tal feitio,
Inda esp'ramos vêr em breve
As mãos do proprio Bailio
Par'cendo brancas de neve...

POLITICA EM BOLANDAS

«Os extremos tocam-se», diz um ditado dos nossos avoengos; «toda a quantidade que passa pelo infinito muda de signal», diz a arithmetica do sr. Pegado.

E, quando, nem os nossos avoengos nem a arithmetica do sr Pegado tivessem dito semelhante coisa, ella agora se demonstraria por si, com os factos que se estão dando na politica nacional e que fazem com que el-rei se approxime do partido republicano.

Presentemente todos os partidos militantes arranjaram uma *esquerda*, o que quer dizer que ficaram completos, adquirindo o membro que lhes faltava.

Só o partido republicano não tem *esquerda;* e como, segundo o proloquio, «o rei não tem costas», d'ahi resulta que mutuamente se approximam, pela homogeneidade da sua desventura — visto serem dois aleijadinhos.

❦

Consta que o sr. Antonio Ennes vae fazer uma alteração importante no titulo do seu jornal e que consiste na suppressão d'um espaço e na alteração d'uma letra. Em vez de se intitular *O dia*, denominar-se-ha *Odio*.

Apesar de não faltarem merecimentos ao sr. Antonio Ennes para produzir sosinho toda a redacção do jornal *Odio* (não pronunciar *jornalodio*, para não fazer *mendonçaecosta*) parece que será encarregado da secção da quarta pagina o sr. Gomes Leal, afim de que os proprios annuncios, venham resumando odio por todos os poros — queremos dizer por todas as virgulas.

❦

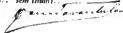
Em familia. Falla-se de politica.

A viscondessa para o primo Alberto:—O sr. que partido prefere? a direita ou a esquerda governamental? a esquerda ou a direita opposicionista?

Alberto:—Nem uma nem outra; nem direita nem esquerda! Eu prefiro o centro—se não fôr do desagrado da priminha...

SEM TITULO...

Farei apenas dez versos
—E era assumpto p'ra milhares...—
Falla-se em *tit'los* diversos,
Tit'los que foram dispersos
Por diversos *titulares*...

Como é varia e caprichosa
A vida, estranho capitulo!
São artes, coisas ó Rosa...
Uns ganham *tit'los* em prosa,
Eu faço versos.. *sem titulo!*..

SALÕES. PALCOS E CIRCOS

Em D. Maria dão-nos ha meia duzia de noites *A Noiva de Florestano*, que nós temos apreciado, —maldade aparte —como se foramos o proprio Florestano.

Pelas lisongeiras condições d'aquella noiva auguramos que ella disfructará a *lua de mel* official—que dura 365 dias.

Com a *Noiva* tem-se representado diversos monologos, dois dos quaes nos dão especialmente no goto, mas de que não diremos palavra—por um sentimento de molestia que nos fica a matar.

Do desempenho, porém, visto não ser nosso, é que sempre diremos duas coisas.

1.º, que Amelia da Silveira recita *O Cigarro* primorosamente, na mais delicada intuição artistica, por fórma a converter-nos, ao ponto de acharmos magnifico o monopolio do tabaco—contanto que a monopolista fosse ella, Amelia da Silveira.

2.º, que *O Riso* é desempenhado por Virginia d'uma maneira inimitavel, o que não admira, porque Virginia, além dos seus dotes excepcionaes de actriz, tem passado uma vida inteira representando papeis dramaticos, que a obrigam a chorar em scena, do que resulta expandir agora n'aquelle monologo todo o riso represado da sua vida artistica, em milhares de gargalhadas crystalinas, com que suavemente nos acaricia o bichinho do ouvido.

No *Gymnasio* uma aluvião de comedias engraçadissimas, de que não podemos fallar, porque, só a relação dos titulos, nos gastava para cima d'uma resma de papel almaço.

O joven actor imitador Gonsalves Fernandes, que ali foi muito applaudido, acaba de bater as azas para o Porto, onde vae dar uma pequena serie de representações.

A CARTA DO FILIPPE DE CARVALHO

UM MONSTRO!!!

A QUESTÃO DA LAMA

Que ha lama já nós sabemos; só falta agora saber quem são os varredores...

S. CARLOS

Talazac, quando não é applaudido.

Talazac, quando é applaudido.

A unica opera em que as bailarinas podem ser vistas é na Aida—pela razão de trazerem mascara.

Se aquelle trajo fosse adoptado para todos os bailados é que era uma pechincha para ellas e um encanto para os olhos do espectador.

Um melhoramento importante.

Alvitramos que se substitua a caixa de lata verde do ponto por uma bella a face, tambem de lata verde, porque isso seria, não só mais elegante, como tambem mais patriotico—na patria dos *alfacinhas*.

EPISTOLOMANIA

Dizem os calendarios das folhinhas que o signo dominante no corrente mez é o Sagitario; nós, porém, andamos desconfiados de que não é tal o *Sagitario*, mas sim o *Cartapaceo!*

Assim se explica, sob a influencia d'este signo, a al-

luvião de cartas estapafurdias que por ahi vemos greiar nos papeis publicos, subscriptas pelos nomes mais eminentes do nosso mundo politico.

A dissidencia é a nota dominante d'essas cartas, com o que Firmino esfrega as mãos de gaudioso, na esperança de que taes dissidencias venham a fazer carreira pela estalagem da Boa Hora.

No curto espaço de um só dia, nem menos de quatro cartas do vultos importantes viram a luz da publicidade! Uma do sr. José Julio Rodrigues, outra do sr. Mendonça Cortez, mais outra do sr. Filippe de Carvalho e ainda outra do sr. Antonio Ennes.

A carta d'este ultimo não é bem uma carta; é um prospecto do jornal *O Dia*, que deve sair á noite um dia d'estes.

O sr. Antonio Eunes declara que o seu jornal occupará na politica o ponto onde as ideias modernas se congrassam com as antigas, continuando progressista, apesar de ir para a esquerda, afastando-se do centro, porque o partido progressista é assim uma especie de loja de ferro velho, ou armazem de *bric-a-brac*, onde os moveis antigos andam de salgalhada com os modernos—alias na santa paz da familia.

Depois das doutrinas apresentadas a ultima hora pelo sr. Antonio Ennes, estamos fervendo em pulgas por assistir á *reprise* dos *Lazaristas*, onde naturalmente, agora, o liberal Fernando de Magalhães passa a fazer panellinha com os lazaristas, andando de rapioca na bella sociedade do padre Bergeret...

AS LUVAS

O titulo, que era magnifico para uma comedia destinada ao theatro do *D. Maria*, está servindo para uma farça engraçadissima oo theatro da vida real.

O enredo é d'uma simplicidade primitiva: varios personagens, eximios om limpeza de mãos, calçam umas luvas com que os presentciaram.

E' o contrario do que fazia aquelle sujeito que só calçava as luvas ao apear-se do comboio e em vista de ter sujado as mãos durante a viagem. Os personagens da farça calçam as luvas mesmo a despeito da limpeza de mãos. E' o cumulo do aceio!

Na primeira scena não appareceram senão os jornaes da opposição, declamando longas tiradas de rhetorica moralista, capazes de fazer inveja ao Theodorico que Deus haja.

Depois é que entraram em scena as folhas governamentaes. Deviam ir para a *tabella*, porque atalharam a *deixa* um pouco tarde. Demora quo proveio, naturalmente, de estarem fazendo a caracterisação...

Uma d'essas folhas foi á 1.ª esquadra da rua da Horta Secca, (vulgo *Correio da Noite*) demonstrando assim mais uma vez que a policia chega sempre *trop tard*...

O *Correio da Noite* explicou o seu silencio dizendo que assim procedêra «por julgar que seria imprudente intervir n'um debate que prejudica a seriedade dos nossos costumes e envolve graves responsabilidades de toda a ordem».

Esta explicação na bocca d'um jornal que é commulativamente uma esquadra de policia, tem o alcance d'uma espingarda Krotpachee!

Fique pois inteirado todo o corpo da policia civil que jámais deverá intervir em debates que prejudiquem a seriedade dos nossos costumes.

Amanhã, por exemplo, um gatuno pede a bolsa ou a vida a qualquer sujeito que vae passando; o sujeito não lhe quer dar uma coisa nem outra e d'ahi resulta o debate natural que se dá sempre entre pessoas que não estão de accordo.

—Dê cá a bolsa!

—Não dou!

—Então dê cá a vida!

—Tambem não dou!

A policia está ao pé, ouve o debate, mas não intervem—para não prejudicar a *seriedade dos nossos costumes*...

Outra instrucção de igual alcance para o serviço da policia é a que se encerra em um artigo do *Commercio de Portugal*, o qual é de opinião que a justiça não tem razão de proceder pela simples delação de um facto criminoso, emquanto o accusador (que é o *Jornal do Commercio*) não declarar o nome das pessoas criminosas.

Exemplifiquemos·

Alta noite, um assassino cose de facadas a primeira barriga infeliz que lhe vem ao alcance da navalha.

O dono da barriga dá a alma a Deus, depois de ter dado o diabo á cardada por ter tido semelhante encontro, passa toda a noite com as tripas ao relento e apparece no dia seguinte estatelado no meio da rua como um cação na Praça da Ribeira Nova.

A policia encontra-o, tem muita pena d'elle, mas não procede no descobrimento do crime emquanto o morto não lhe disser o nome da pessoa que o mandou d'esta para a melhor!

Tendo ido para melhor, bem tolo seria o morto se dissesse alguma coisa.......... ....

....

Pelo pouco que fica exposto já o leitor póde fazer uma ideia do chiste que tem a farça que se vae representando..

Um igenuo: —O' compadre! o governo cairá por causa das luvas novas?

Um pratico —Qual carapuça! O mais que podia era tropeçar... se em vez de luvas novas fossem umas botas velhas...

Cornelio.—Afinal ainda se não sabe se as taes *luvas* se abotoam á antiga ou á moderna; isto é, se são de ganchos ou de botões...

Serapião:—Mas sabe se que foram um *gancho* com que varios sujeitos se *abotoaram*..

O CASO ESCURO

— Venha sr.ª D. Justiça! Venha para estes lados, vibrar o seu impolloto gladio da cutillaria do Polycarpo!...

— Para ahi não vou, que está muito escuro...

— Mas como sabe que é escuro, se a senhora tem os olhos vendados?!

— Dos olhos só um é que é *vendado*... a balança é que é toda *vendida*...

THEATRO DE S. CARLOS

BAILE DE MASCARAS

Andrades sempre bem, a despeito do frio, da noite, da má vontade do publico e de tudo mais.

A sr.ª Cataneo, além de parecer um peixe, quando canta dá occasião a que os *reporters* lhe vejam o *menu* completo do jantar.

O pagem parece uma menina muito honesta, da rua dos Fanqueiros, que se vestiu de pagem para ir ao *baile de mascaras* — uma vez sem exemplo.

Subscripção promovida pelos «Pontos nos ii» para auxiliar a elevação d'um monumento consagrado á memoria do eminente e desventurado artista André Gill.

Do producto d'esta subscripção, que foi de 21$250 réis, fizemos já entrega, como consta dos documentos que em seguida publicamos

Le Cri du Peuple
142, Rue Montmartre

(Logar do carimbo)
Secretariat

Paris, le 13 novembre 1887

Monsieur Xavier de Carvalho, publiciste, á l'*Illustração*, 13, quai Voltaire — Paris.

Nous avons reçu la somme de 116,70, montant d'une souscription de vos compatriots pour le monument d'André Gill.

Madame Séverine, directrice du *Cri du Peuple*, me charge de vous transmittre sus remerciements et l'expression de sus meilleur sentiments.

Recevez en même temp, Monsieur, etc.

EDM. CAMBIER.
L'Administrateur Delégué.

Reçu de Monsieur Xavier de Carvalho la somme de *cent seize francs 70 cént.*, produit de la souscription ouverte par le journal *Pontos nos ii* pour l'erection d'un monument á la memoire d'André Gill.

Paris, le 11 novembre 1887.

JOHN LABUSQUIÈRE.

PAN-TARANTULA

Cançonetas e monologos — Lili, Do outro lado, Meios de transporte, A Pulga, a Lagartixa.

Veja-se o annuncio na capa.

POR AHI...

O leitor conhece por força a viscondessa de... o nome não vem ao caso.

Ora se conhece!... Aquella encantadora viscondessinha, loira como uma massaroca, alta como um eucalypto, flexivel como um junco, perfumada como um junquilho e inaccessivel como um cacto—a synthese, em resumo, da botanica applicada ao genero humano, elegante.

Ora a viscondessa tem uma criada.

E' naturalmente o mesmo que acontece ao leitor, com a differença porém de que a criada da viscondessinha puxa muito para pessoa fina, ao passo que a criada do leitor não puxa naturalmente senão para o freguez da hortaliça ou para o soldado da guarda municipal.

Uma noite d'estas, a viscondessinha, regressando de *S. Carlos*, de ouvir o *Rigoleto*, encontrou no seu *boudoir* duas cartas tratando do mesmo assumpto: uma de Arthur, o amante effectivo, e outra de Alberto, o amante supranumerario—com probabilidades á effectividade do serviço.

Ora é sabido que, com os amantes se dá precisamente o mesmo phenomeno singular que se observa nos empregados publicos: o supranumerario, apesar da falta de vencimento, presta sempre melhor conta de si, esforçando-se mais no desempenho do serviço e marcando superior numero de graus no thermometro da assiduidade, comparativamente com o effectivo.

De forma que a carta de Arthur—o effectivo—limitava-se a pedir banalmente á viscondessinha que pozesse o signal convencionado e adoptado mais de duzentas vezes—a luz na janella da saleta—caso podesse recebel-o n'essa noite; ao passo que Alberto—o supranumerario—n'uma jeremiada amorosa de sete paginas e meia, terminava por insinuar a medo que, se apparecesse luz na janella da sala, elle Alberto iria a arrebentar de felicidade lançar-se aos pés do seu idolo, a involver-lh'os no tapete quente dos seus beijos apaixonados, em vez de se lançar ao Tejo frio, fornecendo aos caranguejos esfomeados um banquete verdadeiramente Balthasariano!

Esta ideia do banquete, do Tejo frio e dos caranguejos esfomeados, produziu um estremecimento nervoso até á medula da viscondessinha, ao passo que o tapete de beijos quentes lhe alastrou um calor suave, aioda muito além da medula já citada...

❁

Arthur era o primeiro por antiguidade, não havia duvida alguma, mas Alberto tinha a prioridade no concurso, por merecimentos...

D'ahi, a viscondessinha é sinceramente catholica apostolica, e lá diz a evangelica sentença que «os ultimos serão os primeiros...»

E aqui está como a viscondessinha queimou indifferente a carta de Arthur, e, fechando cuidadosamente as janellas da saleta, foi pôr luz na janella da sala, muito alegre, muito satisfeita, muito jovial, cantando até n'uma expansão *coquette* e maliciosa, a celebre aria do *Rigoleto*, que momentos antes ouvira cantar primorosamente ao nosso querido artista Francisco de Andrade:

> «La dona é mobile
> Qual piuma al vento,
> Muta d'accento
> É di pensiero...

O que se passou d'ahi por diante não o sabemos nós mas o caso é que no dia seguinte, quando a criada a que nos referimos em começo d'este artigo entrava no quarto da viscondessinha, encontrou-a já accordada, com umas olheiras profundamente accentuadas, mas muito contente da sua vida e não se fartando de cantar:

> «La dona é mobile
> Qual piuma al vento
> Muta d'accento
> É de pensiero...»

A criada que, como dissemos, puxa muito para pessoa fina e tem muito bom ouvido, fixou logo a musica da aria, e, interpretando a lettra italiana lá a seu modo, sahiu do quarto da ama cantarolando tambem alegremente:

> «A Dona Monica
> Impina ao vento,
> Moda o assento
> E o pensamento...»

E, ao tempo que cantava, a gentil criadinha ia pensando de si para comsigo que muito rica devera ser a tal *D. Monica*, para *mudar*, d'uma assentada, o assento e o pensamento — agora, que as mudanças estão pelo hora da morte!...

Veio a historia da viscondessinha a pello, por estarmos considerando, ao começar esta chronica, que o indigena é tão *mobile* como qualquer *dona* e que, se não *impina ao vento*, muda pelo menos o *assento* e o *pensamento* com a mesma facilidade com que o fazia a *D. Monica*, segundo a opinião da criada da viscondessinha.

E é por elle mudar o assento e o pensamento, que já ninguem pensa no que se pensou na semana passada.

E é por ter passado esse pensamento e não ter vindo por ora outro a substituil-o, que nós fazemos a chronica da semana com a historia da viscondessinha, que apesar de não ter acontecido, foi o acontecimento mais notavel da semana decorrida..

Gil Tarantula

GENTE FINA

Os nossos antepassados tinham uma paixão decidida pela coincidencia. Andavam a esgaravatar coincidencias por toda a parte e a coisa mais simples d'este mundo era caso para vir logo a gazetas e almanachs; com muitos ah! ah! muitos oh! oh! e muitos pontos de exclamação.

Por exemplo:

«Nasceu hontem, segunda feira, mais uma robusta menina, filha do nosso amigo F... O nosso amigo F... está profundamente impressionado com este acontecimento de lhe nascer a segunda filha n'uma segunda feira! Singular coincidencia!!!»

Ora o que diriam os nossos antepassados, se vivessem no nosso tempo e podessem assim presenceiar a a coincidencia que se deu agora, de chegarem a Lisboa, quasi no mesmo dia, quasi á mesma hora, dois consules portuguezes que mais sympathias disfructam no estrangeiro, dois escriptores intelligentissimos que mais nomeada gosam entre nós, dois rapazes bem postos que mais attenções despertam no bello sexo e dois *Jaymes*, emfim, que é nome pouco trivial a portanto difficilimo de se encontrar assim nos pares, como os frades, no registo de entradas de forasteiros?

Naturalmente os nossos antepassados não diziam nada, porque se lhes seccava a lingua, assombrados com esta coincidencia quadrupla que lhes offerecia a chegada dos nossos bons amigos Jayme de Seguier a Jayme Batalha Reis, os taes sujeitos que são consules sympathicos, escriptores intelligentissimos, rapazes bem postos e ambos *Jaymes*, ainda em cima, para contrapeso de tanta e tão singular coincidencia!

Os nossos antepassados punham naturalmente as mãos na cabeça, de assombrados; nós, porém, não lhes imitamos o gesto, porque precisamos das mãos para apertar affectuosamente as d'aquelle par de *Jaymes*, nossos preciosos amigos.

Gil Tarantula

Os archeiros solicitaram de sua magestade el-rei que lhes permitta o uso d'um novo fardamento, mais de accordo com os modernos costumes e em substituição da velha farda multicôr que anda fazendo ha uns poucos de seculos o desespero invejoso do arco iris.

Mas esta reclamação dos archeiros vem dar logar a outras sortes de reclamações.

O *Fantoche*, aquelle cão conhecido de todos os frequentadores do *restaurant* Tavares, vae escrever um opusculo de combate, protestando energicamente contra a pretenção dos srs. archeiros.

O livro intitula-se: *Lamentações d'um cão* e começa por estas palavras vehementes:

—Tiram-nos tudo! Uzurparam-nos o privilegio de esgaravatar nos barris do lixo, pondo-nos o açaime! Prohibiram-nos o passeio de dia, sob pena do bolo envenenado! Constrangeram-nos à reclusão nocturna, com ameaça da carroça! E, por cima de tudo isto, tiram-nos agora as *canellas* dos archeiros, que eram o refugio de nossas almas attribuladas e o rebolo onde se afiavam os nossos dentes necessitados!

E' tempo de protestarmos perante o parlamento, perante o paiz e perante a Europa dos cães civilisados!

Os archeiros de perna gorda, que faziam lu
amostral-a por essas ruas, em dia de grande gal
testam tambem contra o novo fardamento que,
provavelmente, não lhes deixará mostrar as per

—O que heide eu fazer d'umas pernas tão bo
perguntava hontem indignado um dos mais for
archeiros-bacalhoeiros do nosso conhecimento.

Pela parte
gra empenha
uniforme, vis
não chegavam
que enchiam

Aqui deixa
quas será ast
archeiros.

FARDAMENTO DOS ARCHEIROS

em
pro-
uito
i.
as?
osos

— Desde criança, proseguia elle, quasi a fazer beicinho, desde criança que não faço senão comer abobora para engordar as barrigas das pernas; tenho o quintal carregadinho de aboboras, a casa mobilada de aboboras... O que querem que eu faça de tanta abobora·
Ora abobora!

e lhes toca, os archeiros de perna ma-
e quanto possivel pela substituição do
que, dizem elles, os vencimentos lhes
ra a compra do algodão em rama com
barrigas—das pernas.
s um esboço dos costumes de entre os
lmente escolhido o novo uniforme dos

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Á pergunta que fizemos no nosso penultimo numero recebemos a seguinte

Resposta

Urgente é que venha alguem
p'ra d'uma fórma bem chã
annullar, o annullar bem,
Toda a ronha que contém
essa pergunta de *Pan*:

O tal poeta, quanto a mim,
era o rei dos maganões.
que o bella actriz vendo assim
suppunha o seu *camarim*
um montão de *camarões!*

Porto. M. Cacia.

Désto no vinte, rapaz!
Que talento quo tu tens!
Mais esperto e perspicaz
Só aquelle *Alho* sagaz,
Natural de Mata-Cães!

Tal qual, tim tim por tim tim,
Deu-se o caso como expões...
Confesso-o, côr de carmim:
— Faz-me effeito, o *camarim*,
D'um prato de *camarões!*. .

Gaio Tarantula

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

A electricidade, pelo dr. Virgilio Machado.

Ha mais d'um mez que temos em nosso poder o volume d'aquelle titulo, trabalho precioso do erudito professor cujo nome é de todos conhecido. E dizemos *precioso*, não porque os nossos insignificantes conhecimentos sobre a materia de que ali se trata queiram abalançar-se a uma opinião para que não teem fóros, mas porque essa classificação lhe ouvimos dar a mais d'um espirito illustrado e competentissimo em tal assumpto.

Obolo ds crianças, por Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento.

Sobre o valor extraordinario d'esta obra falla mais eloquentemente de que ninguem o nome de Camillo Castello Branco impresso no frontespicio do livro.

Junte-se o esse nome resplandecente de gloria os nomes respeitaveis de Martins Sarmento o de Ferreira Moutinho, e ainda os de tantos outros benemeritos, do quo se compoz a commissão editora do livro, e assim se avaliará quanto pode valer, moral e materialmente considerado, esse bello volume, em cujo formoso electuario collaboraram tão valiosas individualidades.

Os gagos, comedia em um acto, por Baptista Diniz.

Esta comedia é engraçadissima, mas a sua leitura deixou-nos a gaguejar de tal maneira que não podemos dizer nem mais palavra.

Agora fallo eu... Opusculo por Pedro Manoel Lisboa Pinto, representante das communidades da India e Ceylão.

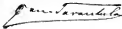
Recebemos agora mesmo um exemplar d'esta publicação; e, como nos escasseia absolutamente o tempo para o lermos agora, veremos mais tarde do que falla o sr. Lisboa Pinto e depois fallaremos nós.

Gazeta dos theatros. Saiu o segundo numero d'esta interessante publicação, contendo, além de varios artigos curiosos, um bello retrato de Lucinda do Carmo, acompanhado da biographia d'aquella intelligente actriz.

O primeiro numero publicára o retrato de Eduardo Brazão.

A *Gazeta dos theatros* é dirigida por um rapaz muito sympathico e muito intelligente — Raphael do Valle — que necessariamente ha de sustentar aquella publicação na altura correspondente ás exigencias d'ella o aos merecimentos d'elle.

Gaio Tarantula

Fóra de Portas

O leitor que apenas conhece as Caldas da Rainha sob o prisma auriluzente da epocha thermal, quando o sol tem reflèxos doirados, o campo opulencias de vegetação, a Copa bandos de elegantes e o *Club* quadrilhas de *lanceiros* com chá, piano, Pavão e tudo; o leitor que conhece as Caldas sob esto prisma, mal fará uma ideia pallida do que é agora aquella villa, sem sol brilhante, nem vegetação opulenta, nem elegantes na Copa, nem *lanceiros* no *Club*, nem chá, nem piano, nem Pavão, nem nada!

A lama de Lisboa está para um metro cubico por cada habitante, assim como a lama das Caldas está para x.

Multiplicando a lama das Caldas por cada habitante da capital e dividindo o producto pela lama de Lisboa, o leitor poderá fazer uma ideia do que é a lama n'aquella terra, mãe adoptiva do conselheiro *Pim!*

Ali não é o caminhante que se enterra pela lama abaixo: é a propria lama que marinha pelo caminhante acima!

E' uma lama *animal*, com carne e osso, musculos e intestinos, articulações e orgãos respiratorios; que tem vida, acção movimento; que come, bebe, conversa e viaja desde as biqueiras dos sapatos aos mais elevados pincaros da copa do chapeu alto!

E depois, á noite, a illuminação das Caldas representa tudo que ha de mais Jobloskoff, para uma pessoa andar a saltar pocinhas. Os candieiros são de primeira qualidade; as chaminés do mais fino crystal; o petroline da casa Macieira & Filhos—e clarificado; as torcidas...

Torcidas é que não ha... Tambem não se póde attender a tudo...

Além d'isto a camara municipal não illumina em noites de luar e o conselheiro Pim anda feito com a camara na execução d'um processo, mediante o qual todas as noites são de luar.

A' noite, a virgem modesta, furta-se aos hymnos da festa... perdão! isto é do sr. Thomaz Ribeiro...

A' noite, o conselheiro *Pim* furta-se á bisca lambida e vae-se a passear na Praça, com o chapeu descaido sobre a orelha esquerda.

Quem, de longe, lhe vê o quarto direito da careca, imagina que é *lua nova* e por isso os candeeiros estão apagados.

Nas noites seguintes o conselheiro vae endireitando o chapeu progressivamente, saindo em carola ao cabo

de quinze dias, para mostrar a *lua cheia*, e depois começa a inclinal-o para o lado opposto, até concluir o *quarto minguante*...

D'esta fórma nunca falta a *lua*, o por isso não fazem falta as torcidas dos candieiros.

Para substituir essas torcidas lá está o conselhoiro *Pim*, quo, se não é *torcida*, é em compensação *torcido* como o ferro d'um saca-rolhas...

Á AMERICANA

Ao Fonseca das cautellas
Vem gente de todo o mundo.
De Cacilhas, do Dá-Fundo,
Do Cartaxo de Bucellas,
Jericó o Benavente;
— Mas porque vem tanta gente,
Ao Fonseca das cautellas?!

—O Fonseca das cautellas
Teve uma ideia or'ginal
Que a *taluda* do Natal
Vae tornar bella entre as bellas;
—De jogar ninguem prescinde,
Quo a todos offerta um brinde
O Fonseca das cautellas!

No Fonseca das cautellas
Cae nobreza, clero e povo!
Casa cheia como um ovo,
Desde as portas ás janellas!
—Desde a Lapa a Santa Rita,
Toda a gente se habilita
No Fonseca das Cautellas!

Gan-Tarantula

PROMPTIDÃO DE SAPATEIRO

(AO SAPATEIRO COIMBRA)

Sargedas entra na loja do Serapião, a encommendar um par de botas para a filha—a Euzebiasinha.

Tomadas as medidas, interroga:
—Então quando estarão promptas?
—D'aqui a oito dias...

Dez annos depois . . .

Euzebia—já mãe de filhos—procura o sapateiro Serspião:
—Então as botas, quando estarão promptas?
—D'aqui a oito dias, sem falta...

Trinta annos depois, Euzebia—ja com filhos homens:
—As taes botas, quando estarão promptas?
—D'aqui a oito dias, infallivelmente?

Noventa annos depois, os bisnetos de Euzebia, perguntam ao bisneto do sapateiro Serapião:
—As botinhas da bisavó, quando estarão promptas?
—D'aqui a oito dias, impreterivelmente.

THEATRO DE S. CARLOS

TALAZAC

As honras do desempenho da *Lucia*, em geral bem executada, cabem essencialmente ao tenor Talazac, que, na primorosa fórma porque cantou toda essa opera, nos deu a nota clara do que são os seus dotes de grande artista e do que valem os seus recursos de cantor de primeira ordem.

POR AHI...

O leitor, provavelmente, não está enfronhado nos processos a seguir para a vida de chronista. Pois vamos enfronhal-o.

Creia que é um serviço importantissimo que nos ficará devendo, porque, em summa, ninguem sabe o destino que lhe está reservado n'este mundo, e o leitor póde ainda muito bem e por mal de seus peccados vir a acabar em chronista —se não tiver empenhos que o mettam no Asylo de Mendicidade.

Ninguem ignora que, para caixeiro de mercearia, são indispensaveis tres requisitos: saber ler, escrever e contar. Para chronista bastam apenas dois: o primeiro e o ultimo; isto é, saber lêr as folhas diarias, para estar ao facto do que vae acontecendo, e saber depois *contar* o assumpto capital de todos esses acontecimentos.

Saber escrever tambem é bom, mas não se torna propriamente indispensavel.

Este requisito deve, porem, ser substituido por um outro: saber ouvir.

Depois de lêr nos jornaes o que se passa, o principal e o mais delicado trabalho do chronista está em ouvir nas cavaqueiras dos cafés, nas conversações do lar, nos commentarios do barbeiro, nas caturreiras da botica, a forma porque se apreciam os factos succedidos, e, conforme a importancia assumida por cada um d'elles, discriminar de todos aquelle que mais impressionou a opinião publica e aproveital-o então, em todas as suas minudencias, como salchicheiro intelligente aproveita um porco em todas as suas miudezas ..

Ora é precisamente n'este ponto que surgem as difficuldades ao chronista, especialmente quando — como na semana decorrida—o assumpto considerado capital sae um capital insoluvel, por não chegar a ter cotação na bolsa da opinião publica.

Foi o que aconteceu com a noticia da victoria alcançada pela expedição africana sobre a eterna rebeldia do famigerado Bonga.

A importancia d'este acontecimento fez-nos suppôr —pobre chronista ingenuo que nós somos!—fez-nos suppôr que a opinião publica, a opinião particular, a opinião que não é publica nem particular, a imprensa que bebe os ares pelo governo, a que bebe os ventos pela opposição, e ainda a que não bebe nem os ares nem os ventos por esta ou por aquelle, saltariam para ahi n'um côro unisono e retumbante como o côro dos bispos da *Africana*, a cantar hymnos, a cantar victoria, a cantar hossanas, a cantar emfim todas as cantigas apropriadas ao assumpto; um côro, em summa, de tão avolumado patriotismo que mettesse n'um chinello de Cendrillon o proprio patriotismo da immortal corista gorda!

E, n'esta candida supposição, deixámo-nos ficar á espera de que a opinião publica saltasse, e a imprensa saltasse no tal côro, com o que nós saltariamos de contente por isso nos offerecer chorudo assumpto para o tempero da nossa chronica.

Esperámos, fartámo-nos de esperar, e afinal ninguem saltou!

Se se tratasse d'um escandalosinho politico, onde ficassem envolvidos alguns vultos mais notaveis das varias parcialidades, onde meia duzia de nomes até agora considerados podesse andar de roldão com a vassoira municipal, na communidade dos lameiros podres, então sim! então veriam como a opinião publica saltava de curiosidade, como a imprensa saltava de enthusiasmo, como todos saltavam do interesse pelo assumpto, num *stepl-chassse* vertiginoso a causar inveja aos mais afamados saltarellos!

Mas tratava-se simplesmente do esforço glorioso de alguns portuguezes benemeritos; tratava-se apenas da annullação completa d'um potentado côr de carvão de cisco e que era ha tão longos annos o papão inamovivel dos territorios portuguezes em Africa; tratava-se unicamente d'uma victoria por todos os titulos gloriosa—e realisada em taes condições de economia que nem que fosse adquirida como saldo de bazar para liquidação completa de victorias...

E isso bastou para que, nem imprensa, nem publico, nem pessoa alguma fallasse ou pensasse em tal!

Em egualdade de circumstancias, a poderosa Inglaterra teria expedido telegrammas para todos os cantinhos d'este mundo; teria transformado os heroes do feito em outras tantas estrellas de brilhaotes para adornar os carrapitos da lua; teria feito conduzir a Loodres o famigerado Bonga, expondo-o á curiosidade publica—a *scheling* por cabeça; teria, emfim, tirado d'este acontecimento importantissimo todo o partido possivel e todas as libras sterlinas ao seu alcance.

Nós não tirámos nada, porque apenas sabemos tirar ...o merecimento ás coisas que realmente o teem...

Mas descansem os que levaram a cabo a gloriosa campanha contra o Bonga, porque a patria hade fazer-lhes justiça... d'aqui a duzentos e quarenta e sete annos...

Para quo lhes não reste duvida sobre esse ponto, reparem nas manifestações, luminario—foguetorio—patriotico—phylarmonicas, que por ahi se estão fazendo dos heroes de 1640.

A justiça—acreditem-n'o!—está no animo dos corações portuguezes.

O que leva é muito tempo a abeberar...

Gervasio Lobato

THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO

N'esta semana, N'este edificio, É do Sant'Anna O beneficio.	Tão curto aviso Avisa á farta —Nem é preciso Pôr mais na carta.

PENDENCIA DE HONRA

ACTA

Aos viote e nove dias do mez de novembro de mil oitocentos oitenta e sete, na casa da redacção dos *Pontos nos ii*, compareceu o sr. Coimbra, nosso conspicuo fornecedor de calçado,

1.°—Para elle nos declarar que o seu estabelecimento gira sob a firma *Coimbra & Companhia*;

2.°—Para nós lhe declarar-mos se, na estampa publicada no nosso ultimo numero, se envolvia alguma referencia mediante a qual periclitassem os bons creditos das suas botas de polimento e dos seus sapatos de cordovão.

Com a dignidade fidalga de cavalheiros que nos prezamos de ser, apraz-nos responder oobremeote:

— Nada d'isso! O sapateiro *Coimbra & Companhia* é tão diligeote no acabameoto das suas obras, que muitas vezes acontece o seguinte:

Eotra um freguez no estabelecimenta e diz:

— O' mestre! Faz favor da me tomar medida para umas botas?

— Prompto! As suas botas já estão alí na prateleira, e mais as do seu filho...

— Mas eu não tenho filhos!

— É para quando os tiver... E mais as do seu neto, e bisneto, e trineto... e de toda a sua familia, em summa, até á quinquagessima geração!

Attestamos, pois, a promptidão do sapateiro *Coimbra & Companhia*, assegurando que os freguezes d'aquelle estabelecimento ainda não teem as botas no pensameoto e já as teem nos pés!...

Á AMERICANA

P'ra que a *roda* afortunada
No Natal não lhe desande,
O Silva pól-a travada;
Não dá brinde, não dá oada,
Mas vae dar a *sorte grande*.

Ha que tempos parafuso
Em ter muita e muita *teça*,
Té que emfim sciamar escuso
P'ra annullar a sorte pêca:
— Vou direito como um fuso
A's CAUTELLAS DO FONSECA!

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

A sciencia e a mecaoica vão-se assenhoreando a olhos vistos de todas as coisas cujo funccionamento dependia do esforço humano oo da habilidade de cada um.

A locomotiva substituiu a diligencia; o telegrapho arruinou o estafeta; o telephone deu cabo do gallego; a machina Sioger arrazou o fabricante de dedaes; e agora o teclado-automatico vem espatifar o Macario — como synthese de toda a geração dos pianistas!

A empreza do armazem de pianos estabelecido no Chiado o.° 110 a 114, recebeu ha pouco esse instrumento curioso, *heropiano* ou *teclado-automatico*, mediante o qual toda a geote póde tocar ao piano um infioito reportorio de peças escolhidas, se moutras habilitações musicaes alem d'uma leve pratica no officio de moer café!

Tres semanas de mercearia equivalem ao curso completo do conservatorio, e um marçano experimentado pode substituir vaotajosamente o Arthor Napoleão!

SOMBF

1.ª parte — Alguns c

Alguns frequentad

O salão, em noite de

INHAS

...atores de S. Carlos.

...res das cadeiras.

...thusiasmo... politico.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

SOMBR

1.ª parte — Alguns co

Alguns frequentad

O salão, em noite de

INHAS

ntores de S. Carlos.

res das cadeiras.

thusiasmo... politico.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

RECTIFICAÇÃO

Recebemos a seguinte carta.

Sr. redactor.

O retrato publicado no ultimo numero dos *Pontos nos ii* parece-se tanto commigo como um ovo do sr. prior da Lapa com um espeto do sr. Alberto Pimentel. O *Caxo* do restaurante Tavares é testemunha do que affirmo. Queira fazer a rectificação, sr. redactor, pondo-me bonito como eu sou, para satisfação da justiça e contentamento das cadellas das minhas relações.

De V. etc.

Fantoche.

A QUESTÃO DO PADROADO

A questão do padroado,
Que anda escura como breu,
Deu, como diz o ditado,
Um disse tu, direi eu!

Diz este que aquelle disse
O que hoje não diz, formal;
Aquelle diz que não disse,
Dizendo: — Não disse tal!

— Que disse como eu lhe digo
Ha gente que o disse e diz...
— Não disse! digo e redigo!
— No que hoje diz, se desdiz...

— Se o dito, que não foi dito,
Tivesse eu dito, dizia!
Mas o dito sobredito
Não disse, nunca o diria!

— Não disse? — que está dizendo?! —
Não quer dizer, pois não diga!
Que eu digo e vou redizendo
Que disse — e não me desdiga!

— Já lhe disse: se o dissera,
Diria que o tinha dito!
Nunca o dito desdissera...
Tenho dito! — o dito, dito!...

ADELINO

(O CONQUISTADOR)

I

Adelino Goes de Brito,
Morador em Ribamar,
Era o homem mais bonito
Que se pode imaginar.

Donzellas, que na cruel
Chamma do amor se consomem,
Diziam, fallando d'elle:
— Jesus! que belleza d'homem! —

E, ao vêr-lhe o rosto leonino
E os labios côr de cereja,
O general Zé Paulino
Tremia, cheio d'inveja.

Em bailes e em recepções
O seu olhar vencedor
Lançava nos corações
Ignotos philtros d'amor...

E assim o loiro Adelino
(Valei-me, ó rimas em-*uchas*!)
Vivia como um menino
Mettido nas mãos das bruxas

Que grande belleza a sua
Que grande deslumbramento,
Quando elle andava na rua
Com botins de polimento!

Mas um dia, (que destino,
Que até compunge as urtigas!)
O desgraçado Adelino
Cae de cama com bexigas.

Das garras negras da morte
Logrou salvar-se, o ditoso,
Mas ficou,—damnada sorte!—
Ficou todo bexigoso!

II

D'um bairro quieto e escuro,
N'uma rua socegada
O Brito subiu a um muro
P'ra fallar á sua amada.

E, emquanto ao fulgor da lua
Dizia umas phrases ternas,
De repente cae á rua:
E quebrou uma das pernas.

D'esta vez fugiu á morte
Depois d'um mez de dietas,
Mas ficou—damnada sorte!—
Bexigoso... e de muletas.

III

N'uma noite de luar
O Brito—esse aventureiro,
Começou a namorar
A esposa d'um conselheiro.

Foi em S. Carlos. Ignez,
(Ignez era o nome d'ella)
Mirava-o com fixidez,
Meio loira e muito bella

E o Adelino olhava exhausto
Essa flôr esmaecida
Como o velho Doutor Fausto
No balcão de Margarida.

Como não quero massar
O meu paciente leitor,
Vou, sem demora, contar
Como acabou este amor

De Ignez o velho marido
—O conselheiro Bemposta,
Percebeu que era illudido
Que andava *moiro* na costa.

Por isso, sem mais *aquellas*,
Pegou na rija bengalla,
E, á dôce luz das estrellas
E do luar côr d'opala,

No mais feroz desatino,
Raivento como um chacal,
Deu uma sova real
No desditoso Adelino.

E depois, allucinado
E ainda não satisfeito,
Qu'rendo deixal-o marcado
Vasou-lhe o olho direito.

Adelino Goes de Brito,
Morador em Ribamar,
Que era o homem mais bonito
Que se póde imaginar,

Das garras negras da morte
Logrou salvar-se o ditoso,
Mas ficou—damnada sorte!
Cégo, manco e bexigoso!

O RABANETE E A NABIÇA

O rabanete e a nabiça,
De paixão ardendo em brasa,
Cazaram-se, ouviram missa,
Foram direitos p'ra casa.

Questão de genio, ou que fosse,
Os dois começaram cedo:
Elle a achal-a muito *doce*,
Ella a achal-o muito *azedo*...

Pedem juiz que os descaze;
— A solução não é nova
Mas tem moral: — ninguem case
Sem primeiro fazer prova...

SALVE!!

Chegou Ramalho Ortigão, o nosso critico eminente, o nosso escriptor inimitavel, o nosso observador espirituosissimo, o nosso cavaqueador insubstituivel! Chegou a alegria da casa! Todos os nossos desenhos d'uma canna, todas as nossas estrophes de duas rimas, todos os nossos foguetes de trez respostas são insufficientes para exprimir a alegria que nos vae n'alma! Se a sua viagem ao Brazil foi uma grande preoccupação para o nosso espirito, o seu regresso a Lisboa é um regosijo enorme para o nosso coração, como o resultado d'essa viagem será de certo um excellente volume para a nossa bibliotheca.

POR AHI...

Um estrangeiro, nosso amigo, que ha meia duzia de dias assentou residencia em Lisboa, está verdadeiramente encantado com o excellente passadio que se disfructa n'esta formosa cidade e assegura-nos satisfeitissimo que nunca mais arreda pé d'este cantinho privilegiado, onde gostosamente teria nascido, se a tempo lhe houvessem dado aviso do bem que por cá se vive—especialmente no que respeita ao trato affabilissimo a todos dispensado por parte do indigena.

E, effectivamente, desde o principio d'este mez, o indigena está sendo d'uma delicadeza tão distincta, d'uma cortezia tão aprimorada, que toca as raias do compendio de civilidade do sr. João Felix Pereira!

Todas as individualidades de que usualmente costumamos utilisar os serviços, mostram-se, á coisa d'uma semana, de tão requintada gentileza para comnosco, que não temos palavras bastante altas para exprimir a nossa profunda admiração, nem coração bastante largo para armazenar o nosso alambazado reconhecimento!

Os distribuidores dos jornaes, que raro o dia deixavam de nos faltar com um ou outro periodico, e que faziam sempre a entrega tarde e a más horas, são agora pontualissimos no matutino cumprimento dos seus deveres; ainda o gallo madrugador se está voltando para o outro lado e já o *Diario de Noticias* tem resvalado pela greta da cancella!

O carteiro da posta diaria, que immensas vezes nos entrega a correspondencia já com bichos, por andar ha quinze dias com ella debaixo do braço, mostra-se agora sólicito ao ponto de nos perguntar se queremos que nos traga de vespera a correspondencia que só no dia seguinte hade ser deitada na respectiva caixa!

O porteiro do theatro, que nunca nos deixa nem sequer espreitar para os camarotes sem primeiro lhe apresentarmos o bilhete, até consente agora que assistamos a toda a representação sem termos feito escala pelo camaroteiro!

O mestre barbeiro, que tem por uso e costume levarnos coiro e cabello e deitar-nos rhum e qoina só no altinho da cabeça, não nos leva agora senão o coiro, deixando-nos o cabello, e deita-nos rhum a quina até aos abysmos mysteriosos da cova do ladrão!

O criado do restaurante, que nos dá sempre bifes de bois fallecidos quando o cholera morbus esteve em Lisboa pela primeira vez e que nos fornece invariavelmente uns pratos tão aceiados como a vassoira d'um limpa chaminés, apresenta-nos agora bifes de bois tão frescos que ainda no dia seguinte fazem o serviço da camara municipal e leva o seu meticuloso aceio ao ponto de desviar obsequiosamente a cabeça, quando tosse ou quando espirra, afim de não nos encher a comida de asselvajados perdigotos!

Este reviramento nos costumes nacionaes é um phenomeno quo se dá todos os annos durante as proximidades do Natal a termina invariavelmente no dia em que o Salvador do Mundo veio ao dito por obra e graça do Espirito Santo, e o serviçal indigena vae ás *broas* por obra e graça dos nossos cobres.

A OPERA PELO TELEPHONE

A companhia dos telephones acaba de abrir uma assignatura para as pessoas que queiram ouvir por intermedio do telephone todas as operas cantadas em S. Carlos, sem se darem o incommodo de sair de casa.

Os nossos tres amigos Bernardo, Bernardino e Barnabé fizeram a assignatura do telephone e estão satisfeitissimos com o resultado obtido.

Em casa de Bernardo:

— Assim é que é bom *ver* dançar as bailarinas! Lá no theatro, *vade retro*... Mas cá de longe, pelo telephone, e com os olhos fechados, parecem lindas como os amores!

Em casa de Bernardino:

— Repara! lá se mecheu a corista gorda.

— Como o percebeste?

— Ora essa! pelo cheiro...

Em casa de Barnabé:

— E então, hein? Assigno para ouvir as operas pelo telephone, e afinal não oiço senão o Saraga...

— Isso é o mesmo que te acontecia em S. Carlos. E, pelo telephone, sempre tens a vantagem de descançar nos intervallos..

SALÃO DA TRINDADE

O CONCERTO PELA REAL ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA

Programma magnifico, execução primorosa, concorrencia selecta, enthusiasmo vibrante, eis a synthese do primeiro concerto que nos offereceu esta epocha a *Real academia de amadores de musica*, pondo em ditoso alvoroço a sociedade elegante de Lisboa, a qual por seu turno poz n'essa noite luminarias nos ouvidos.

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

Recebemos o novo cartaz que a acreditada fabrica de bolachas de Eduardo Antonio da Costa mandára fazer na lytographia Guedes.

Esse trabalho é pela sua execução um soberbo exemplar da industria portugueza, apregoando os productos de outra industria tambem portugueza e por igual largamente desenvolvida.

Traços e illuminuras, por D. Julia Lopes de Almeida.

Tão raras são em Portugal as senhoras iniciadas no culto da litteratura, que constitue sempre para nós motivo de admirações e de enthusiasmos o apparecimento de algum trabalho d'esse genero devido ao labor do sexo gentil; admirações e enthusiasmos que duas vezes se justificam, quando esse trabalho tenha o valor incontestado que resalta do volume devido á penna da gentil auctora dos *Traços e illuminuras*.

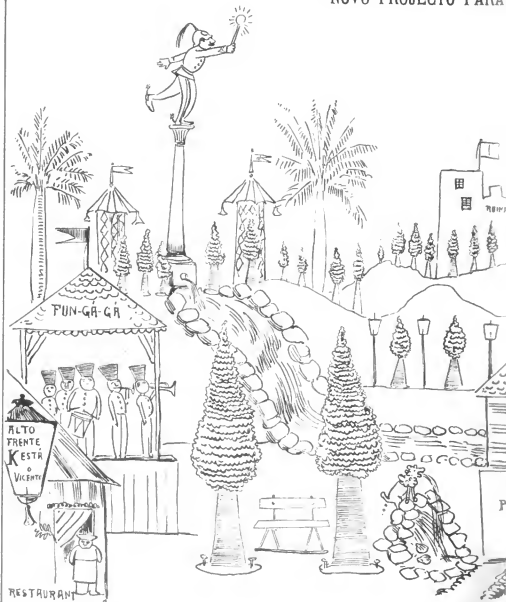
O homem, por Aluizio Azevedo.

É um romance architectado com muito engenho e que constitue um curioso estudo da vida brazileira, pondo em relevo um typo de histerica esplendidamente modelado. O estylo é correctissimo e d'um sabor litterario fóra do commum.

Sob' magnolias, por Luiz Trigueiros.

Uma duzia de contos muito originaes, muito bem escriptos e como que rescendentes, na sua fórma deliciosa, ás emanações extranhas da suave flor que lhes serve de titulo.

Prefacia este bello livro uma curta mas valiosa apreciação do distincto escriptor e illustrado critico o sr. Alfredo Gallis.

NOVO PROJECTO PARA

A inclusão do plano *Contumiral* entre os projectos expostos pela camara municipal, auctorisa os *Portos nos ii* a apresentarem tambem o seu projecto.

Eil-o. O palacio da exposição será de manivella, de fórma a poder expôr-se quotidianamente uma grande variedade de productos, sem outro dispendio além do grude com que serão collados. O *restaurant* servido pelo Vicente. As arvores portateis, para se poder variar o panorama. Os bancos inamoviveis, para

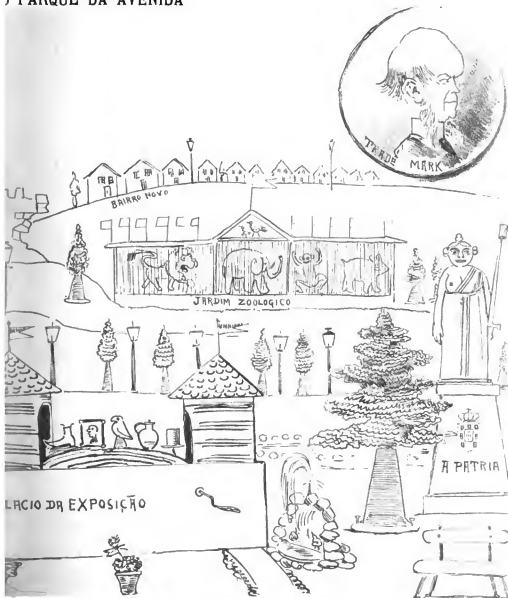
) PARQUE DA AVENIDA

TRADE MARK

BAIRRO NOVO

JARDIM ZOOLOGICO

A PATRIA

LACIO DA EXPOSIÇÃO

regalo das sopeiras e desespero dos gatunos. *Cascatas* as que lá passiarem aos domingos e dias santificados. Ao fundo a estatua da guarda municipal illuminando o mundo!

Este projecto, pela sua economia e elegancia, está a saltar á vista que é da cabeça do conselheiro *Pim*. Quando a camara municipal quizer projectos elegantes e economicos escusa de abrir concurso: abra antes a cabeça do conselheiro *Pim*.

O CRITICO-LYRICO

O titulo sahiu nos cacaphonico, mas por isso mesmo a talho de foice, visto como o personagem que elle synthetisa é effectivamente uma *cacaphonia* nacional.

O critico-lyrico é exclusivamente critico lyrico.

Engenheiro, desconhecerá talvez a utilidade rudimentar d'um prumo—mas é critico lyrico.

Diplomata, não saberá porventura como se abotoa um colleirinho alto—mas é critico-lyrico.

Medico, ignorará por certo as virtudes d'uma cataplasma de linhaça—mas é critico-lyrico.

Escriptor, suará em vão no empenho de descobrir com que lettras se escreve *ba*—mas e critico-lyrico.

Critico-lyrico, em summa, tomará dois *semibreves* por duas vaqueta de tambor—mas é critico-lyrico.

❁

Grande ouvido não lhe falta—louvado Deus! e orelha correspondente á gravidade do ouvido...

Póde ser que não destinga do chilrear d'um pintasilgo o grunhido d'um cevado, mas lá um meio ponto de differença no seio da partitura, isso e que elle não deixa passar pela malha do seu grande ouvido—ainda mesmo quando a differença do meio ponto não tenha existido senão nos tutanos intellectuaes do critico lyrico.

E ai do talento proclamado, ai do artista laureado ai do cantor privilegiado que offender, mesmo por sombras, a autocracia auricular do critico-lyrico, porque essa offensa sobe á cabeça do lyrico e desce logo, aos pés do critico, expandindo-se em manifestações solemnes de tacão escandalisado.

E é que o critico-lyrico não poupa nem gregos nem troyannos! Tanto se lhe dá que o alvo da sua ira de sola e vira tenha os paes esquimaus na Groenlandia, ou que seja filho da freguezia de Santa Justa da cidade de Lisboa.

❁

Foi assim que os irmãos Andrade, dois bellos artistas profusamente applaudidos no estrangeiro, desafiaram na *Gioconda* um vislumbre de desagrado por parte do critico-lyrico, o que devia fazer pensar ao principe

Weimar e aos mais estrangeiros que assistiam ao espectaculo:

—Apre! quando o critico-lyrico alfacinha é assim para a gente de casa, o que fará em se tratando de pessoas extranhas á familia!

Pois fiquem sabendo que o critico-lyrico não quer saber, como lhes dissemos, se o cantor é esquimau e veste pelle de phoca, ou se é lisboeta e veste do Nunes Correia.

E é esta a grande qualidade do critico-lyrico: não quer saber de coisa alguma.

A sua grande qualidade e a sua unica sabedoria—*não saber nada!*

A AMERICANA

—Aposto alma, sangue e vida,
Fortuna, coisas e tal,
E por cima inda um tostão,
Como a *sorte* appetecida,
A taluda do *Natal*
Vem parar ao Campião!

—E eu aposto o viscondado,
Muito mais rico e mais nobre
Que o do visconde d'Asseca,
Como o *bago* precitado
Vem em prata, em oiro e cobre,
Cahir nas mãos do Fonseca!...

....

Qual d'estes terá rasão
Hade saber-se depois..
—Eu, pelo sim, pelo não,
Compro cautellas nos dois..

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

Realisou-se finalmente no ultimo domingo a toirada de despedida promovida pelo sr. Guerra, despedida e toirada que ha mais d'um mez estavam sendo constantemente adiadas—como succedia ao casamento do principe Cornelio Gil.

Já se dizia por ahi que ao sr. Guerra custava tanto a despedir-se dos aficionados como ao presidente Grevy custou a despedir-se do Elyseu.

Além d'isso, o caso d'uma toirada promovida pelo proprio emprezario d'uma praça de toiros, fazia tambem lembrar o caso do Luculo jantando em casa de Luculo.

Não faltaram portanto termos de comparação entre o empresario Guerra e alguns vultos eminentes.

Esta idéia d'uma pessoa se despedir dos seus amigos dando uma toirada, vem abrir um novo oriente ás formulas de despedida, annullando com vantagem o corriqueiro habito do communicado nos jornaes, ou do bilhete de visita com a pontinha voltada e as palavras: *a despedir-se.*

Assim como um emprezario de toiradas se despede com uma toirada, assim tambem as outras pessoas passarão a despedir-se com a sua especialidade.

Assim, por exemplo, um aeronauta despedir-se-ha de nós subindo no seu aerostato; um dentista arrancando alguns dentes aos seus amigos; e o sr. commandante das guardas municipaes distribuindo algumas pranchadas pelas pessoas das suas relações.

E' muito original na fórma e muito variado na execução.

❧

Toda a Europa tem assistido com interesse á comedia ultimamente representada em França e que bem podia denominar-se *Um sogro em calças pardas*, vista a situação em que o genro Wilson collocou o pobre do sr. Grevy.

Pois se a Europa podesse, estamos certo de que tambem toda ella, depois de ver *Um sogro em calças pardas*, iria ver *Um tio em pelotas* que se está representando no *Chalet do Rato.*

Mas se a Europa não tem ido toda, pela rasão do *Chalet do Rato* lhe ficar um bocadinho fóra de mão, ao menos o jardim da citada Europa á beira-mar plantado tem-se fartado de rir com aquella engraçada peça.

Quando toda a gente gosta que se pella do tal *Tio em pelotas*, o que faria se se tratasse da *sobrinha...* nas mesmas condições do tio...

❧

Terminou felizmente em bem o incidente suscitado entre a empreza do *Gymnasio*, que chamava *original* á *Vida operaria* do sr. Cesar de Lacerda, e este cavalheiro, que não queria que lhe chamassem nomes á peça.

Trocaram-se muitas epistolas de parte a parte e n'isso ficou o conflicto, que, já se dizia, ameaçava acabar em duello sanguinario.

Dizia-nos o nosso amigo Mendonça e Costa:

— Não foi um duello *á pistola*, foi um duello e... pistola...

E carregava, com toda a sua força, o accento oo o da epistola...

> Ao Valdez, já, sem demoras,
> Eu peço em lettra redonda,
> Que mande acertar as *horas*
> Que trabalham na *Gioconda.*
>
> Pois se vê, nos rostos fulos
> Com que giram e cirandam,
> Que são *horas* que dão pulos
> Sem saber ás quantas andam.

[illegible signature]

CONTOS MUDOS

O BIBLIOTHECARIO

Do *Fliegende Blätter.*

THEATRO DE S. CARLOS

A GIOCONDA

Não sabemos como expressar a forma porque Theodorini cantou a *Gioconda*. *Admiravelmente*, é pouco, *extraordinariamente*, não chega, *magistralmente*, não exprime. Cantou-a, emfim, com uma distincção para a qual não ha adverbios na nossa lingua—a lingua dos adverbios.

OS VENCEDORES DO BONGA

MAJOR FERREIRA SIMÕES

PAIVA D'ANDRADA

Prestamos hoje homenagem á memoria do bravo e infeliz major Ferreira Simões, um dos heroicos vencedores do Bonga, e a quem uma fatalidade inexplicavel empurrou para a morte antes que a patria podêsse agradecer-lhe reconhecida o relevantissimo serviço.

O retrato que publicamos é copiado d'uma photographia antiga, que obsequiosamente nos foi emprestada.

N'este tributo da nossa consideração pelos heroes d'aquelle feito quiseramos tambem incluir o vulto do benemerito Joaquim Carlos Paiva d'Andrada, o eminente companheiro de Ferreira Simões, mas faltam-nos elementos para o esboço, por não existir photographia alguma d'esse bello homem, cuja modestia é tão notavel como a sua bravura e a sua intelligencia.

POR AHI...

Ha muito tempo que se não dava em Lisboa um acontecimento de sensação como este agora da balança automatica que appareceu ahi pelos sitios principaes, á especulação dos vintens da sociedade lisboeta.

A balança automatica é commulativamente o ultimo e o primeiro dos melhoramentos com que a cidade se tem lambido ha um tempo a esta parte. O ultimo pela ordem chronologica, o primeiro pela sua importancia como regulador do peso individual o portanto como revelador da posição social de cada um. Aclaremos.

Presentemente, com a moda das barbas em bico, que invadiu todas as caras, desde as filiadas na mais alta diplomacia até ás que prestam serviço ao balcão de loja de modas; com a epidemia das botas de bico de broa, que tanto calçam o pé aristocratico d'um marquez de velha rocha como a pata asselvajada d'um brazileiro do alto Minho, com as *toilettes* barateadas do *Novo Mundo*, que assentam por egual sobre espartilhos de *gommosos* como em lombos democraticos de pifles de phylarmonica; com toda esta igualdade de costumes que nivelou n'um mesmo prumo as varias camadas sociaes, vá lá uma pessoa destinguir, pela simples observação exterior, onde pára o visconde que valsou hontem no baile da embaixada e onde se occulta o caixeirola que se embebedou a semana passada no retiro da Perna de Pau!

Ora com o estabelecimento das balanças automaticas, o caso muda inteiramente de figura.

Mediante o estudo do pequeno mappa elucidario que ao diante publicamos para uso da leitora, qualquer menina fica habilitada a conhecer com tempo a posição social occupada pelo pretendente que a requesta, sabendo se se trata de um cavalheiro em tudo merecedor dos seus olhares amanteticos e do seu «sim» matrimonial; ou se d'um qualquer ignobil machacaz, indigno da flor dos seus affectos o mais partes correspondentes.

Bastará para isso que a joven requestada manifeste ao seu Adonis o desejo de lhe conhecer o peso—por intervenção da balança automatica, está bem visto—e que depois consulte o nosso mappa, para logo ficar sabendo a casta de pretendente que lhe anda a arrastar a aza pelos passeios da Avenida.

Lá pelo córte da barba, pelo talhe do fato, pela fórma da bota, todos poderão confundir-se: mas pelo pezo é que não ha confuzão possivel.

Com o emprego do pesa-leite facilmente se observa a differença colossal que ha entre o leite de vacca mugido de fresco e aquelle que está desnatado.

Pois com a interferencia da balança automatica igualmente se reconhece que entre o millionario e o pelintra existe um abysmo de kilogrammas...

O homem é como o leite de vacca...

Eis o mappa dos diversos pesos:

Negociantes, banqueiros, juristas, proprietarios, e mais occupações correlativas	97 k, 1/2
Generaes de brigada, commendadores, parochos collados, etc	72 k,729
(As barrigas não entram em linha de conta)	
Chefes de repartição a negociantes por miudo	50 k.
Procuradores de causas perdidas.....	39 k 1/8.
Accionistas de minas (não se póde determinar o peso por ser sujeito a muitas oscilações.)	
Amanuenses e alferes do exercito....	15 k,027
Limpa-chaminés, limpa-sargetas, e limpa-calhas do americano.......	0 k, 1/2
Professores de instrucção primaria....	1 gram.
Jornalistas, poetas, romancistas, auctores dramaticos	0 k,000

Hontem de tarde andavam na Avenida, muito expansivos e muito joviaes, o sr. Monteiro Milhões e o sr. Seixas do Rocio.

—Não sabem? acabo de me pesar! dizia cada um d'elles a cada pessoa das suas relações.

—Sim?! E então quanto pesa?

—Peso, respondia o sr. Monteiro, peso cento e noventa e cinco kilos... como o meu amigo Seixas...

—Peso, respondia o sr. Seixas, peso cento e noventa e cinco kilos... em o meu amigo Monteiro...

Tinham-se pesado os dois de sociedade, para a operação não custar mais de dez reis a cada um...

O sr. ministro da fazenda aproveitou a colocação da balança na arcada do Terreiro do Paço, para mandar pesar todo o dinheiro existente nas arcadas do thesoiro.

O dinheiro foi mettido n'um saco e o saco deposto sobre a balança—depois de se haver verificado que a balança resistia aos pesos mais fabulosos.

Como fosse necessario deitar um vintem no mealheiro da balança para esta funccionar, o sr. ministro tirou um vintem do saco e deitou-o no mealheiro.

O ponteiro da balança não *tugiu nem mugiu*...

—Quebrou-se a mola com o peso, exclamaram todos. E foram logo verificar.

Não se quebrára coisa nenhuma: a balança não funccionava porque o sr. ministro deitára no mealheiro todo o dinheiro que estava dentro do saco!

Á porta da Havaneza.

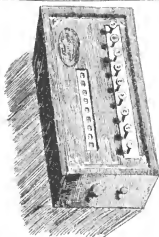
O visconde e o commendador discutem acaloradamente a sua mutua inferioridade de peso.

Fazem apostas e vão pesar-se á balança do largo das Duas Egrejas.

O commendador pesa mais dez kilos. Ganhou o visconde!

— Peço reverificação d'aqui a dez minutos! diz o commendador; e corre logo á pharmacia Barreto, e toma uma botija de agua de Loeches, vae n'um pulo á rua do Outeiro e volta em seguida a pesar-se na balança.

Pesa menos trez kilos de que o visconde! Ganhou o commendador.

A machina de sommar

Acabamos de vêr funccionar esse tão extraordinario como simples apparelho, invenção do sr. Azevedo Coutinho.

A machina é, como dissemos, d'uma simplicidade de engenho ao immediato alcance de todas as comprehensões, de aspecto elegante, e de uma utilidade enorme pela rapidez e exactidão do seu trabalho, de facilima execução.

Nenhuma casa commercial deixará por certo de adquirir um exemplar de tão soberbo engenho e afigura-se-nos que o proprio thesoiro adoptará a machina de sommar — se bem que, para *contas do thesoiro*, parecia-nos melhor uma machina... de diminuir...

O CORREIO DO POVO

Sahiu o primeiro numero do jornal que começa hoje a correr mundo sob aquelle titulo. Na sua qualidade de *correio* é de presumir que ande depressa, e assim lh'o desejamos sinceramente.

O *Correio do Povo* veiu preencher uma lacuna importante e remediar uma injustiça flagrante. Já havia *Correio da Noite*, *Correio da Manhã*, *correio de cartas*, *correio de ministros*, *correio* de tudo e todos, excepto do povo, que, em vez de *correios*, tem tido mas é *correias*... ás costas.

Chegou-lhe emfim a sua vez, e lá diz o ditado que mais vale tarde de que nunca.

Felicitamos o povo por já ter *Correio* em casa e desejamos ao *Correio* que lhe não falte povo á porta.

Mysterio!...

Hontem, passando junto áquella madresilva,
Que o duro inverno poz tão arida e tão secca,
Disse-me extranha voz:—D... E... Gouveia e Silva!
E acrescentou:—Antonio Ignacio da Fonseca!...

Fiquei por longo tempo em funda confusão
Scismando qual apanha a **grande do Natal**,
—Se o num'ro 86, travessa da Assumpção,
Ou se o 56 da rua do Arsenal...

Depois de matutar p'ra cima d'hora e meia,
Bradei emfim, no tom d'um conselheiro Acacio:
—Já sei! gasto metade em sortes do *Gouveia*
E o resto vou deixar nas mãos de *Antonio Ignacio*!

Metade da Assumpção, metade do Arsenal,
Acabo de trazer—co'a nota de p. g.—
Por isso eu estou contente, alegre, jovial,
A rir, a rir, a rir... como isto que se vê...

....

Mais tarde, quando eu fôr ao pé da madresilva,
Que o duro inverno poz tão arida e tão secca,
Acaso bemdirei D. E. Gouveia e Silva?...
Ou bemdirei Antonio Ignacio da Fonseca?...

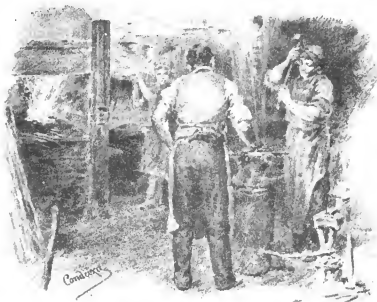
GRUPO

A EXPOSIÇÃO, NAS SALAS D

Inaugurou-se hontem a nova exposiçã
pelos artistas de que se compõe o *Grupo*
d'esses trabalhos, *croquis* que extrahimos d
d'Oliveira, esse rapaz enthusiasta, trabalhad
tanto deve a arte e tanto devem os artistas.

No proximo numero começaremos a oe

O LEÃO

«COMMERCIO DE PORTUGAL»

dos trabalhos recentemente executados
Leão. Publicamos os *croquis* de alguns
valioso catalogo compilado por Alberto
r e intelligente, a cuja iniciativa pujante

upar-nos detidamente da exposição.

CONTINUA

A EXPOSIÇÃO, NAS SALAS DO «COMMERCIO DE PORTUGAL»

SALÕES, PALCOS E CIRCOS

O salão da *Trindade* abriu já as suas portas á expansão mascarada da tristeza nacional.

Pierrots tristes como cyprestes, palhaços silenciosos como uma noite de calma no deserto, pastorinhas melancolicas como a marcha do Senhor dos Paços, polichinellos funebres como o sr. Hintze Ribeiro á luz da lua, cirandam já, lugubremente, escada abaixo, escada acima, ora tomando no botequim o *grog* do França chronico, no silencio religioso de quem está escorropichando o oleo de figado de bacalhau que lhe ha de salvar a vida, ora redopiando no salão, com a solemnidade respeitosa de quem vae dançando a polka janota sobre a campa dos finados!

Como não ha nada para alliviar tristezas como encontrarmos alguem ainda mais triste de que nós, o salão da Trindade fará uma terrivel concorrencia ao consultorio do dr. Manoel Bordallo — o primeiro especialista em curar doenças do figado.

Pelo ministerio do reino foi determinado o estabelecimento d'um posto prophylatico, systema de Pasteur, junto ao edificio do theatro do *Gymnasio*, a fim de ali se inocularem todas as pessoas que tenham comprado bilhete para assistir ás recitas de *O damnado*.

A medida foi bem tomada, porque é incalculavel o numero de pessoas que se encontram á porta do *Gymnasio, damnadas*... por bilhetes!

O Damnado subiu á scena em beneficio da actriz Barbara e nós temos muita pena de não ser o protogonista da peça, porque a primeira coisa que fariamos era ferrar o dente na beneficiada...

E é que não nos curavamos da doença nem que Santa Quiteria de Meca se mettesse de permeio!...

No theatro do Principe Real está-se representando alternadamente *A vida de um rapaz pobre* e *A vida de um rapaz rico*.

Nos tempos de socialismo que vão correndo, parecia-nos melhor fundir as duas peças n'uma só e represental-a com o titulo de *A vida de dois rapazes remediados*.

Era uma bonita acção por parte do rapaz rico, uma boa pechincha para a familia do rapaz pobre e uma grande economia de tempo e de dinheiro para quem tivesse o appetite de ver os dois rapazes.

Pan-Tarantula

AS LICENÇAS

Marianno de Carvalho,
Que é um alho,
Bella ideia teve, immensa
—Quem se entregar ao trabalho
Terá de pagar licença.

Costureira agaiatada,
Da camada
Que ao namoro é mais propensa,
Não dará ponto nem nada
Sem primeiro ter licença.

O triste que se afadiga
E a barriga
Traz posta a meia mantença,
P'ra ter jus á dura espiga
Terá de pagar licença!

O proprio guarda nocturno,
Taciturno,
Que nos dá luz por avença,
Tambem terá por seu turno
De pagar uma licença!

O vendedor do hortaliça,
Que derriça
A criada do Proença,
Não mais lhe entrega a nabiça
Sem pagar uma licença!

A leiteira do Alfeite
—Um deleite!—
Que sempre nos dá crescença,
Nunca mais mugirá leite
Sem pagar uma licença...

A tendeira, ao Passadiço,
Que o chouriço
Nos fornece p'ra a dispensa,
Nunca mais mecherá n'isso
Sem pagar uma licença!

A rêde é de curta malha,
Ninguem falha,
Ninguem foge, tenham crença;
Toda a gente que trabalha
Terá de pagar licença!

Sendo assim, d'este feitio,
Eu desfio,
Sem gastar muita sabença,
Que o melhor é ser *vadio*
—P'ra não pagar a licença...

Pan-Tarantula

A BALANÇA AUTOMATICA

Pancracio —Ora sempre quero vêr qual e que pesa mais...

Dorothea. —Eu peso *so* 97 kilogram[illegible] e meio.

Pancracio: —E eu 97, oiro e fio!

Dorothéa: —A differença era do *bem-balde*... Agora peso menos que você...

Pancracio: —Tambem eu pesava mais por via da *sobrecasastema*...

O garoto: —Vou-me tingando, porque não estou para assistir á vista final do *ciclorama*.

REPUBLICA ARGENTINA

MIGUEL JUAREZ CELMAN
PRESIDENTE DA REPUBLICA ARGENTINA

JOSÉ DA CUNHA PORTO
CONSUL GERAL

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Inauguraram, domingo, as *Officinas de informação e propaganda* da Republica Argentina, um dos paizes modernos mais florescentes e a que está forçosamente reservado um futuro de longa prosperidade, a aferirmos pelo esforço empregado pelos seus homens mais notaveis, no empenho de engrandecerem aquella terra bem fadada.

GRUPO DO LEÃO

SOARES DOS REIS — VILLAÇA

A EXPOSIÇÃO NAS SALAS DO COMMERCIO DE PORTUGAL

E' a exposição mais completa de quantas até hoje realisadas por aquelle sympathico grupo de artistas trabalhadores e intelligentes e isso prova como esforçado tem sido o empenho de todos elles no engrandecimento da arte portugueza, ainda ha pouco tão abandonada, e agora já vigorosa, pode dizer-se, e quasi que exclusivamente mercê do talento e da boa vontade de meia duzia de enthusiastas desamparados de valiosas protecções mas animados do estimulo do proprio merito.

O busto de Soares dos Reis, as decorações e pasteis de Columbano, as decoraçoes de Villáça, os quadros de genero de Sousa Pinto, as marinhas de Vaz, os trabalhos, emfim, de Silva Porto, Malhôa, Greno, e tantos mais, são effectivamente obras artisticas de elevado merito, que attestam o muito que a arte tem ultimamente progredido no nosso paiz.

POR AHI...

Este bom povo de Lisboa é ainda o povo simples, será sempre o povo ingenuo a que se póde afoitamente metter os dedos pelos olhos sem que elle dê por tal—ainda que os dedos tenham as dimensões carnudas dos dois furabolos do sr. conselheiro Barros Gomes, entrançados um no outro.

E é que tem refinado em ingénuidade este bom povo de costumes simples!

Aqui ha um par de annos atraz annunciaram-lhe o homem das botas de cortiça e elle, o bom povo, lá foi correndo agglomerar-se ao longo dos caminhos marginaes do Tejo e por ali se entreteve horas esquecidas, na anciosa espectativa do homem qne faltou e das botas que ninguem viu.

Parecia quo a lição lhe devera aproveitar, mas qual carapuça de aproveitamento!

Refinou até em condições de ingenuidade, como tivemos a honra de dizer algumas linhas atraz!

Porque a vardade é que todos cairam no *langará* do citado homem das botas, mas ninguem veiu de lá sem conscientemente se passar a si proprio um diploma da pedaço d'asno em forma...

Pois agora, na semana decorrida, o povo acaba de cair n'um logro semelhante ao do homem das botas, com a aggravante de voltar para casa sem suspeitar sequer de que o tinham embarrilado por grosso e a meudo!

Todos sabem como se espalhou por ahi a noticia de qne nascêra mais uma infanta da casa de Bragança, a qual infanta morreu logo seguidamente, pelo que os poderes constituidos deliberaram fazer-lho o enterramento com a solemnidade do estylo.

Annunciado esse acto funebre, o povo correu a ver deslisar o prestito, com a solicitude com que sempre corre a ver deslisar toda a sorte de prestitos, quer funebres qner jubilosos, e regressou depois aos seus penates, muito convencido de que assistira effectivamente ao enterro d'uma infanta da casa de Bragança.

Ora é n'esta convicção que vae a superioridade ingenua do povo actual. posto em parallelo com o seu antecessor do homem das botas de cortiça...

Porque a verdade é que o povo não viu o enterro de infanta alguma e não devia portanto ficar convencido de ter visto uma coisa que não viu!

E não viu pela razão simplicima de não haver similhante enterro...

Expliquemos.

Para haver enterro d'nma infanta é preciso, primeiro de qne tudo, como materia prima o insubstituivel, que haja uma infanta morta.

E, para *existir* uma infanta morta, é indispensavel que tenha existido primeiro uma infanta viva.

Ora, que nos conste, a tal infanta foi coisa que não houve!...

E' certo que sua alteza a princeza real teve effectivamente o que em linguagem de sala se chama um mau successo e em linguagem commum se diz um aborto ou coisa similhante. Mas de ter um *mau* successo a ter um *bom* successo vae o abysmo enorme qne o diccionario de synonimos cavou entra aquelles dois adjectivos sublinhados...

Não precisamos consultar a voz auctorisada da sciencia, nem ouvir sequer a opinião de parteira nossa visinha, para sabermos qua uma pessoa, antes de *ser gente*, tem de dar tempo ao tempo e esperar paciente mente a hora que lhe está marcada—a despeito do vaticinio de todos os doutores Prognosticos — aliás vae bater com os ossos n'um frasco de espirito de vinho e em vez de receber nome christão fica-se chamando *feto* para todos os dias da sua vida...

O principe da Beira, por exemplo, comprehendeu na perfeição esta verdade eterna, e tanto que se não importou com os vaticinios da sciencia o por lá se deixou ficar o tempo necessario—evidentemente porque o corpo não lho estava a pedir espirito de vinho.

Mas com a pseudo infanta não succedeu a mesma coisa, visto que veio ao mundo faltando-lhe ainda dois mezes de gestação, isto é, dois mezes antes de se achar em estado de *ser gente*.

E, se não era gente, façam favor de nos explicar como é que podia ser *infanta*...

Logo, se não honve infanta, mette-se pelos olhos dentro qno não houvo tambem o enterro d'nma infanta!

Parece-nos conveniente aclarar este caso, visto como, admittido o precedente de que um *feto* a que faltam ainda dois mezes de gestação tem já honras de pessoa completa, não ha razão alguma para qno se não confiram as mesmas honras aos outros fetos mais pequenos, aos proprios embryões, a, por via de regra, n'este retrogradar extranho e interminavel, sabe Deus a que procedencia se irá dar foros de criatura completa para todos os effeitos!

Chegarria até a justificar-se o episodio d'aqnelle sujeito que subiu a casa d'um chefe de familia, para lhe pedir quo se oppozesse a que estivessem deitando os seus futuros netos da janella abaixo...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Escreve-nos um assignante perguntando-nos se, além da raposa, cuja cauda é maior de que o corpo, existe algum outro animal ou mesmo qualquer objecto em qne *a parte seja maior de que o todo*.

Dando publicidade á pergunta, pomos a resposta a premio, inserindo no proximo numero qualquer quo nos seja remettida.

A leitora, que é um anjo de bondade, não deixará por certo de consagrar um bocadinho do seu serão ao trabalho intellectual do inventar resposta para o nosso perguntador assignante.

É assim como quem diz: *os anjos* que lhe respondem.

THEATRO I

A Patti, a rica Patti, a bella Patti, a esplendida Patti, a inimitavel Patti, a insubstituivel Patti!

Julgada pelo Possidonio, o supremo architecto do Carmo:

— Como peça archeologica é de primeira qualidade!

Aprecia

— Pelas

Isto é: vale

Romeu e Julieta, cantado esplendidamente. Mas nem por isso deixa de notar-se que Romeu e Julieta tomaram chocolate Mathias Lopez. Ella tomou tanto, que até lhe tomou a côr!

Romeu, correndo atraz do rival, gritava a deitar os bofes pela bocca fóra:

— Se t'apanho! Se t'agarro! Se te pilho! Se t'alcanço!

S. CARLOS

por um banqueiro:
dras preciosas vale 52:575$000 rs.
uanto peza... a corista gorda!

Commentada por um alfayate:
— Bella voz! linda voz... mas *corta* nas operas com mais facilidade do que eu corto um par de calças..

A saida, vê-se sempre uma sombra, atravessando a luz electrica, que vae cantando o verso da *Judia: oh! mia figlia dilecta*...

o spanhou com o chanfalho mas apagou-
vida como quem apaga um fosforo de cera:
mado-o!

Cantores em condições de serem tratados pelo Pasteur.

Tenor maneirinho.
Especialidade para caixinhas de amendoas.

Novo processo

Segundo vemos d'uma acta publicada em todos os jornaes, suscitou-se uma pendencia de honra entre um conductor de obras publicas da camara municipal e um engenheiro do Ministerio das Obras Publicas.

Como consta d'essa acta, o engenheiro recusou-se a dár as satisfações que lhe pediam as testemunhas enviadas pelo conductor, que era a parte offendida, alegando a sua superioridade hierarchica, apezar de lhe objectarem as testemunhas e elle proprio reconhecer que se tratava d'um incidente suscitado em entrevista sem caracter official.

Extractamos o acontecimento, já porque, na nossa qualidade de chronista, nos compre referir ao publico todos os successos palpitantes da semana, já porque esse acontecimento encerra em si uma nova orientação muito original para os casos de igual genero e constitue mesmo uma especie de appendice importantissimo que deve addicionar-se quanto antes aos codigos do assumpto.

Estabelecido como fica que um conductor de obras publicas —com o e p pequenos—não pode exigir satisfações a um engenheiro das Obras Publicas—com O e P grandes —; determinado como está que, mesmo para casos de caracter extra-official, a hierarchia subsiste, mantendo-se em igual pé tanto no gabinete do ministerio como no gabinete reservado, claro se manifesta que esta coisa de *explicações* só póde dar-se entre officiaes do mesmo officio, em perfeitas condições de egualdade hierarchica, convenientemente verificada a prumo de cordel e seccionada a nivel de bolha de ar...

Nós declaramos desde já, cathegoricamente, que acceitamos o principio como moeda corrente e que, na nossa qualidade de prosador e poete laureado por partidas dobradas, não daremos explicações senão a collegas de polpa para cima de Victor Hugo que Deus haja...

Um amanuense surprehende a esposa em idyllio flagrante com o primeiro official da sua secretaria. Pede-lhe explicações, e o homem não as dá porque é superior hierarchico... até ao quarto da cama!

Como só tem que dar isso á pessoa dos seus superiores, vae dar as explicações que lhe pede o amanuense... ao chefe da repartição...

Se o chefe se der por satisfeito, o amanuense tem obrigação de ficar satisfeitissimo...

SOMOS TRES

O distinctissimo engenheiro Miguel Carlos Correia Paes teve recentemente a amabilidade de nos offerecer um exemplar do seu bello opusculo *Melhoramentos de Lisboa, Engrandecimento da Avenida da Liberdade.*

Lendo attentamente esse trabalho —como lemos sempre os escriptos d'aquelle nosso intelligente amigo, com o que illustramos o espirito e castigamos as carnes— deparou-se-nos, a paginas 5, esta curiosa revelação, que o sr. Miguel Paes faz com muito espirito:

«... comecei a minha carreira publica por *anjinho de procissão*, ou, attendendo ao nome, por *archanjo!* *In illo tempore* era eu um encantador cherubin, de cabelleira loira e anellada, um bochechudo seraphim de faces rosadas! Quem acreditará hoje em tal?!

Não menos de tres vezes gozei a muito appetecida e excelsa gloria de fazer parte na milicia celeste, em ditoso convivio com os cherubins, seraphins, archanjos e anjos!

Não menos de tres vezes tive, portanto, a honra de receber o suspirado e dilicioso *cartuchinho* de amendoas, dulcifica e saborosa retribuição de tão elevado e deslumbrante cargo!

Quem teve a suprema ventura de iniciar a sua vida em tão angelica convivencia, quem se santificou em tão sublime meio, e proseguiu isento de vaidades e ambições, ficou tocado da graça divina e não póde degenerar, poderá, quando muito, ter contrahido defeitos, insignificantes peccadilhos que a *futura beatificação* remirá!

Que feliz seria o mundo, tão cheio de infamias, de violencias, de crimes, de invejas e de ambições desregradas, se os homens só tivessem a accusar-se de feitos!!!

O meu presado amigo Mariano de Carvalho, illustre ministro da fazenda, tambem obteve a ineffavel gloria de ser *anjinho de procissão!*»

Pois fique sabendo que nós tambem fomos isso.

Não tencionavamos trazer a publico esta declaração d'um facto que nos enche da vaidade depois de nos ter enchido de amendoas, mas uma vez que o sr. Miguel Paes vem alardear os seus passados serviços de anjinho, chamando sobre a sua cabeça e a do sr. Marianno de Carvalho as bençãos das beatas do nosso tempo, não podemos fugir á tentação de igualmente reclamarmos para a nossa cabeça parte das bençãos que de direito lhe compete.

Se o sr. Miguel Paes imaginou que havia de fazer panelinha de anjinho exclusivamente com o sr. ministro da fazenda, perdeu o seu tempo, porque cá estamos nós a requerer sociedade, visto que tambem usámos *in illo tempore* azinhas de tarlatana.

Saibam pois s.s. ex.^{as}, saiba o mundo e saibam as beatas que *somos tres!*

GENTE FINA

Chegou ha dois dias a Lisboa, passeia ainda hoje na Avenida e regressa amanhã ao Porto o nosso querido amigo Emygdio d'Oliveira, um dos estylistas mais pujantes da moderna geração, um trabalhador heroico, um espirito scintillante, um coração de oiro e um dos batalhadores a quem mais deve o principio democratico.

Saudamol-o com o verdadeiro enthusiasmo de amigos que conhecem e apreciam bem aquelle bello caracter, accentuadamente excepcional.

A. C. DE SOBRAL

91 — Travessa de S. Nicolau — 93

Gaitas, gaitinhas, fegotes,
Tudo em monte ali se abriga;
Caixas, caixinhas, caixotes,
Bonecos que dão pinotes
E tem corda na barriga.

Mil brindes de toda a raça,
Diff'rentes, varios, sortidos,
P'ra gente pobre e ricassa,
Mil brindes cheios de graça,
Quasi de graça vendidos!

APOSTAS

Um gastronomo:

— Eu faço a aposta choruda
De almoço, jantar e ceia,
Em como a **grande, a taluda,**
Sáe na casa do **GOUVEIA!**

Um padre:

—E eu uma missa cantada,
Uns psalmos, mais um sermão,
Em como a **sorte** citada
Vem parar ao **CAMPEÃO!**

Um poeta!

—E eu comprometto-me a achar
Duzentas rimas em *ilva*,
Se a **sorte** não fôr parar
A's bentas unhas do **SILVA!**

O Santo Padre:

—E eu entrego ao demo feio
Esta pell' chuchada e secca,
Se a **sorte** não der em cheio
Nos gadanhos do **FONSECA!**

AMPLIAÇÕES

No nosso ultimo numero deixámos, inadvertidamente de citar o nome do valente alferes Augusto de Mello

Saria, um dos heroes da guerra contra o Bonga e de quem a imprensa se occupou já, elogiando-lhe os serviços valiosos.

Remediando a falta involuntaria, publicamos hoje o retrato do brioso official que soube conquistar jus á sympathia de todos os portuguezes.

Só hoje, igualmente, podemos dar o retrato do sr. Azevedo Coutinho, o inventor da engenhosa machina de sommar, completando assim o justo elogio que no nosso ultimo numero consagrámos ao seu trabalho de muita velia.

O SALÃO DE PINTURA

REVISTA COMICA

Antes de começarmos, duas palavras ao leitor e outras duas aos artistas. A revista que hoje encetamos não é, por fórma alguma, uma critica de arte: é uma *revista comica*, como o titulo está dizendo, e mais nada de que isso.

Não pretenda ninguem, portanto, ver n'ella um aggravo incorreto a comprovados meritos, porque, a prova de que o não é, está em começarmos por beliscar na familia.

Isto posto, principiemos.

2—Cabeça de estudo.
(*J. T. Bastos.*)
—O' *trolaró,* queres mais toicinho?

13—Amores, decoração.
(*Columbano Bordallo Pinheiro.*)
Pelas carantonhas parecem mais *amores mal correspondidos* de que amores *de coração.*

12— Venus, decoração.
(*Columbano Bordallo Pinheiro.*)
Venus núa, com uma facada na algibeira.

5—Peixes.
(*D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.*)
Parecem gente viva. Só lhes falta fallar.

57—Recordações!...
(*A. M. Ramalho.*)
Um polichinello deve ter *recordações*... da infancia.

ANTONIO VIANNA

(ANTINO VIGAS)

Esse rapaz, tão extremamente modesto, que a morte acaba de roubar-nos, foi sem duvida alguma o typo mais accentuado de poeta humoristico entre todos os que, durante os ultimos dez annos, se teem manifestado em producções d'aquelle genero.

As suas poesias satyricas brotavam expontaneas, faceis, naturalissimas, d'um sabor accentuadamente portuguez, e fechando sempre pelo conceito gracioso, picante, finamente mordaz, que nem todos facilmente encontram para remate de producções porventura mais pretenciosas.

No *Pimpão*, onde *Antino Vigas* fez a sua estreia poetica, e no *Correio da Noite* e nas *Novidades*, onde mais tarde escrevia as gazetilhas, conquistou o malogrado moço milhares de admiradores, que hãode sentir a sua falta como nós profundamente deploramos a perda do collega sympathico e intelligente que por tantos annos foi nosso dedicado companheiro de trabalho.

D. Tarantula

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo 12

Por ahi...

O Tempo esforça-se evidentemente para que todos fiquem bem com elle ao declinar do anno de 1887.

Ora se ha coisa difficil n'este mundo é contentar d'uma assentada todos os paladares. Que o digam aquelles dos nossos leitores que teem a hoora de accrescentar ao seu nome de baptismo e appellidos adjacentes a denominação de—*antigo deputado da nação portugueza.*

Lembram-se, não é verdade? Lembram-se de quando eram apenas simples candidatos á representação nacional, e andavam então de porta em porta, a esgaravatar nos eleitores para desencantar votos, com a pertinacia resignada do hortelão que esgaravata na terra para descortinar batatas?

E lembram-se tambem da enorme variedade de nuances porque a sua côr politica tinha de passar quotidianamente, a fim de não descontentar os requestados e diversos eleitores, desde os que bebiam os ares pelo regimen do sr. D. Miguel—que Deus haja por muitos annos e bons—até os que professavam o credo vermelho da republica em estado de beterraba?...

Se se lembram ainda d'isso, se se recordam do numero infinito de reviravoltas que tiveram de dar ás suas opiniões politicas, para contentar as simples exigencias d'um circulo eleitoral, façam então ideia da trabalheira collossal que terá tido o pobre Tempo, no empenho de contentar os appetites d'uma população inteira, onde ha burguezes que querem chuva á noite, para não levarem a familia ao theatro; amas de leite que desejam sol de manhã, para enxugar os cueiros do bébé; accionistas do gaz que pretendem nevoa todo o dia, para o consumo dobrar os pés com a cabeça; meninas solteiras que imploram ceu azul á uma da tarde, para que primo alferes vá de espadim em vez de ir debalde esperal-as á missa do Loreto; o juizes da irmandade de Santa Barbara qua imploram trovões áquella mesma hora, para que chovam no mealheiro da Santa os vintens dos fieis que apenas d'ella se lembram em occasião de trovoada.

Pois no decurso da ultima semana o tempo portou-se como um cavalheiro, satisfazendo os appetites desencontrados de toda a gente, e obrigando o ceu a andar n'um virote, ora preto, ora branco, ora plumbeo, ora azul, ora escarlate, ora alvadio, apresentando em summa todas as cores, que pode tomar um ceu condescendente—em concorrencia com os candidatos á representação nacional e com os hombraes da drogaria do sr. Pimentel & Quintans.

E no dia de Natal, por umas formosas horas de ceu azul, aquelles a quem essa côr lisongeava o appetite, lá foram para a Avenida em ranchos numerosos, passeiar alegremente as suas toilettes ricas, as suas pelles caras, as suas equipagens opulentas, que se crusavam n'om conjuncto faiscante de luxuosas scintillações, apenas ao de leve salpicadas pelo apparecimento casual de uma ou outra criancita, magra, esfomeada, seminua, com os dedinhos cortados pelo frio—tão roxos, tão encarquilhados, como aquellas mimosas violetas que iam alem a espargir perfumes brandos sobre as pequeninas vagas de peluche que ondeiam suavemente no collo da viscondessinha..

Sciencias, letras, artes e officios

Almanach do SORVETE para 1888, por Sebastião Sanhudo

Recebemos este elegante livro um dos mais recommendaveis no seu genero, pela forma e um tempo inoffensiva e beliscante porque trata um sem numero de episodios de sensação, espirituosamente commentados pelo lapis jovial do no nosso collega portuense.

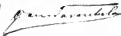
Distribuiu-se o terceiro fasciculo do *Inferno de Dante*, o magestoso poema illustrado por Gustavo Doré e uma das mais notaveis publicações levadas a effeito pela casa editora de David Corazzi.

Sahiu á luz, sendo profusa e gratuitamente distribuido, o numero programma de *O Reporter*, um jornal de sensação, todo parisiense nos moldes e redigido por tudo quanto nós temos de mais aprimorado na flor do nosso jornalismo.

O Reporter é, como dissemos, todo vasado em moldes francezes, começando pelo proprio titulo, continuando nos titulos das secções, como a dos *ditos do fim* por exemplo, proseguindo no estylo—até dos artigos que tratam de paparoca e onde as *trufas perigordezas*, vieram preterir o cravo de cabecinha dos nossos usos e o dente de alho da nossa predilecção—e terminando emfim na semcerimonia de republicos democratas com que os seus redactores se dirigem a pessoas reaes, como o imperador do Brazil e a rainha de Portugal!

Ao sr. D. Pedro offerece o articulista de fundo um logar de redactor á mesa do *Reporter*, com o ordenado mensal de trinta mil réis; e á sr.ª D. Maria Pia convida o redactor da *Chronica Mundana* a collaborar, de borla, n'aquella secção!

E estes convites são feitos sem a formula do estylo: Diz Fulano, solteiro, maior, sui juris, vaccinado, que pretendendo, etc. P. a V. M. etc E. R. M.

Francesismo ate ali!

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Leitor, eu vou dar-te
Exemplos a rodo,
Do caso em que a parte
Maior é que o todo:

Primeiro em registro
— O audaz *narigão*
Do nobre ministro
Francisco Beirão.

(Continúa.)

Politica em bolandas

Agora sim, que o partido republicano vae entrando em ordem de partido militante, visto como adquiriu já o requisito indispensavel a todos os partidos que militam.

Até hoje, o partido republicano era ao que se dizia um partido sem cisões, um partido inteiro, em vez de ser um partido partido, como todos os demais partidos.

Ora se um partido, para ser partido, precisa primeiro ser partido, claro está que o partido republicano não podia considerar-se partido antes de ser partido...

O partido regenerador partiu-se em dois partidos um que partiu as relações com o sr. Barjona, seguindo o partido do sr. Serpa, outro que fez a partida ao sr. Serpa de partir para o partido do sr. Barjona.

O partido progressista não está talvez positivamente partido por não ser muito grande o partido do sr. Ennes, mas esta inquestionavelmente um partido rachado, que vae tocar a choco, hoje em dia, que o *Dia* começa a sahir á noite tocando a pavana com artigos de rachar ao citado partido rachado, que de rachado passará a partido, ao passo que o partido do sr. Ennes ficara então inteiro, devendo portanto considerar-se como partido...

Temos pois partidos todos os partidos que officialmente se consideram inteiros; e, como tal, o partido republicano, que era até o presente um partido inteiro, achando-se fóra da ordem normar dos partidos partidos, que são agora os inteiros, teve de deixar de ser um partido inteiro, passando a partido partido, o que lhe conquista fóros de partido inteiro, ao lado dos outros partidos inteiros constituidos por partidos partidos.

Aprendizagem pratica

De pequenino é que se torce o pepino...

A ALEGRIA DOS PARTIDOS

Uns estão contentes por não terem seguido a esquerda e se conservarem na direita: outros mostram-se satisfeitos por terem feito meia volta á direita marchando para a esquerda, estes por estarem livres d'aquelles, aquelles por ficarem livres d'estes, todos felizes, em summa, festejam gaudiosamente o fim d'este anno, em que a dissensão e a discordia vieram estabelecer a paz e a concordia entre todos os portuguezes!

THEATRO DE S. CARLOS

2.ª RECITA DA PATTI

LINDA DE CHAMOUNIX

Magnifica interpretação por parte de todos. Patti, como sempre, a bella Patti, a divina Patti! Francisco d'Andrade extraordinario!

De resto, um desempenho completo, tanto na parte artistica como na parte lyrica.

Duas vezes e enthusiasticamente:

Bravo! bravo!

Salões, palcos e circos

Abriu já o novo *Coliseu* de Lisboa, estabelecido na rua Nova da Palma e herdeiro das tradicções, dos palhaços, dos accionistas e dos cavallinhos do fallecido *Coliseu* da Avenida.

Ainda lá não fomos, mes diz-nos o noticiario dos jornaes que a concorrencia no novo circo teem sido de tal ordem que até já lá hoove desordem e pancadaria por grosso e meudo n'uma noite d'estas a que na noite seguinte roubaram uma bolsa com sessenta e tantos mil réis a um espectador endinheirado.

Em vista d'estes factos, estimaremos muito que a concorrencia diminúa, para qne não pareça que em vaz de se abrirem as portas do *Coliseu* se abriram as portas do Limoeiro.

Reappareceu finalmente ao publico de *S. Carlos* a famosa diva Adelina Patti, cuia doença trouxera apertados os corações de todos os *dilettanti*.

Durante a enfermidade da cantora illustre era tal o numero de admiradores que a cada instante subia as escadas do hotel, a informar-se da preciosa saude da privilegiada artista, que o proprietario do hotel — o tambem privilegiado Matta — resolveu adoptar um processo que evitasse essa invasão continua e mediante o qual toda a gente soubesse cá da rua o estado da sua illustre hospeda.

O processo consistiu em pôr a bandeira do hotel a meio páu, arriando-a ou içando-a progressivamente, conforme as melhoras ou peioras experimentadas pela enferma.

Assim como o maritimo consulta umas poucas de vezes ao dia o camaroeiro do Arsenal, afim de se certificar se haverá temporal rijo ou tempo bonançoso, assim os admiradores de madame Nicolini acudiam constantemente a verificar no camaroeiro da Avenida se choveria ou faria sol no estado sanitario d'aquella sol da arte.

Felizmente a bandeira subiu victoriosa, e o sol rompeu deslumbrante no palco de S. Carlos, fazendo romper todas as luvas na platea do mesmo theatro.

DE VEZ EM QUANDO..

A sogra de Ermenegildo é atacada d'uma congestão cerebral.

No dia seguinte, um amigo intimo encontra Ermenegildo e pergunta-lhe com muito interesse:

— Tua sogra como passou a noite?

— O melhor qoe podia passar.

— ?

— Passou... d'esta para melhor.

DEBAIXO DA CAMA . .

Tinha um amo uma criada,
Que o servia ha já que tempo;
Muito activa, dedicada...
Mas a vida assim passada
Surgir veio um contratempo:

A criada que o servia,
Cançada já do trabalho,
Perdeu-se e amor um dia
Por gentil *cavallaria*,
— Resolveu dar-lhe agasalho...

Dito e feito: ás horas mortas
Em que já nem canta o gallo,
Foi abrir uma das portas
A quem tinha as pernas tortas
— Por montar muito a cavallo..

Mas ao amo dá-lhe o cheiro
D'esse amor que aos dois abraza.
Grita, apita, faz berreiro,
E um policia vem ligeiro
Passar busca a toda a casa.

Mal o guarda se avisinha
Do quarto onde amor se inflamma,
O Marte que ali se aninha
Tira a espada da bainha
... E vae p'ra baixo da cama.

De chanfalho avança em riste
O policia denodado;
E antes que a cama reviste
Sae-lhe o outro, muito triste,
De penacho amarrotado!..

O guarda, ao vêr-lhe o penacho:
— Como é que isto legitima?
De cama deitado em baixo,
Quando o natural — eu acho —
Era estar deitado em cima!?...

— Lá estive! diz, cabisbaixo,
O preso, evitando as luzes;
Mas, na vida do diacho,
Anda a gente acima, abaixo ..
— Talqualmente os alcatruzes.

O SALÃO DE PINTURA

REVISTA COMICA

54 — O AMOR NA ALDEIA. (*A. C. Silva Porto.*)

A simplicidade dos costumes aldeãos justifica que o *amor na aldeia* seja representado por um N, que quer dizer *Nicles*...

Se fosse na cidade symbolisar-se-hia por um H...

13 — NO CAMINHO DA FONTE (*C. Reis.*)

A' força de carregar agua teem-lhe crescido os braços. Deus queira que a bilha encolha, para não vir a arrastar pelas pedras.

105 — NO JARDIM, *decoração.*

Trovador de cordelinhos. Adquirido pelo emprezario do theatro Guignol.

86 — DEFRONTE DA FOZ (*J. J. Souza Pinto.*)

Em acabando de fugir as duas casinhas que ainda lá restam ao canto, passa a denominar-se *O bairro Camões.*

[illegible] — RETRATO DO SR. CARLOS RELVAS (*J. Malhôa.*)

Devia acrescentar-se este retrato do cavallo branco do sr. Manuel da Assumpção, em dia de grande gala!

Toca a descançar, que as vidas estão curtas e o corpinho não é de ferro...
Quem vier atraz que feche a porta.